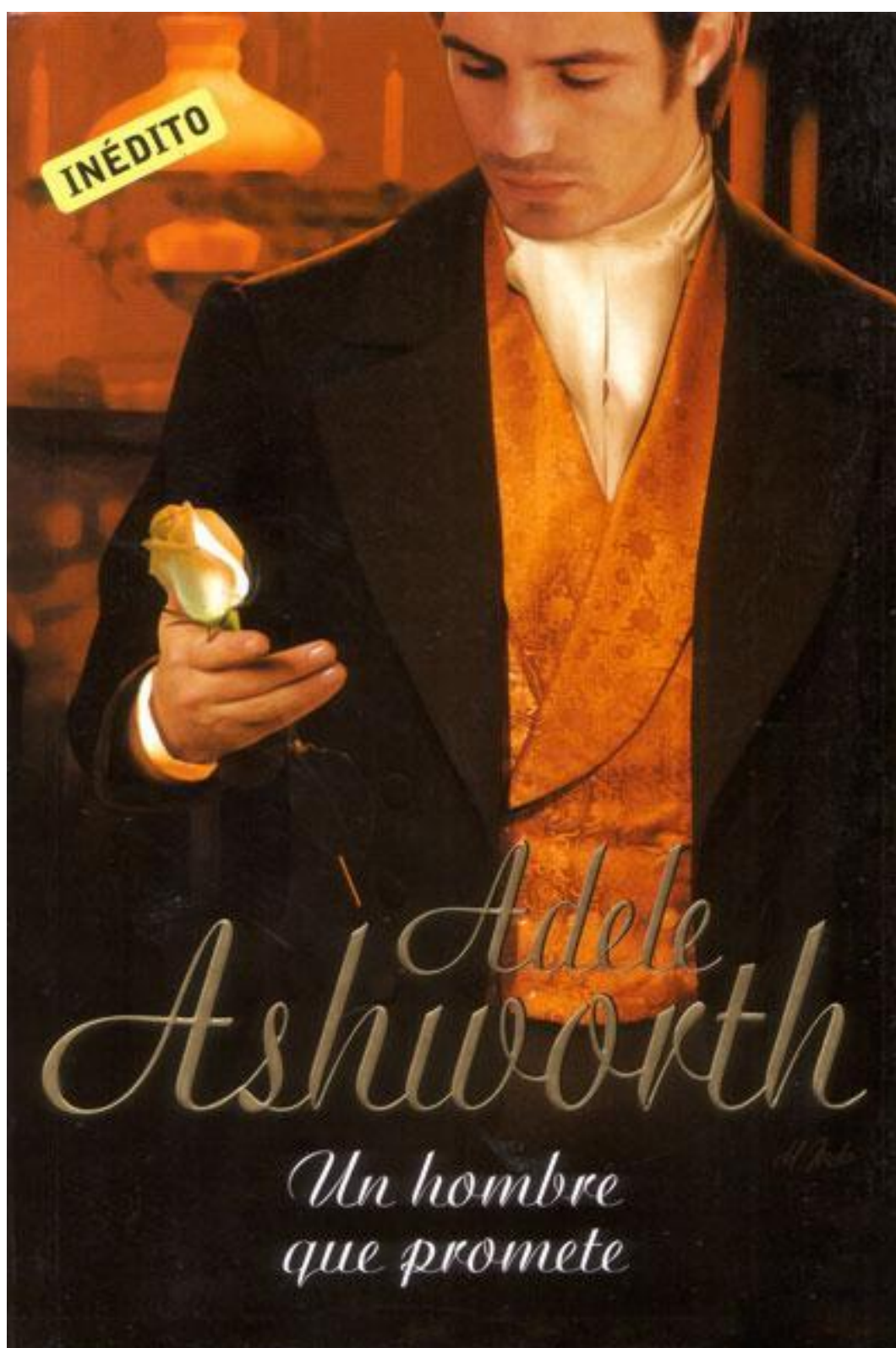




Um homem que promete

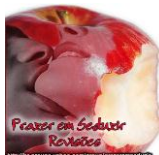




Resumo:

À margem de ser uma das mulheres mais belas da França de 1849, a melhor virtude de Madeleine DuMais é sua inteligência... que põe ao serviço da espionagem britânica. Quando seus serviços são requeridos no sul da Inglaterra para dismantelar uma trama de contrabando, Madeleine não duvida em arriscar sua vida pela coroa britânica.

Ao chegar ao pitoresco povo, chamado Winter Garden, Madeleine conhece quem será seu companheiro na luta secreta: Thomas Blackwood, um homem diferente a qualquer que tenha conhecido antes. Sua Competência, sua atitude silenciosa e o mistério que o rodeia acendem o desejo do Madeleine, que prende e prende até chegar ao vermelho vivo, até converter-se em um ardor desesperado.



Revisoras Prazer em Seduzir Comentam:

Vania

Este livro merece uma calcinha trata-se de um livro de época, os dois são espões que estão investigando um caso de tráfico de ópio (drogas) é meio parado e não é muito quente, enfim para quem já tiver molhado todas as suas calcinhas este vai mantê-las secas pra variar.

Lu

É um livro lindo, que ensina que a aparência é nada em comparação com o caráter de cada um... e só me resta utilizar as palavras do próprio TDB para demonstrar:

" — Não estou enamorado com sua beleza, nem com seu encanto, nem com os maravilhosos prazeres que me proporcionaste na cama...

Baixou a voz para acrescentar com absoluta certeza.

— Te amarei quando for velha, Maddie,

quando a idade te arrebate por fim o encanto da juventude.

Amarei-te quando seu rosto esteja cheio de rugas, quando seu cabelo se volte cinza, quando seus peitos deixem de ser firmes e sua cintura aumente.

Amo-te mais do que jamais ameí a ninguém, mas o mais importante, eu te agradeço porque é uma pessoa louvável.

Você me devolveu a vida, e eu viverei para te fazer feliz.

Moças nada mais a declarar... Leiam!!!!



Capítulo 1

Sul da Inglaterra, 1849

O gélido vento de finais de novembro lhe açoitou a face e sacudiu as vaporosas saias do vestido contra suas pernas enquanto Madeleine DuMais desembarcava da carruagem de aluguel no Winter Garden. A jovem respirou fundo para encher os pulmões com o vivificante ar vespertino, fechou os olhos durante um momento enquanto girava o rosto para o sol e se envolvia sob a capa de viagem para proteger-se desse frio ao que não estava acostumada.

Inglaterra. Por fim tinha retornado a Inglaterra. O aroma dos fogos de lenha dos lares e dessa terra rica e fértil não se apagou nem de seus sentidos nem de suas lembranças. O sussurro das árvores e o repico dos cascos dos cavalos com o passar do caminho de cascalho que serpenteava através do povo despertavam tenras lembranças referentes à família, ao lugar ao que pertencia. Esse era o país de seu pai (embora também gostasse de considerá-lo o seu) e, de ter podido escolher qualquer lugar do mundo para viver, teria se instalado ali para o resto de seus dias.

Por desgraça, era francesa, e a vida não era tão singela.

Quando fez um gesto com a cabeça ao chofer, este deixou suas coisas (um par de baús, nada mais) junto a ela a um lado do caminho, e depois retornou ao seu assento para dirigir-se a seguinte parada. O homem não tinha podido aproximar-se mais a casa com a carruagem devido à estreiteza do atalho, e posto que ela não pudesse as levar sem ajuda, suas posses teriam que ficar onde estavam. Não importava. Os baús estavam fechados com chave e Thomas Blackwood, seu novo colega e um homem ao que logo conheceria, poderia ir buscá-los em questão de minutos.

As instruções que tinha recebido no dia anterior eram muito claras. Durante as semanas seguintes trabalharia e viveria na parte sul da cidade, na última casinha da direita: Hope Cottage. De onde se encontrava nesse momento, podia ver a cerca que rodeava a propriedade, uma estrutura que lhe chegaria à altura da cintura e que estava pintada da cor dos narcisos na primavera. Madeleine colocou o folgado capuz sobre a cabeça e colocou as mechas de cabelo



que o vento lhe tinha soltado sob o couro escuro. Depois de sujeitar o pescoço da capa na nuca com uma das mãos, utilizou a outra para elevar as saias e recolher a pequena bolsa de viagem antes de começar a avançar pelo Farrset Lane.

Essa missão tinha sido toda uma surpresa para ela. Não tinha deixado de se fazer perguntas a respeito desde que recebeu a mensagem urgente de sir Riley Liddle, seu superior imediato, dez dias antes. Dita mensagem não dava nenhum detalhe, tão somente dizia: «*Necessitam-lhe em casa. “Vêm rápido”, e só* ». E o tinha feito sem pigarrear, porque para falar a verdade lhe vinha bem qualquer desculpa para voltar para a Inglaterra; mas sobre tudo porque nisso consistia seu trabalho, e seu trabalho era quão único tinha, quão único apreciava no mundo.

Não obstante, sir Riley não tinha acrescentado muito à limitada informação que ela já conhecia. Tinha passado muito pouco tempo com ele em Londres no dia anterior, já que não se descobriu nada além de certos rumores a respeito de uma estranha operação de contrabando que ou estava se realizando nesse diminuto e encantador lugar de retiro invernal, ou utilizava o povoado como rota de passagem. Curiosamente, o contrabando era sua especialidade, e essa era a razão pela que seus superiores a tinham escolhido para colaborar na investigação. Também era bastante provável que necessitassem a uma mulher para o trabalho, já que enviar outro homem poderia ter resultado estranho, ou inclusive suspeito, para os habitantes da cidade. A identidade que tinha assumido o senhor Blackwood, a de um licenciado retirado, correria menos perigo se ela fingia ser sua acompanhante ou sua enfermeira... ou qualquer outra ocupação verossímil. Deixaria a decisão em mãos do homem, e lhe proporcionaria os detalhes que necessitava. Estava ansiosa por conhecê-lo, e não demoraria muito em fazê-lo.

Madeleine, com seu aspecto mundano, sofisticado e elegante, trabalhava como espião para o governo britânico. Levava exercendo como tal quase sete anos, e se dava extraordinariamente bem. Não havia muitas pessoas que reunissem suas características, e sabia muito bem. Isso também a convertia em alguém muito valioso. Parisiense de nascimento estava acostumada a trabalhar para a Inglaterra da singular cidade da Marsella, onde tinha sua residência atual. Sua falsa identidade como a jovem viúva do mítico Georges DuMais (um



comerciante de chá perdido nos mares) era aceita por todos os que a conheciam. Seu trabalho estava relacionado com distintos assuntos, embora a maioria das vezes consistisse em revelar os segredos, tanto locais como nacionais, do vasto e freqüentemente perigosos reino do contrabando. Os altos cargos do governo inglês a tinham instalado em uma bonita casa, perto do centro da cidade mediterrânea em que mais a necessitava, e de ali enviava toda a informação pertinente sir Riley. É obvio, essa missão na Inglaterra era um acontecimento sem precedentes para ela, tanto pela escassa informação referente aos incidentes que lhe tinham proporcionado como pelo fato de que nunca antes tinha posto a prova suas habilidades fora da França.

Sabia muito pouco sobre esse povo, Winter Garden. Estava localizado a uns quantos quilômetros da cidade costeira do Portsmouth, aninhado entre as pequenas colinas que o rodeavam por todos os lados e que o protegiam em certa medida do frio invernal. A vegetação exuberante e as temperaturas suaves que mantinha durante todo o ano convertiam essa localidade em um paraíso para a aristocracia inglesa, de modo que a metade da população estava formada por aqueles membros da classe alta que viajavam ali somente durante os meses de inverno e o utilizavam como uma espécie de retiro sazonal. Esse fato em si mesmo era do mais incomum se tinha em conta a época de dificuldades econômicas que atravessava o país. Ao igual à na França, a maioria dos povos ingleses estavam habitados por camponeses, devido a que as condições de vida eram duras e deprimentes. Entretanto, Winter Garden gozava de uma reputação diferente e Madeleine entendeu muito bem por que assim que o viu pela primeira vez. Ali estava rodeada de beleza; a elegância percorria as ruas. Pese ao frio que fazia, ainda havia alguma planta florida. Jamais nevava no Winter Garden, ou isso tinha entendido.

Mesmo assim, devia recordar que esse aspecto de serenidade não era mais que uma ilusão; do contrário, não a teriam enviado ali. Sob a superfície tranquila do povo fervia um escândalo a ponto de transbordar. E seria ela quem o desentupiria com a ajuda do Thomas Blackwood, um homem de quem sabia menos que da própria missão. A única informação que lhe tinham proporcionado sobre ele dizia que era um homem muito alto, de trinta e nove anos, que tinha trabalhado para o governo os últimos dez e que levava já várias semanas no Winter



Garden, embora ainda não tivesse averiguado muito sobre atividades ilegais. Tinha solicitado ajuda e o governo lhe tinha enviado Madeleine.

Aproximava-se já ao final do atalho quando divisou por fim a casa. A luz do sol matinal iluminava a fachada do que parecia ser um pequeno edifício de dois andares, encantado em sua simplicidade e construído a base de limpos tijolos brancos. As portinhas amarelas para combinar com o portão, estavam abertas para permitir que os raios de sol penetrassem no interior através das grandes janelas chanfradas. As jardineiras vazias, pintadas em distintos tons de rosa e azul, eram os únicos motivos de decoração, além das lilases e as letárgicas roseiras que rodeavam a propriedade, avisos constantes da cálida primavera que estava por chegar.

Madeleine tirou o ferrolho da porta da grade e seguiu o atalho de pedra até o alpendre, parcialmente coberto por uma grade de hera. Deixou a bolsa de viagem no chão a seu lado, chamou um par de vezes à porta principal e deu um passo atrás para comprovar seu aspecto e alisar as saias enquanto sacudia a capa com a palma da mão. Era uma estupidez preocupar-se por isso ali, pensou; mas sua aparência tinha sido a maior de suas vantagens, e queria causar uma boa impressão ao homem em cuja companhia teria que passar bastante tempo.

Esperou uns momentos, mas ninguém abriu a porta, nem algum serviçal criado nem o próprio senhor Blackwood; isso há deixou um pouco desconcertada, já que sabia que a esperavam. Um instante depois escutou os estalos apagados de alguém que cortava lenha detrás da casa. Deixou a bolsa no alpendre, levantou as saias até os tornozelos e baixou com muito cuidado até a grama com a intenção de seguir os sons.

Toda a propriedade estava rodeada por altos pinheiros que protegiam sua intimidade dos possíveis olhares indiscretos dos vizinhos. As lilases cresciam junto às paredes de tijolo da casa. Quando dobrou a esquina, deu-se conta de que tanto o jardim como a horta tinham sido arrumados recentemente e aguardavam, adormecidos a chegada da próxima estação. Era um lugar solitário e encantador, com extensas zonas que serviam como refúgio do calor no verão e das gélidas rajadas de vento no inverno; umas zonas especialmente desenhadas para afastar-se um pouco das pesadas cargas da vida diária.



Foi então quando viu o homem.

Madeleine se deteve em seco e o contemplou com a boca aberta. Compreendeu imediatamente que essa era uma reação ridícula por sua parte. Não obstante, e face às muitas e variadas experiências de sua vida, jamais tinha conhecido a alguém semelhante. Os vívidos pensamentos sexuais que a alagaram de repente a deixaram completamente aniquilada.

O homem se encontrava junto ao limite posterior da propriedade, a menos de três metros de distância. De costas a ela, nu da cintura para cima e com as pernas ligeiramente separadas, elevou o machado com aparente facilidade para descarregá-lo sobre os arbustos em um intento por desfazer-se das ervas daninhas. Era muito alto, com músculos que ressaltavam em seus amplos ombros, seus esculpidos braços, a ambos os lados da coluna e na esbelta cintura, que desaparecia sob umas calças ajustadas negras rematadas por botas altas de couro. A julgar pelo brilho do sol que se refletia em seus ombros, era evidente que estava suando a causa do exercício; e embora ali fora fizesse bastante frio para converter o fôlego em geada, ele não pareceu notar o gélido ar outonal quando se agachou para agarrar uma rebelde planta com uma de suas enormes mãos enquanto cortava a base com a outra.

A palavra «grande» não bastava para descrevê-lo, foi à primeira coerência que ocorreu ao Madeleine quando recuperou o controle de si mesma. Sir Riley ficou bastante curto em sua descrição, algo que parecia fazer com muita frequência e sobre o que teria que discutir com ele. Ou talvez sir Riley não tivesse acreditado necessário esclarecer que «grande» significava forte, alto e musculoso; e não gordo, como ela tinha imaginado. Vendo suas musculosas costas, ninguém diria que esse homem era um intelectual de trinta e nove anos.

Uma rajada de brisa jogou-lhe sobre os olhos o suave cós de couro de seu capuz. Madeleine elevou a mão para colocar-lhe e foi nesse preciso instante quando o homem se precaveu de que estava detrás dele.

Ficou rígido, com o machado no alto. Ato seguido deixou que o cabo se deslizasse entre seus dedos e que a folha descansasse sobre seu punho. Respirou fundo e elevou o rosto para o pôr-do-sol. Transcorreram cinco segundos. Dez. Depois, girou a cabeça para um lado e ela pôde observar seu perfil enquanto lhe falava por cima do ombro.



— Levava muito tempo esperando-a, Madeleine — disse por cima do ombro.

Sua voz, suave e profunda, parecia expressar uma espécie de... desejo poético. Suas palavras, em troca, só expressavam a irritação que lhe causava que tivesse chegado tarde.

— Senhor Blackwood — replicou ela com serenidade, embora tivesse as mãos entrelaçadas e apertava os dedos com força.

O homem se endireitou e se girou para ela muito, muito devagar.

Seus olhos, da cor do mel e emoldurados por abundantes cílios, estudaram-na com atenção. Entretanto, foi à visão de seu rosto e de seu impressionante porte o que a deixou sem fôlego. Madeleine não o teria qualificado como bonito no sentido clássico. De fato, não o era. Era brutalmente atrativo.

Sua pele bronzeada brilhava a causa do suor; seu cabelo, abundante e quase negro, caía em suaves ondas sobre as orelhas e o pescoço. Em seu rosto recém barbeado, que tinha uma estrutura óssea perfeitamente proporcionada em ângulos fortes e pronunciado, chamava a atenção uma cicatriz vertical de uns cinco centímetros que chegava justo até a comissura direita de sua formosa e bem definida boca. Esse homem parecia um guerreiro valente e indômito, e as amostras de sua soberba virilidade eram tão claras como os sinais de fumaça em um dia espaçoso.

Não obstante, o que a fez sentir-se incômoda em sua presença não foi sua descomunal estatura, a não ser a imediata e explícita indiferença que mostrou por seus encantos femininos. Não estava acostumada a isso. O homem que tinha diante se limitava a olhá-la aos olhos sem pestanejar. Não observou sua figura, nem jogou sequer uma olhada a seus peitos. Cravou esse olhar enfeitiçador nela, dentro dela, com uma expressão indecifrável em seus traços fortes, duros e cinzelados. Um olhar hipnotizador. Sem poder evitar Madeleine estremeceu.

Passou um comprido instante sem que ocorresse nada. Não se disseram mais palavras nem se expressou nenhum outro pensamento. Depois, por fim, o homem baixou a vista e deixou o martelo no chão, a seu lado.

— Esperava-a ao meio-dia.

Ela recuperou a compostura ao ver que parecia de mais bom humor.



—O trem saiu tarde da cidade esta manhã, e perdi a primeira carruagem. Acabo de chegar — umedeceu os lábios. — É um povoado encantador. — Vá um comentário mais ridículo... Era uma profissional e estava ali para trabalhar com esse homem. Um pouco bastante singelo e, entretanto, esse homem a posto nervoso.

Ele estirou o braço para agarrar a camisa branca de algodão que pendurava do ramo de uma árvore, e a passou pela cabeça para cobrir o corpo coberto de suor. Incapaz de apartar o olhar, Madeleine observou seus movimentos e se fixou no pêlo úmido de seu peito, que brilhou a luz do sol quando os músculos de seu torso se flexionaram.

—Tem um acento marcado — assinalou-o, ressaltando o obvio.

Ela esteve a ponto de sorrir.

—Mas falo seu idioma à perfeição.

—Sem dúvida — O homem estudou com atenção seus lábios. — Uma combinação que pode resultar da mais sedutora.

Madeleine começou a mover-se com nervosismo. Era a primeira vez em sua vida que uma insinuação, por mais rouca e deliberada que fosse, conseguia que se sentisse incômoda.

O homem apoiou as mãos nos quadris e a olhou nos olhos uma vez mais.

—Isso poderia nos servir de ajuda.

Primeiro um comentário sugestivo e depois outro do mais franco... Madeleine se limitou a piscar, incapaz de formular uma réplica adequada. Não obstante, esse homem não se moveu de onde estava não tinha respondido a suas perguntas e, embora parecesse bastante sincero, estava claro que não se sentia atraído por ela no sentido físico. E não estava segura de se isso a incomodava ou não.

Deu um passo para ele.

—Senhor Blackwood...

—Thomas.

Ela se deteve e assentiu com a cabeça.

—Thomas, importaria-lhe recolher meus baús? So trouxe dois, mas o chofer não pôde aproximar-se mais a casa e tive que deixá-los ao lado do caminho.



Os sombrios traços de seu rosto se contraíram o suficiente para que ela notasse sua indecisão. Ou acaso era chateio? Não estava segura. De ter tido que escolher uma palavra para descrevê-lo, esta teria sido «*poderoso*», e essa força mais que evidente lhe permitiria conduzir seus pertences sem nenhuma dificuldade. Contudo, parecia resistente a fazê-lo.

Recolheu o machado do chão uma vez mais. Depois, com um único movimento da mão, cravou-a na terra que havia a seus pés.

— Irei por eles — disse com um tom reservado. — Depois, entraremos na casa e falaremos.

— Obrigado — O radiante sol banhava suas bochechas com uma luminosidade enganosa, mas o vento gélido que uivava a seu redor lhe introduzia pela nuca e por debaixo das saias. Ia ser um inverno muito frio, tanto no interior dessa casinha como fora dela.

Thomas a olhou de novo aos olhos antes de dar uns quantos passos para ela e foi então quando Madeleine compreendeu a perfeição por que se mostrava resistente.

Sua pronunciada claudicação a surpreendeu tanto que era provável que ele desse-se conta. Ou que o esperasse. A primeira vista, não parecia causada por uma ferida recente em vias de cura. Thomas favorecia sua perna direita, embora ambas parecessem afetadas. Por sua forma de mover-se, deduziu que se tratava de uma antiga lesão que teria deixado cicatrizes.

— Thomas...

Ele se deteve imediatamente para interrompê-la, mas não encarou seu olhar.

— Não passa nada, Madeleine — replicou em um rouco sussurro.

Ato seguido passou tão perto dela que Madeleine sentiu o calor de seu corpo e se apartou instintivamente a um lado. Ele prosseguiu sua marcha sem prestar atenção à incomum preocupação que ela mostrava por sua condição física e dobrou a esquina para dirigir-se ao caminho principal.

Madeleine, que se orgulhava de seu aprumo e sua atenção constante aos detalhes, ficou profundamente envergonhada nessa conversa. Muito mais que ele, pensou. As reações que tinha mostrado ante esse homem não eram próprias dela e, pelo geral, jamais colocava a pata com tão pouco tato. Seu primeiro encontro tinha sido muito estranho. E, quanto mais o pensava,



mais lhe incomodava que sir Riley não lhe tivesse mencionado que seu novo colega de trabalho estava descapacitado. Sem dúvida, deveria ter sabido.

Com os ombros erguidos e as bochechas ardendo, voltou sobre seus passos e atravessou a erva antes de seguir o flanco da casa. Thomas não tinha esperado a que o seguisse, e já tinha desaparecido da vista pelo caminho principal. Madeleine se dirigiu para o alpendre e aguardou em silêncio, com as mãos entrelaçadas junto ao regaço. Negava-se a observar como esse homem lhe trazia as coisas, embora sentisse uma inexplicável necessidade de fazer isso mesmo... e não porque a intrigassem suas lesões, mas sim porque a intrigava todo o resto.

Um minuto mais tarde escutou seus passos irregulares sobre o cascalho. Thomas apareceu de entre as árvores que flanqueavam o caminho instante depois; levava os baús nas mãos, um em cima do outro, como se não pesassem mais que um par de quilogramas. Uma força extraordinária, sem lugar a dúvidas.

Madeleine desviou o olhar por volta das grades recém pintadas quando ele atravessou a porta da grade e entrou no atalho de pedra.

—Abre-me a porta? — pediu-lhe com uma voz firme que carecia de todo sinal de esgotamento.

Pelo amor de Deus, que diabos estava acontecendo? Já deveria a ter aberto. Não desejava começar sua relação trabalhista dando a entender que era uma francesinha estúpida e atordoada. Sem dúvida, ele já estaria questionando suas habilidades.

Obrigou-se a mostrar um aprumo que não sentia absolutamente e agarrou a bolsa de viagem com uma mão enquanto girava o trinco com a outra. Quando a porta se abriu com suavidade, fez-se a um lado a toda pressa para lhe permitir o passo.

Quando o seguiu para o interior da casinha, deu-se conta a simples vista de que o edifício era muito mais espaçoso do que parecia no lado de fora. Deixou atrás o pequeno saguão, vazio salvo por um cabide de parede de latão, e entrou na sala de estar, que estava decorada em tons verdes e marrons e que conforme parecia era a única estadia de lazer. No centro, de casa à chaminé situada na parede oeste, havia um rústico sofá estofado em brocado de uma suave cor verde azulada. Ao lado deste havia uma única poltrona revestida do mesmo



material, com o respaldo alto, um acolchoado generoso e uma banquetta a jogo justo diante. Não havia quadros sobre o papel de estampado floral que cobria as paredes, embora as grandes janelas ocupassem a maior parte do espaço da parede norte até sua direita. Os chãos de madeira também careciam de adornos, à exceção de um tapete oval marrom que se estendia do sofá até a chaminé e que se mantinha em seu lugar graças a uma robusta embora magnífica mesinha de chá de carvalho. Entre o sofá e a poltrona, em cima de uma mesa auxiliar muito similar, havia um maravilhoso jogo de xadrez, belamente esculpido em mármore de cor coral e castanho... a única coisa que havia na estadia, à exceção de uns quantos vasos de barro e uns poucos livros que demonstravam que ali vivia alguém.

Uma vez dentro, Thomas dobrou a esquina para a esquerda e seguiu um curto corredor antes de desaparecer em um quarto que imaginou seria a dela. Madeleine notou que justo a sua esquerda havia uma estreita escada que subia até o segundo andar e, baixo ela, ao lado do saguão, havia uma porta que conduzia à cozinha. Permaneceu em silêncio onde estava, à espera que a convidasse a sentar, embora soubesse que aquele era já também seu lar.

Era uma casa muito menor que a da Marsella, e não via nenhum servente, outra das coisas às que se acostumou muito. Na Marsella não tinha mais que uma donzela pessoal, a eficiente Marie Camille, quem também se fazia cargo das comidas, da casa e de seu guarda-roupa. No geral, Marie Camille viajava com ela, mas as instruções que tinha recebido de sir Riley o tinham impedido nessa ocasião. Teria que arrumar-se sem ajuda no Winter Garden.

Thomas retornou instantes depois, e teve que se agachar para evitar bater de frente com a parte superior da porta, posto que sua cabeça chegasse quase até o teto. Não obstante, parecia fazê-lo sem dar-se conta, já que voltou a cravar o olhar nela imediatamente.

—O quarto da direita é o seu — explicou suavemente. — Beth Barkley, a filha do reverendo, vem todo dia para preparar a comida, limpar e recolher a roupa suja. Pedi-lhe que pusesse lençóis limpos em sua cama esta manhã.

—Bem — Começou a puxar as luvas de couro azul para tirar-lhe por razões que não entendia muito bem, ainda se sentia incômoda. Seu único consolo era que ele não parecia dar-se conta do mau gole que estava passando. — E onde dorme você, Thomas?



O homem se deteve um metro dela com os braços em jarras, sem encontrar ao parecer nenhum significado oculto atrás da pergunta.

—Eu escolhi o quarto de cima, assim disporá de toda a intimidade que necessite. O banheiro está perto de seu dormitório, ao final do corredor. Não temos banheira, mas na estalagem local não terá que pagar mais que uma ínfima quantidade para utilizar a sua, e é limpa.

Madeleine tentou esboçar um sorriso e começou a desabotoar a capa.

—Obrigado.

Desejava que ele deixasse de olhá-la com esses olhos duros e escrutinadores, como se não percebesse quão feminina era e em troca lhe resultasse... era um pouco contraditório, não? Estava claro que sir Riley lhe havia dito o que devia esperar dela. Entretanto, parecia estudá-la com atenção em lugar de admirá-la.

—Gostaria de tomar um chá? — perguntou com cortesia, interrompendo seus pensamentos.

—Sim, por favor — respondeu ela a toda pressa enquanto apartava a capa dos ombros.

Sem fazer comentário algum, Thomas estirou o braço para agarrá-la junto com as luvas, e jogou um olhar rápido a sua figura, embelezada com um singelo vestido de viagem de musselina azul celeste. Continuando, deu a volta e desapareceu pelo corredor uma vez mais.

Madeleine repreendeu a si mesma e respirou fundo em um intento por relaxar. Devia lutar contra o cansaço, contra a dor de cabeça e contra a pressão das cintas que oprimiam sua cintura desde fazia já dez horas. Precisava manter a mente limpa e recordar qual era seu objetivo. Estava ali por assuntos governamentais, e também ele. O que pensasse dela, a impressão que lhe tivesse causado, era irrelevante. Para falar a verdade, tampouco ela se entendia muito bem no que a ele se referia, nem as reações que tinha experiente ao vê-lo pela primeira vez. Pelo geral, quando escolhia companhia masculina preferia cavalheiros de boa família arrumados e sofisticados. Nunca antes se sentiu atraída pelos homens como Thomas Blackwood, e esse fato em si mesmo a intrigava.



Escutou o tinido dos pratos na cozinha, mas não se dirigiu para ali. O que poderia lhe dizer? Tinham um montão de coisas que discutir, certamente, mas se sentiria mais cômoda deixando que ele iniciasse a conversa, algo que sem dúvida faria enquanto tomavam o chá. Além disso, estava muito inquieta para retirar-se a seu quarto tão cedo.

Em lugar disso, Madeleine entrou na sala de estar. Agradava-lhe a sensação de amplitude que se respirava na estadia; embora os móveis fossem escuros e as janelas estavam ao norte e oeste, a sala parecia luminosa e confortável. As brasas da chaminé estavam a ponto de apagar-se, mas logo se avivariam e se acrescentaria mais carvão a fim de esquentar a casa para a noite que se aproximava. Por cima do fogo, no suporte, havia um relógio dourado que marcava quase as quatro, e ao lado se encontrava o que parecia ser uma caixa de música de madeira. Madeleine se perguntou se essas coisas, ou qualquer das que se encontravam na sala, eram dele. Estava claro que o jogo de xadrez sim o era. Não o tinha sabor de ciência certa, mas a dureza das peças e a solidão que sugeria pareciam encaixar com o que sabia dele.

Deteve-se frente ao tabuleiro, agarrou um cavalo de mármore marrom e o fez girar entre os dedos. Era pesado, frio e robusto. Sim, o xadrez lhe pertencia.

Levantou o olhar ao escutar os passos masculinos sobre o chão de madeira. Thomas entrou na estadia com uma bandeja chapeada que continha um bule de porcelana, taças e pires a jogo, uma de açúcar e uma terrina de nata. Olhou-a nos olhos de novo com uma expressão neutra e indecifrável.

Sem deixar de olhá-lo, Madeleine se deixou cair muito devagar no sofá e tentou sufocar a risada que lhe provocava a imagem que tinha ante si: um enorme semideus guerreiro, moreno e sensual, com uma bandeja de chá nas mãos, preparado para servir-lhe pessoalmente. Conseguiu manter-se impassível e lhe formulou uma pergunta.

— A quem pertence esta casa, Thomas?

Ele arqueou um pouco as sobrancelhas.

— Não estou seguro — Deixou a bandeja na mesinha, agarrou o bule e serviu as duas xícaras antes de colocar uma diante dela. — Sir Riley só me deu as chaves e a direção. As



poucas coisas que há aqui são minhas, o que trouxe de minha casa. Os móveis dos dormitórios e da cozinha já estavam aqui quando cheguei.

Madeleine alisou as saias e as colocou de forma que ele pudesse tomar assento na poltrona do lado sem as pisar. Thomas sujeitou o pires e a xícara e se sentou com certa rigidez.

— Então você não é daqui — comentou com os olhos fixos em seu rosto.

— Sou do Eastleigh, uma localidade há várias horas ao norte daqui — replicou ele imediatamente e sem afetação. — Vim um par de vezes ao Winter Garden de férias, embora hajam acontecido seis ou sete anos da última vez que estive aqui. Não conhecia ninguém quando cheguei esta vez, mas consegui conhecer algumas pessoas e estabelecer certas amizades durante as últimas semanas.

— Suponho que isso nos será de certa ajuda em nossa missão — respondeu ela com ar pensativo.

— Mmm...

Produziu-se um incômodo momento de silêncio. Madeleine voltou a jogar uma olhada à peça de mármore que ainda tinha na mão.

— Joga xadrez, Thomas?

Ele levou a xícara aos lábios e deu um pequeno sorvo do fumegante chá.

— Jogo freqüentemente, sim. Ajuda-me a pensar e, em ocasiões, a me relaxar.

Seu tom se fez mais grave ao responder à pergunta pessoal, mas ela decidiu ignorá-lo.

— Nesse caso, suponho que jogará com alguém do povo, não?

Ele guardou silêncio durante tanto tempo que Madeleine se viu obrigada a voltar a olhá-lo nos olhos. Sua expressão se voltou sombria e intensa quase imediatamente.

— Jogo sozinho, Madeleine — respondeu com um sussurro grave e rouco. — Faz bastante tempo que não tenho a ninguém com quem jogar.

Madeleine não tinha a menor ideia de como levar aquilo, mas notou que a proximidade do homem e a intensidade de seu olhar lhe provocavam uma súbita quebra de onda de calor. Tinha ideia do sugestivo que resultava essa resposta? Parecia um comentário íntimo e sensual entre amantes. A Madeleine não cabia a menor dúvida de que, se tivesse dez pessoas mais na



sala, ela teria sido a única que lhe teria encontrado uma conotação erótica para o comentário. Pensaria ele o mesmo?

Ele se limitou a observá-la com as pálpebras entreabertas e uma leve expressão desafiante em seus formosos lábios. Madeleine notou que lhe esticavam os músculos do ventre, mas não podia voltar atrás. Sim. Ele sabia. Era muito consciente do que havia dito e sabia à perfeição como ela o tinha interpretado.

— Você joga? — perguntou Thomas com uma voz rouca e suave.

Madeleine piscou com rapidez e se endireitou para dirigir o olhar para o tabuleiro que tinha ao lado antes de colocar com muito cuidado o cavalo de mármore em seu lugar.

— Sei jogar, mas faz muito que não o faço — admitiu com um acanhamento que surpreendeu inclusive a ela. — Suponho que você é bom, Thomas.

— Sim eu sou muito bom.

Ela titubeou.

— Está acostumado a... ganhar?

— Até o momento, minhas habilidades nunca me falharam.

Embora nem sequer a havia tocado, sentia as pontadas desse olhar... descarado, inquisitivo e arrogante.

— Acredito que desfrutaria com o desafio — confessou ela em voz baixa ao tempo que voltava a olhá-lo à face com fingida candura. — Mas você deve saber que eu também jogo para ganhar.

O homem se acomodou na poltrona e estendeu a perna para apoiá-la sobre a banqueta que havia diante.

— E o consegue?

— Ganhar?

Ele assentiu com indolência.

Madeleine se moveu com desconforto no sofá e passou a mão úmida sobre a coxa coberta de musselina.

— Frequentemente — admitiu com um nó na garganta.



Durante um efêmero instante, pareceu-lhe que Thomas tinha sorrido algo que até esse momento não lhe tinha visto fazer. Ato seguido levou a xícara aos lábios com lenta e calculada precisão e deu um comprido sorvo sem apartar os olhos dela.

— Estou seguro de que estará de acordo comigo... — disse uns segundos mais tarde... — em que quando ambos os competidores têm a oportunidade de ganhar, o jogo... resulta muito mais divertido — Fez uma pausa antes de acrescentar em um suave sussurro. — Acredito que resultaria fascinante observar a expressão de satisfação de seu rosto quando o consegue, Madeleine.

Não podia acreditar que ele houvesse dito aquilo, e não pôde suportar mais. De repente, o ambiente da sala lhe pareceu velho, carregado de uma tensão que não conseguia descrever. Desejou ter um leque à mão, apesar de que estavam quase em pleno inverno. O calor que sentia provinha de seu interior, e o tinha provocado um homem que mal conhecia com palavras inocentes cuja conotação sexual era muito evidente para ambos. E tudo dissimulado em um singelo bate-papo sobre xadrez.

Madeleine estremeceu quando o relógio do suporte marcou as quatro. Apartou o olhar e estirou a mão rapidamente em busca de seu chá antes de servir o açúcar e a nata com dedos inusualmente torpes. Fixou-se nos intrincados detalhes das diminutas tulipas roxas gravados nas delicadas xícaras de porcelana.

— Gostaria de saber algo mais a respeito de nossa missão?

Tremia como um pudim, mas ele parecia ter recuperado de novo seu comportamento indiferente, quase formal. Era muito bom fazendo isso, pensou Madeleine, e estava claro que era um perito na hora de ocultar seus pensamentos, seus sentimentos e, a bom seguro, suas emoções. Deu-se conta disso imediatamente. Ela também era boa, mas esse homem parecia lhe levar vantagem no que se referia recuperar a compostura. Ao menos, ele não se ruborizou como ela, e tinha a certeza de que esse era um fato que Thomas não tinha passado por cima. Perguntou-se por um momento se o tinha excitado tanto a conversa como a ela, mas dado que não tinha forma de averiguá-lo, tratou de não pensar nisso.



—Certamente, por favor — respondeu ao tempo que deixava a colherinha sobre o prato.

Ele colocou a xícara e o pires sobre a mesa e voltou a reclinar-se na poltrona antes de apoiar o cotovelo sobre o acolchoado do braço.

—O que é o que sabe já?

Madeleine se encolheu de ombros e se concentrou na xícara de chá fumegante enquanto a levava aos lábios para dar um pequeno sorvo.

—Só que correm certos rumores sobre atividades contrabandistas que tem lugar desde ou através do Winter Garden. Nada mais.

—O que lhe contou sir Riley sobre mim? — perguntou ele com muita cautela.

Ela o olhou de esguelha através das pestanas e deu outro sorvo ao chá. Os últimos raios de sol que penetravam através da janela que dava ao oeste iluminavam seu corpo e seu rosto, destacando a cicatriz da boca. Uma grossa e escura mecha ondulada caía sobre sua frente, mas ele não parecia notá-lo e permanecia curiosamente concentrado nela.

Depois de deixar a xícara e o prato sobre a mesa, Madeleine se girou para enfrentá-lo e entrelaçou as mãos sobre o regaço em um intento por apartar todo pensamento sexual de sua cabeça. Algo que ao parecer ele já tinha conseguido.

—Só me disse que você era um homem «grande» de trinta e nove anos. E que levava vivendo aqui várias semanas sem averiguar nada. Comentou que tinha solicitado ajuda e que seria você quem me proporcionaria todos os detalhes necessários. Isso é tudo. Logo que estive uns minutos com ele ontem.

—Entendo — Esfregou o queixo com o dorso dos dedos e arranhou a pele com a barba incipiente. — Sabe o que é o que se está passando de contrabando?

Madeleine arqueou as sobrancelhas.

—Não, embora suponha que deve ser algo importante ou valioso. Jamais teriam me pedido que viajasse do sul da França até aqui por um assunto corriqueiro.

—Ópio — revelou com voz firme.



Madeleine se sentiu atravessada por uma gélida e sombria quebra de onda de emoções que a deixou paralisada. De todas as lembranças infantis que lhe tinham deixado um amargo rastro, suas experiências com os efeitos do abuso de ópio eram as que lhe causavam uma maior dor. Mas ele não tinha por que sabê-lo.

— Ópio — repetiu com suavidade. — Como se pode passar de contrabando algo que é legal e que pode adquirir-se da maneira apropriada?

— Roubando-o antes que seja loteado e distribuído — ficou pensativo enquanto recolhia a informação necessária para continuar. — Nossas suspeitas começaram faz dezoito meses, quando nos inteiramos de que estavam desaparecendo pequenos carregamentos pouco depois de sua chegada ao Portsmouth. O serviço secreto não iniciou uma investigação imediatamente porque as quantidades roubadas, em um princípio, não mereciam tal esforço. Entretanto, durante os últimos quatro ou cinco meses as quantidades roubadas se incrementaram até tal ponto que já não podem mais ser ignorados. As perdas são cada vez mais altas. Assim, empreendeu-se uma investigação oficial, mas depois de umas quantas semanas sem descobrir nada, tomou a decisão de me enviar aqui para que me integrasse no povo e trabalhasse em segredo.

Intrigada, Madeleine se inclinou para diante, com os antebraços apoiados sobre as coxas e as mãos entrelaçadas.

— Acreditam que o ópio se passa de contrabando desde o Winter Garden?

Thomas se aproximou dela por cima do braço da poltrona com os olhos brilhantes e o rosto tenso.

— O rastro conduz até as imediações do Winter Garden, onde se desvanece. Em condições normais, já deveríamos ter detectado algum sinal de atividade ou ter averiguado algo útil graças à vigilância e aos rumores, mas até agora não conseguimos nada — Entrecerrou os olhos de maneira ardilosa. — Acredito que o ópio se traz até este lugar porque o povo não está sob suspeita, e uma vez aqui, divide-se e se transporta para o norte da Inglaterra para sua venda e distribuição. As razões não estão claras, e não sabemos nada a respeito de seus meios, mas acreditam que quem quer que esteja se arriscando a fazê-lo o vende para que seja fumado,



e não bebido, e que ele (ou possivelmente ela) está ganhando uma fortuna vendendo-o a uma clientela da mais seleta. Acredito também que a operação está dirigida, ou ao menos organizada, por alguém que tem sua residência permanente aqui, já que os carregamentos foram recebidos durante os meses do verão. Não obstante, ainda fica por descobrir quem é essa pessoa e como consegue levar a cabo a distribuição absolutamente secreta.

Madeleine agarrou de novo a xícara de chá; começava a sentir a suave incitação da antecipação, como sempre que lhe atribuíam um novo caso.

— Posto que o ópio seja roubado, está claro que a operação resulta muito lucrativa para o distribuidor — especulou em voz alta ao tempo que observava a mesa que tinha em frente. — Do contrário, essa pessoa não teria se arriscado tanto; e dado que não se necessita um investimento inicial, a venda não lhe proporcionará mais que benefícios. Mas não trabalha sozinha. O processo é muito complicado — Deu um comprido sorvo de chá. — Está a par dos envios que chegam ao porto, organiza o roubo e consegue de algum modo que o tragam até aqui; e depois o embarca de novo para vendê-lo a aqueles que o necessitam, já seja a um preço econômico ou em troca de sua discrição. Pode que ambas as coisas. E se seus clientes são viciados e enriquecidos, os benefícios devem ser muito substanciais — Voltou a olhá-lo nos olhos com um brilho intenso no olhar. — Uma operação impressionante. Brilhante.

— E também muito perigosa.

Ela assentiu para mostrar seu acordo.

— Pelo que se deduz que essa pessoa ou é muito arrogante, ou está desesperada. Algum suspeito?

Thomas se reclinou na poltrona uma vez mais e relaxou enquanto a estudava.

— Tenho dois suspeitos, mas nenhuma prova, e não sei muito bem como as conseguir. Por essa razão solicitei ajuda.

— Já vejo — Madeleine apoiou os ombros sobre o respaldo acolchoado do sofá e apurou o conteúdo de sua xícara, que estava ficando frio. — Quais são?

— Lady Claire Childress, uma viúva cujo marido morreu em misteriosas circunstâncias dois anos atrás, e Richard Sharon, o barão do Rothebury.



Os lábios do Madeleine se curvaram em um sorriso.

—Uma dama e um barão... dois membros da aristocracia.

—Não acredita que os membros da classe alta possam ser tão estelionatários e avaros como todos os outros, Madeleine?

Ela sorriu de orelha a orelha ao escutar a pergunta e, pela primeira vez desde que se conheceram, começou a sentir-se cômoda em sua presença.

—Sei por experiência que podem sê-lo, Thomas. De fato, os membros da aristocracia tendem a ter uma maior ambição de riquezas (em especial se nasceram com dinheiro e o perderam de algum modo), já que têm muitas mais oportunidades de consegui-las. Bem é certo que qualquer pessoa pode comprar láudano por pouco dinheiro, mas não todos os de boa família desejam que seu vício seja do domínio público. É muito provável que o contrabandista esteja vendendo o ópio entre os membros de sua mesma classe social.

Ele inclinou a cabeça para dar a entender que estava de acordo com suas deduções.

—Isso é exatamente o que eu acredito.

Uma cálida sensação de entendimento se estabeleceu entre eles.

—Por que esses dois?

Thomas fez uma pausa para meditar.

—Lady Claire é... cruel. Entenderá a que me refiro quando a conhecer. A meu parecer, está perfeitamente capacitada para dirigir a um grupo de contrabandistas. Não faz muito que começou a restaurar sua propriedade, embora seus únicos e escassos ganhos procedam do que lhe deixou seu falecido marido. Não sei de onde tira o dinheiro necessário para fazê-lo — Franziu os lábios enquanto refletia e depois acrescentou em voz baixa. — Acredito também que é viciada.

O sorriso desapareceu dos lábios do Madeleine. Desviou o olhar por volta da mesinha de chá e deixou com delicadeza o pires e a xícara vazia sobre ela enquanto os pensamentos e as lembranças que durante tanto tempo tinha mantido enterrados em sua cabeça emergiam com uma intensidade que ela acreditava ter aplacado.

—E o barão? — continuou com voz firme, sem revelar nada.



Thomas baixou a perna da banquetta e plantou ambos os pés no chão para inclinar-se para diante, com os cotovelos apoiados nos joelhos e os dedos entrelaçados.

—O barão é um suspeito mais provável — anunciou antes de apartar por fim o olhar dela para cravá-lo na chaminé. — Em parte porque é um mistério e tão escorregadio como uma enguia. Só o vi uma vez. Não lhe caí muito bem, embora não estou seguro de por que.

—Talvez o intimidasse — ela assinalou, mais a sério que em brincadeira.

—Está claro que Rothebury não se parece em nada a mim — reconheceu com certo matiz molesto. — É arrumado, encantador e sempre está de bom humor. As damas o adoram. Tem trinta e dois anos, está solteiro e se considera o melhor partido do Winter Garden.

Madeleine o observou abertamente.

—Acredita que me enviaram aqui por essa razão, Thomas?

Ele girou a cabeça com rapidez e cravou o olhar nela.

—Não.

A veemência dessa única palavra há pegou um pouco despreparada. Para falar a verdade, em todos os anos que levava trabalhando para o governo, jamais tinha utilizado seu corpo como um meio para conseguir informação. Seus encantos sim, mas nunca seu corpo. Tinha estado com um bom número de homens, mas nunca para conseguir nenhum tipo de benefício, já fora pessoal ou profissional. Aliviou-há um pouco saber que Thomas Blackwood não esperava isso dela, e que inclusive o tinha incomodado de algum jeito que o mencionasse.

—Está aqui para trabalhar comigo, Madeleine — explicou com frieza. — Necessito a ajuda de um profissional, e o fato de que seja uma mulher tem duas vantagens. Em primeiro lugar, poderá avaliar com mais perspicácia lady Claire. Em segundo lugar, o barão se mostrará mais agradável com você. Paquere se quer fazê-lo, mas não tem o dever de ir mais à frente. Não vale a pena.

A preocupação que mostrava por ela resultava entristecedora, embora de tudo desnecessária.

—Sei muito bem como cuidar de mim mesma — afirmou com calma ao tempo que se endireitava. — Acredito que poderei arrumar isso com o barão.



Ele continuou olhando-há um instante mais e depois voltou a contemplar a chaminé; ao que parece, não ia discutir esse tema.

—Pode começar com lady Claire — disse ao fim. — Se conseguimos descartá-la como suspeita, poderemos concentrar todas nossas energias no barão.

—E você?

—Eu me centrarei na propriedade do Rothebury e em sua casa, e poderei me aproximar mais a ambos se consigo passar despercebido. Quero averiguar o que é o que faz, quem o visita regularmente e a que hora.

—Espia-lo em lugar de entrar em formar parte de sua vida — disse Madeleine com ar pensativo. — O considera prudente, dadas às circunstâncias?

Os lábios masculinos se curvaram em um leve sorriso.

—Nunca chegamos a ser amigos, se for a isso ao que se refere, de modo que não posso me aproximar dele desse modo. O barão carece de amigos íntimos e mantém aos aldeãos a certa distância, salvo quando organiza festas comemorativas às quais convida a muitos deles. Até agora me mantive em um segundo plano e me limitei a me familiarizar com a zona e com a gente; mas, posto que agora conto com sua ajuda, acredito que já podemos intervir e nos expor um enfoque um pouco mais agressivo.

Isso era lógico, decidiu Madeleine, embora o risco de ser descoberto sempre era maior quando se trabalhava nas sombras que quando se fazia mediante uma confrontação aberta e amistosa.

— Já pensou qual identidade devo adotar?

Ele vacilou o suficiente para que ela compreendesse que o tinha feito, e que se sentia incômodo a respeito. Isso aguçou sua curiosidade.

—Thomas?

Ele apoiou as mãos nas coxas e ficou em pé com sérias dificuldades; a Madeleine não lhe passou por cima a careta que se desenhava nas comissuras de seus lábios nem a rigidez de sua mandíbula. As feridas lhe doíam; possivelmente não muito, mas lhe doíam.



—Pensei-o muito, Madeleine — replicou em voz baixa enquanto caminhava muito devagar para o suporte. Cravou o olhar na caixa de música e percorreu as bordas de madeira com a gema dos dedos. Um instante depois se girou para ela. — E você?

Madeleine não tinha esperado que o perguntasse. Tinha imaginado que ele já teria tudo planejado e estava disposta a aceitar o que lhe dissesse. Entretanto, Thomas parecia interessado em conhecer sua opinião, e talvez pudessem decidir juntos.

Enfrentou seu olhar com calma.

—Tinha pensado que poderia ser algo assim como uma ajudante — murmurou —, mas é você muito... robusto para necessitar ajuda. Agora que o conheço, já não me parece plausível.

As bochechas masculinas se esticaram em uma careta de diversão.

—Não.

Respondeu-lhe com um pequeno sorriso antes de percorrer seu enorme corpo de cima abaixo com o olhar. Sua metade superior se encontrava em perfeitas condições, mas coxeava, uma lesão que sem dúvida os aldeãos teriam advertido. Poderia apresentar-se como sua enfermeira, embora para falar a verdade não acreditava que encaixasse muito com o perfil. Mesmo assim, era o melhor que lhe ocorria.

—Sua amante? — sugeriu em um grave sussurro.

Não tinha a menor ideia de onde tinha saído aquilo. E tampouco ele. De fato, parecia atônito.

Madeleine levou uma mão ao pescoço com a esperança de que ele não advertisse os intensos batimentos do coração que notava sob a gema dos dedos e rodeou a cintura com o braço livre a modo de amparo. Contudo, não apartou o olhar de seu rosto.

Ele entreceitou os olhos e ela sentiu uma vez mais essa estranha atração. A tensão do ambiente era quase evidente.

—Parece-me que não acreditariam Madeleine — sussurrou com voz rouca, muito devagar.

Esteve a ponto de perguntar por que, já que lhe parecia perfeitamente razoável, mas ele lhe adiantou com uma questão muito mais lógica.



— Além disso, isso nos conduziria certos problemas sociais, e devemos estar livres de compromissos para aceitar outros convites.

Deveria ter pensado nisso antes de falar. Os rumores de que viviam juntos sem mais companhia se estenderiam como a pólvora, e a gente ao final suspeitaria que existia uma relação mais íntima entre eles. Estava claro que ele sim o tinha pensado.

— Tem razão, é óbvio — conveio com um pingo de sobressalto. Deixou escapar um suspiro e seu ânimo decaiu um pouco. — Tem alguma outra ideia, Thomas?

Ele a olhou aos olhos com evidente reticência. Logo soltou um grunhido e levantou uma mão para esfregar a cara com força.

— Particpei da guerra do Ópio, Madeleine — revelou com seriedade. — dali vem minhas lesões — Se moveu com inquietação sobre o tapete. — Talvez poderia passar como a tradutora de minhas memórias.

Madeleine se sentiu invadida por uma quebra de onda de compaixão. Compreendia a perfeição a dor que provocava um passado que jamais poderia mudar.

Era evidente que ele não tinha desejado lhe dizer que tinha lutado em uma guerra de méritos questionáveis nem que tinha recebido feridas que o deixaram incapacitado. E a guerra do Ópio tinha terminado seis anos atrás, o que significava que se suas pernas não se curaram a essas alturas, teria que viver com esse sofrimento durante o resto de sua vida. Trágico, embora ele tinha seguido em frente depois das desgraças, ao igual a ela.

— Para falar a verdade, não tem muita pinta de tradutora — continuou ao ver que ela não fazia comentário algum —, mas não me ocorre nada melhor. Certamente é melhor que fazer-se passar por minha ajudante, e é mais provável que acreditem.

Tem razão, pensou Madeleine enquanto enlaçava as mãos às costas presa de uma crescente confusão. Não pareço nem uma ajudante nem uma tradutora. Pareço uma amante. Por que não percebe isso, Thomas?

— Estou de acordo em que é o mais razoável de tudo e em que será o bastante convincente — comentou em voz alta com certa sensação de derrota. — Serei sua tradutora francesa.



Thomas se encontrava a um metro escasso dela; quão único os separava era a mesinha de chá. Ele estudou sua expressão em silencio durante um momento e depois baixou o olhar muito devagar até seus peitos, atrasando-se ali o tempo suficiente para que ela se sentisse acalorada por causa da carícia visual.

— Deve estar faminta — disse de repente. — irei ver o que preparou Beth, e jantaremos logo — Sem mais comentários, deu a volta e se afastou em direção à cozinha.

Madeleine observou suas costas até que desapareceu de sua vista e só então se permitiu um enorme sorriso de satisfação. Se ela albergava alguma dúvida sobre se tinha interpretado mal as insinuações sexuais anteriores, já havia desaparecido. Por fim tinha ficado claro que ele a via como uma mulher.

O vento tinha adquirido tal intensidade que os ramos das árvores arranhavam as paredes de tijolo da casa e as portinhas golpeavam contra as janelas. Thomas era alheio a tudo isso.

Jazia convexo de costas sobre a cama, nu sob os lençóis, e tinha colocado as mãos detrás da cabeça enquanto contemplava o teto com o olhar perdido. Levava nessa posição perto de uma hora, muito inquieto para relaxar, muito concentrado para mover-se. O mais provável era que ela já estava dormindo, já que lhe tinha parecido muito cansada durante o jantar e logo que tinha comido. Tinham falado de trivialidades: de seu lar na Marsella, de sua viagem à Inglaterra, das diferenças climáticas entre ambos os países... Depois lhe tinha dado boa noite e se retirou ao seu quarto a descansar. Ele tinha ficado sentado frente ao fogo durante um bom momento, escutando seus passos no dormitório, imaginando como esses dedos de unhas perfeitas desabotoavam os botões do vestido e como se deslizavam as anáguas por esse comprido e esbelto corpo. Tinha escutado os rangidos da cama quando se deitou sobre ela. Perguntou-se o que tinha colocado para dormir, se usava algo; se teria trançado o cabelo ou se o levava solto; se jazia estirada entre os lençóis, como se esperasse a um homem, ou aconchegada para proteger-se do frio, como uma gatinha em busca de carícias.



Deus, que formosa era... Embora isso já sabia antes que chegasse; de fato, sabia muito mais sobre ela que ela sobre ele. Madeleine Bilodeau nasceu vinte e nove anos atrás; era a filha ilegítima do capitão Frederick Stevens, da Marinha Real britânica, e da Eleanora Bilodeau, uma atriz francesa sem muito talento e viciada no ópio. Converteu-se em espiã do governo britânico a pedido próprio, embora os incrédulos ingleses não a tinham aceitado como tal até que conseguiu evitar a fuga de dois prisioneiros políticos franceses informando sir Riley antes que se levasse a cabo. Ao longo dos anos, tinha demonstrado sua valia com acréscimo. Na Inglaterra era admirada por todos aqueles que a conheciam; na Marsella, adoravam-na; e no resto do continente a considerava uma das grandes belezas da época.

Não sabia quanto tempo ficou detrás dele no jardim essa tarde antes que se precavesse de sua presença. Ficou observando-o, disso estava seguro. A brisa tinha levado seu aroma até ele e o tinha misturado com essa particular essência própria da mulher, e isso tinha bastado para excitá-lo e fazer que seu coração pulsasse desbocado. Tinha demorado uns instantes em recuperar o controle necessário para poder olhá-la. Quando reuniu por fim as forças necessárias para fazê-lo, ela o enfeitiçou imediatamente com esse lustroso cabelo castanho recolhido em grossas tranças ao redor das orelhas; esse rosto em forma de coração que mostrava uma expressão interrogante; e essa pele de alabastro que parecia suplicar suas carícias. E esses olhos... Uns olhos azuis que faziam pedacinhos toda resolução e que de algum modo eram seus traços mais sensuais. Uns olhos capazes de rasgar e ferir profundamente, ou de derreter a um homem quando brilhavam com excitação ou esperança.

Sim, havia-se sentido atraído por ela imediatamente, como lhe teria ocorrido a qualquer outro homem. E essa conversa sobre xadrez, pelo amor de Deus! Como tinha começado isso?

Deixou escapar um comprido e lento suspiro antes de girar-se por fim para um lado e colocar o braço sob o travesseiro. Contemplou as árvores que se balançavam junto à parede iluminada pela lua. Embora não tinha intenção de mostrar-se tão audaz com ela, Madeleine tinha percebido seu estado de ânimo e tinha sido o bastante perspicaz para captar o significado oculto atrás de suas palavras. Sabia que ela perdeu a virgindade há muitos anos atrás e que passou tempo em companhia de outros homens muito mais encantadores e atentos que ele;



homens muito mais excitantes e merecedores de uma beleza como a sua. Mas respondeu a suas insinuações sexuais e o olhou com uma desconcertada fascinação que não pode ocultar; e depois avaliou sua reação, excitando-o sem propor-lhe obtendo que seu corpo sucumbisse a esse delicioso palpitar que não experimentou em anos.

Sentia-se atraída por ele. Sabia, e esse conhecimento o enchia de deleite e de assombro. Madeleine DuMais, a beldade da França, a menina bonita do governo britânico, a mulher inteligente, refinada e cativante que se sentou frente a ele durante o jantar e lambeu o mel dos dedos com tanta sensualidade, sentia-se atraída por ele. Por ele: Thomas Blackwood, um homem comum; Thomas Blackwood, o enorme e imponente ermitão; Thomas Blackwood, o aleijado.

Sentia-se atraída por ele.

Com um sorriso, Thomas fechou os olhos e, pela primeira vez em muitos anos, caiu em um sonho profundo e reparador sem dores no corpo, sem sede na alma e sem feridas no coração.



Capítulo 2

Madeleine despertou péssima. Doía-lhe a cabeça, tinha o nariz entupido, sentia o corpo congelado e, por uns instantes, custou-lhe bastante trabalho recordar onde se encontrava. Talvez sua confusão momentânea se devesse à escuridão absoluta que reinava no quarto e que a casa parecia presa de um silêncio sobrenatural. O uivo do vento tinha cessado em algum momento durante a noite e a diferença do que ocorria em sua cálida casa da Marsella, onde sempre escutava o som do tráfico sob a janela de seu quarto, ali só ouvia os rangidos da casa sobre a terra úmida.

Devia estar no meio da manhã, embora em realidade não tinha a menor idéia da hora que era, já que com o céu nublado não conseguia divisar a janela do dormitório. Enjoe Camille estava acostumada a despertá-la às sete se ela ainda não houvesse levantado. Mas ali ninguém iria despertá-la, e Thomas jamais se atreveria a entrar em seu quarto.

No momento em que pisou em chão britânico três dias atrás não tinha disposto de muito tempo para meditar sobre sua situação imediata nem sobre o que a rodeava. Estava na Inglaterra, e basicamente sozinha. Embora estava acostumada à solidão, durante os últimos anos tinha passado muito tempo em companhia de outros, embora bem era certo que somente porque seu trabalho assim o tinha exigido. Em seu país era popular em diferentes círculos sociais, o que garantia muitos convites para a respeitável viúva do DuMais, conhecida por muitos e amiga de uns poucos... nenhum dos quais sabia o profundo ódio que albergava por sua herança francesa e pela infância de servidão que se viu obrigada a suportar nas mãos de uma mãe ignorante e desconsiderada. Entretanto, agora essa vida lhe parecia muito longínqua.

Na Inglaterra ninguém a conhecia, o qual, pensando bem, poderia ser tanto um inconveniente como uma vantagem nas semanas vindouras. Poderia criar seu próprio personagem e converter-se no tipo de pessoa que escolhesse ser, utilizar seus encantos ou ocultá-los. Não obstante, era uma profissional, e seria exatamente quem deveria ser a fim de



completar com êxito essa missão e honrar o amor que sentia pela pátria de seu pai. Já era hora de começar a trabalhar.

Tremendo por causa do ar gélido e úmido, Madeleine apartou o lençol e a manta e se incorporou muito devagar na cama ao tempo que esfregava as têmporas e a fronte com a gema dos dedos. O chá lhe acalmaria a dor de cabeça, mas teria que vestir-se de forma adequada antes de entrar na cozinha, é óbvio.

Obrigou-se a manter os olhos abertos e plantou os pés descalços no chão antes de ficar em pé com rigidez. O quarto era pequeno, com uma cama individual e uma diminuta penteadeira pintada de branco que contava com um espelho para facilitar seu asseio. As paredes estavam empapeladas com o mesmo estampado floral que revestia os muros da sala de estar, mas não havia nada pendurado nelas. A única janela, coberta com as cortinas de encaixe branco, emoldurava a cabeceira da cama, e aos pés desta havia um guarda roupa.

Rodeou-se com os braços em um intento por controlar seus tremores e se aproximou do armário. Só havia trazido quatro vestidos: um de viagem que tinha utilizado no dia anterior, um vestido matinal, um para a tarde e outro de noite. Por desgrça, não tinha tido meios para transportar todo seu vestuário da França e de repente esse fato lhe produziu um tremendo desconforto. Teria que colocar os mesmos vestidos uma e outra vez. Não era uma perspectiva muito promissora, mas a verdade era que Thomas parecia não ter se fixado no que vestiu, e os aldeões não esperariam outra coisa de uma tradutora.

Desfez-se da camisola e colocou a toda pressa o vestido matinal de musselina amarela sobre a roupa íntima. Tinha as mangas largas e um recatado decote que se atava ao busto, algo muito conveniente, já que essa parecia ser a única parte de sua anatomia que Thomas tinha observado, embora brevemente. Tinha um aspecto agradável e despretensioso, e pela primeira vez em sua vida agradeceu sentir o casaco das múltiplas capas das anáguas que roçavam sua pele.

Escovou o cabelo antes de enrolá-lo em tranças ao redor das orelhas. Na França estava acostumada a utilizar um toque de pó facial para acentuar seus traços, mas supôs que teria que abandonar semelhante costume no Winter Garden. Os ingleses eram bastante conservadores no



que aos cosméticos se referia, e preferiam que suas damas tivessem um aspecto pálido e inosso em lugar de sensual e atrativo. Algo inaudito, em sua opinião, mas a verdade era que sua opinião não importava nem um pouco. Estava certa de que causaria uma melhor impressão aos habitantes do povoado se renunciasse inclusive ao ruge.

Lavou a face com a água fria do jarro, secou com uma toalha suave, beliscou as bochechas e mordeu os lábios com suavidade. Continuando, com as costas bem erguidas, abandonou a intimidade de seu quarto e se dirigiu para a sala de estar.

A luz que iluminava a estadia provinha da chaminé e de um pequeno abajur. Thomas estava sentado na poltrona frente ao fogo, com a cabeça encurvada e a mente enrascada em um livro de uma grossura considerável. Nessa posição, com uma perna apoiada sobre a banquetta e embelezada com umas calças negras e uma camisa branca de linho abotoada até o pescoço, tinha um aspecto informal que casava a perfeição com o cavalheiro intelectual que fingia ser.

Ele se voltou para escutar seus passos e jogou uma olhada a seu traje antes de olhá-la nos olhos com aprovação. Madeleine desprezou a súbita e entristecedora sensação de que esse homem estava esquadrinhando sua alma e lhe dedicou um sorriso. Estava claro que era capaz de amedrontá-la com um simples olhar.

— Bom dia, Thomas — o saudou amavelmente ao tempo que unia as mãos à altura do regaço e avançava para ele.

— Bom dia, Madeleine — replicou ele com voz rouca e suave.

Ela apartou a vista dele para jogar uma olhada ao relógio do suporte. Nove e meia. Tinha dormido muito.

— Lamento ter me levantado tão tarde — se desculpou enquanto tomava assento no cômodo sofá e arrumava as saias. — Geralmente acordo muito cedo.

Ele fechou o livro sem pensar duas vezes.

— Estou certo de que se encontrava cansada depois da viagem. Dormiu bem? — perguntou com cortesia.



— Sim, muito bem, obrigado — Não era certo, e era muito provável que ele nem percebesse isso. Ao sentir que a tensão abandonava seus ombros, reclinou-se contra o respaldo do sofá. — Em realidade, dói-me a cabeça, e passei bastante frio.

Pela primeira vez, ele pareceu divertido.

— Buscarei-lhe outra manta para esta noite. Enquanto isso lhe prepararei um pouco de chá. Depois daremos um passeio pelos arredores — Deixou o livro, *As obras completas de Alexander Pope*, sobre a mesa que tinha diante antes de ficar em pé. — Pode ser que o ar fresco lhe alivie um pouco a dor de cabeça, e Richard Sharon está acostumado a dar um passeio matutino a cavalo ao redor das dez. Passará um pouco longe, mas poderá lhe jogar uma boa olhada. Mais tarde conversaremos sobre os planos para hoje. Sempre que se sinta capaz de fazê-lo, é claro.

Ele já estava trabalhando, aparentemente alheio ao seu desejo de começar o dia com calma ou ao menos de conversar amigavelmente durante alguns minutos. Entretanto, a Madeleine não lhe ocorreu nada mais corriqueiro ou pessoal que dizer nesses momentos, de modo que não ficou mais remedeio que fazer o que lhe tinha pedido.

Conseguiu esboçar um leve sorriso.

— Estarei bem, certamente.

— Bem.

Thomas caminhou até a cozinha e ela ficou em pé uma vez mais para segui-lo para esse cômodo pintado em amarelo brilhante e verde folha. A pia estava colocada frente a uma das enormes janelas e dispunha de seu próprio fornecimento de água, todo um luxo para eles, já que não teriam que conduzi-la até a casa do poço da aldeia. Os fogões estavam situados junto à parede do fundo, e junto a eles havia uma mesinha quadrada de madeira de pinheiro rodeada por quatro cadeiras. O tanque ocupava o espaço que havia sob a escada que conduzia ao segundo andar.

Conforme a tinha informado a noite anterior, prescindiriam dos serventes pela simples razão de que não poderiam falar com franqueza se houvesse outras pessoas na casa. Isso significava, é obvio que embora a filha do reverendo se encarregasse de fazer a comida, eles



teriam que pôr a mesa e encarregar-se de limpar. O bom era que Thomas parecia disposto a colaborar e não esperava que ela desempenhasse o papel de criada. Algo estranho em um homem, embora certamente supõe-se que eram colegas de trabalho, não um casal casado ou, meros amantes. Sua relação era estritamente profissional, e Madeleine se perguntou por um momento por que devia recordar a si mesma uma e outra vez.

Thomas pôs a água para esquentar para o chá e ela se serviu de uma grossa fatia de pão com geléia de framboesa. Sentaram-se à mesa durante uns minutos enquanto conversavam com tom impessoal sobre o mau dia que fazia e as mudanças gerais do clima durante a estação. Depois a deixou a sozinha comendo em silêncio e retornou vestido com seu casaco negro e a capa dela nas mãos instantes mais tarde.

—Coloquei suas luvas dentro dos bolsos. Pensei que primeiro poderia levar a xícara e deixar que o chá esquentasse suas mãos.

—Obrigado — respondeu ela em um murmúrio; lambeu a geléia dos lábios e notou com satisfação que ele seguia o movimento com o olhar. Repetiu-o uma vez mais, de forma desnecessária e sem nenhuma má intenção (ou ao menos isso se disse), e viu que o sobrececho masculino se franzira um pouco.

—A água está fervendo, Thomas — disse em voz muito baixa.

Ele elevou bruscamente a vista e enfrentou seu olhar durante um instante com expressão envergonhada, algo que Madeleine achou muito gratificante. Thomas pareceu recuperar-se em seguida e apartou o olhar antes de deixar a capa sobre o respaldo da cadeira e concentrar sua atenção nos fogões.

Madeleine terminou de comer enquanto observava como lhe enchia a xícara quase até a borda e jogava o açúcar e a nata; era óbvio que prestou atenção no que ela tinha feito no dia anterior.

Logo deixou a xícara sobre a mesa diante dela e recolheu uma vez mais sua capa.

—Vamos?

Com um gesto de assentimento, Madeleine ficou em pé e lhe deu as costas para que lhe colocasse a capa sobre os ombros. Ato seguido abotoou os botões e agarrou a xícara de chá.



Caminharam juntos até a porta principal e entraram na gélida manhã cinzenta. O frio lhe aguilhoava as bochechas, mas com o corpo coberto pela capa debruada de pele e as mãos quentes graças ao chá, Madeleine se sentia completamente à vontade.

Thomas a conduziu ao longo de uma das laterais da casa por volta da zona ajardinada onde se conheceram no dia anterior. Ela se manteve um passo ou dois atrás de suas lentas e regulares pernadas enquanto avançavam para a parte dos fundos da propriedade. Mais adiante não via mais que árvores e um muro espesso de matagais, embora ele parecia saber com exatidão para onde se dirigia. Ao final, deteve-se junto ao grupo de arbustos que tinha estado limpando no dia anterior.

—Terá que me dar à mão — assinalou com tom prático.

Ela elevou a cabeça para olhá-lo em seu rosto. Seus traços adotaram uma vez mais essa expressão serena, franca e indecifrável enquanto lhe oferecia a mão com a palma para cima. Madeleine jamais o havia tocado e, por razões que nem sequer ela tinha muito claras, vacilou um pouco antes de fazê-lo. Não obstante, ele parecia considerar aquilo uma ação absolutamente necessária, carente de toda importância.

Estendeu-lhe a mão esquerda, mas ambos se deram conta imediatamente de que ela não poderia passar entre as árvores com as saias tão volumosas a menos que as recolhesse. Sem medir palavra, Thomas lhe tirou a xícara com suavidade e depois lhe deu a mão que tinha livre e lhe apertou os dedos com firmeza. O contato não teve nada de especial e, entretanto, Madeleine se sentiu atravessada por uma quebra de onda de excitação. Agarrou-se a ele com firmeza e, fingindo que a calidez e a força masculinas lhe resultavam indiferentes, elevou as saias para segui-lo.

No intento de se manchar de barro o mínimo possível, passou com muito cuidado através do estreito corredor de vegetação, que estava oculto no denso bosque e cheio de folhas caídas e úmidas. Logo que percorreram uns metros quando apareceu a saída. Thomas a ajudou a atravessá-la e quando apartou sua enorme figura para lhe permitir uma visão melhor, Madeleine descobriu que se encontrava em uma clareira de uma beleza arrebatadora.



Estava à beira de um pequeno lago de resplandecentes águas azuis, rodeado em toda sua extensão por carvalhos nus, bordo¹ e frondosos pinheiros. Justo a sua direita havia um banco de madeira, firme face às deteriorações próprias de estar à intempérie, que tinha sido convocado frente à água em um lugar encantador. Poderíamos nos sentar ali e desfrutar da tranquilidade tanto no verão como no inverno, escutando o sussurro do vento entre as árvores, os golpes da água contra a borda e o canto dos pássaros.

— É muito formoso — sussurrou sem lhe soltar a mão.

— Sim.

Madeleine elevou o olhar. Ele a observou fixamente durante um par de segundos, com sua fronte bronzeada oculta em grande parte por uma mecha de cabelo e seus quentes olhos entrecerrados em uma expressão de satisfação. Ato seguido inclinou-se para ela até que seus rostos estiveram a ponto de tocar-se.

— Essa é a mansão do Rothebury — disse ao tempo que assinalava com a cabeça a borda oposta. — Vive aí durante todo o ano e todas as manhãs ao redor das dez cavalga com o passar do perímetro da propriedade, que abrange o silvestre sul do lago e se estende daqui para a esquerda até onde alcança a vista. O atalho passa junto à borda da água, de modo que não deverá demorar muito em aparecer.

Madeleine examinou o edifício que se via ao longe, avaliando cada detalhe. Somente via a parte superior entre as árvores, mas resultava evidente que era um antigo edifício de três andares de altura, construído com pedra de cor marrom clara, de estrutura sólida e com vistas para o lago. De onde se encontrava, parecia uma casa bem atendida e maior que a maioria das que tinha visto no Winter Garden até o momento, embora esse detalhe poderia explicar-se pelo fato de que o dono era um barão que tinha estabelecido ali sua residência habitual.

Thomas a guiou com gentileza até o banco. Ela passou com cuidado sobre as folhas que cobriam a erva antes de deixar cair no duro assento de madeira e colocar suas saias a fim de lhe

¹ O bordo do Canadá é uma árvore típica de lá, e a folha de bordo, vermelha como fica no Outono, é o símbolo do Canadá. Com o bordo se faz um xarope, com consistência de mel, muito saboroso, que eles usam de várias formas, mas



principalmente para comer com panquecas. E há também o bordo japonês (bonsai).



deixar lugar suficiente. Foi então quando lhe soltou a mão e lhe ofereceu de novo a xícara de chá para depois sentar-se junto a ela. Madeleine levou a xícara aos lábios e deu um par de sorvos; sabia que ele a estava olhando, mas cravou os olhos no lago.

— Aceitei um convite em seu nome para à tarde da quinta-feira — comentou Thomas com tom formal. — A senhora Sarah Rodney, a historiadora do lugar, organizou uma reunião de chá para as damas da localidade. Está acostumada a fazê-lo uma vez ao mês, e os membros da aristocracia e aqueles que pertencem a uma classe social elevada sempre estão convidados. Fiz-lhe uma visita faz alguns dias com um pretexto insignificante a fim de lhe informar, como quem não quer nada, de sua chegada. E, é obvio, ela me assegurou que seria um prazer conhecer você — Sua voz adquiriu um matiz divertido quando inclinou a cabeça para ela em tom conspirador. — Naturalmente, esse convite se deve sobre tudo a que a senhora Rodney deseja satisfazer sua curiosidade. Poderá fazer provisão de um bom número de fofocas, Madeleine, e todas terão perguntas que lhe fazer, já que a única coisa que lhe disse à senhora Rodney foi que era você francesa.

Ela voltou a olhá-lo no rosto. Dado que Thomas se sentou muito perto, parte de sua sólida coxa se perdia abaixo das dobras das saias e seus ombros se roçavam. Seus olhos tinham um brilho de antecipação e esse grosso e escuro cabelo ainda lhe caía sobre a fronte, embora ele não parecia notar. Madeleine sentiu que a respiração acelerava devido a sua simples proximidade, ao tom grave e profundo de sua voz e a virilidade que exsudava em toda sua enorme estatura. Não estava acostumada a sentir-se tão consciente da sexualidade de um homem e, para ser sincera, não entendia a reação de seu corpo frente a esse homem em particular.

— Parece que será uma reunião muito instrutiva — replicou sem muito interesse ao tempo que se aferrava à xícara com a esperança de que ele não notasse o muito que a tinha afetado em um só dia.

Thomas franziu o cenho.

— Você tem algo adequado para vestir? A verdade é que não pensei nisso.



Esse prático comentário acabou com os temores de Madeleine, que sorriu com ironia. Muito próprio dos homens não reconhecer a atração quando a viam...

—Tenho um vestido para cada possível ocasião social, mas devido ao escasso tamanho dos baús, somente pude trazer três a mais além do que vesti ontem — E logo acrescentou sem pensar. — É muito provável que acabe cansando-se de me ver sempre com o mesmo.

—Duvido-o muito — se apressou a replicar ele.

O pequeno elogio, que tinha saído de seus lábios com toda sinceridade, esquentou-a muito mais que a xícara de chá que sustentava nas mãos. Observou-o quase com descaramento até que ele começou a dar-se conta pouco a pouco do que havia dito momento no qual ficou sério e apartou o olhar.

—De qualquer forma, uma tradutora não tem por que possuir um vestuário espetacular. Encaixará muito melhor em seu papel se vestir-se de maneira pouco sofisticada e extravagante.

Uma resposta muito razoável ela pensou; um raciocínio ao que ela mesma tinha chegado.

—Acredito que hoje — continuou ele antes que Madeleine pudesse abrir a boca— poderíamos caminhar pelo povoado para que você se familiarize um pouco com o lugar e aprenda algo sobre a área; talvez possamos inclusive visitar um casal de vizinhos distintos.

—Muito boa ideia — conveio ela com tom amável antes de dar um novo gole de chá. Baixou muito devagar a xícara e se concentrou no líquido cremoso durante um momento. — Thomas, nós estamos juntos quase um dia, dormimos sob o mesmo teto, comemos na mesma mesa e, entretanto, não falamos mais que de nosso encargo e do tempo — Fez uma pausa e depois acrescentou. — Não acredita que deveríamos conhecer algumas coisas um do outro se formos viver juntos durante um tempo indefinido?

Quando ele se voltou para ela, Madeleine o olhou nos olhos e lhe ofereceu um encantador sorriso desafiante.

—O que gostaria de saber? — perguntou Thomas com ar pensativo.

Em realidade, ela tinha esperado algo mais que isso.



— Está casado? — inquiriu, tratando de ocultar a tensão de sua voz e sabendo de que essa pergunta estava motivada por uma premente curiosidade. E soube por intuição que a ele também o tinha surpreso.

— Não — murmurou com calma indiferença —, embora o estive em uma ocasião.

Madeleine arregalou os olhos, incapaz de ocultar seu interesse. Também se alegrou sobremaneira de que ele não soubesse a enorme satisfação que lhe tinha proporcionado sua resposta.

— Já vejo — respondeu com suavidade, à espera que lhe esclarecesse o assunto. Não se fez esperar.

Depois de respirar fundo, Thomas se inclinou para diante, apoiou os cotovelos sobre os joelhos e esfregou os dedos para lutar contra o frio enquanto cravava o olhar no lago.

— Chamava-se Bernadette. Faleceu faz doze anos, durante o parto de nossa filha, que nasceu morta. Tenho um filho de quinze anos, William, que está interno em uma escola de Viena — Fez uma pausa antes de concluir com voz débil. — Em realidade, não há muito mais no âmbito pessoal que deva saber sobre mim. Lutei na guerra; trabalho para o governo na atualidade e vivo uma vida tranquila no Eastleigh.

— Suponho que sente falta do seu filho — disse com um tom de afirmação, mais que de pergunta. — E a sua esposa.

— Sinto falta do meu filho todos os dias — admitiu com um suspiro —, mas é um violinista com muito talento e deve estar ali onde se encontram os melhores professores se quer converter-se em um dos grandes. Em ocasiões tenho saudades a minha esposa, mas morreu já faz muito tempo.

Madeleine foi prudente. Não desejava bisbilhotar, mas sabia com certeza que havia muito mais nele do que dava a conhecer. Deu-se conta de que era um homem muito complicado, e de que seu silêncio não era mais que um escudo. A melhor maneira de conseguir que confiasse nela era mostrar-se sincera com ele.

— Eu nunca estive casada — revelou quase com muita ligeireza antes de levar a xícara aos lábios uma vez mais. O conteúdo estava quase frio, assim apurou o pouco que ficava antes



de deixar a xícara sobre o chão do bosque. — Jamais quis me prender dessa maneira, e nunca desejei ter filhos. Desfruto dos desafios e as emoções que me proporciona trabalhar para o governo britânico sem a necessidade de estar atada a um marido.

Ele baixou o olhar até a grama do chão, girou o pé e apertou a sola da bota contra os galhos e agulhas de pinheiros até que as fez ranger. A Madeleine pareceu que tinha sorrido por um instante.

— Eu gostaria de me casar de novo — admitiu Thomas com ar reflexivo. — Uma união desse tipo traz consigo muitas vantagens...

— Para um homem — o interrompeu ela com um brilho nos olhos ao ver que seu humor tinha melhorado. — Como mulher, eu prefiro as vantagens que oferece a vida fora do matrimônio.

Ele a olhou de esguelha e estudou seu rosto.

— Não estou seguro de que falemos das mesmas vantagens, Madeleine.

Ela esboçou um sorriso afável e se endireitou no banco.

— Eu estou segura de que sim. Tenho vinte e nove anos, Thomas, e sou francesa. Não me descreveria como uma mulher ingênua. Nego-me a me converter em propriedade de ninguém para seu exclusivo desfrute.

A primeira coisa que lhe veio à cabeça após semelhante admissão foi que ele poderia sentir-se horrorizado ante tanta franqueza. Mas não o estava. Durante alguns momentos se limitou a observá-la, mas depois, pela primeira vez desde que se conheceram, seus lábios desenharam um enorme sorriso que revelou uns dentes perfeitos e que lhe fez parecer muito mais jovem. Quase um moço. Nesse instante, sentado na extremidade do bosque junto a um resplandecente e tranquilo lago, Thomas Blackwood a cativou, e Madeleine sentiu uma deliciosa e reconfortante calidez em seu interior.

— Talvez não tenha encontrado a um homem que esquite seu sangue com essa classe de desejo que dura para sempre, Madeleine — sugeriu em um sussurro rouco e íntimo. — Essa classe de desejo que não se sacia jamais e que em troca sempre te faz desejar mais e mais. A classe de desejo que te dá vontade de te aferrar a alguém com força e não soltá-lo jamais.



O fato de que ele sugerisse algo que ela estava perto de sentir obteve que a calidez de seu interior se elevasse até suas bochechas. Ruborizou-se por completo, algo que não lhe acontecia jamais. Ele também se deu conta e sua expressão se suavizou enquanto percorria uma vez mais seu rosto com o olhar.

Madeleine fechou as pálpebras e se moveu com nervosismo no banco. Colocou as mãos nos bolsos da capa em busca das luvas, mais pela necessidade de fazer algo que pelo calor que lhe proporcionariam. Ficou primeiro a da mão esquerda e depois a outra.

—Fala como se houvesse sentido esse tipo de devoção por uma mulher.

—Sim?

Em realidade não era uma pergunta, a não ser uma simples declaração que não precisava uma resposta por sua parte. Isso fez que se sentisse um pouco nervosa e ainda mais intrigada. Queria conhecer todos os detalhes, mas mordeu a língua para não perguntar. De pouco serviu, porque ele não acrescentou nada mais.

Deixou escapar um suspiro de propósito e voltou sua atenção para o lago.

—Talvez tenha razão, Thomas. Mas aceitei minha situação. Sou muito velha para me casar, e posto que nunca experimentei esse tipo de devoção para um homem, e tampouco a recebi de nenhum, abrigo sérias dúvidas de que algum dia chegue a fazê-lo. Não tenho claro que a minha idade possa chegar sequer a reconhecer esses sentimentos românticos. Paixão, sim. Romance, não.

Thomas encolheu os ombros, algo que ela sentiu mais que viu.

—Podemos abrigar sentimentos a qualquer idade, Madeleine. É obvio, jamais ocorrerá se deixá-los de lado e não deixar que formem parte de sua vida, mas isso é sua escolha.

Seu tom era indiferente, mas suas palavras resultavam bastante explícitas; não eram insultantes absolutamente, mas estavam carregadas de significado.

—Meu trabalho significa muito para mim, Thomas — replicou ela, um pouco à defensiva. — Sempre é o primeiro.

Ele voltou-se para trás e relaxou contra o banco uma vez mais enquanto cruzava as pernas.



— Também compreendo esse tipo de devoção.

Tinha certeza de que tinha sido sincero com essa declaração. Contudo, ele não sabia até onde chegava sua devoção pelo trabalho, e Madeleine não saberia explicar-lhe nem se quisesse.

De repente, algo chamou sua atenção ao outro lado do lago. Um homem tinha emergido de um grupo de árvores no lombo de um enorme cavalo cinza e ziguezagueava com o passar do atalho que passava junto à beira da água.

— É ele?

— É ele — respondeu Thomas em voz baixa.

Descartada já a conversa anterior, Madeleine se inclinou para diante e se concentrou no barão para estudá-lo tão bem como fosse possível desde essa distância. Levava um traje de montar azul marinho, mas estava muito longe para determinar sua qualidade. Tinha o cabelo de cor loiro avermelhado talhado na moda, e a pele pálida de seu rosto estava bem barbeada, à exceção de umas largas costeletas laterais; tinha uma compleição media, embora seus braços e pernas pareciam bastante fortes. Cavalgava com a destreza própria dos que o fazem frequentemente, e embora o esforço do exercício dava uma expressão dura a seu rosto, Madeleine pôde imaginar-lhe sem problemas como o arrumado galã das reuniões sociais.

Justo nesse momento, o homem perdeu a concentração. Olhou em direção ao lago e diminuiu o passo de seu cavalo quando os viu pela primeira vez. Não apartou a vista deles enquanto seguia avançando devagar pelo atalho do bosque. Entretanto, não os saudou nem com gestos nem com palavras; manteve uma expressão séria e os observou com olhos frios e sagazes. Calculadores. É inteligente. E está me observando, disse-se Madeleine.

Uma repentina rajada de vento levantou as folhas caídas, sacudiu as árvores e agitou a água. Mesmo assim, o homem não apartou os olhos deles, dela. Pela primeira vez desde que saiu a passear essa manhã, Madeleine sentiu que o frio atravessava suas roupas e lhe gelava sua pele, e pôs-se a tremer.

Thomas percebeu sua reação e estendeu o braço por detrás dela com um movimento tranquilo para subir o capuz da capa muito devagar; logo deslizou a palma pela borda e o ajustou ao pescoço. O cóis de pele acariciou o rosto do Madeleine, que elevou também as mãos



até o capuz e roçou a mão enluvada masculina durante alguns segundos, até que ele a deixou cair a um lado.

Deixou de observar ao barão e contemplou uma vez mais ao homem que tinha ao lado. Seus olhares se enlaçaram e entre eles se estabeleceu uma estranha comunicação silenciosa... não de tipo sexual, a não ser relacionada com algo um pouco mais profundo que ela não acertava a compreender de tudo. De repente, como se de uma chama de luz se tratasse, entendeu tudo e abriu os olhos arregalados em uma expressão assombro.

Esse inocente ato de lhe pôr o capuz tinha sido algo mais que um comportamento cavalheiresco. Era um gesto tão calculado como a expressão que tinha visto no rosto do Richard Sharon e com um propósito mais que evidente. Era um movimento que denotava posse, uma mensagem sem palavras que ambos os homens tinham entendido muito bem. Um gesto possessivo. Thomas a tinha reclamado, e o barão o tinha visto.

— Pronta para voltar para casa? — perguntou-lhe ele com tom amável.

Madeleine piscou um par de vezes antes de dirigir a vista para o lago. O barão do Rothebury tinha desaparecido por detrás das árvores.

— Suponho que sim — murmurou; as inquietações lhe tinham provocado uma nova dor de cabeça.

Thomas ficou em pé antes de lhe oferecer o braço, e ela o aceitou sem pensar duas vezes. Depois de recolher a xícara vazia do chão, caminhou a seu lado através do túnel de vegetação perguntando-se pela causa de seu desconcerto. Thomas também se sentia inexplicavelmente atraído para ela? Ou sua amostra de posesividade não tinha sido mais que uma encenação?



Capítulo 3

A impaciência que sentia fez que Madeleine se mostrasse inusualmente inquieta. Durante a maior parte dos quarenta e cinco minutos que levava como convidada na fastuosa mansão de campo da senhora Rodney, dedicou-se a morder bolos de nata nos que a nata brilhava por sua ausência e a beber chá aguado enquanto escutava como sua anfitriã e outras quatro damas mexericavam desaforadamente. As mulheres faziam caso omissos de sua presença, salvo em algum comentário casual, e em geral a olhavam como se fosse uma espécie de inseto indesejável, embora intrigante e exótico. Estava claro que nenhuma dessas damas tinha muito em comum com ela, além de maneiras sociais necessárias para comunicar-se com educação. A diferença delas, Madeleine não tinha adquirido essas formas distinguidas graças a toda uma infância de tutores e disciplina, a não ser mediante a observação, a prática e a perseverança. Em essência, era mais uma delas, e isso não fazia nenhuma graça às damas, mas não porque encontrassem nada errado nela, mas sim porque era francesa. Sua nacionalidade despertava nelas um irracional e imperdoável sentimento de ofensa que não se esforçavam muito por ocultar. E isso fazia que Madeleine fervesse de fúria. Ela era meio inglesa, embora não poderia revelar esse segredo sem tirar também à luz as escandalosas circunstâncias de seu nascimento. Falar disso conduziria perguntas que ainda não estava preparada para responder, e fomentaria esse tipo de compaixão que não podia suportar. Esse era o principal motivo pelo qual tinha decidido viver na França e não na Inglaterra; detestava sua herança francesa e tudo o que esta representava, mas devia tolerá-la e assumir sua posição na vida para ajudar ao país que amava e a seus cidadãos, que sempre a considerariam uma estrangeira.

Estava sentada em uma pequena cadeira branca de ferro forjado com o respaldo reto que tinha um duro e arredondado assento, e embora seu corpo encaixava nele à perfeição, estava segura de que as outras se encontravam bastante apertadas. Isso lhe produziu uma considerável satisfação. Agarrou um segundo pastelzinho de nata, e não porque tivesse vontade, mas sim porque isso lhe permitia ocupar suas inquietas mãos com algo.



As seis se encontravam ao redor da mesa de ferro forjado a jogo, coberta com uma toalha de encaixe branco e delicada porcelana rosada, que estava situada no extremo sudoeste da estufa coalhada de flores perfumadas da senhora Rodney. O sol brilhava pela primeira vez desde a tarde que chegou a Winter Garden quase uma semana atrás, e embora fora fazia frio, as enormes janelas da estufa absorviam a luz do sol e mantinham o ambiente tão quente como se fosse verão.

Madeleine estava sentada de costas ao sol com seu vestido de tarde de seda lilás claro, o qual, embora de tecido caro e corte modesto, tinha uma faixa acentuada por dois compridos e volumosos laços de cor nata perto da barra, o decote quadrado e uma estreita cintura debruada com encaixe da mesma cor. O sutiã era apertado embora recatado; as mangas largas e avultadas chegavam até a metade do antebraço, e com o cabelo recolhido na parte posterior da cabeça, encaixava a perfeição com o aspecto de uma jovem e clássica viúva embelezada para uma reunião vespertina.

Lady Isadora Birmingham estava sentada a sua direita. Era uma dama vivaz de uns sessenta e cinco anos, com um rosto rosado e alegre e uma figura arredondada que deixavam claro que tinha sido uma preciosidade em sua juventude. Era a única do grupo que tinha sido amável com a Madeleine, já que lhe tinha feito um par de perguntas e tinha mostrado verdadeiro interesse nas respostas.

A senhora Catherine Mossley ocupava o assento contíguo. Era uma mulher corpulenta que não deixava de engolir bolos de nata enquanto falava algo que, por outra parte, fazia sem cessar. Quão único tinha de dama era o nome, em opinião do Madeleine, já que suas maneiras à mesa eram os de um porco de campo. Não obstante, e isso era o que a fazia merecedora de um convite, possuía também uma fortuna que tinha herdado de seu falecido marido; ao parecer, o homem tinha ganhado muito dinheiro na indústria do gás antes de morrer de forma prematura em um incêndio da fábrica que, por sorte, deixou seu dinheiro e seu bom nome intactos.

Junto à senhora Mossley e justo em frente do Madeleine, encontrava-se a sóbria e erguida figura da senhora Penélope Bennington-Jones, seguida de sua filha, Desdémona Winsett. A senhora Bennington-Jones tinha olhos escuros e sagazes, o cabelo castanho com fios



de prata e um nariz semelhante ao pico de um falcão. Era uma mulher alta, embora não especialmente gorda, e absolutamente atraída. Era, de longe, a mais desagradável do grupo. Considerava a presença do Madeleine como uma intromissão, e em ocasiões a olhava com um desprezo que não conseguia ocultar. Era a maior ameaça das que se encontravam ao redor da mesa.

Desdémona não se parecia em nada a sua mãe. Era uma moça pouco agraciada de dezenove anos que, embora tinha se casado apenas dois meses atrás com um oficial do exército que nesse momento se encontrava de serviço, já dava amostras de gravidez. Estava claro que aquela reunião seria uma das últimas às que assistiria antes de retirar-se da sociedade em espera do parto, já que o bebê, segundo os cálculos do Madeleine, nasceria antes dos nove meses habituais. Por seu posto, a família se livraria do escândalo aduzindo que o menino tinha sido prematuro embora surpreendentemente forte, grande e saudável, algo que outros não poderiam comprovar, mas sim pôr em dúvida e criticar em privado. Desdémona mostrava esse tipo de personalidade tímida que, quando se somava a uma mãe dominante, inspirava lástima. E embora ela mal tinha dirigido a palavra a alguém depois das apresentações iniciais, Madeleine sabia que a jovem dama achava fascinante que houvesse uma francesa entre elas. Desdémona não deixava de observá-la do outro lado da mesa enquanto bebia o chá.

Para completar o círculo, Sarah Rodney, a renomada historiadora do Winter Garden que tinha organizado essa reunião, sentava-se à esquerda de Madeleine. Era a encarnação da mulher inglesa em todo o sentido da palavra, da palidez de sua pele e a generosidade de seu busto e de seus quadris, até seu cabelo grisalho e suas deliciosas maneiras. Madeleine acreditava que embora a senhora Rodney parecia inteligente e encantadora, as verdadeiras razões pelas que tinha convidado a uma francesa a uma reunião de sociedade não eram sua hospitalidade nem sua amabilidade, a não ser a curiosidade e um profundo desejo de lhe encontrar defeitos.

A conversa, que ainda não se centrou em nada importante, iniciou-se com o bate-papo habitual sobre o clima inusualmente frio para o outono e a saúde de todo o mundo, incluída a de lady Claire Childress, quem, embora também tinha sido convidada, encontrava-se muito mal



para assistir, algo que ao parecer acontecia com bastante frequência. Logo, a conversa tinha seguido seu curso natural para as fofocas sobre os residentes do Winter Garden e sobre aqueles que acabavam de chegar para passar ali a temporada. Madeleine emprestou toda sua atenção e acrescentou comentários quando o considerou apropriado, embora pelo geral eram ignorados, já que não era socialmente necessário ter em conta suas opiniões. Ao final, quando um dos onipresentes e silenciosos criados, que permaneciam de pé entre as plantas e as violetas africanas como se formassem parte da colorida decoração da estadia, serviu-lhe a segunda xícara de chá, Madeleine decidiu encaminhar o bate-papo para algo que pudesse lhe servir de ajuda.

Elevou o guardanapo de encaixe e a pressionou com leveza contra seus lábios para anunciar a todas que estava a ponto de falar. Ato seguido girou-se para sua anfitriã.

—Senhora Rodney — começou com ar pensativo —, não deixei de me perguntar quem é o dono da enorme mansão que há ao outro lado do lago. Trata-se de uma propriedade encantadora, e não se parece muito às demais casa que vi no Winter Garden.

Fez-se o silêncio, e Madeleine fingiu não dar-se conta de que todas pareciam sentir-se desconcertadas pela audácia que tinha demonstrado ao as interromper e introduzir-se na conversa. Embora possivelmente o que as tinha deixado atônitas não fossem suas maneiras, a não ser o fato de perguntar pelo barão.

A senhora Rodney esclareceu a garganta e se inclinou um pouco para o lado esquerdo.

—Acredito que se refere à mansão do Richard Sharon, o barão do Rothebury — assinalou.

—Um homem encantador — se apressou a acrescentar à senhora Mossley.

A senhora Bennington-Jones levou a xícara aos lábios com seus delicados dedos e tomou um sorvo de chá.

—Certamente que o é, senhora Mossley. Teria-me alegrado muito que tivesse elegido a minha adorável Desdémona como esposa, mas por desgraça ela se empenhou em casar-se com o senhor Winsett — Dirigiu a sua filha um olhar duro como o aço. Desdémona, que ficou



vermelha como um tomate baixou a vista até seu regaço e começou a brincar com o encaixe de cor pêssego das saias.

— O barão é o melhor partido do Winter Garden, senhora DuMais — explicou lady Isadora. — Vive aqui todo o ano. É obvio, possui um título, é arrumado e goza de um importante sobrenome familiar e de uma fortuna substancial.

Madeleine assentiu com um sorriso, tal e como se esperava dela.

— Um candidato excelente para qualquer família — Olhou de novo a Desdémona, que se sentava muito erguida em sua cadeira. Reprimindo a exasperação que lhe provocava a mãe da moça, que igual a muitas outras (entre as que se incluía a sua própria) utilizava a sua filha como se fosse um peão, acrescentou. — Suponho que qualquer dama poderia considerar-se afortunada se casasse com um barão. Mas as moças de hoje em dia, e inclusive alguns jovens cavalheiros, preferem casar-se por amor que em bem da estabilidade social ou financeira. Ao menos, isso é o que ocorre na França.

Desdémona cravou o olhar nela imediatamente, embora Madeleine não conseguiu decidir se a jovem estava assustada ou estupefata. Às demais não lhes ocorreu nada que replicar, tal e como ela tinha previsto.

A senhora Bennington-Jones aproveitou o giro da conversa.

— Devo entender então que você se casou por amor, madame DuMais?

A inglesa tinha utilizado o término francês «madame» com toda a intenção de lhe recordar qual era seu lugar nessa mesa. Mas Madeleine não passou por cima do significado subjacente, a sugestão de que, como todas as francesas, era caprichosa por natureza e possivelmente inclusive algo promíscua. E isso lhe proporcionou a oportunidade que necessitava.

— Não, por Deus! — exclamou com tom surpreso ao tempo que olhava à mulher aos olhos. — Meu matrimônio foi arranjado, senhora Bennington-Jones, já que meu marido procedia de uma excelente família de comerciantes de chá muito respeitável e enriquecida. Fui uma mulher muito afortunada desde o dia do meu casamento, embora em ocasiões sinto falta do meu querido Georges. Desapareceu no mar faz muitos anos.



—Que lástima — comentou a senhora Mossley com sincera compaixão.

Madeleine encolheu os ombros para lhe subtrair importância e baixou o olhar antes de agarrar o garfo para servir-se de outra parte de bolo.

—Certo, mas o mar se apodera de muitas almas todos os anos, senhora Mossley — assinalou com franqueza —, e eu conhecia muito bem os riscos quando me casei com ele.

Sempre a viúva prática, de boas maneiras e felizmente casada. Duas das damas assentiram com genuína e crescente aprovação.

Depois de tragar um pequeno bocado, girou-se para sua anfitriã para voltar para sua pergunta inicial.

—E a casa do barão, senhora Rodney, sempre pertenceu a sua família?

Se a mulher se deu conta de que a estavam pressionando para obter informação, não deu amostras disso.

—Sim, pertenceu aos Rothebury há... nove ou dez gerações. Por dentro é preciosa, e há certas partes que são bastante antigas. A família a ampliou ao longo dos anos — Sua extensa frente se enrugou um pouco quando fixou o olhar nos cravos rosa que havia no centro da mesa.

— Acredito recordar que uma vez foi uma espécie de monastério, ou que ao menos os alicerces da casa formaram parte de um edifício eclesiástico faz muitos séculos — Voltou a olhar a suas convidadas e baixou a voz. — Certos registros indicam, ou melhor, dizendo... — Se deu uns golpezinhos nos lábios com o guardanapo e acrescentou. — Alguns rumores sugerem que foi um refúgio para aqueles que não estavam afetados pela peste negra.

Madeleine percorreu as damas com o olhar. Igualmente a ela, as mulheres tinham concentrado toda sua atenção na historiadora, embora evidentemente por motivos diferentes.

—Para isolá-los os doentes? — perguntou lady Isadora com autêntica curiosidade.

—Para não perecer também, diria eu — a corrigiu a senhora Mossley ao tempo que tirava as migalhas dos lábios com a gema dos dedos. — Se um pode evitar a enfermidade se isola do mundo exterior.

A senhora Bennington-Jones soltou um bufado.



—Tolices. Quando Deus decide nos castigar com uma enfermidade, ninguém pode fazer nada por evitá-la.

Na estadia reinou o silêncio enquanto as damas assimilavam a informação. Depois, lady Isadora meneou a cabeça muito devagar.

—Mas quem se refugiou ali? Os clérigos? — Sua própria resposta pareceu satisfazê-la e voltou a apoiar-se no respaldo da cadeira. — Suponho que isso explicaria quem se encontravam ali e por que sobreviveram à peste. Os homens de Deus não adoeceram.

Madeleine agarrou sua xícara de chá e a levou aos lábios.

—Mas os homens de Deus não são mais que homens ao fim e ao cabo. E sucumbem à tentação, à enfermidade e à morte, como o resto dos mortais.

Todas as damas reunidas em torno da mesa pareceram irritadas diante semelhante comentário.

A senhora Rodney pigarreou uma vez mais, nessa ocasião a propósito.

—Acredito senhora DuMais, que foi a ajuda e a guia do Senhor o que fez que os clérigos tivessem o bom julgamento de se isolarem do mundo exterior até que a ameaça de perigo desapareceu.

Madeleine deu outro sorvo ao chá.

—Acaso sugere senhora Rodney, que o lar do barão foi em certa ocasião uma espécie de fortaleza para aqueles que procuravam refúgio?

—Exato — replicou a dama com uma inclinação de seu enorme queixo.

—Mas mesmo assim necessitariam comida e alguns fornecimentos básicos — replicou de forma afável. — A peste negra durou muitos anos e estou segura de que os que viviam dentro não puderam aguentar tanto tempo sem mantimentos e outros equipamentos indispensáveis.

A senhora Bennington-Jones lhe dedicou um sorriso de superioridade.

—Os monastérios de nosso país possuem as terras e os meios necessários para abastecer-se, madame DuMais. Não ocorre o mesmo na França?



Madeleine assentiu com a cabeça e mordeu a língua a fim de não replicar que para sobreviver não só se necessitava comida, mas também lenha e azeite, entre outras muitas coisas, além de notícias sobre o mundo exterior que permitissem aos refugiados manter o contato com outras pessoas. Mas não lhe fez falta dizer nada. Todas as demais sabiam também.

A senhora Mossley engoliu a última parte de seu bolo.

—Pode ser que morreram todos — Esboçou um sorriso de orelha a orelha diante de sua própria amostra de humor enquanto mastigava. — O que quero dizer é que tudo isso não é mais que uma fábula. Inclusive a senhora Rodney admitiu que somente é um rumor. A peste negra apareceu faz quinhentos anos. Ninguém pode estar seguro de algo que ocorreu faz tanto tempo.

Fez-se outro comprido silêncio antes que Desdémona acrescentasse com suavidade.

— Ouvi... rumores a respeito de certas luzes que aparecem de noite e sobre fantasmas que moram na mansão do barão do Rothebury. Talvez sejam os clérigos mortos...

—Venha Desdémona, pelo amor de Deus! — exclamou sua mãe com tom irritado. — Os fantasmas não existem. Os clérigos não se convertem em fantasmas. Tem uma imaginação fértil.

Desdémona afundou-se em sua cadeira com ar abatido e a senhora Rodney tentou relaxar o ambiente.

—Para falar a verdade, acredito que existem poucos feitos constatados detrás de tudo isto — admitiu antes de endireitar-se no assento para agarrar uma terceira parte de bolo. — Nem sequer sei se havia alguém vivendo no vale do Winter Garden faz tanto tempo. No melhor dos casos, os registros podem qualificar-se como vagos, e só a Igreja os conservava nessa época. Possivelmente se possa rastrear a história, mas é muito provável que o barão do Rothebury só tenha informação a respeito da propriedade depois de que sua família a comprasse.

—Eu diria que Winter Garden já existia naquela época, dada sua proximidade ao Portsmouth — assinalou lady Isadora com o cenho franzido. — Pode ficar em dúvida que a propriedade do barão seja tão antiga, mas acredito que havia gente vivendo no vale.

—Talvez, madame DuMais, possa perguntar ao cavalheiro com o qual vive se ele sabe — murmurou à senhora Bennington-Jones com um riso calculista nos lábios. — Não me cabe



dúvida de que vocês dois já... se conhecem bastante bem a estas alturas. E, depois de tudo, ele é um erudito, não é assim?

Produziu-se um silêncio incômodo. Um dos criados trocou de postura e fez ranger o chão de madeira; alguém deixou cair um garfo sobre o prato com descuido. À exceção da que tinha formulado a pergunta, todas as damas inglesas olhavam para outra parte: a xícara de chá, as flores... algo menos a ela.

Assim era isso... Fazia menos de uma semana que vivia a sós com o Thomas nessa pequena casa e já tinham começado a especular sobre a profundidade da relação que mantinham. Muito antes do que tinha esperado, ou do que teriam demorado na França, teve que admitir. Além disso, certamente que as especulações teriam sido muito mais conscienciosas e minuciosas. Em seu país natal, ao Thomas lhe teria considerado afortunado por ter a uma atrativa viúva como acompanhante; a ela, no pior dos casos, a teriam ignorado. Naquele pequeno povoado, ele seria desprezado e ela desprezada, ao menos por todas as mulheres respeitáveis. Thomas tinha razão. Não poderiam fingir que eram amantes. As damas já questionavam seus escrúpulos. Entretanto, até o momento, não tinham nada com o que confirmar essas hipóteses.

Madeleine dobrou o guardanapo sobre seu regaço com esmero e pensou com muito cuidado o que ia dizer.

—O senhor Blackwood é um erudito, senhora Bennington-Jones, mas não é do Winter Garden. Duvido muito que conheça a história do povoado.

—Isso é certo — conveio à senhora Rodney com interesse.

Madeleine esboçou um sorriso irônico. Todas elas conheciam já esse fato e, entretanto, tinham optado por fingirem-se ignorantes.

—Além disso, é um homem bastante introvertido. Sei bem pouco a respeito dele além do que tenho descoberto traduzindo suas memórias.

—E como diabos ele escolheu você dentre todos os tradutores da França? — perguntou à senhora Bennington-Jones com uma intenção evidente. — Não pretendo ser insultante, mas estou segura de que deve haver pessoas mais adequadas para realizar esse trabalho.



Madeleine a olhou nos olhos com expressão inocente enquanto retorcia o guardanapo com ambas as mãos.

— Seriamente, senhora Bennington-Jones?

A mulher endireitou seu enorme corpo no assento.

— Bom, estou segura de que há homens...

— Ah... Não me cabe dúvida de que os há — a interrompeu Madeleine com calma e de maneira impecável. — Mas eu sempre quis vir à Inglaterra e esta me pareceu uma oportunidade perfeita para passar algum tempo aqui. Desnecessário dizer que estou perfeitamente capacitada para o posto que ocupo, já que aprendi o idioma durante os seis anos que passei em um colégio particular de Viena dirigido pela célebre madame Bilodeau. Estou segura de que terá ouvido falar dela...

A senhora Bennington-Jones se limitou a piscar, desconcertada diante de uma pergunta que não tinha previsto.

— Claro claro.

Madeleine inclinou o queixo e sorriu com segura.

— Quando li em um periódico parisiense o anúncio no qual o senhor Blackwood solicitava a ajuda de uma pessoa perita e educada para traduzir suas memórias, enviei-lhe uma carta com minhas recomendações e uma lista de meus créditos, e ele me escolheu entre outros muitos candidatos. Partii da França poucos dias depois de receber sua missiva. Posto que sou viúva e não tenho filhos, senhora Bennington-Jones, posso fazer com meu tempo o que me venha em vontade. E essa é a razão de que esteja aqui.

Produziu-se outro penetrante silêncio. Ninguém se moveu nem disse nada. Depois, Desdémona se inclinou para diante em seu assento, obtendo que seus cachos loiros caíssem sobre a mesa e sobre as migalhas de seu prato.

— Esse homem não há assusta um pouco, senhora DuMais? — perguntou-lhe quase em um sussurro.

Madeleine arregalou os olhos.

— Me assustar? O senhor Blackwood?



Desdémona pareceu vacilar.

— É bastante... feio.

Madeleine ficou estupefata, nem tanto pela ingenuidade da jovem dama e sua ostentosa falta de maneiras, mas pelo quanto lhe pareceu semelhante ideia. Era um homem moreno e formidável, com cicatrizes tanto na face como no corpo, mas jamais teria utilizado a palavra «feio» para descrever ao Thomas.

— Pelo amor de Deus, Desdémona... — ralhou sua mãe com evidente embaraço, enquanto a puxava para obrigá-la a sentar-se erguida de novo.

— Está claro que é um homem muito grande, verdade, querida? — corrigiu-a a senhora Mossley com o primeiro toque de distinção que tinha mostrado desde que começaram a tomar o chá. — Sem dúvida a palavra que procurava era «intimidante».

— Assim é — replicou Desdémona, nervosa, com o olhar cravado em sua xícara.

Depois de apertar os lábios e alisar as saias, Madeleine escolheu esse preciso momento para deixar as coisas claras.

— Devo admitir que é um homem bastante corpulento e que talvez resulte intimidante para muitos, em especial para as mulheres. Entretanto, eu não o encontro aterrador absolutamente, senhora Winsett. Tampouco me parece um galã. Em que pese a tudo é um anfitrião cortês, agradável na medida apropriada, e para lhe ser honesta, parece-me bastante atraente. Bonito, em sua aparência rude.

A confusão reinou na estadia. Não sabiam como interpretar aquilo, e essa tinha sido precisamente a intenção do Madeleine. Todas essas damas estavam seguras de que ambos mantinham uma relação mais íntima, talvez inclusive uma aventura amorosa. Todas salvo Desdémona, que ainda parecia um pouco perdida entre suas fantasias infantis e o mundo dos adultos.

A senhora Rodney estirou o braço e trocou de posição a bandeja dos bolos, embora não era preciso fazê-lo.

— Eu não o encontro particularmente bonito, mas é um cavalheiro, e bastante... viril. Não está de acordo, senhora DuMais?



—Certamente que é um cavalheiro — replicou. Levantou a colher para remover o açúcar e a nata do chá morno que não tinha a menor intenção de beber. — Entretanto, existem alguns... indícios de que as lesões do senhor Blackwood não se limitam somente a suas pernas, obviamente afetadas, embora não tenho nenhum registro que me permita confirmar este fato.

Não se ouvia nenhum som além das respirações. Madeleine aguardou um instante, segura de que tinha captado por completo a atenção das damas e de que nenhuma delas diria uma palavra até que se explicasse. A informação que esperavam que revelasse era muito fascinante.

Madeleine deixou a colher no prato e suspirou antes de levantar o olhar.

—Não queria parecer pouco delicada — acrescentou com toda tranquilidade — mas, uma vez que todas somos mulheres casadas, acredito que posso lhes dizer sem preocupação alguma que o senhor Blackwood e eu não temos nenhum interesse particular um no outro mais à frente do trabalho para o que fui contratada — inclinou-se para a mesa e baixou a voz até convertê-la em um sussurro a fim de instigar a intriga que sabia que todas elas sentiam. — Verão, o senhor Blackwood, padece também outras lesões que... bom... impedem-lhe de desfrutar das intimidades do matrimônio.

Todas ficaram petrificadas, olhando-a com distintos graus de fascinação e atordoamento como se não pudessem assimilar que tivesse mencionado um pouco de caráter tão pessoal. Não obstante, era francesa, e todas acreditavam de pé juntos que as francesas falavam com frequência e sem rodeios sobre as relações maritais. Além disso, essas incríveis notícias eram muito mais interessantes que qualquer possível indício de uma relação amorosa. Não se deteriam até sabê-lo tudo.

—E como diabos você sabe isso? — inquiriu à senhora Bennington-Jones em um rouco sussurro.

Madeleine voltou a sorrir e utilizou o garfo para cortar outro pedaço de bolo enquanto o resto das mulheres a observava.

—Para falar a verdade, não é mais que uma simples hipótese por minha parte, senhora Bennington-Jones. Mas pense nisto: suas lesões lhe provocaram uma marcada claudicação e não



mostrou nem o mais ligeiro interesse em mim como mulher. Como todas nos pertencemos ao gênero feminino, acredito que não há nenhuma de nós que não saiba como demonstrar os homens esse tipo de interesse. Também sei que as que estamos hoje aqui somos damas de certa categoria e que todas nos conhecemos muito bem as consequências que podem ter os rumores.

As damas contiveram bruscamente o fôlego diante a velada advertência. Madeleine notou com satisfação que todas se interessaram imediatamente pelo chá... à exceção da Desdémona, que a olhou com os olhos arregalados até que captou o significado do que havia dito e ruborizou.

—Senhora Mossley — acrescentou lady Isadora por fim —, pensa tocar o órgão na igreja no próximo domingo ou a senhora Casper se encontra já o bastante bem para fazê-lo?

Retomaram a um tema de conversa seguro e Madeleine se apoiou no respaldo de sua cadeira enquanto escutava com educação, encantada com o curso dos acontecimentos. Com a exceção da senhora Bennington-Jones, não lhe caía mal a nenhuma delas; poderia dizer inclusive que a encontravam intrigante. Convidariam-na outra vez. Possivelmente fosse francesa e um pouco solta de língua, mas também era refinada, elegante, respeitável e, sem a menor dúvida não estava se deitando com o senhor Blackwood. Isso era o que acreditavam, ou em parte. Madeleine tinha conseguido sufocar os rumores injustificados.

As intrigas tomariam uma direção diferente. Quando caísse a noite, em toda Winter Garden se falaria sobre o erudito e as feridas de guerra que o tinham deixado impotente. Nesses momentos, a única preocupação de Madeleine era como demônios ia se explicar ao Thomas.



Capítulo 4

Madeleine estava sentada comodamente no sofá, com os pés nus sob o vestido e um xale de lã sobre os ombros, contemplando a lenta dança das chamas. Fazia apenas meia hora que tinha retornado da reunião de chá da senhora Rodney, mas já estava escurecendo e Thomas, que esteve observando a propriedade do Rothebury de longe, ainda não tinha retornado. As nuvens tornaram a fecharem-se uma vez mais durante o caminho de volta a casa e tinham descarregado sobre ela a primeira chuva da tarde, que lhe tinha empapado o cabelo e a roupa. Nesses momentos, as gotas golpeavam contra o telhado com uma cadência constante e relaxadora.

Levava contemplando as chamas ao redor de vinte minutos enquanto meditava sobre tudo o que tinha descoberto nas últimas horas, embora em realidade era no Thomas em quem mais tinha pensado. Essa primeira semana juntos tinha resultado mais branda, já que ele tinha mantido distância. Madeleine sabia que não lhe parecia irritante nem desagradável, mas não tinha a menor ideia se gostava de estar com ela nem de se a encontrava desejável como mulher. Tinha-lhe levado uns quantos dias aceitar que embora era irrelevante o que opinasse dela no âmbito pessoal e não deveria lhe importar, incomodava-lhe não sabê-lo. Entretanto, o principal problema era que a possibilidade de uma relação íntima com o Thomas não era um desses temas sobre os que se podia conversar à hora do café da manhã, por não mencionar o fato de que seus desencaminhados pensamentos lhe impediam de concentrar-se no trabalho. Para ser sincera, nem sequer estava certa de querer manter uma relação desse tipo com ele. Sem dúvida alguma, não faria mais que complicar sua relação profissional, e seu trabalho, fossem quais fossem suas circunstâncias pessoais, sempre era o primeiro. Jamais faria nada que pudesse pô-lo em perigo. Os amantes iam e vinham, mas o trabalho era o único que lhe proporcionava uma satisfação constante na vida.

Uma vez que entrou no calor, tirou o xale dos ombros e o deixou sobre o braço do sofá. Logo terminou de fazê-lo foi quando sentiu uma presença na estadia e olhou para a porta.



Não o tinha ouvido entrar. O som da chuva tinha oculto seus passos. Entretanto, a dominante figura masculina enchia o vão da porta enquanto ele sacudia a água do capote sem deixar de olhá-la.

—Olá — disse com voz suave.

Uma palavra inocente que não implicava nada.

—Olá — respondeu ela enquanto estudava as gotas de água que ficaram aderidas ao seu cabelo, as leves rugas que sulcaram sua fronte quando se concentrou em desprender os enormes botões negros do casaco e a pele úmida e resplandecente de seu rosto, iluminada pelo fogo da chaminé.

—Houve sorte hoje? — perguntou Thomas, que deixou o capote no cabide antes de passar os dedos pelo cabelo.

A toda pressa, antes que ele desse-se conta de que o estava olhando, Madeleine baixou a vista para o tapete onde tinha apoiado os pés.

—Pois a verdade é que sim — respondeu, retorcendo os pés contra o suave couro de cor castanha. — Foi uma das típicas reuniões sociais, assim que a maior parte da conversa se centrou nas fofocas. Mas descobri algumas coisas que vale a pena ressaltar, e um par delas bastante interessantes — Escutou que se aproximava dela com esse passo lento e irregular e trocou de posição no sofá para olhar para diante, com as mãos sobre o regaço. — Que tal à tarde?

—Fria — replicou ele. — E desagradável em geral. A vigilância é a parte deste trabalho que menos eu gosto.

—Assim não averiguou nada — afirmou ela em voz alta.

Thomas agarrou o atiçador de ferro e avivou as brasas da chaminé.

—Tampouco o esperava depois de só três dias; entretanto, está claro que Rothebury não tem muitos visitantes. Mantém-se isolado e sai da casa em muito estranhas ocasiões — Deixou escapar um suspiro e fez um gesto negativo com a cabeça. — Mesmo assim, pergunto a que se dedica diariamente, já que não há muita propriedade que dirigir.



— Suponho que faz o que sabem fazer todos os nobres — comentou Madeleine com um pingo de humor enquanto contemplava como lhe marcavam os músculos das costas através da camisa branca de linho. — Sem dúvida repousa quanto pode, ordena aos criados que lhe preparem o banho e a comida, e que abrilhantem seus sapatos enquanto ele desfruta da riqueza e os luxos próprios de sua classe social.

Não podia distinguir seus traços com clareza, mas sabia que o comentário lhe tinha feito graça.

— Isso é o que acredita que fazem os nobres diariamente, Madeleine? — perguntou o homem com certo matiz de assombro antes de colocar o atizador em seu lugar e girar-se para ela para sentir o calor do fogo nas costas.

Madeleine encolheu um de seus ombros.

— Quando não fazem isso, estão ocupados em dirigir lucrativas operações de contrabando — Com um sorriso pormenorizado e sem deixar de olhá-lo nos olhos, acrescentou. — É provável que nos leve bastante tempo, Thomas. Teremos que trabalhar juntos durante alguns meses.

Devolveu-lhe o sorriso de forma vaga.

— Sou consciente disso.

— E lhe incomoda? — pressionou ela. Antes que pudesse responder e posto que não desejava que a pergunta parecesse muito pessoal, esclareceu um pouco as coisas. — O que quero saber é se estiver impaciente por retornar ao Eastleigh, a seu lar, com sua família — Com sua amante, pensou. De repente se deu conta de que não tinha considerado essa idéia com antecedência. Se ele tinha uma amante em casa, alguém por quem sentia um profundo carinho, isso explicaria por que se mostrava tão resistente a admitir a evidente atração física que existia entre eles. Entretanto, durante essa primeira conversa sobre xadrez que mantiveram, ele tinha dado a entender que levava muito tempo sem estar com ninguém. Igual a ela. Madeleine revolveu-se com inquietação no sofá.

Thomas ficou imóvel durante uns instantes, com os olhos cravados nela.



—Não tenho pressa por voltar para casa, porque ainda há muito trabalho que fazer aqui, Madeleine. Sou um homem muito consciencioso, e tenho a intenção de permanecer no Winter Garden até que tenha completado com êxito todos os meus objetivos, ou ao menos o tenha tentado. Tomo o trabalho com muita seriedade.

Completo seus objetivos? Não tinha a menor ideia do que se referia e teria descartado o comentário sem mais, se não soubesse que Thomas punha muito cuidado no que dizia. Se algo sabia com segurança sobre ele era que jamais andava pelos ramos.

—Bem — disse com uma funda exalação —, suponho que nesse caso estaremos juntos durante um período de tempo indefinido — Olhou mais à frente do ombro esquerdo masculino para contemplar o relógio do suporte enquanto passava os dedos pela cintura do vestido, sentindo o roce do encaixe sobre a pele. — Presumo que não há ninguém no Eastleigh a quem pode se incomodar que trabalhemos juntos de semelhante maneira.

Disse-o como se limitasse a expor os fatos. Observou como o ponteiro dos segundos do relógio percorria cinco espaços, e depois dez.

—Não tenho nenhuma amante, Madeleine — ele assinalou em voz muito baixa.

Ela o olhou imediatamente aos olhos, sentindo que as palmas das mãos umedeciam, que lhe avermelhavam as bochechas e um comichão no estômago.

A expressão do Thomas era intensa e penetrante, embora não revelava nada.

—A ninguém importará que trabalhemos juntos assim nem de nenhuma outra maneira — adicionou em um tom despreocupado—, salvo aos residentes do povoado. Suponho que isso terá saído à tona na conversa de hoje, e eu gostaria de saber o que averiguou.

Madeleine piscou com surpresa. Sua mente se enredou com ideias de sedução enquanto que a dele tinha retornado aos assuntos de trabalho. Por quê? Sentia-se incômodo falando sobre temas pessoais? Uma quebra de onda de calidez se deslizou desde seus ombros até os dedos dos pés quando se deu conta de que, com isso, ele a tinha liberado do apuro de ter que explicar-se. E a intuição lhe dizia que o tinha feito a propósito.

Thomas cruzou os braços sobre seu amplo peito, à espera.



—O dia resultou muito esclarecedor — lhe explicou por fim com a esperança de que sua voz soasse tão seca como o parecia sua boca. — Havia cinco damas presentes na reunião de chá: Sarah Rodney; Penélope Bennington-Jones; sua filha, Desdémona Winsett; Catherine Mossley, e lady Isadora Birmingham.

—Conheço-as todas — interveio ele.

Madeleine sentiu que começava a relaxar enquanto seus pensamentos se concentravam nos sucessos da tarde.

—Todas foram amáveis, embora suspicazes em um princípio. Por que sou francesa, já sabe. Durante um tempo se limitaram a me ignorar, mas fiz notar minha presença lhes perguntando quem era o dono da casa do lago.

Thomas demonstrou sua aprovação com um pequeno assentimento de cabeça e ela seguiu adiante, apoiando os cotovelos nas coxas e unindo as mãos para apoiar o queixo sobre os nódulos.

—A senhora Mossley e lady Isadora não sabiam nada relevante. Estou segura disso. A senhora Rodney sabe um montão de coisas sobre o Winter Garden, é obvio, e sobre a mansão do barão. Segundo os rumores, o lugar serviu de refugio durante a época da peste negra, embora ela admite que nada disso foi demonstrado e que é provável que se exagerou com o passar do tempo.

Isso apanhou seu interesse.

—Resulta fascinante.

—Também me pareceu isso, mas não vejo relação com o Rothebury nem com os possíveis negócios ilegais que esse homem possa trazer entre as mãos na atualidade.

Thomas meditou um momento e depois sacudiu a cabeça muito devagar.

—Pode que sim, pode que não. A estrutura original da casa é muito antiga.

Os olhos do Madeleine resplandeceram e sua boca se curvou em um sorriso travesso.

—Possivelmente o barão do Rothebury tenha descoberto a localização do cemitério e tenha oculto o ópio roubado no interior das antigas tumbas dos clérigos mortos.



Durante um par de segundos, o homem pareceu desconcertado por seu repentino intento de brincar. Logo entreteceu os olhos.

—Madeleine...

Adorava a forma em que pronunciava seu nome. Sua voz rouca moldava o som e o fazia parecer uma jocosa reprimenda. Madeleine sorriu de orelha a orelha e ele fez o mesmo.

—Pode que aos monges tenham se incomodado — continuou. — Desdémona disse que tinha escutado rumores que afirmavam que se viam luzes e fantasmas na propriedade do Rothebury pelas noites.

O sorriso do Thomas se desvaneceu.

—O que?

—Estranho, verdade? — Seu tom se voltou sério uma vez mais de todas as formas, acredito que se de verdade existirem essas luzes e esses fantasmas, foi ela quem os viu. E não são clérigos mortos.

Ele a observou durante uns momentos, concentrado. Logo deixou cair os braços e começou a afastar-se muito devagar da chaminé, permitindo que a luz e o calor se derramassem de novo pela habitação. Madeleine se endireitou e alisou as saias antes de inclinar-se um pouco para a cadeira, mas ele não se sentou ali como tinha esperado. Em seu lugar, rodeou a mesa e se sentou no sofá, a uns trinta centímetros dela.

As vaias e crepitações do fogo e o ruído constante da chuva, que açoitava cada vez com mais força as janelas, criavam uma atmosfera íntima que, somada à inesperada proximidade de Thomas, fez que Madeleine se sentisse desconcertada por um momento.

—Algo mais? — perguntou ele ao tempo que estirava uma perna sob a mesa.

Ela se afastou um pouco.

—Desdémona se casou faz um par de meses, mas tenho a certeza de que ficou grávida antes de sua noite de núpcias. Além disso, não tirei nenhuma conclusão sobre ela, embora que não acredito que seja a dama inocente e recatada que sua mãe afirma que é. Não obstante, é bastante ingênua.



Thomas franziu o cenho enquanto a observava. Seu olhar se atrasou uns segundos sobre o cabelo, as bochechas e os lábios antes de voltar para os olhos. Apoiou o flanco sobre o respaldo do sofá e elevou o braço para estendê-lo sobre a parte superior, deixando a mão ao lado de Madeleine. Em qualquer outro homem, esse movimento não teria significado nada; no Thomas, resultou em certo modo provocador.

— E sua mãe?

— A sua mãe não gosta de mim — respondeu com serenidade. — Foi à única que seguiu mostrando-se abertamente hostil uma vez que deixei clara minha posição como dama de bom berço e viúva respeitável e as razões profissionais que me trouxeram para o Winter Garden.

— Você representa uma ameaça para ela — afirmou ele com simplicidade.

— É possível, embora não estou segura de por que.

— Siga trabalhando com a Desdémona.

— Isso pensava fazer.

Ele assentiu como se esperasse essa resposta.

— O que ocorreu com lady Claire?

— Estava convidada, mas não se sentia bem — Os dedos masculinos se encontravam nesse momento a um par de centímetros de seu ombro, mas tratou de ignorá-los. Baixou a voz e acrescentou. — Ao parecer, isso está se convertendo em algo habitual. Se for viciada, o ópio já começou a afetar seu modo de vida, e a coisa irá piorar.

Thomas tinha começado a esfregar o respaldo brandamente com a gema dos dedos e lhe tinha roçado a manga. Ela não tinha nem ideia de se o tinha feito a propósito, mas semelhante proximidade, sem nenhum movimento nem intenção anterior por sua parte, resultava invasiva. Entretanto, ele parecia meditar suas palavras sem dar-se conta de seu desconforto nem do que estava fazendo.

— Temos que vê-la — afirmou. — Quero conhecer o que opina dela, embora somente seja para descartá-la da lista. Organizarei um lanche com ela na sábado.

— Você organizará um lanche em sua casa? — Madeleine esboçou um sorriso zombador. — Tão seguro está de que o convidará?



—De que convidará aos dois, Madeleine — corrigiu ele. — E sim, convidará-nos. Ela desfruta de minha companhia e me encontra... encantador.

—Encantador... — repetiu Madeleine de maneira cortante.

Thomas inclinou a cabeça.

—Você não me encontra encantador, senhora DuMais?

Tinha certeza que estava tirando o sarro; tinha utilizado um tom grave e sedutor e estava sentado tão perto dela que Madeleine podia perceber o aroma das terras dos arredores misturado com a frescura da água e sua própria essência masculina.

—Flerta com ela — ela elucidou vacilante, ignorando a pergunta enquanto lutava contra o desejo de estender a mão para ele.

Os quentes olhos escuros de Thomas se entrecerraram enquanto continuava acariciando o sofá a seu lado. Justo então, seus dedos lhe roçaram a pele do pescoço com tanta delicadeza que apenas o notou. O contato lhe produziu um formigamento por todo o corpo e uma sacudida no estômago; deixou-a desorientada, já que não estava segura de que tivesse sido accidental. Entretanto, não se moveu.

—Está muito sozinha, e eu lhe dedico algumas adulações — explicou Thomas em voz baixa, sem perder nem um ápice de seu autocontrole. — Careço tanto da personalidade como do aspecto necessários para flertar.

Não obstante, Madeleine sabia que de algum jeito estava flertando com ela nesse momento, provocando-a, excitando-a fisicamente. Percebia-o de uma forma tão clara como sua proximidade. Tinha experiência. Reconhecia as distintas formas da sedução.

—Pergunto-me o que pensará a dama de mim... — comentou com expressão pícara e uma sobrancelha arqueada, sabendo que o estava pressionando.

Os olhos do homem estudaram seu rosto uma vez mais.

—Suponho que estará ciumenta... de sua beleza e sua presença a meu lado.

Ela se ruborizou, mas não apartou o olhar. Tampouco o fez ele, e isso resultou estranhamente gratificante para Madeleine. Entretanto, não podia deter-se aí.

—Acredita que sentirá ciúmes quando é óbvio que não existe nada entre nós?



—Não está cega, Madeleine. Dará-se conta — sussurrou ele imediatamente.

Isso fez que o pulso do Madeleine se acelerasse. Do que se dará conta, Thomas? Quis lhe perguntar, mas não o fez. Olhou-o com expressão interrogante, tratando de concentrar-se no tema enquanto seus pensamentos vagavam para esses traços duros e hipnotizantes: esses magníficos olhos que não se separavam dela; as largas e poderosas mãos que estavam a escassos centímetros de seu corpo, e as vívidas visões do que poderia chegar a sentir se essas mãos lhe acariciavam o pescoço e os ombros, as pontas dos peitos.

Madeleine vacilou e baixou as pálpebras ao tempo que desviava o olhar para a chaminé desejando que ele se sentasse na poltrona, como se supunha que devia fazer.

—Inclino-me a pensar que é Rothebury quem se dedica ao contrabando do ópio — assinalou com tom mordaz.

Thomas não respondeu imediatamente e ela não pôde adivinhar se lhe tinha surpreso ou não o brusco reatamento do tema que lhes concernia.

—Não deveria tirar conclusões, Madeleine — disse por fim. — Ainda não. Temos muito trabalho por diante e um montão de coisas que averiguar antes de chegar a alguma.

Tinha razão, é obvio. Entretanto, não tinha nem ideia do muito que sabia ela do ópio.

—Thomas, se tal e como você suspeita, lady Claire é viciada no ópio, resulta-me difícil acreditar que possa estar ao cargo de um grupo organizado de contrabandistas, mesmo que somente tome láudano — Respirou fundo e voltou a olhá-lo nos olhos. — Vi as consequências do vício em outras ocasiões. Se o utilizar diariamente, sua mente estará ocupada em outras coisas. Não se dedica ao contrabando.

—Nesse caso, estaremos atentos e averiguaremos tudo o que possamos — replicou ele com tom sério.

Madeleine levou um momento a dar-se conta de que não descartava suas opiniões nem se mostrava cético diante do que dizia. Estava sendo consciencioso. Não sabia o que dizer, de modo que se limitou a assentir vagamente.

Uma invisível quebra de onda de tensão passou de um a outro: cálida, densa e silenciosa. Ele a percebeu, ao igual à Madeleine, e também notou sua confusão, a expressão



sombria de seus formosos olhos e a linha apertada de seus lábios. Conhecia suas preocupações, seus passados medos, e lhe custou um soberano esforço não inclinar-se para frente alguns centímetros e unir seus lábios com os dela a fim de apagar suas angústias para sempre com um beijo. E ela o devolveria. Disso estava seguro. Agora que estava ali, a sós com ele na casa, a seu lado todos os dias, esperar para lhe fazer o amor resultava fisicamente doloroso. Desejava deixar claras suas intenções, mas não o faria. Madeleine não estava preparada para as consequências, e tampouco ele. Necessitava mais tempo.

Não tinha deixado de pensar nela em todo o dia enquanto permanecia aconchegado entre os gélidos arbustos sem ver nada; perguntou-se se teria êxito, o que pensariam as damas inglesas sobre ela e como reagiria diante o envenenamento e os insultos velados. Era uma mulher esplêndida, refinada e inteligente, com um talento natural para a arte do engano. Teria-lhe encantado vê-la em ação.

Nesse momento estava sentada junto a ele, adorável à luz do fogo, com seus sentimentos ao descoberto e tão confusa pela atração que sentiam um pelo outro que não estava segura se ele a tinha notado. Perguntava-se se lhe havia tocado o pescoço de propósito, e se voltaria a fazê-lo de novo. O mero feito de pensá-lo o fez sorrir e ela cravou o olhar em sua boca. Com o tempo, encarregaria-se do desconcerto que lia no rosto feminino.

Madeleine se moveu um pouco e alisou as saias; separou a seda de suas coxas, como se desejasse evitar qualquer contato físico. Essa ação deliberada o desconcertou, já que estiveram em contato do ombro até os joelhos no lago poucos dias atrás, e naquele momento não parecia havê-la incomodado. Nesse instante parecia incômoda nervosa por algum motivo.

— Há algo mais que deva saber? — perguntou com tom indiferente.

Sem olhá-lo, ela estendeu o braço por detrás de sua cabeça e tirou o pente de prender o cabelo do cabelo para deixá-lo sobre a mesinha, com isso o comprido e abundante cabelo deslizou-se sobre o ombro até o peito direito. Parecia formado por fios de seda da cor das folhas outonais. Algum dia enredaria os dedos nele, o aproximaria da face e inalaria a fragrância que por agora somente detectava levemente.



— Sim, há algo mais que devo lhe dizer Thomas, e não estou segura... — Se deteve um instante e, depois de um momento de vacilação, ficou em pé e caminhou com elegância para a chaminé sem apartar o olhar da caixa de música do suporte. — vou dizer sem rodeios, e espero que não se zangue.

— Me zangar? Por quê?

Madeleine pensou bem o que ia dizer e depois ergueu os ombros para que o vestido se ajustasse à perfeição às curvas de suas costas.

— Embora sem intenção alguma por minha parte, a conversa durante o chá se centrou em você.

Ele se reclinou no respaldo e contemplou o reflexo do fogo na suave pele de alabastro de sua nuca.

— Supus que ocorreria.

Ela levantou a vista por um momento para o teto e depois deu a volta para olhá-lo no rosto, embora cruzasse os braços sobre o peito em um gesto defensivo.

— Me perdoe Thomas — soltou de repente —, mas as damas faziam sugestões, formulavam perguntas e realizavam comentários sobre coisas que não eram de sua incumbência. Devia acabar com os rumores, assim iniciei um de minha própria criatividade.

Thomas não sabia como tomar isso exatamente, mas tinha despertado a curiosidade.

— Explique-se, Madeleine.

Ela umedeceu os lábios.

— Desdémona me perguntou se você me dava medo. Disse-lhe que não. Logo a senhora Mossley comentou quão grande era você (que é) e isso deu pé à senhora Rodney para me perguntar se o achava viril.

Thomas se esticou por um momento, tanto por causa da antecipação como das prazenteiras esperanças.

— E o que respondeu você?

— Respondi que sim — confessou brandamente; cravou os olhos nele com um brilho estranho no olhar. — E também disse que era atraente.



Thomas baixou o braço do respaldo muito devagar para poder inclinar-se para diante e apoiar os braços sobre as coxas. Escutava o batimento regular do coração dentro de seu peito e se mordeu a parte interna do lábio inferior para controlar o sorriso que ameaçava arruinar sua expressão séria.

— Já vejo.

Ela esclareceu garganta.

— Isso não é tudo.

— Já tinha imaginado isso, dado que o fato de que me encontre atrativo e viril não é algo que possa me zangar, Madeleine.

Ela abriu os olhos arregalados e se moveu com inquietação sobre o tapete, embora no resto passou por cima o comentário.

— Em um primeiro momento se mostraram frias comigo, Thomas — continuou com voz alta e clara, sem intimidar-se —, porque já suspeitavam que fomos amantes e estiveram mexericando a respeito. O único que me ocorreu para salvar nossas reputações a fim de que pudéssemos permanecer juntos o tempo suficiente para terminar nosso trabalho foi lhes assegurar sutilmente que não existia nenhum tipo de interesse sexual entre nós.

Ele se limitou a olhá-la sem dizer nada.

Madeleine elevou o queixo durante uns segundos e descruzou os braços para esfregar os lábios com as palmas das mãos, nervosa.

— E supus que somente havia uma maneira de me assegurar de que me acreditassem: dizer-lhes que você é impotente.

O estalo distante de um trovão pôs de manifesto a comoção que seguiu ao comentário, e Thomas se deu conta de que até esse momento, jamais em sua vida o tinham deixado sem fala. Com uma aguilhoda de fúria diante tamanha audácia, olhou-a boquiaberto durante um mínimo instante, mas depois a fúria se dissipou e foi substituída por uma quebra de onda de diversão.

Para falar a verdade, tinha sido uma reação muito inteligente por sua parte. Brilhante, em realidade. Ninguém o conhecia no plano íntimo, assim não importava, já que o único que



tinha saído prejudicado tinha sido sua virilidade. Mas, como mulher que era, estava claro que não lhe tinha ocorrido considerar isso. E não era necessário perguntar como tinha explicado a cinco damas proeminentes do Winter Garden que não podia levar a cabo o ato. Teriam aceito suas lesões como prova suficiente.

Ela o estudava com atenção em busca de uma reação; estava nervosa, embora tentava ocultá-lo. Permanecia em pé quase em frente da chaminé, com as mãos enlaçadas às costas, deixando que o fogo desenhasse sua silhueta à medida que a estadia se obscurecia com a queda da noite. Thomas esfregou as mãos e esclareceu a garganta enquanto realizava um último intento por recuperar a voz.

— Bem — disse sem poder encontrar nada mais apropriado nesse momento.

Ela fechou os olhos.

— Sinto muito, Thomas. Sei que é algo muito pessoal e que sem dúvida não é meu assunto...

— Não, é nosso assunto, Madeleine.

Ela levantou as pálpebras e franziu um pouco o cenho, confundida.

Thomas guardou silêncio enquanto refletia. Depois apoiou as mãos nas coxas para ficar em pé e caminhou até colocar-se a seu lado, de face ao fogo. Madeleine não se apartou, mas ele percebeu a tensão que invadia seu corpo.

— É necessário que trabalhemos juntos — admitiu por fim com voz suave; tinha os olhos cravados no resplendor das brasas, e não nela. — Se outros suspeitassem que mantemos uma relação sexual nos resultaria muito mais difícil cumprir a missão com êxito. Acredito que já o mencionei antes.

— Sim.

A palavra soou como um sussurro rouco.

— Teremos que ser cuidadosos — acrescentou calmamente.

Perplexa, ela deu a volta de repente para olhá-lo, e ele fez o mesmo.



—Nem todo mundo acreditará que minhas feridas de guerra são o bastante graves para impedir que a deseje como mulher, Madeleine. Ou para evitar que reaja fisicamente a sua presença.

Seus olhos se abriram arregalados, frágeis e de um azul mais escuro. Sua pele resplandecia, meio em sombras meio dourada por causa da dança das chamas. Seus formosos lábios estavam molhados, já que os tinha umedecido antecipando um contato que desejava que não podia conseguir com facilidade. Nesse momento, Thomas teria dado todas suas posses terrestres por averiguar o que estava pensando.

—Eu... alegro-me de que não se zangou — sussurrou com um tom em parte defensivo, em parte confundido. — Temia que o fizesse.

—Seriamente?

—Resulta você imponente Thomas.

Havia-o dito como um elogio, e ele sabia. Assentiu antes de voltar a concentrar sua atenção no fogo. O tictac do relógio ressaltou o passar do tempo. Depois, com um rouco sussurro, reconheceu.

—Sua decisão de explicar nossa relação dessa maneira foi oportuna e racional. Foi uma solução inteligente, Madeleine.

Thomas notou que a tensão abandonava seu corpo e que ela relaxava os braços aos flancos.

—Espero que não creia que lhe neguei toda oportunidade com as damas solteiras do Winter Garden.

Tinha dado um tom frívolo ao comentário para tentar surrupiar-lhe e ele tinha toda a intenção de permitir que o fizesse. Desejava que ela soubesse. Mas não queria frivolidade.

O que queria entre eles era um escuro desejo, uma excitação incerta, uma sensualidade sem comparação e fantasias eróticas. As poderosas paixões que ela poderia despertar com sua fogosidade durante as semanas vindouras.

Girou-se para enfrentá-la, de lado para o fogo, e deu um passo para ela. Continuando, levantou o braço e apoiou a mão sobre o suporte por detrás de seus ombros para acariciar a



caixa de música com a gema dos dedos enquanto a olhava aos olhos. Ela não se moveu, mas o sorriso desapareceu de seus lábios.

—Não me importa ninguém mais que você, Madeleine. Em realidade, o que temo é que você tenha começado a acreditar que, por causa de minhas lesões, não poderei me comportar como homem.

Seu tom se tornou mais sombrio, e ela o tinha notado. Isso a surpreendeu, e bastante. De repente ficou tão quieta que Thomas começou a duvidar se respirava sequer.

Aproximou-se um pouco mais com a intenção de sentir a carga estática que se desprendia do corpo feminino, de inalar esse aroma próprio que tinha chegado a reconhecer e de permitir que suas pernas se perdessem entre as dobras do vestido. Sentiu que seu próprio coração se desbocava ao pensar em tocá-la, em levantar a mão e fechá-la sobre seu peito. Apenas o suficiente para acariciar a carne que avultava a seda e o encaixe. Apenas o suficiente para lhe brindar um segundo de prazer.

Ela percebeu o ardor em seus olhos.

—Thomas...

Com a respiração acelerada e a mandíbula apertada, Thomas se deu conta de que o que mais desejava no mundo era tocá-la. Inclinou-se para ela muito devagar e aproximou o rosto a um par de centímetros da esbelta curva de seu pescoço. Depois de perceber a calidez que emanava de sua pele, respirou fundo e soltou o ar com muita lentidão com a intenção de que o fôlego quente lhe acariciasse a bochecha e a orelha. Notou que Madeleine se estremecia, e o fato de saber que ela não pode controlar sua reação lhe produziu uma enorme satisfação.

—Não sou impotente — anunciou em um rouco sussurro. — Jamais o fui, e jamais poderia sê-lo a seu lado. Tem a prova ao alcance de sua mão.

Um minúsculo som, apenas perceptível, emergiu da garganta feminina.

—Reajo a sua presença, Madeleine; meu corpo responde ao verde. Mas não podemos nos converter em amantes. Isso complicaria as coisas — Fechou os olhos e acrescentou junto a sua orelha com um áspero murmúrio. — Só queria que soubesse que não luta sozinha contra o desejo. Eu o sinto sempre que penso em ti.



Apartou-se pouco a pouco dela. Madeleine tremia, mas tinha fechado os olhos com força e não os abriu quando notou que se afastava. Sua respiração era tão irregular como a dele e seus lábios se separaram de forma sedutora, suplicando seu contato. Thomas não pôde suportá-lo mais.

— Estou em chamas, Maddie — disse com voz seca, erguido frente a ela uma vez mais.

— Necessito o frio do exterior, assim irei dar um passeio.

Partiu sem mais, rápido e silenciosamente.



Capítulo 5

O ópio era uma droga que foi usada desde o começo dos tempos. Utilizada pela primeira vez no mundo antigo, as maravilhas do ópio foram aclamadas com o passar do tempo da Europa até o longínquo Oriente. Posto que a planta crescia bem nos climas quentes, estabeleceu-se um vasto e crescente comércio ao longo dos séculos, razão pela que resultava relativamente fácil consegui-la para todos aqueles que assim o desejavam. A extração de seu suco era complicada, assim que os consumidores sem experiência estavam acostumados a comer certas partes das flores ou as mesclar com líquidos para beberagem. Há princípios do século XVI, Paracelso, um físico suíço muito pouco convencional, denominou «ladanum» a um remédio apoiado no ópio que mais tarde foi chamado láudano: uma mescla líquida composta principalmente por ópio e álcool. Foi uma cura milagrosa para muitos, algo barato e fácil de obter. Quase todo mundo consumia ópio de alguma forma, devido a seu efeito calmante e a sua capacidade para diminuir a dor. Quase todos exceto Madeleine, que conhecia suas propriedades destrutivas melhor que a maioria. Tinha-as visto e experimentado de primeira mão durante quase vinte anos. Sua mãe o tinha fumado diariamente, junto com seus amigos, e tinha se convertido em uma viciada em muito tenra idade. Fumar ópio proporcionava uma quebra de onda de prazer muito maior que consumi-lo ou bebê-lo. Também gerava um comportamento muito mais irracional quando o efeito se dissipava, inclusive vômitos e dor física em alguns casos, e ao final uma dependência crescente que sua mãe tinha experimentado desde bem cedo. Madeleine tinha sido testemunha disso. Esse era o motivo principal pelo que sua mãe a tinha convertido na vítima de sua fúria e de suas contínuas mudanças de humor, no branco de sua angústia e da depressão que padeceu durante anos. Jacques Grenier, que em um princípio só era amigo de sua mãe e colega na companhia de atores, mas que ao final se converteu no primeiro amante do Madeleine quando ela somente tinha quinze anos, também o fumava. Entretanto, Jacques, a diferença de sua mãe, controlou-se. Nunca a tinha castigado,



nem física nem psiquicamente, tal e como estava acostumado a fazer sua mãe quando lhe acontecia o efeito.

Devido às experiências padecidas durante sua infância, Madeleine desprezava qualquer tipo de medicação ou produto que entorpecesse as faculdades mentais, incluindo o vinho, do que quase nunca tomava mais de um gole. Conhecia seus limites e sabia reconhecer o vício assim que o via. Nesse momento, sentada no escuro e parco salão de lady Claire Childress, olhava ao vício nos olhos.

A dama se sentou à cabeceira da larga mesa de madeira de bordo, coberta nesse momento com uma toalha de encaixe bordô e os restos de alimentos que permaneciam sobre a deliciosa baixela de porcelana branca. Thomas estava sentado a sua direita, seguido de Madeleine. Tinha sentido saudades em um primeiro momento estar sentada ao lado do Thomas e não à esquerda de lady Claire, mas depois se deu conta de que tinha sido intencional. Desse modo, a mulher recebia toda a atenção do Thomas, já que ele não podia falar com as duas ao mesmo tempo, enquanto que Madeleine, sentada atrás dele, ficava colocada em um lugar inferior. Em certo modo, tinha sido uma manipulação bastante inteligente por parte da dama, embora também bastante óbvia.

Os inexpressivos criados permaneciam de pé nas cercanias para emprestar ajuda assim que se necessitasse, mas embora havia sentido sua silenciosa presença, Madeleine só tinha visto ou escutado a três deles. Sem lhe importar ao parecer o que seu serviço pudesse presenciar lady Claire se embebedava e falava sem cessar, embora somente com o Thomas.

A conversa mantida durante o surpreendente e delicioso jantar, consistente em mousse de salmão, suflê de queijo, salada fria de milho e ervilhas tenras, centrou-se sobre tudo na própria lady Claire, em seu defunto marido, em sua propriedade (que a primeira vista resultava impressionante) e, como não, no emprego do Madeleine no Winter Garden. A dama tinha mostrado sua desaprovação com toda franqueza. Para dizer de maneira suave, tinha detestado a sua convidada desde que lhe pôs os olhos em cima, e Madeleine sabia muito bem por que. Lady Claire estava bastante enrabichada com o Thomas e não lhe agradava que houvesse outra mulher em sua companhia. Tal e como ele havia predito na quinta-feira anterior.



Mal falou com ele após, desde essa noite em que tanto a tinha excitado com umas quantas declarações implícitas, com aromas estimulantes e com essa voz grave e profunda carregada de luxúria. Seus temas de conversa se tornaram formais uma vez mais, e mantinham largos e embaraçosos bate-papos sobre trabalho e outros temas irrelevantes. Thomas tinha partido muito cedo na sexta-feira e tinha retornado na hora do jantar. Entretanto, eram extremamente conscientes um do outro. Madeleine descobria seus olhos postos nela sempre que se encontrava perto, e graças à enorme experiência que estava reunindo de um tempo a essa parte, sabia que seus pensamentos estavam centrados nela. Oxalá tivesse podido averiguar o que pensava exatamente.

Por fim, essa mesma manhã, depois de desfrutar de seu primeiro banho na estalagem Kellyard, embelezou-se para o jantar com o mesmo vestido que vestiu na reunião de chá da senhora Rodney e recolheu o cabelo em um conservador coque. Algo mais tarde, Thomas e ela tinham caminhado juntos e em silêncio através da buliçosa atividade que reinava aos sábados no povoado para dirigir-se para o extremo norte, onde se encontrava a fastuosa propriedade de sua anfitriã.

Thomas, elegante tanto em seus atos como em suas palavras, tinha-a apresentado como sua tradutora, é obvio; e Madeleine tinha sido recebida com frieza, tal e como se esperava. Qualquer teria advertido a primeira vista que lady Claire tinha sido uma moça muito formosa em sua juventude, tão malcriada e consentida como muitas das de sua classe. Nesse momento parecia muito magra frágil até o ponto do desfalecimento, e o envelhecimento de sua pele resultava mais que evidente. Madeleine estimou que não teria mais de quarenta e cinco anos, embora parecesse quinze anos mais velha. Usava um caro vestido feito à medida de cetim bronze escuro que sem dúvida teria parecido arrebatador em alguém cuja figura apresentasse alguma curva entre o busto e os quadris. Nela, entretanto, a malha parecia pesada e pendurava de seu corpo como uma enorme cortina. Seu cabelo castanho claro, recolhido em um puro coque sobre a nuca, mostrava já alguns fios cinza, tinha perdido o brilho e certamente mostrava um aspecto quebradiço nas pontas. Contudo, era sua pele a que mais tinha sofrido às mãos de suas indulgências. Tornou-se pálida, sem vida e enrugada, com bolsas sob o pescoço e ao redor



dos olhos que a mulher tinha tratado de dissimular com uma espessa capa de pós e que não tinha conseguido a não ser as ressaltar mais.

Na opinião de Madeleine, lady Claire estava morrendo. Nesse momento estava afundada no assento a causa do excesso de álcool e conversava com voz ébria, fazendo caso omisso tanto dela como da comida que tinha no prato. Acariciava com a gema dos dedos a pequena taça de cristal que continha a medicina cor rubi, aguardando a que terminasse o jantar para poder tomar-lhe. Estava claro que era uma consumidora habitual, e esse costume de mesclá-lo com álcool algum dia acabaria cobrando-lhe.

Era só uma questão de tempo para morrer, fosse por causa de uma dose excessiva ou porque seu corpo sem vida não aguentasse nem um excesso mais. Thomas devia sabê-lo também; devia saber muitas mais coisas das que lhe tinha contado durante a conversa que mantiveram o dia de sua chegada ao Winter Garden. Por essa razão «adulava» lady Claire, como ele a chamava. Era certo que a mulher estava sozinha, afogando-se em álcool e láudano. Não obstante, a Madeleine dava a impressão de que a dama não a odiava por ser francesa, mas sim porque em certo modo lhe tinha roubado a única atenção que recebia de um homem solícito.

Nesse instante, ambos falavam sobre a biblioteca do Childress, que se encontrava ao outro lado do corredor, frente à grande sala de música da que já tinham conversado; conversavam a respeito de sua ampla e incomum variedade de livros, que tinham sido recolhidos pela família de seu marido durante mais de três gerações. Thomas assentia com a cabeça nos momentos oportunos e escutava cortesmente enquanto lady Claire tagarelava sobre alguma insignificância. Madeleine imaginava sorrindo-lhe à mulher com um brilho tenro nos olhos, mas não podia vê-lo para assegurar-se.

— Formam parte de uma coleção magnífica, e o bom barão do Rothebury me comprou algum de vez em quando durante os últimos meses, Thomas — anunciou lady Claire com orgulho ao tempo que levantava a colher e agitava o vinho com frutas. — Supus que o encontraria interessante dada sua condição de erudito. Possivelmente também queira vê-los.



Ante a menção do barão, Madeleine se concentrou na conversa uma vez mais; agarrou a colher e a afundou na bebida sem dizer nada no momento, já que queria averiguar para onde levava o tema Thomas.

—O barão do Rothebury está comprando seus livros? — perguntou com tom casual para esclarecê-lo.

Lady Claire sorriu o suficiente para revelar seus amarelados dentes.

—Ao parecer é um de seus passatempos.

—Seriamente? — Parecia bastante interessado. — E o que acredita que quer fazer com esses velhos livros?

A dama entreabriu as pálpebras antes de inclinar-se para diante para colocar uma de suas mãos enluvadas sobre a manga da jaqueta masculina.

—São algo mais que velhos livros, Thomas. Alguns deles valem uma verdadeira fortuna. E ele também é um colecionador, se por acaso não sabia — Sua fronte se encheu de rugas. — Não, isso não é certo. Em realidade, acredito que poderia considerá-lo, mas bem um comerciante.

Isso despertou a curiosidade de Madeleine. Não podia deixar passar um comentário tão estranho sobre um de seus suspeitos.

—Um comerciante de livros — repetiu Thomas. — Fascinante, sem dúvida. Entretanto, vi a esse homem uma só vez, de modo que apenas o conheço.

Thomas se apoiou no respaldo da cadeira, e Madeleine se perguntou se o que pretendia em realidade era se livrar do férreo apertão da mulher. Se havia algo que percebia nele era que essa dama não o atraía absolutamente.

As arrumadas sobrancelhas de lady Claire se arquearam em uma fingida surpresa.

—Por Deus, acreditei que todo mundo conhecia o barão — Soltou uma risada nervosa e deixou cair ruidosamente a colherinha de sua mão esquerda sobre o prato de porcelana. — Embora possivelmente não leve vivendo no Winter Garden o tempo suficiente. Terei que convidá-los a ambos a tomar o chá algum dia.

— Eu adoraria — replicou Thomas ao tempo que agarrava a bebida.



Jamais ocorreria algo assim; ele sabia, e Madeleine também.

— Conhece bem ao barão do Rothebury, lady Claire? — interveio por fim Madeleine.

A expressão da dama se voltou frágil e quebradiça quando cravou nela seus olhos injetados em sangue pela primeira vez em muitos minutos.

— Não tão bem como ao Thomas.

— Não o teria imaginado... — replicou ela com cortesia ao tempo que tomava uma rodela de maçã com a colher. — Mas escutei muitas coisas sobre ele durante os últimos dias, e eu gostaria de conhecê-lo.

Sem pensar um instante, a mulher esboçou um sorriso zombador.

— Não acredito que isso chegue a acontecer. Ele não pertence a sua classe social, senhora DuMais.

Um dos criados tossiu. Thomas moveu uma das botas no chão polido. Como foi pega completamente despreparada, Madeleine esteve a ponto de engasgar-se com a suave sobremesa com sabor de canela que deslizava por sua garganta. Jamais tinha sido tratada de semelhante maneira por alguém de sua condição social.

Ficou rígida e baixou muito devagar a colher até o prato.

— Sou consciente de que possivelmente o barão e eu não tenhamos muitas coisas em comum...

— Acredito que isso diga de uma maneira muito suave — interrompeu a dama. Depois de apartar a mão da manga do Thomas, ergueu-se no assento e aferrou a taça de vinho e frutas com tanta estupidez que se derramaram umas quantas gotas pela borda. — Suponho que no lugar de que procede qualquer mulher, seja da classe social que seja, pode manter relações com cavalheiros de bom berço, mas aqui não acontece o mesmo.

Inclusive na França, «manter relações» significava muito mais que conhecer-se. Madeleine não perdeu a compostura, mas sim o apetite. Depois de uns segundos de incômodo silêncio, Thomas pigarreou e se inclinou um pouco para ela para defendê-la de algum modo detrás de um de seus amplos ombros.



— Acredito que o que a senhora DuMais queria dizer é que gostaria de conhecer algumas pessoas durante sua estadia no Winter Garden — assinalou em branda voz com um tom e um sorriso carregados de encanto e lógica. — O barão do Rothebury não é mais que uma delas. E possivelmente não seja possível, já que não ficará na Inglaterra muito tempo.

Lady Claire entreteceu os olhos enquanto passeava o olhar entre um e outro. Continuando, deu um comprido gole de vinho e deixou a taça na mesa.

— Estou segura de que isso será o melhor. O barão sempre organiza uma recepção em janeiro, como bem sabe: o baile de máscaras do Winter Garden. É uma formosa festa que oferece todos os anos. Possivelmente você queira me acompanhar, Thomas.

— Seria para mim um prazer, lady Claire — respondeu ele com ar pensativo. — Mas, para falar a verdade, duvido muito que receba um convite. Tampouco eu pertenço a sua classe social.

Ela pareceu magoada.

— É óbvio que sim. Você é um homem iluminado — Descartou a possibilidade com um gesto irritado da mão. — De qualquer forma, isso não importa absolutamente. Levaria-lhe como meu convidado.

Thomas assentiu muito devagar enquanto agarrava um pedacinho de fruta da bebida com a colher.

— Mas o que passaria com a senhora DuMais?

Os traços da dama se esticaram.

— O que quer dizer?

Thomas encolheu os ombros.

— Quem a acompanhará se ainda estiver no povoado?

Madeleine sabia que ele estava provocando a mulher de maneira intencional. Havia um bom número de respostas razoáveis que já tinham discutido, e não havia nenhuma necessidade de falar delas de novo.

Lady Claire se endireitou em seu assento, obtendo que os ossos de seus ombros ressaltassem ainda mais.



—Ela não é digna de um convite, Thomas. Não é mais que sua empregada.

De repente, o ambiente se voltou sufocante. Madeleine entrelaçou as mãos sobre o regaço, à espera, e se negou a pronunciar uma só palavra em sua defesa. Passaria por cima dos insultos em bem de sua missão.

Thomas agarrou outro pedacinho de fruta da bebida e depois deixou a colher a um lado.

—Entretanto, a senhora DuMais também é uma mulher iluminada, lady Claire, e, como ingleses, deveríamos mostrar-nos hospitalares com ela durante sua estadia em nosso país, não está de acordo? — Sorriu de novo e se inclinou para a esquina da mesa. — Pode que ao barão lhe pareça encantadora. Isso nos deixaria mais tempo a você e a mim para estarmos a sós.

O rubor se estendeu das bochechas até a ponta do nariz da dama, e a magra linha de seus lábios se esticou. Contudo, negou-se a olhar a Madeleine.

—Não cabe dúvida de que o bom barão do Rothebury a encontrará encantadora, Thomas. Basta olhá-la para saber o que é.

Madeleine ficou rígida ao sentir a primeira quebra de onda de indignação. Supôs que o comentário, pronunciado com tão extraordinária falta de respeito, tinha-a incomodado mais que nunca em sua vida porque lhe preocupava que Thomas estivesse de acordo. Não obstante, ele interpretou seu papel à perfeição.

—Lady Claire — disse com serenidade —, eu estou seguro de que a senhora DuMais procede de boa família...

—E eu estou segura de que não. Além disso, não lhe convém uma mulher assim, Thomas.

Isso foi à gota que encheu o copo. O constrangimento foi absoluto; a grosseria, entristecedora.

—Tem razão, lady Claire — afirmou Madeleine com descaramento ao tempo que elevava o queixo e cravava o olhar nos desumanos olhos da mulher. — Minha mãe era uma atriz.



Incomodou-lhe sobremaneira o absurdo sorriso de satisfação que apareceu imediatamente no rosto da dama, mas isso deixou de ter importância quando Thomas estendeu a mão por debaixo da mesa e lhe colocou a palma sobre a coxa.

O primeiro pensamento coerente do Madeleine foi que tinha uma mão muito grande, cálida até através das capas de tecido do vestido e as anáguas; e os largos dedos masculinos chegavam até a ligeira dobra que separava suas pernas.

Permaneceu imóvel, sem olhar à outra mulher. Thomas agarrou a taça com a mão esquerda e, depois de dar um lento e comprido trago, voltou a deixá-la sobre a mesa.

Alheia ao que ocorria na estadia, lady Claire elevou sua taça e fez o mesmo.

— Seu pai também era ator, senhora DuMais? — perguntou com cruel sarcasmo segundos depois.

Thomas lhe deu um ligeiro apertão. Ela não sabia se tratava de uma advertência ou de um gesto de compreensão, mas nesse momento não lhe importava, já que ele ainda não parecia disposto a soltá-la.

Tentou falar com confiança.

— Não conheci meu pai, lady Claire — Uma mentira descarada que somente serviria para incrementar o deleite da dama, mas se negava a degradar a lembrança da única parte positiva de sua vida contando a uma mulher que sem dúvida a ridicularizaria.

— Entendo... — replicou lady Claire com exagerada preocupação. — Então alguma vez chegaram a casar-se?

Madeleine notou que Thomas movia os dedos. Ele não disse uma palavra, mas nessa ocasião tomou como uma advertência. Até nessas circunstâncias, sentia seu enorme corpo muito perto dela, a calidez que se filtrava através do traje de lã marrom, a palma que lhe abrasava a perna e os dedos que a pressionavam tão perto da união das coxas. Desbocou-lhe o coração ao dar-se conta de que, embora ele não podia sentir nada diretamente, era bastante consciente do lugar exato no que a estava tocando.

Notou que ruboriza as bochechas e que lhe brotavam gotinhas de suor entre os peitos, mas sabia que ele desejava que mantivesse a compostura. Esse devia ser seu objetivo. Madeleine



deu graças a Deus pelo fato de que Thomas ainda não houvesse olhado, já que estava segura de que do contrário teria desmoronado.

Sentindo os braços tão pesados como se de ramos se tratassem, levantou as mãos de seu regaço. Apoiou uma delas sobre o braço da cadeira e a outra sobre suas coxas, sob a mesa, para cobrir os nódulos masculinos.

Ele não se moveu.

—É obvio que meus pais estavam casados — murmurou; sentia a língua torpe e seca enquanto tentava pensar o que estava dizendo. — Era um capitão de navio inglês, lady Claire. Morreu nas Índias Ocidentais antes que eu nascesse.

Sua anfitriã estremeceu de forma evidente diante de semelhante revelação e agarrou sua taça de vinho para beber de um último trago o que ficava.

—Sabia isso quando contratou a esta mulher, Thomas?

Ele respirou fundo antes de admitir sua preocupação.

—Sim, mas decidi que, na hora de escolher um tradutor, a educação era muito mais importante que uns antecedentes que não se podem mudar.

Lady Claire soltou de repente a taça de vinho e o olhou fixamente, estupefata.

—A linhagem é tudo.

—A meu parecer — replicou ele com voz gélida—, ao final é muito mais importante o que alguém faz de sua própria vida.

Madeleine sentiu uma súbita quebra de onda de prazer ao ver que a defendia, em especial porque o fato de que expressasse semelhante opinião punha em risco sua missão.

A dama cravou um olhar envenenado nela, mas depois compôs uma expressão de lânguida resignação.

—Seu aspecto lhe enfeitiçou, Thomas.

Ele negou com a cabeça.

—Não é fácil me enfeitiçar, milady. Sei exatamente quem é esta mulher.

Madeleine se estremeceu ao notar o tom contundente de sua voz, mas ele seguia sem olhá-la e sem apartar a mão de sua perna. Não obstante, a conversa começava a tomar um giro



que não lhes convinha absolutamente, e ela não podia deixar que isso ocorresse; não quando havia tanto em jogo.

—Minha mãe só escolheu os cenários porque não ficou mais remédio, lady Claire — explicou com seriedade uma vez recuperada enquanto elaborava uma esplêndida mentira. — Sempre lhe estarei agradecida, já que com essa degradante profissão conseguiu o dinheiro suficiente para que eu pudesse me educar na Suíça e encontrar ao final um companheiro ideal como meu defunto marido.

Por fim, Thomas girou a cabeça para ela, mas Madeleine foi incapaz de enfrentar a seu olhar. Ainda. Sentia a calidez de seus olhos sobre a pele. E ele sabia que tinha reagido a seu contato pelo rubor evidente que lhe tingia as bochechas.

—E o que é de sua família agora, senhora DuMais? — inquiriu a dama com tom seco antes de acariciar uma vez mais a taça de cristal que continha o láudano. — Sua mãe ainda... trabalha? — Pronunciou a última palavra como se tratasse de algo desprezível. Perverso.

Madeleine tinha recuperado por completo o controle e estava preparada para responder... até que os dedos do Thomas subiram ainda mais pela coxa e lhe cobriu o polegar com o seu. Nesse instante teve a absoluta certeza de que, embora somente com a ponta dos dedos, Thomas tinha acariciado a zona mais íntima de seu corpo.

Sentiu-se mais acalorada ainda e, ao final, decidiu olhá-lo nos olhos com valentia.

Ele sabia o que estava fazendo. Sabia, e Madeleine se derreteu ao perceber a ternura e o prazer que mostravam esses círculos de cor mel. Graças a sua maestria, os traços de seu rosto permaneciam inexpressivos, mas ela foi capaz de lhe ler os pensamentos. Não lhe preocupava absolutamente que os descobrissem. Estava desfrutando do momento.

Tratou de lhe apartar os dedos, mas ele se negou a retirá-los. Contudo, o que mais a irritava era que ele não fizesse essas coisas quando estavam sozinhos em casa e sim ali. Insistia em que não podiam ser amantes, mas a excitava a propósito no salão de jantar de lady Claire Childress enquanto trabalhavam. Não conseguia entendê-lo.

—Senhora DuMais?



Madeleine olhou imediatamente a sua anfitriã, que aguardava pacientemente uma resposta.

— Eu... — Se endireitou um pouco e se obrigou a continuar. — Faz anos que não vejo minha mãe, lady Claire — Devia ir ao grão antes de revelar algo indevido. — Com o tempo, começou a desfrutar das aditivas qualidades do ópio e deixou de pensar de maneira racional. Nem sequer estou segura de se segue com vida.

Thomas percebeu a mudança instantânea da atmosfera. O ambiente estava carregado de muito distintos tipos de excitação e isso, misturado com a hostilidade existente entre as mulheres e com a sensação que lhe provocava ter os dedos nesse lugar onde a prudência alcança as portas do paraíso, provocou-lhe uma intensa quebra de onda de desejo. Fazia anos que não sentia nada parecido. Madeleine era uma mulher maravilhosa e o demonstrava tanto com sua beleza e sua inteligência como com sua capacidade para ocultar o que sentia. A situação não era fácil para ela, e, entretanto não tinha perdido a compostura em nenhum momento. A necessidade de perder-se em seus olhos e em seus braços, para lhe proporcionar prazer, começava a ser avassaladora. Desejava-a com desespero, mas o único lugar onde podia permitir-se tocá-la aquele era um no qual ela não podia responder. Nesse momento estava a salvo, e embora não tinha planejado desconcertá-la com uma ação tão descarada, não conseguia obrigar-se a deixá-la.

— Estou segura de que abusou disso, senhora DuMais — disse lady Claire com um sussurro molesto e entrecortado que desvaneceu seus pensamentos libidinosos como se tratasse de uma forte bofetada. — Semelhante vida de desenfreio está acostumado a ter esse efeito nas mulheres.

Madeleine ficou tensa, mas não perdeu o controle.

— O ópio é aditivo em qualquer de suas formas, lady Claire, e pode resultar letal. Inclusive o láudano que acaricia com os dedos.

Thomas cravou o olhar na cabeceira da mesa. Aí estava a estocada. Os olhos da dama relampejaram e seu rosto se ruborizou sob a pele flácida. Ato seguido, seus traços se endureceram com uma fúria que não conseguiu ocultar.



— Isto é medicinal, senhora DuMais. Padeço uma enfermidade cardíaca que requer cuidados. Não tomo nem mais nem menos do que me aconselhou o médico.

Madeleine se revolveu em seu assento e levantou os quadris ao tempo que lhe apertava os nódulos para que ele não pudesse retirá-los. Thomas apertou os dentes e aspirou de maneira brusca. Não havia forma de interpretar mal seus atos. Tinha-lhe tirado a propósito a vantagem que tinha. Seus dedos roçavam agora o lugar que mais ansiava e, até a pesar da malha, notava o calor que emanava dele, o indício dos suaves e luxuosos cachos que um dia o levariam a êxtase.

Era impossível. Ela estava completamente vestida e era impossível notar aquilo. Era um homem faminto, e sua imaginação lhe tinha mostrado um festim que ainda não podia saborear. O coração lhe pulsava com força e, embora apartou o olhar dela, teve que fechar os olhos um momento para recuperar o controle. Não podia suportar mais, e estava seguro de que Madeleine sabia. Apartou a mão com suavidade e ela o deixou ir.

— Não me cabe dúvida de que necessita sua medicina, lady Claire — reconheceu Madeleine com um tom calmo e indecifrável que não permitia adivinhar o que pensava. — Não falava de você, mas sim de minha mãe. Não obstante, é certo que o ópio em excesso, em qualquer de suas formas, resulta letal.

A mulher não encontrou nada que dizer. Durante uns instantes, o ódio fluiu sem restrição dessa dama de alta linhagem que sabia muito bem como comportar-se. Entretanto, estava bêbada e não de tudo coerente. Thomas já a tinha visto assim antes.

Lady Claire levou imediatamente a taça aos lábios, fechou as pálpebras e apurou o conteúdo. Deixou que o líquido se deslizasse por sua garganta antes de lambe as gotinhas dos lábios. Quando os olhou de novo, seus olhos pareciam frágeis e seu rosto cansado. Velho.

— Devo me retirar a descansar, Thomas — murmurou com tristeza. — desfrutei muito de sua companhia, como sempre, e espero que volte logo. Possivelmente a próxima vez possa lhe mostrar minha extensa biblioteca e com sorte alguns dos quartos mais íntimos de minha extraordinária casa.



Aquilo foi um convite íntimo que ficou claro a todos eles, mas Thomas não pensava respondê-la nesse momento. Madeleine estava sentada ao seu lado, e podia perceber seu nervosismo. Já tinham visto o bastante, e era evidente que os estava despedindo.

Depois de deixar o guardanapo sobre a mesa, abotoou a jaqueta para ocultar a rígida necessidade que o embargava e a seguir ficou em pé com certa desenvoltura. Lady Claire lhe ofereceu a mão com expressão esperançada e ele tomou antes de agachar a cabeça para lhe roçar o dorso com os lábios.

— Sempre é um prazer visitá-la, milady. O jantar estava delicioso, como de costume.

A mulher baixou o queixo em um gesto elegante. Thomas lhe soltou a mão e se girou para Madeleine para retirar sua cadeira e ajudá-la a levantar-se.

— Vamos?

— Sim, Thomas — replicou ela com tom mordaz, olhando-o aos olhos sem revelar nada.

— Acredito que deveríamos retornar a casa e falar sobre o que começamos.

E tinha começado. Ele o tinha começado e não havia volta atrás. Madeleine parecia resolvida e determinada e ele, em certo modo, sentia que o peso das circunstâncias começava a afogá-lo.

— Obrigado por um jantar tão delicioso, lady Claire — disse Madeleine a sua anfitriã.

A dama não lhe fez o menor caso.

Ao vê-lo, Madeleine endireitou os ombros, deu a volta e saiu com ar régio do salão enquanto Thomas a seguia com a mão apoiada na parte baixa de suas costas. Lady Claire se daria conta sem dúvida de que a estava tocando e isso era exatamente o que Thomas queria.



Capítulo 6

Caminharam até a casa em silêncio. O céu tinha adquirido uma cor cinza escura, fazia um frio horroroso e a praça do povoado estava virtualmente deserta.

Tinham muitas coisas das que falar, mas Madeleine parecia absorta em seus pensamentos e ele não quis interrompê-la. Não lhe ocorria nada que dizer que não soasse evasivo ou falta de tato, e outra conversa sobre trabalho resultaria frívola. Sabia que ela tomaria satisfação sua grave falta de decoro logo que se encontrassem dentro das paredes da casa. Ao menos isso lhe concedia uns minutos mais para elaborar algum tipo de desculpa, embora a única coisa no que podia pensar era que o desejo de acariciá-la intimamente tinha sido tão forte que ela deveria lhe agradecer que não se inclinou para lhe sugar a pele do pescoço... diante de lady Claire e de todos seus criados. Não obstante, supôs que Madeleine não acharia nenhuma graça inteirar-se disso.

Quando chegaram à grade da propriedade, ela esperou a que abrisse a porta antes de passar. Nesse instante, soprou uma gélida rajada de vento que lhe baixou o capuz e a fez estremecer.

—Faz frio — murmurou Thomas, que se sentiu ridículo imediatamente por assinalar algo tão óbvio.

Ela se deteve em seco no atalho de pedra e deu a volta, com o que quase conseguiu que chocassem. Thomas reagiu e lhe aferrou os ombros com as mãos enluvadas para evitar que caísse.

Seus enormes olhos o olharam com expressão acusadora, mas não tentou apartar-se.

—Sim, Thomas, faz frio — conveyo com tom prosaico. — E posto que parece que somente se sente confortável comigo se falarmos do clima discutamos sobre esse aspecto — Elevou o queixo um pouco com um gesto inexpressivo. — Meus lábios estão congelando, e eu gostaria que os esquentasse.



A respiração de Thomas parou no peito. Nunca teria esperado algo assim. Deixou cair os braços aos seus lados e se afastou instintivamente.

Foi evidente que não gostou de semelhante reação. Seu olhar se endureceu e seus olhos se entrecerraram até converter-se em meras frestas. Entrelaçou as mãos enluvadas frente a seu peito com tanta força que pele esticou-se a altura dos nódulos.

—Somos um homem e uma mulher que se sentem fisicamente atraídos um pelo outro, Thomas, e sabe muito bem — disse com tom sério. — Decida no que quer que se converta nossa relação e eu o aceitarei, mas acredito que chegou a hora de que deixe de me torturar.

Ele piscou tão atônito que sem dúvida ela se deu conta. Nesse momento não só estava chateada com ele, estava furiosa. Torturando-a? Era isso que acreditava que estava fazendo? Supôs que sim. Duas noites atrás lhe tinha sussurrado junto ao pescoço que não podiam ser amantes porém, apenas meia hora antes a tinha acariciado com descaramento entre as coxas.

O vento gelado sacudiu uma mecha de cabelo sobre sua bochecha e Thomas estirou a mão para acariciá-lo com os dedos e colocar-lhe detrás da orelha. Madeleine se estremeceu de novo, mas não deixou de olhá-lo nos olhos, desafiando-o a que desmentisse o que havia dito.

Ficou tenso com o mero feito de pensar em beijá-la, tal e como lhe tinha pedido. Sentiu que seu corpo ficava rígido uma vez mais, até apesar do frio que fazia. Compreendeu de repente que nunca havia se sentido tão desesperado por fazer algo. Tinha chegado o momento de dar um passo para diante, de admitir o interesse que não tinha conseguido lhe demonstrar acariciando-a as escondidas ou com simples palavras. Agarrou-a por cotovelo com firmeza por cima da capa, girou-a para a casa e a conduziu pelo atalho de pedra até a porta principal.

—Thomas...

—Se tiver que te beijar, Madeleine, não penso fazê-lo aqui fora, onde qualquer poderia nos ver.

Semelhante lógica há aplacou um pouco, ao menos o suficiente para silenciá-la, mas Thomas sabia sem necessidade de olhá-la que ela sorria com ar satisfeito.



Deteve-se frente à porta, mas não a soltou enquanto procurava a chave no casaco. Surpreso ao descobrir que não lhe tremia a mão, abriu a fechadura com suavidade, empurrou a porta, empurrou Madeleine para que entrasse detrás dele e bateu a porta fechando-a.

Ato seguido se voltou para ela em metade do saguão e, embora escutava seu pulso nos ouvidos por causa de uma excitação como a que jamais havia sentido, seu corpo permaneceu consideravelmente calmo.

Ambos se olharam enquanto o ruído de suas respirações ressonava no vestíbulo vazio. Thomas titubeou por um breve momento, já que não tinha feito nada parecido em muitos anos. O nervosismo o enchia de insegurança e se sentia um pouco envergonhado. Entretanto, ela permanecia à espera, com as bochechas e o nariz vermelhos a causa do frio, desafiando-o com seus formosos olhos azuis a trocar de opinião, a voltar atrás.

Thomas não tinha a menor intenção de voltar atrás. Aquilo seria como entrar em suas fantasias, o começo de seus sonhos.

Com o casaco posto e a um passo de distância, inclinou-se para ela e fez uma pequena pausa ao ver que fechava os olhos. Depois desceu a cabeça e baixou as pálpebras. Percebeu a frieza de seu rosto e o aroma floral de sua pele um instante antes de notar uma extraordinária suavidade contra seus lábios... fresca, incitante... Perfeita.

Um som apenas perceptível e intensamente feminino saiu da garganta de Madeleine diante do primeiro contato. Essa pequena amostra de satisfação lhe acelerou a respiração e os batimentos do coração, levando-o imediatamente até os limites do paraíso.

Pressionou brandamente seus lábios, enfraquecendo-os ao tempo que esquentava os seus, embriagando-se de prazer, e não lhe exigiu mais. Queria saboreá-la bem para gravá-lo em suas lembranças. Madeleine levantou os braços muito devagar para lhe colocar as palmas sobre a nuca, lhe provocando um calafrio com o couro suave e frio sobre a pele. Thomas lhe rodeou a cintura com os braços para aproximá-la um pouco mais e divertir-se com seu contato antes de começar a mover os lábios contra os dela.



Madeleine lhe seguiu o jogo e abriu a boca para aumentar a intensidade do beijo antes de deitar-se para frente e apoiar o peito contra seu torso. Thomas lhe percorreu o lábio superior com a língua e estalou em chamas ao ver que ela começava a ofegar.

Estreitou-a contra si com um grunhido e deslizou uma mão da curva de suas costas até a parte posterior da cabeça. Ela fez o mesmo e apartou as mãos do pescoço para afundá-las em seu cabelo, aferrando-se a ele com uma necessidade crescente. A língua feminina se uniu à sua, seus fôlegos se mesclaram e os sons de suas respirações ressonaram com força no pequeno vestibulo vazio.

Thomas há empurrou um pouco para apoiá-la na parede. O ambiente se carregou de uma necessidade física abrasadora, e começou a beijá-la desafortadamente, provando-a, saboreando-a, ansiando mais.

Ela baixou os braços para levar as mãos até os botões de seu casaco. Mas Thomas queria o controle, assim lhe agarrou as mãos e a obrigou a deixá-los antes de colocá-las aos lados da cabeça, com os dedos colados ao painel de madeira que cobria a parede.

Manteve-a imóvel dessa maneira e intensificou a força do beijo sem deixar de sentir o batimento de seu coração e o suor que lhe corria pelo pescoço e a fronte. Seus dedos enluvados estavam enlaçados com os dela em um sutil desdobramento de dominação. Ato seguido indagou com a língua no interior de sua boca até encontrar a sua e começou a sugá-la, abrasando-a por dentro.

Madeleine elevou seu corpo na direção dele, indefesa embora desesperada para sentir algo mais. Durante instantes que pareceram horas, devolveu-lhe os beijos com destreza e paixão, dando tanto como recebia. Ao final, afogou uma exclamação contra sua boca e se apartou. Inclinou a cabeça para um lado, apertou os peitos contra seu torso e pressionou os lábios contra seu queixo.

—Me toque Thomas — suplicou em um sussurro rouco e entrecortado sobre sua pele.

Por Deus, quanto desejava tocá-la! Desejava sentir sua pele nua abrasando a sua, avivar as chamas entre suas pernas, afundar-se nessa úmida calidez e amá-la até que chegasse ao



orgasmo entre seus braços. Seu corpo lhe rogava que a arrastasse até o chão e tomasse ali mesmo. Imediatamente.

Mas não podia. Para ela não teria sido mais que um ato carente de emoções profundas, o começo de uma série de interlúdios ocasionais a que não demoraria para pôr fim, sem desejar nem esperar nada mais. Thomas tinha deslocado muitos riscos para permitir que isso acontecesse.

Nesse instante, a determinação dominou o desejo sexual e Thomas, que recordou qual era seu objetivo e a razão pela que a tinha levado ali, começou a deter-se. Percorreu com os lábios a cremosa suavidade de sua bochecha, sugou e mordiscou o lóbulo de sua orelha e a sentiu estremecer contra ele.

— Por favor...

— Agora não — sussurrou com um autocontrole do qual não se acreditava capaz. Foram as palavras mais difíceis que tinha pronunciado em sua vida. Ela deixou escapar um gemido de frustração devido ao desejo insatisfeito, e Thomas deslizou os lábios para cima por seu pescoço, desfrutando do aroma a lã e a mulher durante um último instante antes de fechar os olhos com força e afastar-se dela.

Madeleine apartou o rosto e ele apoiou a fronte sobre o frio e duro painel de madeira que havia atrás dela.

Permaneceram dessa maneira quase durante um minuto enquanto o batimento de seus corações ressonava na silenciosa casa e suas respirações se normalizavam. Thomas seguia estreitando-a com força, e ela não tratou de apartar-se.

— Madeleine... — sussurrou, e não lhe ocorreu nada mais que acrescentar.

Ela tentou respirar fundo, assim Thomas se separou o suficiente para que pudesse tomar fôlego. Soltou-lhe as mãos por fim e ela as deixou cair aos flancos. Ele apertou os punhos e os descarregou sobre a parede, ainda com os olhos fechados.

— É maravilhoso, Thomas — murmurou de maneira entrecortada e apenas audível.

O comentário alagou seu coração com uma deliciosa quebra de onda de calidez.

— Não me conhece — replicou ele com voz rouca.



Percebeu que ela se voltava para olhá-lo. Ato seguido, Madeleine elevou um de seus dedos e percorreu a cicatriz que lhe chegava até a boca.

— Farei-o ao seu devido tempo.

Disse-o com tal certeza que sua imaginação remontou o vôo e se dispôs a considerar todas as possibilidades implícitas.

Separou-se dela e deu a volta para apoiar as costas na parede antes de abrir os olhos por fim e contemplar o brilhante e escuro painel de madeira que tinha em frente.

— Não faz isto frequentemente, verdade? — perguntou ela em voz baixa segundos depois.

Estava tentando avaliar o beijo, sua experiência, e pela primeira vez desde que se conheceram, Thomas considerou a ideia de mentir, sem escrúpulos. Ao final, decidiu não fazê-lo.

— Seria mais apropriado dizer que ultimamente não o faço frequentemente, Madeleine.

Durante uns instantes não aconteceu nada. Pouco depois, ela suspirou e estendeu a mão para lhe apertar os dedos com doçura.

— Faria algo por mim, Thomas?

Ele girou a cabeça para olhá-la e tragou saliva com força ao ver sua pele ruborizada, o ardor da excitação que ainda brilhava em seus olhos e o sorriso travesso que esboçavam seus lábios cheios e sensuais.

— Uma vez me chamou Maddie — sussurrou muito devagar. — Eu gostaria que me chamasse assim de novo.

Antes que Thomas pudesse responder, ela o soltou, endireitou-se e entrou na sala de estar de caminho a seu quarto.



Capítulo 7

Justo às nove e meia, tal e como fazia os sete dias da semana sem exceção, Richard Sharon entrou em seu bem iluminado e suntuoso salão de jantar, onde o esperava o acostumado café da manhã consistente em três ovos cozidos, presunto e torradas. Seu mordomo, Magnus, saudou-o com um prosaico «bom dia» enquanto lhe servia o chá com um bule chapeado que mais tarde deixou sobre uma mesa auxiliar a fim de lhe retirar a cadeira situada à cabeceira da mesa. Richard se sentou comodamente e, sem uma palavra, Magnus lhe colocou o guardanapo no regaço, inclinou a cabeça uma só vez e partiu do salão. Richard utilizou o garfo para agarrar uma fatia de presunto e começou a comer com vontade.

A vida era maravilhosa, pensou ao tempo que estendia o periódico em cima da nova toalha espanhola de complicados bordados. Olhou a primeira página sem encontrar nada em particular que chamasse seu interesse: mais alterações com os trabalhadores portuários, um incêndio no extremo norte da cidade e as acostumadas irregularidades no Parlamento. Por desgraça, se tratavam de notícias atrasadas vários dias, mas isso não tinha remédio quando se vivia no campo. E, é obvio, jamais sonharia trocar o lar de sua família pela casa da cidade. Viver no Winter Garden tinha muitas vantagens, entre elas uns negócios muito lucrativos; e com o último trabalho estava obtendo uns benefícios que iam muito além do que imaginou em um princípio. Sim, sem dúvida a vida era maravilhosa.

Começou com os ovos enquanto seguia descartando a informação menos importante, e nesse momento seu mordomo entrou na estadia e esclareceu a garganta.

Richard levantou a vista para lhe fazer entender que reconhecia sua presença, sabendo de que a informação devia ser importante, já que tinha dado ordens estritas com respeito a ser incomodado durante as refeições.

—Perdoe a intromissão, milord, mas a senhora Bennington-Jones solicita um momento de seu tempo. Receberá-a?



Richard ocultou muito bem seu sorriso. Sempre recebia a Penélope Bennington-Jones, e Magnus sabia. Mas a obrigação do homem era perguntar-lhe e ele valorizava muito os serventes que cumpriam com sua obrigação. O excelente mordomo levava com ele seis anos e sempre seguia suas ordens sem as questionar... tal e como era seu dever.

Depois de voltar a concentrar sua atenção no prato, depositou uma parte de presunto sobre sua língua antes de mastigá-lo muito devagar e passar outra página do periódico, e tudo enquanto Magnus aguardava com as mãos às costas. Depois de tragar e agarrar a xícara de chá ordenou.

— Faça-a entrar.

O mordomo abandonou uma vez mais a estadia, e então foi Richard quem se viu obrigado a esperar com uma sensação em algum lugar entre a expectativa e o temor. Tinha enviado uma nota no dia anterior para solicitar uma visita de Penélope, e embora nunca teria imaginado que chegaria tão cedo, sabia que se apresentaria. Encontrava à dama irritante além de toda descrição, mas era sua fofoqueira preferida no Winter Garden, sobre tudo porque ela não tinha nem ideia do muito que valorizava suas intrometidas observações. De fato, a mulher nem sequer imaginava que a utilizava justo para isso. Contudo, adaptava-se ao trabalho à perfeição.

Momentos depois ele escutou o estalo continuado de seus saltos sobre o chão de parquet e se resignou a suportar a tortura, embora não estava disposto a revelar sua ansiedade. Seguiu comendo e lendo o periódico quando a rechonchuda figura da dama abarrotou a sala.

— Bom dia, lorde Rothebury — saudou com tom alegre.

Logo que levantou as pestanas para olhá-la, foi suficiente para captar o sorriso falso que esboçavam seus lábios, a expressão de malícia que se lia em seus ardilosos olhos e seu volumoso e extravagante vestido com o chapéu a jogo, cuja pluma se inclinava de forma estranha sobre sua cabeça devido ao vento que fazia fora. Essa mulher era grotesca e Richard desejou por enésima vez que seu melhor espião tivesse um aspecto um pouco mais agradável.



— Senhora Bennington-Jones, quanto me alegra sua visita... — respondeu com indiferença ao tempo que desviava a vista para um frasco de geléia de amora. Assinalou com o cotovelo uma cadeira contigua. — Faça o favor de me acompanhar.

Era uma ordem, não uma petição, e ela condescendeu a apertar seu enorme corpo e as avultadas saias na cadeira que tinha ao lado.

— Gostaria de um chá, senhora? — perguntou Magnus, que ficou em pé junto a ela com o bule e uma xícara vazia.

— Sim — respondeu a mulher com secura; não olhava ao criado, a não ser a comida do Richard e a forma em que este estendia a geléia sobre uma torrada.

Sabia que Penélope esperava um convite para tomar o café da manhã, mas estava claro que não precisava mais nutrientes, assim que se negou a alimentá-la. A boa comida resultava muito cara.

Magnus lhe serviu o chá e voltou a deixar a bule na mesa auxiliar antes de abandonar o salão pela terceira vez.

— Bom — começou Richard ao tempo que assinalava a nata e o açúcar que estavam sobre a mesa —, como está sua família?

Nesse instante se fez evidente que não pensava convidá-la a tomar o café da manhã. A mulher inclinou o queixo com um gesto altivo e elevou a mão para agarrar a colher.

— Muito bem, obrigado — respondeu com tom cortante. — Minha adorável Hermione será apresentada a primavera que vem como recordará, de modo que já começamos a preparar as visitas à cidade e a contratar os serviços das melhores costureiras, dos chapeleiros, dos joalheiros, e assim por diante. Levamos uma época muito ocupada.

Sem dúvida, pensou para si, embora decidiu não dizê-lo em voz alta. Sabia muito bem que Penélope tinha a intenção de embarcá-lo no cortejo da segunda de suas três filhas, e se negava a honrar seu comentário com o mais mínimo sinal de interesse.

— Que tal está Desdémona? — perguntou em troca ao tempo que recolhia com o garfo o que ficava de ovo. Penélope se ergueu com desagrado.

— Ela e essa doninha que tem como marido esperam um filho.



Richard esteve a ponto de soltar o garfo. Desdémona e Randolph Winsett esperavam um filho? Extraordinário. Tanto que de repente se sentia bastante instigado.

—Me alegre muitíssimo por eles — murmurou depois de tragar um bocado que lhe atravessou na garganta. Levou o amplo guardanapo de linho até a boca para ocultar sua estupefação. — E quando terá lugar esse maravilhoso evento?

A mulher suspirou, claramente desconfortável com o assunto, mas não levantou o olhar enquanto se servia uma generosa quantidade de nata no chá.

—Em junho, espero.

Uma resposta bastante ambígua. Richard limpou as commissuras dos lábios enquanto realizava os cálculos a toda pressa. Supôs que um nascimento no fim de junho situaria o momento da concepção muito próximo da noite de núpcias, sempre que esta tivesse tido realmente lugar. Não obstante, o que outra coisa ia dizer sua mãe? Contudo, apesar do apurado da situação, Desdémona estava casada, assim carecia de importância que estivesse grávida.

—Minhas felicitações, pois — comentou ao tempo que baixava a vista uma vez mais para o que ficava de seu café da manhã. — Estou certo de que deve sentir-se muito feliz diante da perspectiva de ter um neto.

Ela passou por cima do comentário e alisou as saias em uma vã tentativa por encontrar uma posição mais cômoda à mesa.

—Sem dúvida você terá se informado de que há uma francesa que invadiu nosso povoado e vive sozinha com o erudito no Hope Cottage.

Invadido? Richard esteve a ponto de explodir diante semelhante ridículo. Disse-o como se todo o maldito exército francês os atacasse. Se havia algo de que Penélope Bennington-Jones carecia sem lugar a dúvidas era do dom da sutileza. Não obstante, o que mais o surpreendeu foi que ela trouxe a tona o tema sem que ele solicitasse a informação, a qual tinha sido a única razão pela que a havia convidado esse dia. A francesa estava causando bastante alvoroço na pequena comunidade, e Penélope se sentia extremamente desconfortável.

—Para falar a verdade, não ouvi nada de nada — assinalou com ar indiferente —, mas vi à dama em questão de longe.



— Não é uma dama.

A ênfase de semelhante afirmação o deixou perplexo, mas sua expressão não revelou nada que não fosse indiferença.

— Por que diz isso?

— Bom — replicou mal-humorada — não só porque vive a sós em uma casa com um homem que não é seu marido, mas sim porque também a conheci, milord. E a encontro bastante... agressiva.

— A que se refere? — inquiriu antes de morder a última parte de torrada, tomando nota de que tinha empregado as palavras «invadir» e «agressiva» em um lapso de poucos minutos.

Os lábios do Penélope se converteram em uma fina linha quando cravou os olhos nele.

— Está claro que essa mulher carece de moral.

Ele assentiu enquanto mastigava sabendo de que essa declaração não era mais que uma conjectura, já que ela não tinha provas concludentes de nada. Optou por não pressioná-la.

Penélope levantou uma de suas grosas mãos para tratar de endireitar o chapéu sem nenhum êxito.

— É viúva — acrescentou com tom acusador —, e seu aspecto não é desagradável; mas, se tiver que ser sincera, sua presença aqui me resulta muito suspeita.

A julgar pelo que tinha visto de longe, a francesa era encantadora; embora, é obvio isso era o que mais incomodava a Penélope. O que o irritou, entretanto, e por razões que não ficavam claras, era que semelhante mulher esbanjasse seu tempo com o Thomas Blackwood: esse aleijado licenciado em Cambridge e veterano de guerra de trinta e nove anos. Isso sim que o encontrava suspeito. Não era normal que uma dama com seus antecedentes e sua beleza residisse por vontade própria com um homem que não podia agradá-la em nenhum sentido.

Richard levantou a campainha de prata e a fez soar um par de vezes para indicar ao servente que se encontrava justo detrás dele que desejava mais chá e que tinha chegado o momento de retirar o prato vazio.



—Então, minha senhora — continuou com um fingido suspiro —, o que acredita que faz essa mulher em nosso pequeno povoado?

Penélope mofou com um exagerado gesto da mão.

—Afirma que está aqui em qualidade de empregada do senhor Blackwood. Que está traduzindo as memórias de guerra desse homem a sua língua nativa.

Uma notícia muito intrigante que lhe custava bastante trabalho acreditar, embora supôs que não era do todo impossível.

—Quando você conheceu a essa mulher?

—Na quinta-feira passada, na reunião de chá da senhora Rodney.

Devia ter sido uma reunião muito interessante, sem lugar a dúvidas.

—Que impressão lhe deu?

Penélope se ergueu em seu assento.

—Encontrei-a bastante francesa.

Que comentário tão profundo, Richard teria gostado de lhe gritar. Em seu lugar, colocou mais nata e mais açúcar na xícara transbordante de chá antes de apoiar-se no respaldo da cadeira.

—O que sabe do erudito?

A mulher franziu o cenho.

—Do senhor Blackwood?

De que outro erudito eles estavam falando? Assentiu uma vez com um sorriso tenso com a qual tratou de dissimular sua impaciência.

Ela encolheu os ombros com presteza e agarrou sua xícara.

—Logo que falei com ele, mas pareceu um cavalheiro muito normal, reservado e de boas maneiras. Possivelmente um pouco retraído.

De novo, a informação era, muito escassa. Entretanto, havia algo indefinido nela que o alertava, e Richard começou a tamborilar com os dedos sobre a mesa enquanto refletia.

—O que você crê que ele faz no Winter Garden? — pressionou-a em voz baixa.



Penélope pareceu realmente surpreendida pela pergunta. Para falar a verdade, nem sequer ele o tinha questionado até esses momentos, embora não tinha nenhuma intenção de fazer saber à dama.

— Nunca disse — respondeu ela depois de dar um comprido gole ao chá. — A verdade é que assumi que estava aqui para desfrutar da solidão de nosso povoado, para retirar-se a uma comunidade singela embora socialmente adequada — Em questão de segundos, suas pálpebras se entrecerraram, seus lábios se franziram e a mulher o olhou com ar conspirador. — Agora isso parece um pouco estranho, não é assim, lorde Rothebury?

Teve que perguntar.

— Você acha?

— Bom, ele não é do Northumberland, nem sequer de Londres — explicou com seriedade. — É do Eastleigh. Trata-se de uma comunidade bastante tranquila, verdade? Pequena e adorável, e não está muito longe do Winter Garden — Se inclinou para ele e baixou a voz para acrescentar. — por que viria a nosso povoado a fazer o que poderia fazer sem maiores problemas em sua casa?

Por que, meditou Richard com crescente incerteza. Se o erudito quisesse aparecer uma semana ou duas, ou inclusive um mês de férias ali, ele não teria pensado nada errado a respeito. Muitas pessoas pertencentes à classe acomodada se retiravam ao Winter Garden por causa de seu isolamento e sua beleza, em especial durante a estação fria. Entretanto, Thomas Blackwood tinha chegado de um lugar com um clima similar a esse, levava ali quase três meses e não tinha dado nenhum sinal de que fosse partir logo; inclusive tinha contratado empregados em sua casa de aluguel. Penélope tinha formulado uma magnífica pergunta, e o enfurecia que a ela lhe tivesse ocorrido antes que a ele. Contudo, não havia nenhuma razão para dar-lhe o conhecimento.

— Eu me perguntava justo o mesmo, senhora.

— Seriamente?

A intriga que revelava seu tom e a expressão curiosa de seus penetrantes olhos escuros fizeram que o pensasse duas vezes. Seus prósperos negócios se encontravam em um momento



muito delicado e as consequências de um fracasso seriam fatais. Não desejava que ela bisbilhotasse abertamente em algo que começava a lhe expor seria dúvidas.

Esboçou um sorriso enfastiado e realizou um gesto com a mão para descartar o problema antes de tomar uma vez mais a xícara de chá.

—Mas estou seguro de que não há nada misterioso. Muito provavelmente é que necessite uma mudança de ares durante um tempo, e Hope Cottage é um lugar tranquilo com umas paisagens excelentes — De minha própria casa, lhe ocorreu de repente e sentiu como se o tivessem esbofetado. Uma coisa a mais que lhe parecia uma tremenda casualidade nesse momento. Uma coisa mais que teria que meditar muito mais a fundo. A fronte de Penélope se encheu de rugas devido aos receios que lhe provocava uma explicação tão indiferente, de modo que Richard retomou rápida e sutilmente o tema original.

—Que relação existe entre o senhor Blackwood e a francesa? Sabe você se forem... amigos?

Se a dama encontrou estranha ou intrometida sua pergunta, não o demonstrou. Para falar a verdade, seus traços adotaram uma expressão de vergonha e o rubor tingiu a pele flácida de seu pescoço. Remexeu-se com desconforto no assento, baixou o olhar e tratou uma vez mais de corrigir a posição do horrível chapéu... novamente sem êxito.

Richard aguardou a resposta enquanto sorvia o chá e a observava com muito interesse.

—Segundo a francesa — revelou por fim a dama, que contemplava o bordado de folhas da toalha— não há possibilidade de uma relação romântica entre eles por causa de... uma ferida de guerra em particular. Ele não pode... não a encontra atrativa.

Richard piscou com rapidez e mordeu as bochechas para conter o riso. Não acreditava nessa absurda fofoca absolutamente, embora admitia que era provável que as damas do Winter Garden sim o fizessem. O mais assombroso era que a francesa tivesse falado disso em público.

Tomou outro sorvo de chá antes de deixar a xícara sobre a mesa e colocar as mãos sobre o colo.

—Como se chama?

Penélope respirou fundo e o olhou aos olhos de novo.



—Madeleine DuMais — respondeu de maneira sucinta. — E se esse não for um nome apropriado para alguém dedicado aos cenários...

Deixou cair o comentário com um brilho eloquente no olhar que teve o resultado desejado. A senhora Bennington-Jones era uma raposa fofoqueira, mas era muito perspicaz, e normalmente, escolhia suas palavras com muito cuidado. Richard sabia muito bem, e isso lhe tinha servido de muita ajuda no passado. Entretanto, acreditava que era uma atriz no sentido literal ou de forma figurada? Ou acaso a francesa viveria no Winter Garden durante um período indefinido estava utilizando um nome falso com um propósito que ainda desconheciam? Não perguntou a Penélope por medo de parecer ignorante ou, ainda pior, estúpido. De qualquer forma, carecia de importância e sem dúvida, com o tempo, descobriria por si só as intenções da francesa. No momento, não obstante, Richard reconheceu que face à natureza introvertida do erudito e os antecedentes e a beleza da senhora Madeleine DuMais, ambos tinham chegado ao Winter Garden sob circunstâncias muito estranhas e em um momento muito peculiar.

Levantou um dedo para percorrer a borda de sua xícara de porcelana.

—Suponho que o melhor para nós seria que eu a conhecesse.

Percebeu uma mescla de sentimentos na expressão do rosto do Penélope: dúvida, irritação, desagrado e inclusive certa adulação ao dar-se conta de que a tinha considerado como igual em seu comentário.

—Estou segura de que não a convidará ao baile de máscaras de inverno, lorde Rothebury — advertiu imediatamente. — Essa mulher não pertence a nossa classe social, e sua presença no baile seria claramente perniciosa.

Perniciosa? Só porque roubaria toda a atenção a suas espantosas filhas, quis acrescentar, embora teve o bom senso de não fazê-lo. Mesmo assim, não podia passar por cima o comentário. Era ele quem ostentava o poder, e ela necessitava que o recordasse.

—Senhora Bennington-Jones — começou sem rodeios, esboçando um sorriso encantador —, farei quanto seja necessário para descobrir todo o possível sobre ela. É uma mulher formosa e isso fará que meus esforços sejam muito mais suportáveis. Para mim será um prazer lhe enviar um convite.



Observou que a dama ficava pálida antes que suas bochechas se ruborizassem. Não podia replicar nada sem parecer grosseira ou insolente, e ambos sabiam.

Depois de colocar o guardanapo sobre a mesa, Richard ficou em pé.

—Seguro que terá outras visitas que realizar senhora, e eu estou impaciente por começar meu costumeiro passeio matutino a cavalo. Alegro-me sobremaneira que tenha vindo a me visitar.

Ela se levantou a contra gosto, já que não havia outra coisa que pudesse dizer ou fazer.

—Obrigado pelo chá, milord — murmurou com voz tensa.

Richard admitiu que devia lhe conceder esse tanto.

A mulher estendeu a mão e lhe estreitou os nós com suavidade antes de decidir que não a levaria aos lábios, algo que ela notou sem lugar a dúvidas. Ato seguido voltou-se abruptamente e, depois de um último puxão a seu chapéu para colocar-lhe saiu do salão com ar régio acompanhada do sussurro das saias.

Richard ficou ali um minuto mais, contemplando a porta vazia. Jamais tinha acreditado em ninguém durante o tempo que levava vivendo no Winter Garden e fazê-lo agora suportaria um risco que não estava disposto a correr. Havia muitas coisas em jogo. Entretanto, resultava evidente que devia conhecer a francesa quanto antes, e o fato de evitar os riscos não impedia que se relacionasse com uma mulher formosa. Nem que começasse sua própria e discreta investigação.



Capítulo 8

Eram bem passadas as dez quando saíram da casa. O resplendor da lua minguante que se elevava no alto aplacava um pouco a escuridão reinante. O ambiente era frio, úmido e muito silencioso. O aroma persistente do aguaceiro que tinha caído pouco antes e o aroma de terra molhada alagaram os sentidos do Madeleine, que caminhava detrás do Thomas pelo pátio em direção ao grupo de arbustos que conduzia até a passagem do lago.

Nos últimos dias, as suspeitas sobre o Richard Sharon tinham aumentado. Madeleine estava segura de que o contrabandista era ele, embora era certo que mais por intuição que por outra coisa; não obstante, confiava em seus instintos. Apoiava-se na intuição muito frequentemente, e nunca lhe tinha falhado. Contudo, compreendia que ao final o mais importante eram os fatos consumados, e posto que já tinham novas provas, estavam atuando em apóio a elas.

Pela terceira noite consecutiva se prepararam para passar muitas horas sob o terrível frio e penetraram na propriedade do barão para observar tudo o possível de forma clandestina, já que Thomas tinha recebido uma mensagem urgente de sir Riley no qual informava que roubaram outro carregamento de ópio nas docas de Portsmouth cinco dias atrás. Tinham passado várias semanas do último roubo, e essas notícias não poderiam ter chegado em um momento mais oportuno para sua investigação. Isso também deu a Madeleine à oportunidade de acompanhar ao Thomas à propriedade Rothebury, coisa que não pode fazer com antecedência. É obvio, não tinham nem a menor ideia de se veriam algo, mas seus cálculos estimavam que as caixas roubadas chegariam ao Winter Garden nos dias seguintes, e era mais provável que se descarregassem de noite. Se Thomas e ela conseguiam ver ou escutar algo, teriam as provas ao alcance da mão.

Apartaram os arbustos para deterem-se um ao lado do outro junto à borda do lago. A água resplandecia como se de densa tinta negra se tratasse e, graças ao reflexo da lua na superfície, conseguiu ver a mansão ao longe, escura e imponente, recortada contra as sombras.



Fizesse o que fizesse o barão, estava claro que se retirava cedo. Nenhuma das janelas estava iluminada.

Thomas lhe deu a mão com afabilidade para ajudá-la com o último lance do atalho, ou isso ela supôs, que levantou a cabeça para olhá-lo. Ele olhava mais à frente da água e seus marcados traços de guerreiro estavam contraídos em uma expressão de absorta contemplação. Ato seguido a olhou e a sombra de um sorriso apareceu em seus lábios.

O coração do Madeleine começou a pulsar a toda pressa por causa da antecipação... uma sensação pouco habitual nela. Muitos homens a tinham excitado com antecedência, mas nunca um tão ferozmente masculino, e certamente nunca com um simples olhar. De repente sentiu um intenso desejo de beijá-lo de novo.

Embora era óbvio que ele tinha outras ideias.

Sujeitou-lhe a mão com força e deu a volta para seguir o atalho através da densa vegetação em direção sul, para o lar do Richard Sharon.

Tinham falado muito pouco nos últimos dias. Igual a ela, Thomas tinha se mostrado retraído, e cada um se dedicou a suas competências em prol do governo. Ela foi ao mercado com o pretexto de comprar mantimentos e conheceu a uns quantos aldeãos; Thomas, enquanto isso visitou uns quantos membros da classe alta local. Foram juntos à igreja, onde muitos encontraram certamente mais peculiar que as pessoas prestassem mais atenção à presença deles dois que ao reverendo e seu comprido sermão sobre quão importante era perdoar as minúcias aos vizinhos. Também tinham vigiado o lar do barão de longe as últimas duas noites, ocultos entre as árvores, mas até o momento não tinham visto nem averiguado nada relevante. Madeleine não acreditava que as escassas conversas que mantiveram desde que se beijaram tivesse sido uma maneira de evitarem-se. Teria sido mais correto dizer que centraram sua atenção nos assuntos que os levava até o Winter Garden. Também se deu conta de que, deixando a um lado o trabalho, os dias transcorridos desde aquele beijo não foram fáceis para o Thomas. E essa era a razão pela qual não cercou uma discussão a respeito desse tema. No momento.



— Estive pensando, Thomas — disse com ar reflexivo enquanto caminhavam pelo atalho para romper por fim o silêncio.

Ele levantou um ramo de árvore e a sujeitou para que ela pudesse passar por debaixo, mas não lhe soltou a mão. Tampouco respondeu imediatamente, assim ela decidiu continuar. Não havia ninguém nos arredores que pudesse vê-los ou ouvi-los, e ainda ficava um bom passeio até a propriedade do barão.

— Estive pensando no beijo que me deu no sábado passado — comentou com aprumo.

— Seriamente? — inquiriu ele com voz fraca, sem mostrar o mais mínimo sinal de surpresa pelo tema de conversa que tinha escolhido. — E a que conclusões você chegou?

De modo que ia ficar pragmático... Esboçou um sorriso.

— Deixando a um lado o fato de que foi um pouco apressado e algo inoportuno — assinalou com voz calma e uma sensação de triunfo iminente —, encontrei-o bastante... ardente.

Madeleine intuiu que a olhava de esguelha por um instante, já que tinha o olhar cravado nos escuros matagais que havia mais adiante e não podia sabê-lo com segurança.

— Seriamente? — replicou ele com certa indiferença. Depois de uma breve pausa, acrescentou. — A consumação pode ser algo maravilhoso se tiver lugar por própria vontade. E quando as duas pessoas a desejam desesperadamente.

Isso há confundiu um pouco, já que não tinha muito claro o que quis dizer e estava quase segura de que ele a desejava desse modo.

— Foi óbvio que não havia muita delicadeza em seus movimentos — acrescentou ela —, mas tampouco pode dizer-se que fosse fruto da indiferença.

Ele riu, mas não a interrompeu.

— Assim, depois de uns quantos dias de reflexão — continuou ela —, cheguei à conclusão de que se deveu inteiramente a que estava muito envolvido na situação. O beijo te consumiu por completo; não pelo desejo de agradar, mas sim por sua pura intensidade. Pôs tudo o que tinha nele, mas ao tempo te refreava para que não foi mais à frente no plano físico, inclusive depois de que eu virtualmente lhe suplicasse isso — Madeleine baixou a voz até



convertê-la em um sussurro. — Acredito que jamais tinha observado uma resposta tão peculiar em um homem.

Thomas se deteve a meio passo e tomou uma larga e lenta baforada de ar. Madeleine aproveitou esse momento de insegurança.

— E sabe em qual outra coisa acredito Thomas?

— Não, mas me dá medo perguntar.

Ela sorriu de orelha a orelha e lhe deu um apertão na mão.

— Acredito que foi o beijo mais maravilhoso que me deram em muitos anos.

Esse comentário, absolutamente sincero, deixou-o imóvel. Voltou-se para olhá-la nos olhos.

— Se isso for um elogio, sinto-me muito lisonjeado — disse com muita cautela. — Mas albergo sérias dúvidas de que uma mulher tão sofisticada e formosa como você considere que meus torpes beijos são maravilhosos.

— Acha-me formosa, Thomas? — pressionou-o com suavidade, cheia de satisfação. Sabia que já o havia dito antes, mas essa vez tinha um significado mais profundo.

— Encontro-te arrebatadora além do que se pode explicar com palavras, Madeleine — sussurrou imediatamente.

A satisfação se converteu em uma calidez sublime que a alagou por dentro e lhe impediu de responder imediatamente. Quantos homens tinham comentado sua beleza ao longo de seus vinte e nove anos? Muitos. Entretanto, até essa noite nenhum lhe tinha provocado uma sensação tão prazerosa.

O persistente aroma da chuva e o gélido ar noturno os envolviam como uma manta quando Madeleine se colocou a escassos centímetros de seu corpo.

Muito devagar, aferrando-se a sua mão e olhando-o nos olhos, sussurrou.

— Espero Thomas, que nos beijemos de novo nos dias e semanas que estão por chegar. Porque, verá o que fez esse beijo tão maravilhoso não foi sua delicadeza ou sua experiência, nem tampouco sua falta delas, a não ser o fato de que te cativou por completo. Até sábado



passado, nenhum homem me tinha feito sentir, embora fosse por um pequeno instante, que eu era o centro de seu universo.

Deu-se conta de que o sorriso do Thomas se desvaneceu e que seus lábios estavam um pouco entreabertos; rogou em silêncio que ele se inclinasse para apoderar-se de sua boca e lhe fizesse sentir de novo esse embriagador prazer.

—Beijará-me outra vez? — perguntou com voz fraca, desafiante.

Thomas entrecerrou os olhos para observá-la com intensidade e a cicatriz começou a palpitar quando sua boca se curvou para cima.

—Parece que pensaste em tudo, Madeleine — comentou com secura.

Ela lutou contra a vontade de começar a rir. Em vez disso, levantou a mão e acariciou seu rosto com os dedos enluvados.

—Acredito que o fará.

O sorriso do Thomas se fez mais amplo.

—A confiança te senta bem.

Ela soltou uma gargalhada por ouvi-lo.

—Pensaste no beijo do sábado? — perguntou em voz baixa.

—Constantemente — ele admitiu sem rodeios. Madeleine sentiu de novo uma quebra de onda de calidez.

—E...?

—Superou todas minhas fantasias, Madeleine.

Isso a deixou sem fôlego. Soltou um profundo suspiro e vacilou em sua postura, incapaz de lhe oferecer uma réplica adequada.

Ele levantou um braço e lhe sujeitou a mão que seguia apoiada em sua bochecha. Logo, sem dizer palavra, acariciou-lhe os nódulos por cima das luvas de couro antes de dar a volta e começar a caminhar de novo, puxando-a.

Tomaram uma curva e se dirigiram por fim para o oeste para aproximar-se dos limites da propriedade, onde tomariam o espaçoso caminho que o barão do Rothebury utilizava em suas cavalgadas matutinas.



—Não sou virgem, Thomas — ela assinalou momentos depois, depois de decidir que seria melhor deixar claro esse ponto.

Ele não diminuiu o passo, embora demorou uns instantes em responder.

—Não posso dizer que já imaginava Madeleine, já que isso implicaria que acredito que é uma dissoluta. Nem posso fingir surpresa e dizer que não te acredito, já que ambos sabemos que é uma mulher de vinte e nove anos independente, cuja única intenção é ser sincera. Qualquer dessas coisas seria um insulto para ti.

A resposta perfeita. Madeleine sorriu de novo ao notar que a tensão a abandonava.

—Deveria ter sido advogado.

—Uma profissão honrada com a qual teria ganho melhor a vida, estou seguro — Como se lhe tivesse ocorrido de repente, acrescentou. — Mas nesse caso não estaria aqui contigo.

O comentário conseguiu que a calidez que sentia em seu interior se convertesse em fogo. Ele a desejava fisicamente, mas também desfrutava com ela. Nunca chegaria a imaginar o muito que isso significava para ela.

—O que sentiu quando se inteirou de que trabalharia com uma francesa nesta missão?

Ele se endireitou o bastante para lhe fazer saber que a pergunta o incomodava um pouco.

—Foi decisão minha que viesse aqui, Madeleine — murmurou.

Ela não tinha nem a menor ideia de como tomar essa revelação.

—Por quê?

Thomas seguiu olhando à frente.

—Tem uma reputação profissional excelente. Também acreditei que a ajuda de uma mulher seria inestimável e que, embora chamaria um pouco a atenção, como francesa ninguém te consideraria uma ameaça séria. Levantou... um escândalo social nesta comunidade sem que suspeitem que é mais do que é.

Outra resposta lógica e, provavelmente, acertada.

—Por que não me chama Maddie, tal e como te pedi que fizesse?

Ele duvidou.



—É bastante pessoal.

Um mocho ululou ao longe e uma pequena rajada de vento gélido sussurrou entre os ramos das árvores e agitou a superfície do lago, onde criou ondas negras e chapeadas como a lua. O ombro masculino roçou o seu quando se aproximaram um do outro no atalho, e Madeleine elevou a mão livre para aferrar a manga de sua jaqueta, sujeitando esse braço com mais força da necessária. Ele não tratou de liberar-se.

—Pessoal porque suas razões são de natureza íntima... — inquiriu com crescente interesse— ... ou pessoal porque implicaria uma maior intimidade entre nós?

Ele meditou uns instantes.

—Suponho que te chamarei Maddie quando conseguir pôr em ordem meus sentimentos.

Seus sentimentos?

—Está claro que não entendo absolutamente essa explicação, Thomas.

Ele se deteve de repente e se voltou para olhá-la uma vez mais. Observou-a com os olhos entrecerrados e declarou em voz baixa.

—Tenho minhas razões para não manter uma relação íntima contigo, Madeleine.

—E quais são essas razões?

—Pessoais — repetiu.

Isso há incomodou um pouco.

—E, além disso, está o fato de que um vínculo desse tipo complicaria nossa relação trabalhista, como já disse em seu momento — replicou.

—Exato.

—Mas você gostaria — o aguilhoou sem rodeios. Thomas percorreu muito devagar a parte de seu rosto que se via na escuridão.

—Sim, eu gostaria — sussurrou. — Mas não agora.

—Thomas...



Ele se inclinou para ela. Não foi a classe de beijo que Madeleine tinha esperado depois de conversar a respeito de outro beijo tão fogofo, mas foi um beijo doce, o bastante tenro para sossegar sua réplica e para lhe debilitar as pernas. Thomas se afastou dela um instante depois.

—Nos acaba o tempo — disse com um murmúrio entrecortado. — Estamos nos aproximando e não deveríamos nos arriscar a falar — Pôs-se a andar de novo sem lhe soltar os dedos.

Ela não discutiu. A partir desse momento não disseram nenhuma palavra. Caminharam ao bordo da água, já dentro da propriedade do Rothebury, e se aproximaram da casa do este. Uma magra capa de nuvens tinha começado a cobrir parte da lua, o que obrigou ao Thomas a concentrar toda sua atenção no atalho.

O problema de ambos decidiu Madeleine, era a falta de intimidade emocional entre eles, e lhe ocorreu de repente que essa podia ser a razão pela que Thomas se mostrava resistente a procurar uma relação física mais íntima. Vieram-lhe dois possíveis motivos à mente. Ou ele seguia chorando a morte de sua esposa, a que tinha amado profundamente, e se negava a sucumbir ao desejo sexual por respeito a sua memória, ou se sentia inseguro porque considerava que tinha muitos problemas físicos para chamar a atenção de uma mulher tão vital. Talvez temia ser rechaçado ou terminar ferido ao final. Embora para falar a verdade, jamais tinha conhecido a um homem que não aceitasse uma relação física sem implicações emocionais.

Mesmo assim, havia um fato de suma importância. Ele a desejava tanto como ela a ele. Disso já não havia dúvida. Possuía um forte autocontrole e nunca a teria beijado se pretendesse manter sua relação em um plano superficial. Seriam amantes com o tempo, e tinha a absoluta certeza de que ele sabia.

Thomas se deteve de repente, tirando-a de seus agradáveis pensamentos, estreitou-a com força contra ele e a silenciou a toda pressa lhe pondo um dedo sobre os lábios.

Madeleine observou seu rosto, que apenas se distinguia na escuridão, e viu que fazia um gesto com a cabeça para a esquerda.



E ali estava. Um tênue resplendor de luz que se movia de maneira irregular através do grupo de árvores que havia ao sul da casa principal, a uns trezentos metros do lugar onde se encontravam no atalho pelo que o barão estava acostumado a cavalgar.

Thomas saiu do caminho e começou a mover-se para ali com passos cuidadosos e lentos enquanto esquadrinhava as ervas daninha. Seus movimentos eram precavidos e sua expressão tão concentrada como a dela.

Ao observar melhor, Madeleine se deu conta de que deviam ser lanternas. Havia duas e sua pálida luz amarelada abria passo na escuridão circundante, sem uma voz que os acompanhasse em seu vagar através do silencioso bosque noturno.

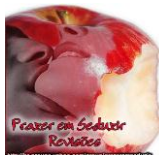
De repente, tão rápido como tinham aparecido, as luzes se desvaneceram primeiro uma e depois a outra, no negrume da noite.

Por um momento, Madeleine se sentiu desconcertada. Aqueles que sujeitavam as lanternas não se aproximaram o bastante a casa e certamente não tinham utilizado nenhum atalho visível. Por que tinham apagado as luzes na metade do bosque? A menos que tivessem detectado aos intrusos ou tivessem escutado algum ruído, embora tanto Thomas como ela se esforçaram muito em não fazer nenhum. Isso não lhe parecia possível. Nesse instante lhe veio à mente o comentário da Desdémona: *«ouvi... rumores a respeito de certas luzes que aparecem de noite e sobre fantasmas que moram na mansão do barão do Rothebury»*.

Não se tratava de um rumor, e tampouco havia fantasmas. Aquilo era o que tinha visto Desdémona, Madeleine estava segura. Mas quando? Em que circunstâncias? Que fazia uma garota inocente no bosque de noite?

Thomas seguiu caminhando muito devagar até que estiveram perto dos jardins da mansão. As luzes tinham aparecido justo à esquerda do lugar onde se encontravam nesse momento, observando as árvores distantes. Conduziu-a até um enorme toco redondo e Madeleine se sentou ali enquanto ele se ajoelhava a seu lado, à espera.

Não ocorreu nada. Não se produziu nenhum movimento, nenhum ruído, e não apareceu nenhuma outra luz.



Ao final, tremendo por causa do vento úmido e frio, e, amparados pela escuridão que tinha deixado à lua que se afundava no céu do oeste, retornaram a casa sem dizer palavra. Eram quase duas e meia da madrugada.



Capítulo 9

As últimas cinco noites tinham jogado xadrez antes de sair para a propriedade do barão. A primeira delas ele a tinha deixado ganhar, e ela sabia; mas as noites seguintes jogaram sem concessões e Madeleine esteve a ponto de derrotá-lo. Ela não estava em forma, mas era muito boa. Apoiava seu jogo na avaliação cuidadosa e no pensamento lógico, algo que tinha aprendido e aperfeiçoado durante os anos que levava a serviço da Inglaterra em sua profissão.

Estava relaxada no sofá, frente à poltrona na qual ele se sentava, e colocou seu vestido matinal, já que Beth Barkley levou o vestido de tarde para lavá-lo quando partiu um momento antes. Só o tênue resplendor do abajur e o resplandecente brilho do fogo iluminavam as brilhantes mechas castanho-avermelhadas de sua trança e as diminutas rugas de sua fronte enquanto se concentrava no tabuleiro de xadrez que havia entre eles. Thomas sabia, e era provável que ela o tivesse averiguado a simples vista, que lhe estava custando muitíssimo apartar os olhos de sua formosa silhueta. Isso o fez sorrir para si mesmo. Deixaria que ela tirasse suas próprias conclusões sobre o escrutínio ao que a estava submetendo, sobre a profundidade de sua atração. Tinha a intenção de dar um novo passo em sua relação muito em breve; com um pouco de sorte, essa mesma noite a beijaria de novo.

— Não deixei de pensar nessas lanternas, Thomas — ela comentou de repente.

Essa era uma das razões pelas que admirava sua inteligência. Podia concentrar-se no jogo enquanto desentranhava as complicações relacionadas com seu trabalho. Era muito meticulosa.

Moveu o bispo cinco casinhas para a esquerda para atacar sua dama.

— Já está pensando de novo, Madeleine?

— Você não pensou nisso? — perguntou ela com um leve matiz de entusiasmo em sua voz serena. — Nessa casa ocorre algo estranho, e Desdémona Winsett sabe mais do que me contou.

Thomas respirou fundo e assentiu muito devagar.



—É provável. Embora não se trata de fantasmas, nem de nenhuma dessas tolices.

Ela baixou o olhar até o tabuleiro e moveu um peão para bloquear a trajetória do bispo.

—Esse homem é o contrabandista.

—É provável.

—Com certeza que sim — ela enfatizou — e embora poderia ser uma operação organizada, não está sendo muito cuidadoso.

—Deduziu tudo isso pelas lanternas que vimos durante trinta segundos faz duas noites? — brincou ele ao tempo que lhe comia o peão.

—E por outras coisas — replicou ela, tratando de ocultar um sorriso enquanto observava o tabuleiro.

—Sim, claro, essas outras coisas... — disse Thomas fingindo recordar. Ato seguido acrescentou. — Quais outras coisas?

Ela encolheu os ombros, mas não o olhou.

—A intuição, por exemplo.

—Trabalho muitas vezes seguindo minha intuição — admitiu Thomas imediatamente.

—Nesse caso, estará de acordo comigo.

Ele sacudiu a cabeça.

—Não exatamente. O que precisamos são provas definitivas. O problema da intuição é que pode trocar nossos pontos de vista sem feitos constatados.

Madeleine percorreu a trança com os dedos de cima abaixo enquanto a passava pelo ombro para deixá-la cair sobre seu peito direito.

—Me explique isso.

Thomas fez uma pausa para esclarecer as idéias enquanto observava seus movimentos.

—Pode que o barão esteja roubando o ópio de contrabando por razões desconhecidas, embora seja provável que esses motivos não sejam outros que monetários. Entretanto, se decidirmos que o contrabandista é ele nos apoiando na intuição e em uns quantos episódios estranhos que tivemos a oportunidade de presenciar, poderíamos cometer um engano ao nos concentrar nele se logo resultar que nos equivocávamos...



— É ele.

Thomas sorriu. Era toda uma mulher, da cabeça aos pés.

— Estou de acordo em que devemos descobrir o que sabe Desdémona. Além disso, acredito que deveríamos evitar tirar conclusões precipitadas.

— Também precisamos entrar em sua casa.

— Faremo-lo.

— Logo.

— Faremo-lo — repetiu ele.

Esses brilhantes e travessos olhos azuis se cravaram nos seus. Ato seguido, com um sorriso triunfante que lhe derreteu o coração, Madeleine moveu o cavalo para diante para lhe comer o bispo.

— Xeque.

Thomas observou o tabuleiro de novo. Tinha problemas.

— Acredito senhor Blackwood, que está a ponto de ser derrotado — assinalou com evidente prazer. — É esta a primeira vez que uma mulher tomou o controle em sua presença e te tem feito sucumbir?

A sutil indireta não passou despercebida. Thomas estirou as pernas antes de cruzá-las e se apoiou no respaldo da poltrona para contemplá-la sem rodeios.

— Como aprendeu a falar meu idioma tão bem?

O mínimo instante no que ela abriu os olhos arregalados lhe deu a entender que a pergunta a tinha surpreendido.

— Está tratando de trocar de tema porque vai perdendo? — perguntou em voz baixa ao tempo que elevava o braço para apoiá-lo comodamente sobre o respaldo do sofá.

— Não, eu alguma vez perco — respondeu ele com secura ao tempo que a olhava nos olhos com uma leve expressão arrogante. — O que passa é que acredito que chegou o momento de aprofundar um pouco em nossa amizade — Realizou uma pequena pausa para chamar sua atenção e depois acrescentou em um murmúrio. — Não te parece?



Ela demorou o tempo suficiente em responder para que Thomas compreendesse que não tinha claras quais eram suas intenções e que não sabia muito bem o que responder. Sua expressão, entretanto, não trocou absolutamente.

—Pedi a um bom amigo que me ensinasse isso.

—Um bom amigo?

Ela sorriu e relaxou por completo no fofo sofá; sua adorável expressão parecia carregada de doces lembranças.

— Se chamava Jacques Grenier, o filho repudiado, embora rico, de um conde francês. Também era um poeta magnífico, cantor e um ator brilhante. Tomou um especial interesse em minha educação e me ensinou... como funciona o mundo.

—Repudiaram-no porque era ator?

—Assim é — respondeu ela com um leve movimento de cabeça.

—Era seu amante — acrescentou Thomas com serenidade, embora por dentro lhe retorciam as vísceras; já sabia, mas de repente se sentia irracionalmente ciumento. O que mais o surpreendeu, não obstante, foi o muito que o tinha afetado pronunciar essas palavras em voz alta.

As perfeitas sobrancelhas femininas se elevaram muito devagar, mas ela não tentou lhe ocultar nada.

—Sim, era meu amante. Era uma virgem de quinze anos a primeira vez que me deitei com ele, assim poderia dizer-se que me seduziu. Estivemos juntos quase seis anos, três deles mantendo uma relação íntima, e durante esse tempo foi o bastante generoso para me ensinar a falar seu idioma. Jacques tinha desfrutado de uma educação excelente e o falava com fluidez.

—Por que desejava tanto aprendê-lo? — perguntou Thomas em voz baixa apesar de que conhecia a resposta.

Ela o avaliou com atenção e uma expressão vacilante, bem porque estava repassando suas lembranças ou porque lhe intrigava um pouco seu interesse; estava claro que não sabia quanto revelar. Depois de um momento, sua expressão se tornou séria.



—Meu pai era inglês, Thomas, um capitão da Marinha Real britânica. Morreu de cólera nas Índias Ocidentais quando eu tinha doze anos. Só o vi quatro vezes antes que morresse, mas os poucos dias que passamos juntos foram maravilhosos... as lembranças mais felizes que tenho de minha infância. Disse-me uma vez que tinha desejado casar-se com minha mãe quando se inteirou de que estava grávida e que ela o rechaçou. Essa mulher sempre foi manipuladora e egoísta, e desprezava tudo o que ele representava: um tipo inglês, um conservador de voz suave, um veterano condecorado e o segundo filho de uma família de classe média embora de boa reputação.

Depois de deixar escapar um suspiro, enlaçou as mãos sobre o colo e se voltou para contemplar o resplendor das chamas.

—Não estou totalmente certa, mas acredito que se deitou com ela durante um curto período de tempo enquanto estava de serviço e ela trabalhava com a companhia de atores em algum lugar próximo à costa mediterrânea. Ao parecer, foi um romance tórrido e rápido. Segundo ele, minha mãe lhe importava de verdade, embora ela o negava. Não demorou para converter-se em uma viciada no ópio, e jamais passou de ser uma atriz medíocre; criou-me como se eu fosse uma faxineira e me arrastou de um pestilento e abarrotado teatro a outro sem deixar de me dar ordens e sem preocupar-se minimamente por mim. Considerava-me mais um dos afetados e arrogantes ingleses, e a verdade é que o era (meio inglesa, ao menos); não obstante, negou-se a me permitir que reclamasse minha herança inglesa e a que viesse a Inglaterra a conhecer a família de meu pai.

Deteve-se um instante, perdida nas lembranças. O fogo crepitou na chaminé; o vento e a chuva uivavam fora com todo o rigor do inverno, mas ela não pareceu notar. Thomas não a interrompeu por medo de que deixasse de falar de si mesma e trocasse de tema. Entretanto, depois de tomar uns segundos para ordenar seus pensamentos, continuou com expressão serena.

—Não me informaram de sua morte até um ano depois de que ocorresse. Agachada em um cantinho lateral do armário de minha mãe, encontrei uma nota da família de meu pai em que descrevia sua morte com todo detalhe. Ao parecer, ela tinha esquecido de me mostrar isso



quando chegou porque estava muito concentrada em si mesma para tomar o tempo necessário. Nesse momento, Thomas, quando Jacques me leu essa carta enrugada que me informava que meu maravilhoso pai levava morto quase dois anos enquanto eu esperava sua volta cada dia, decidi que a partir de então tomaria o controle de minha vida e de meu destino. Era tanto inglesa como francesa. A minha mãe desagradava o simples feito de ser inglesa, assim que minha parte francesa carecia de toda importância. Ao menos, não lhe importava absolutamente. Mantinha-me tão somente porque lhe resultava útil. Meu pai tinha me amado e desejava que crescesse com ele, assim decidi que, a partir desse momento, consideraria-me sua filha inglesa. Decidi aprender seu idioma como se tratasse de minha língua nativa, e assim o fiz durante anos, primeiro com o Jacques e depois por minha conta. Converteu-se em meu trabalho, em meu objetivo. O único problema, e a razão pela que não posso me fazer passar por inglesa hoje em dia, é que jamais consegui me libertar deste marcado acento. Além disso, conheço muito bem a França, a sua gente e isso é o que me converte em alguém chave para o governo britânico. Pela primeira vez em minha vida, sirvo para algo que realmente vale a pena — Deixou escapar um forte suspiro e inclinou a cabeça para um lado. — Possivelmente não seja muito racional, mas sim me parece isso. Aos treze anos decidi que embora por fora parecesse francesa, por dentro era e sempre serei inglesa.

—E foi então quando começou a relação com o Grenier — interveio Thomas por fim, desejando que ela retornasse ao ponto de origem da conversa.

Ela assentiu e voltou a olhá-lo nos olhos. Tinha uma expressão desalentada, mas, tal e como fazia sempre, Madeleine manteve sua pose de majestosa formosura enquanto recordava os tumultuosos anos de sua juventude. Thomas teve que lutar contra o entristecedor impulso de ficar em pé e abraçá-la.

—Sim, conheci-o durante uma escandalosa produção musical no Cannes. Ele representava o papel de um mascate que cantava e eu era a encarregada de seu vestuário. Vesti-o durante esse trabalho e, ao final, comecei a despi-lo também. Mas não me converti em sua amante para que me ensinasse seu idioma — esclareceu. — Se mostrou mais que disposto a ser meu tutor dois anos antes que começássemos a relação.



—Você não foi mais que uma menina.

—Sim, e terrivelmente ingênua.

Thomas trocou de posição no assento e enlaçou as mãos por cima do abdômen.

—Estava apaixonada por ele? — perguntou-lhe em voz baixa com o coração em um punho enquanto tratava de não revelar a preocupação que sentia.

O relógio do suporte deu as dez e ela sorriu de novo com um brilho nos olhos que pretendia aliviar um pouco a tensão do ambiente.

—Todas estas perguntas pessoais durante uma partida de xadrez? Acredito que trata de me distrair porque é tarde e vou ganhar de você por fim.

—Sua imaginação não tem limites, minha senhora — replicou ele com fingido assombro. Ela inclinou a cabeça e soltou uma suave gargalhada; tinha cruzado os braços à altura da cintura e não era consciente de que as suaves curvas douradas de seus peitos ameaçavam transbordar a parte superior do vestido.

Como era de esperar, o olhar do Thomas desceu até essa zona e se atrasou ali. Quando voltou a olhá-la aos olhos, ela o observava com atenção.

As comissuras de seus lábios se curvaram para cima em uma expressão perspicaz e Madeleine se inclinou para diante para lhe oferecer uma espetacular visão de seu magnífico decote.

—Sua vez de jogar, Thomas.

Sentiu que seu corpo ficava rígido ao escutar essas palavras suaves e sugestivas e notou que o suor se acumulava na parte superior de seus lábios e ao redor do pescoço. Entretanto, negou-se a deixar que averiguasse como o afetava o mero feito de pensar nela. Por agora.

Moveu a torre seis casinhas para diante para bloquear o xeque.

—Responda a minha pergunta.

Ela riu novamente e converteu sua voz em um suave ronrono.

—O que é o amor, Thomas? Eu gostava de Jacques, mas eu era muito jovem e ele tinha vinte e oito anos. Tínhamos muito pouco em comum além do teatro, a boa poesia, a leitura e o fato de falar, ler e escrever em inglês. Certamente, seria mais apropriado dizer que naquela



época sempre estávamos lá um para o outro. Mas o mesmo passa na maioria das relações, não te parece?

Thomas sabia o que ela pretendia dar a entender, o que desejava de sua relação durante sua estadia na Inglaterra, ou ao menos o que acreditava que desejava. Felizmente para ambos, ele tinha a intenção de estar lá para ela mais que uma simples temporada.

— Esteve apaixonada alguma vez, Madeleine? — pressionou com voz rouca enquanto cravava o olhar nela. — Não refiro a um idílio curto e passageiro nem a uma relação estritamente sexual, mas esse amor que queima as entranhas. Esse amor apaixonado, autêntico e poderoso — Se inclinou para frente, de maneira que o único que os separava era o tabuleiro de xadrez. — Esse amor que cativa sua imaginação e te deixa sem fôlego.

A atmosfera se fez muito mais densa. Thomas notou que a pergunta a tinha desconcertado, já que seu rosto se cobriu de rubor e o sorriso desapareceu.

De repente, os olhos de Madeleine perderam sua cautela e ela baixou as pálpebras antes de estirar a mão para acariciar o rei de mármore com a gema dos dedos.

— E você? — perguntou com um fio de voz.

— Sim — sussurrou ele sem a menor vacilação.

A gravidade e a determinação da sincera resposta a pegaram despreparada, e se moveu com inquietação. A conversa se tornou muito pessoal, e não estava segura de como tomar semelhante revelação. Estava nervosa, embora fazia todo o possível por ocultar. Não tinha a menor ideia de até que ponto a conhecia e a facilidade com que decifrava suas reações.

— De sua esposa? — perguntou depois de uns instantes.

E nesse momento Thomas soube que a tinha apanhado. A conversa tinha deixado de ser superficial, e ela queria saber mais coisas. A atração se intensificou imediatamente, e Thomas quase não podia conter o sorriso de júbilo.

— De alguém a quem conheci faz uns anos, Maddie.

Ela voltou a olhá-lo muito devagar nos olhos e Thomas se inundou nesses formosos lagos líquidos cheios de incerteza; a tensão entre eles era evidente e a respiração de Madeleine se voltou irregular enquanto ela aferrava com força seu rei.



Nesse instante, Thomas esboçou um sorriso, entrecerrou os olhos e, sem dignar-se a olhar o tabuleiro, adiantou sua dama nove casinhas para comer a dela e fechou a palma da mão sobre seus nódulos.

—Xeque mate.

Ela não se moveu.

Thomas deslizou o polegar sobre seus nódulos uma única vez para sentir a calidez e a suavidade de sua pele.

—Não o vi chegar — ela admitiu com voz trêmula.

—Sei — replicou Thomas com uma voz carregada de segurança. — Algumas das melhores surpresas da vida acontecem quando nos menos esperamos isso.

Ela piscou, confundida ao escutar um comentário tão ambíguo. Ato seguido fez algo inesperado.

Uma vez recuperada sua integridade, ergueu-se no assento e derrubou seu rei para um lado.

—Estou farta de jogos, Thomas — anunciou com ar pensativo e expressão decidida. — Acredito que chegou o momento de reclamar minha vitória.

Seus olhos, carregados de aprumo, resplandeciam a luz do fogo, e o coração do Thomas começou a pulsar mais depressa. Depois de livrar-se da mão que a segurava, levantou-se com elegância do sofá e deu um par de passos para rodear o tabuleiro e colocar-se justo diante dele.

—Madeleine — disse Thomas com voz rouca.

—Maddie — o corrigiu ela com um sorriso pícaro ao tempo que aferrava os braços de sua poltrona com ambas as mãos. Continuando, inclinou-se para ele e apanhou seus lábios.

Thomas não reagiu imediatamente à semelhante audácia nem às sensações que provocava essa boca suave contra a sua. Uma parte dele queria pospor esse tipo de relação física entre eles, mas essa parte estava perdendo rapidamente a batalha. Levantou as mãos e lhe aferrou os ombros, mas nem a apartou nem a aproximou dele. Limitou-se a permitir que ela mantivesse o controle da situação.



Madeleine sabia muito bem o que fazia. Começou a beijá-lo com mestria e inclinou a cabeça para lhe acariciar os lábios com os seus, aumentando a pressão ao ver que ele começava a responder.

A respiração do Thomas não demorou para voltar-se superficial, e isso lhe deu o fôlego que necessitava. Ela aproximou-se mais a ele, ainda que não roçava seu corpo. Sua língua, úmida e cálida, riscou o contorno do lábio superior antes de introduzir-se em sua boca. De repente, ela respirava tão rápido como ele e Thomas começou a arrastá-la para ele muito devagar.

Entretanto, não lhe permitiu cortar distância por completo. Ele permaneceu na poltrona e ela seguiu de pé, a um lado de suas coxas. Movia a língua no interior de sua boca, brincando com a sua, e quando por fim elevou uma mão para colocar-lhe sobre o peito, Thomas deixou escapar um pequeno gemido de prazer e ela soltou um suspiro eloquente.

Esse beijo foi melhor que o primeiro, mas para falar a verdade, ele também estava melhor preparado. Madeleine cheirava a perfume de rosas; tinha sabor de vinho doce e a mulher... um prazer que se negou durante muito tempo. Sentiu o calor de sua mão através da fina malha de linho da camisa quando ela começou a lhe acariciar o torso com sutis movimentos circulares. E então, demonstrando o desejo que sentia, começou a lhe desabotoar a camisa.

Nessa ocasião, Thomas permitiu que fizesse sua vontade. Ao menos, durante uns maravilhosos minutos.

Madeleine lhe acariciou a pele coberta de pêlo encaracolado enquanto seguia abrasando seus lábios com essa maravilhosa tortura. Ele respondeu a sua vez lhe massageando os braços, percorrendo sua pele suave com os polegares. E isso a fez gemer fracamente.

—Me ame, Thomas — lhe rogou em um sussurro contra sua boca.

O coração batia com força no peito. Muitas vezes tinha sonhado que ela lhe pedia que a amasse, mas esse sonho se converteu em realidade.

Ela era real.

Presa de um desespero que não poderia ter explicado com palavras, fez por fim o que tinha desejado tanto tempo. Com meticolosa lentidão, baixou uma mão até um de seus peitos e



o cobriu com a palma por cima da fina capa de musselina. Ela gemeu e o beijou com paixão enquanto se apertava contra sua mão: entregava-lhe tudo e lhe pedia mais sem palavras, lhe permitindo a satisfação física mais importante que tinha experimentado em muito tempo. Começou a respirar com dificuldade e lhe fez um nó na garganta quando deslizou o polegar sobre o mamilo coberto de tecido e sentiu que se endurecia imediatamente em resposta a sua carícia.

Ela baixou a mão até a cintura de suas calças. Embargado por uma necessidade que vinha de muito longe, Thomas teve uma ereção em grande escala, uma ereção que ela notou, sem dúvidas. Seguiu atormentando-o com a língua e fechou com descaramento a mão ao redor dele para esfregá-lo uma vez com a palma, o que esteve a ponto de lhe fazer perder o controle.

Ante o temor de envergonhar a si mesmo, Thomas se apressou a lhe segurar os pulsos com os dedos para lhe retirar as mãos com delicadeza.

Uma excitação profunda e embriagadora brilhava em seus olhos quando o olhou. Eram olhos magníficos que expressavam esperança, paixão e, essa adorável parte íntima de si mesma que quase nunca revelava a ninguém. Thomas a contemplou e evocou a lembrança agri-doce da primeira vez que tinha visto esses olhos; nesse momento soube sem lugar a dúvidas que jamais poderia decepcioná-la quando o olhasse assim.

Ficou em pé com rapidez e tomou o controle por fim para aproximá-la uma vez mais ao sofá. Ela não disse uma palavra nem apartou o olhar, mas seus lábios cheios e úmidos se curvaram em um sorriso travesso.

Madeleine se sentou sobre as almofadas e levantou as pernas para estirá-las sobre o sofá ao tempo que apoiava a cabeça sobre o acolchoado do braço. Thomas lhe soltou os pulsos, apagou o abajur que tinham ao lado e depois ficou de pé junto a ela para observar o reflexo da luz do fogo sobre sua pele dourada e a sombra que criavam seus largos cílios sobre as bochechas e a fronte. Madeleine o olhou fixamente e estirou o braço com a mão aberta, deixando ao descoberto a necessidade que a alagava. Para Thomas custou um tremendo esforço não lhe levantar as saias, subir em cima dela e afundar-se em sua suavidade. Era isso o que ela desejava e também o que esperava; o prazer que ele mesmo necessitava nesse momento.



—Meu vestido — disse ela sem fôlego.

Ele meneou a cabeça. Invadia-o o desespero, mas não estava preparado para arriscar tudo. Mais tarde, quando chegasse o momento oportuno, teria muitas coisas que lhe revelar. Mas mesmo assim, podia proporcionar o que ela necessitava.

Com o coração desbocado, ajoelhou-se torpemente entre o sofá e a mesinha de chá, inclinou-se para as almofadas e apoiou uma mão sobre sua fronte antes de beijá-la de novo.

Durante um breve instante, Madeleine acreditou que estava sonhando. Aquele homem não tomava nada, limitava-se a dar. Não estava preparada para isso, nem para o intenso desejo que o embargava. Tinha-o visto em seus olhos toda a noite, e nesse momento o percebia em suas extraordinárias carícias.

Os lábios masculinos se atrasaram sobre os seus e ela elevou os braços para entrelaçar as mãos por detrás de seu pescoço e lhe acariciar o suave cabelo da nuca. O calor que irradiava por cada um de seus poros se transmitia até a pele de Thomas, apesar da roupa que ela esperava que lhe tirasse muito em breve, toda a roupa, camada por camada, até que não ficasse nada que impedisse sua união.

Aspirou de maneira brusca ao sentir que voltava a lhe cobrir o peito com a mão e que lhe esfregava o mamilo até deixá-lo endurecido. Desejou com desespero que colocasse o mamilo na boca, que a devorasse por inteiro.

—Thomas... — sussurrou com a respiração entrecortada.

Ele guardou silêncio e começou a riscar um atalho de beijos ao longo de sua bochecha. Deteve-se a altura da orelha e a acariciou com a língua, obtendo que se estremecesse. Descendeu para o pescoço e desceu por adiante para o torso, onde alcançou as pontas de seus peitos e lhe abrasou a pele com seu úmido e quente fôlego. Madeleine aferrou seu cabelo com os dedos e lhe sujeitou a cabeça enquanto ele beijava seus seios e deslizava a bochecha sobre eles, lhe arrepiando o pêlo dos braços com o áspero roce da barba.

—Maddie... — o ouviu sussurrar.

—Não pare, Thomas.



Depois disso, a paixão do homem se voltou feroz. Capturou seus lábios uma vez mais e lhe introduziu a língua na boca até que encontrou a sua e começou a roçá-la e sugá-la enquanto lhe massageava o peito com sua enorme mão de guerreiro.

Ela gemeu e elevou as mãos para aferrá-lo, mas nessa ocasião Thomas lhe sujeitou os braços e a obrigou a colocá-los por cima da cabeça. Os dedos do Madeleine golpearam as peças de xadrez e derrubaram algumas delas sobre o tabuleiro de mármore, mas ele não pareceu notar sua ruidosa intromissão. Aferrou-lhe ambos os pulsos com uma só mão e a manteve imóvel.

Madeleine se retorceu com a intenção de subir as saias com as pernas, mas não teve muito êxito e foi Thomas quem finalizou a tarefa em seu lugar. Ela ficou ali tombada, exposta diante de seus olhos; não havia apenas algumas camadas de tecido entre eles, e desejava com desespero senti-lo dentro dela.

Como se percebesse sua necessidade, Thomas liberou de repente seus pulsos, separou-se de sua boca e baixou a cabeça até seus peitos. Começou a esfregá-los com as bochechas antes de passar os lábios e os dentes sobre o tecido do vestido que cobria os mamilos. Madeleine sentiu uma deliciosa dor quando seus mamilos se esticaram diante das desumanas carícias. Ao final, depois do que pareceu uma eterna agonia, cobriu-lhe os seios com a mão e começou a descer até que apoiou a cabeça à altura de seus quadris.

Madeleine se apertou contra ele a fim de pressionar o púbis, ainda coberto pelo tecido de suas roupas, contra a bochecha masculina; ouviu-o aspirar com força antes de gemer e murmurar algo que não pôde entender. Frenético e tremulo, Thomas pôs a outra mão entre suas pernas e Madeleine notou que sua impaciência aumentava. Cegamente examinou o tecido delicado das anáguas até que deu com a abertura e separou ambas as partes. Por fim sentiu que os dedos masculinos a tocavam ali onde mais o desejava, ao princípio com acanhamento, mas depois mais profundamente, quando começou a acariciar a pele cálida e úmida.

Depois de sussurrar seu nome uma vez mais, Madeleine elevou os quadris o bastante para fazer frente a suas tenras indagações, mas ele não se levantou, nem girou o rosto para ela nem a beijou de novo, tal e como ela esperava. Não fez o menor movimento para afundar-se



nela; limitou-se a seguir lhe acariciando os peitos com uma mão e sua parte mais íntima com a outra enquanto permanecia ajoelhado no chão.

Com os dedos enterrados em seu cabelo, Madeleine fechou os olhos com força e lhe sujeitou a cabeça ao dar-se conta de que ele queria que chegasse ao clímax dessa forma. E estava a ponto de alcançá-lo. Tudo tinha ocorrido muito rápido e a imagem desse homem com a cabeça enterrada nos cachos de sua virilha lhe parecia muito erótica. Não deixou de cheirá-la e de beijá-la enquanto seus dedos a exploravam com suavidade... até que por fim afundou um deles em seu interior.

Madeleine tomou uma áspera baforada de ar e deu um coice involuntário quando o polegar masculino roçou a delicada protuberância central, mas Thomas tinha encontrado o lugar perfeito. E não se deteve. Colocou a mão esquerda sob o sutiã do vestido para lhe acariciar e lhe massagear o peito enquanto seguia atormentando-a mais abaixo, com um dedo introduzido em seu interior e esse polegar que a acariciava cada vez mais rápido e com mais força para levá-la ao bordo do abismo.

Ela gemeu uma e outra vez e se aferrou a ele com ambas as mãos ao sentir que se encontrava cada vez mais perto desse maravilhoso ponto sem retorno.

E ele se deu conta.

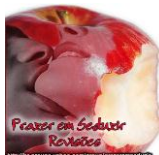
—Goze para mim, Maddie...

Madeleine obedeceu suas ordens.

Seu ventre se esticou e suas pernas ficaram rígidas antes que o orgasmo estalasse em seu interior, lhe arrancando um grito dos lábios. Enterrou as mãos em seu cabelo e elevou os quadris para a bochecha e a mão masculinas enquanto os espasmos internos de prazer se fechavam em torno de seu dedo.

—Meu deus... — disse ele com um grunhido gutural.

De repente, notou que Thomas lhe apertava o peito com força e que seu corpo ficava rígido enquanto ela se arqueava para ele. Madeleine percebeu sua respiração rápida contra a parte interior das coxas e o estremecimento que sacudiu o enorme corpo masculino quando ela chegou ao orgasmo, mas se manteve obstinada a ele até que o prazer remeteu um pouco.



Começou a relaxar quando Thomas diminuiu o ritmo de suas carícias. Nenhum deles falou nem se moveu durante um par de minutos, enquanto suas respirações se normalizavam e seu corpo relaxava. Ao final, ele retirou o dedo de seu interior e girou o rosto para apoiar a frente sobre seu quadril. Acariciou-lhe o cabelo e percorreu-lhe o pescoço com a palma da mão.

—Quero-te dentro de mim, Thomas — disse em voz muito baixa.

Ele respirou fundo e a acariciou de forma íntima uma última vez. Depois se apartou, afastou as mãos de seu corpo e ficou em pé com certa dificuldade.

Sem dizer uma palavra, sem olhá-la sequer, afastou-se caminhando. Sua claudicação se fez mais pronunciada com cada um dos degraus de madeira que subia para dirigir-se para seu dormitório.



Capítulo 10

Quando despertou e descobriu que a casa estava vazia, Madeleine soube que o encontraria junto ao lago. Thomas preferia esse silencioso lugar para pensar nas coisas com tranquilidade, e para falar a verdade também estava se convertendo em seu lugar favorito. Falaria com ele ali.

Quando saiu ao alpendre nessa manhã Clara, respirou profundamente o ar gélido e tomou um momento para fechar os olhos e elevar o rosto para o sol nascente, que despontava superando da fina neblina do horizonte. Depois, colocou as luvas, ergueu a gola do casaco e se encaminhou para o atalho que conduzia à parte posterior da casa.

A noite passou muito devagar e quase não tinha dormido. O vento cessou sem deixar uma gota de chuva. O que a manteve acordada era a lembrança das mãos do Thomas sobre seu corpo, a expressão carregada de paixão que tinham seus olhos ao olhá-la e a dolorosa imagem de sua marcha... sem tomar o que ela desejava lhe dar e sem lhe dizer uma só palavra.

Não compreendia suas ações. Nenhum homem antes a deixou assim, embora sua experiência com o sexo forte fosse bastante ampla, estava claro que não compreendia absolutamente a sexualidade masculina. Todos os homens que fizeram amor com ela tinham obtido sua própria satisfação, embora bem era certo que Thomas não se parecia com nenhum dos homens que conheceu. Contudo, seguia sendo um homem, e um homem que a desejava... De fato, desejava-a com tanto desespero que resultava encantadoramente cômico.

Enquanto jazia na cama contemplando o teto a essas horas da madrugada, acreditou em um princípio que se tratava de simples questão de insegurança. Se as lesões de suas pernas eram mais graves do que ela tinha imaginado, era possível que Thomas fosse resistente a permitir que o descobrisse. Mesmo assim, isso não explicava por completo sua silenciosa partida. Poderia havê-la possuído sem tirar a roupa e embora suas pernas sofressem certo grau de incapacidade, já a conhecia o bastante bem para saber que Madeleine jamais o rechaçaria por algo assim.



Depois pensou no tema da impotência. Ela olhou-o um instante por cima da roupa e essa parte dele parecia estar perfeitamente formada: bem proporcionada e dura como uma pedra. Estava claro que tinha uma ereção, mas teria sido capaz de mantê-la? Isso era algo que não pode comprovar depois de tombar-se no sofá, e com certo abafado se deu conta de que nem sequer tinha pensado em tocá-lo uma vez que ele se propôs levá-la até o orgasmo. Embora isso fosse normal. Contudo, não havia dito que era impotente e era de supor que o homem conhecia bem seu próprio corpo.

A única conclusão a que pôde chegar foi que não havia conclusões possíveis. Thomas não queria completar o ato íntimo com ela, por razões que só ele conhecia, algo que, como teve que recordar a si mesma, tinha admitido com toda claridade três noites atrás. Essa ideia era a que mais a preocupava e, a sua vez, a que mais graça fazia. Estava chegando a um ponto da relação em que Thomas começava a lhe importar como pessoa, e queria que ele a desejasse. Queria que a necessitasse. Queria que fizesse amor com ela, e não em busca de um simples alívio sexual, a não ser com a única intenção de intimidade com ela. Apartou o largo ramo de uma árvore de seu caminho e entrou na clareira que havia junto ao lago. Tal e como suspeitava, Thomas estava sentado no banco, contemplando as águas calmas com as pernas separadas, os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos entrelaçadas. Vestia o grosso casaco, o cachecol e as luvas, o que a conduziu a pensar que estava no bosque um bom momento.

Avançou para ele muito devagar, com os braços cruzados à altura do ventre. Seus sapatos de couro faziam ranger as folhas e os ramos sob seus pés, assim estava claro que ele a ouviu aproximar-se, mas não se moveu nem olhou em sua direção.

— Faz uma manhã muito formosa — lhe disse com tom alegre.

Ele soltou o ar pelo nariz e assentiu.

— É meu momento favorito do dia.

— Também o meu.

Madeleine se deteve um lado por detrás dele e baixou a vista para contemplar seu perfil. Umas linhas diminutas se estendiam das comissuras de seus olhos e tinha os lábios apertados em uma expressão séria. Essa manhã parecia ter mais de trinta e nove anos, embora



seguia sendo elegante e inquietantemente arrumado. Desejou poder apagar a beijos a tensão de seu rosto, mas não se considerava tão atrevida. Era óbvio que ele necessitava seu espaço.

—Tenho duas perguntas que te fazer Thomas — assinalou depois de um momento de silêncio.

A mandíbula masculina se contraiu de forma evidente, mas ele não disse nada. Ao parecer seria ela quem teria que encarregar-se de tudo.

—O que acredita que faz o barão do Rothebury com os livros?

Ele levantou a cabeça de repente para olhá-la com olhos arregalados e a boca aberta. O fato de vê-lo tão surpreso por uma pergunta tão inocente fez que Madeleine tivesse que morder as bochechas para conter a risada.

—Com os livros? — repetiu, confundido.

Ela arqueou uma sobrancelha e arrastou a ponta do pé sobre o chão do bosque.

—Com os livros de lady Claire. Para que os compra?

Thomas se sentou mais erguido e recuperou a compostura ao dar-se conta de onde se encaminhavam os pensamentos dela, embora não apartou o olhar de seu rosto.

—Eu também me perguntei isso. Depois de conhecê-lo, não posso acreditar que seja um colecionador nem um comerciante. Não encaixa com sua personalidade, ou ao menos com o que eu sei sobre ele. É um homem extrovertido, com a educação que receberam a maioria dos nobres, mas não é um intelectual.

Madeleine se aproximou um passo e observou por um instante o lar do barão ao outro lado do lago.

—Conforme parece, tampouco atravessa necessidades econômicas, ou isso não se comentou na reunião de chá da senhora Rodney. De qualquer forma, comprar livros para vendê-los depois tampouco é um negócio especialmente lucrativo. E isso significa — raciocinou com seriedade— que minta a propósito lady Claire.

—Sim, acredito nisso.

A voz do Thomas lhe pareceu rouca. Masculina. Notou que o desejo crescia em seu interior quando voltou a contemplar esses adoráveis olhos castanhos.



—Por quê?

Ele meneou a cabeça com o cenho franzido.

—Não sei. Ela pertence a sua mesma classe social, mas não entendo por que outra razão poderia visitá-la. Convida-a a suas festas, já que isso é o que se espera dele, mas não tenho nada claro por que quereria manter uma relação com ela, ou com sua extensa biblioteca.

—Talvez seja porque ela te deseja Thomas — ela comentou com suavidade ao tempo que passeava os dedos de uma mão pelo longo respaldo do banco. — Certamente a dama não o oculta, e ele não gosta de você, por razões que desconhecemos. Crê que poderia dever-se a que te considera um possível competidor no que se refere ao sexo oposto?

Thomas entrecerrou os olhos muito devagar sem deixar de olhá-la e a Madeleine ocorreu de repente como poderia interpretar o que disse. Como o comentário típico de uma mulher ciumenta. Algo que não era próprio dela absolutamente. Teria se esmurrado por dizer algo semelhante sem pensar e sem provocação alguma.

—Quer dizer que estaria comprando os livros para desferrar-se ou para chamar sua atenção? Isso não tem nenhum sentido. Estou certo de que ele não a acha mais atraente do que eu — Fez uma pausa antes de acrescentar com tom calculista. — Seus argumentos tendem a ser muito melhores, Madeleine. O que realmente está tentando me dizer?

Ela tentou não tomar isso como um insulto. Tinha razão, é óbvio. Notou que as bochechas se ruborizavam e, como não, ele também. Entretanto, não deu a volta. Tinha que ir ao ponto. E ele esperava uma resposta.

Endireitou-se e deixou cair os braços aos lados antes de elevar o queixo em um gesto orgulhoso.

—Quero saber por que me deixou ontem à noite.

Thomas esteve a ponto de sorrir.

—O que imaginava. Sinto havê-lo feito.

—Não te perguntei se o sente, perguntei-te por que — replicou ela com tom frio.

Ele vacilou e esfregou as mãos com nervosismo.

—É complicado.



Isso a incomodou. Sempre se mostrava evasivo diante de uma pergunta pessoal, e já estava farta disso. Tentou passar por cima desse sentimento e permanecer imperturbável.

—Essa é uma desculpa que utiliza bastante frequentemente, Thomas, mas esta vez eu gostaria que me desse uma verdadeira explicação. Acredito que mereço isso.

Depois de mover-se com desconforto no banco, Thomas contemplou o lago uma vez mais.

—Não se trata de você.

—Espero que não — ela comentou com tom seco. — É evidente que te assegurei de que eu desfrutasse. E acredito que também foi evidente que o fiz.

As bochechas masculinas se esticaram, mas a Madeleine não ficou claro se o comentário lhe divertiu ou lhe incomodou. Não lhe via os olhos. Não obstante, parecia mais desconcertado a cada momento.

—Teme manter uma relação íntima comigo por causa das feridas de suas pernas?

As palavras se elevaram brandamente com o vento matutino, mas a pergunta alcançou seu objetivo. Todas as cartas estavam sobre a mesa. E ele teria que falar sobre isso.

Thomas apoiou as mãos nas coxas e ficou em pé com rigidez. Passou os dedos pelo cabelo e caminhou alguns passos antes de deter-se frente à borda.

Madeleine aguardou sem mover-se.

—Não me preocupa minimamente estar contigo, e esse não era o problema ontem à noite — disse com um rouco sussurro.

Ela se negou a deixar-se intimidar pela frieza desnecessária de seu tom.

—Nesse caso, por que partiu?

—Sou um homem, Madeleine — replicou de forma abrupta.

Devia desconcertar-se ao escutar isso?

—Sim, sei. Notei certas evidências que o demonstram.

—Não entende — Meteu as mãos nos bolsos do casaco e cravou o olhar na água. — Você estava ali, e eu estava mais que preparado. Estava... tão quente; tão úmida por dentro... E era eu quem a tinha colocado assim.



Madeleine franziu o cenho e começou a caminhar para ele. A conversa tinha passado de ser evasiva a ser íntima. Imaginou que aquele era o lugar perfeito para falar do tema, já que estavam virtualmente isolados, mas mesmo assim respondeu com um sussurro.

—É uma reação física normal, Thomas. Desejo-te. Desejei-te desde o dia em que nos conhecemos.

—Por quê? — murmurou ele sem olhá-la.

Não tinha esperado isso, de modo que fez uma pausa para decidir se aquilo era um intento por trocar o tom do bate-papo.

—É um homem muito atraente — respondeu com doçura ao tempo que se colocava a seu lado. — Gosto de seu sorriso, sua serenidade... e essa forma de pensar tão racional que tem. Não se parece com nenhum dos homens que conheci e o desejo de me converter em sua amante cresce mais e mais a cada dia que passa. Penso que poderíamos divertir-nos um nos braços do outro durante o tempo que passemos juntos, assim não entendo por que o evita. Se for por seus problemas físicos, posso te assegurar que te considero um dos homens mais bonitos que conheci em minha vida, com um rosto e um corpo belo, e muito encantador, apesar de seu caráter retraído. É forte e inteligente, e acredito que se sente muito atraído por mim. Por que segue evitando o que acontecerá de todas as formas?

Ele deixou escapar um profundo suspiro.

—Não acredito que tenha rechaçado jamais o desejo, a não ser a possibilidade de que manter uma relação íntima complique nosso trabalho.

Madeleine sentiu que algo se relaxava em seu interior e esboçou um amplo sorriso.

—Será meu amante — Não era uma pergunta. Disse-o sem reservas nem expectativas e nessa ocasião, ele não o negou. Não disse nada. Madeleine sentiu que uma quebra de onda de calidez atravessava seu corpo diante o tácito assentimento e, segura de si mesma, estirou o braço para lhe colocar uma mão sobre o ombro. — por que não ontem à noite?

Thomas respirou fundo e fechou os olhos, imóvel.

Pela primeira vez, Madeleine captou o brilho de algo mais, de outra explicação para a rápida marcha da noite anterior, e sentiu que seu coração e seu corpo começavam a derreter-se.



— Diga-me Thomas — pediu com doçura.

Ele ficou rígido e seguiu com os olhos fechados enquanto elevava o rosto para o céu espaçoso. Ao final, revelou em um murmúrio.

— Não entende o que significou para mim, Madeleine. Estava ali, tão formosa, morta de desejo por mim, gemendo meu nome, me suplicando com os olhos e com o corpo que te amasse, que te tocasse que acariciasse seus peitos, seus mamilos endurecidos. E depois me permitiu colocar o rosto em seu ventre, perto do lugar onde mais me necessitava, e te tocar ali; estava muito, muito úmida e o pêlo escuro que há entre suas pernas me roçava as bochechas e os lábios. Pude... cheirar-te, te saborear com a língua... e estava tão doce, Maddie, foi tão doce te saborear... Logo me deixou introduzir um dedo dentro de ti e descobri que ali estava mais quente, mais suave e mais úmida ainda. E quando chegou ao clímax...

Sua voz começou a tremer e Thomas tragou saliva com força; ainda permanecia rígido ao seu lado, com os olhos fechados. Madeleine o contemplava em silêncio, com uma sensação a caminho entre o desconcerto e a admiração, enquanto ele narrava o que parecia uma lembrança muito longínqua.

— Quando chegou ao clímax — acrescentou com um fio de voz — pude te sentir. Deus foi como se me envolvesse... Pude senti-lo. Senti que a umidade se aferrava para mim, que fluía entre meus dedos; senti que me apertava de dentro, que me acariciava pela forma como se esfregava contra minha mão. Chegou ao orgasmo graças a minhas carícias, somente com minhas carícias... — Meneou a cabeça de novo e apertou a mandíbula. — Não compreende o que o fato de saber disso, o fato de estar ali e experimentar isso, podem fazer a um homem. Gemia meu nome em resposta a minhas carícias, e compreendi que o que cheirava o que saboreava e o que sentia era a liberação da autêntica beleza feminina. Já não era um sonho. Era real, você foi real, e eu não pude... — ficou rígido e estremeceu. — Não pude me conter, Madeleine. Não estive com nenhuma mulher há anos.

O frio desapareceu por completo quando uma maré de delicioso afeto se derramou sobre seu corpo. Madeleine não sabia se ficava perplexa diante de semelhante revelação, comovida por sua sinceridade ou adulada. Mas o certo era, decidiu que nenhum homem nunca



tinha sido tão honesto com ela, em especial sobre um pouco relacionado com sua masculinidade. Nenhum homem descreveu-lhe a sexualidade feminina com uns termos tão formosos. Inclusive os franceses, que geralmente eram mais gráficos ao falar de sexo, descreviam-no guardando as distâncias, como se fosse algo belo que devia admirar-se e entesourar-se, como se tratasse de uma obra de arte. Thomas o havia descrito como se formasse parte disso e o sentisse dentro dele, como se a tivesse percebido intimamente com todos seus sentidos. Como se encontrasse sua sexualidade formosa, e formosa somente para ele. Madeleine soube imediatamente que aquele era um dos momentos mais especiais de sua vida, um dos momentos mais maravilhosos.

Bem. O que podia lhe dizer? Que não passava nada? Que isso não mudava o muito que o desejava? Que o entendia apesar de que era uma mulher? Podia lhe perguntar por que não manteve relações durante tantos anos e quantos anos foram esses? Dava-se conta de que estava envergonhado e de que esse momento, apesar de toda sua sinceridade, foi incrivelmente difícil para ele. Estava claro que aquele não era o momento indicado para uma conversa detalhada a respeito de seu passado. Contudo, e como mínimo, diria-lhe o que ela sentia.

Depois de apartar as mechas que o vento lhe levou a fronte, deu-lhe um apertão no braço para chamar sua atenção.

—Thomas, estive com muitos homens — admitiu em voz calma—, mas é o único que tem feito que me sentisse formosa sem outra coisa que palavras singelas.

Ele abriu os olhos e deu a volta muito devagar para olhá-la.

Madeleine esboçou um pequeno sorriso ao contemplar esses círculos de cor castanho claro, carregados de incerteza e aferrou o casaco que levava com ambas as mãos para controlar o impulso de tocá-lo.

—Não falas de forma poética, mas sim sincera e descritiva, o que resulta muito romântico. A próxima vez me fará sentir formosa com seu corpo, e tenho a intenção de compartilhá-lo e fazer que dure todo o possível. Somente espero estar à altura de um homem tão generoso.



Os duros contornos do rosto masculino relaxaram pouco a pouco; seu olhar se suavizou e em seus olhos apareceu um brilho que Madeleine só pôde descrever como alegre, e talvez surpreso.

Ergueu-se antes de continuar.

— Bom o que quer fazer hoje?

Thomas compôs uma expressão divertida ao ver quão rápido trocava de tema, mas ela a passou por cima e manteve uma expressão impassível e o queixo em alto.

— Vou fazer uma visita à senhora Bennington-Jones, para verificar se poderei falar com a Desdémona, ou ao menos descobrir algo sobre ela — sussurrou ele arrastando as palavras. — E você?

Madeleine teve que jogar mão de toda sua vontade para manter seus lábios separados dos dele e lutar contra o urgente desejo de seduzi-lo ali mesmo, no banco. Com um par de passos para adiante estaria em seus braços.

— Acredito que me darei um banho na estalagem e depois me vestirei para fazer uma visita ao Rothebury — se obrigou a dizer. — Já é hora de que nos conheçamos.

Sem aguardar uma resposta, deu a volta e começou a caminhar para os arbustos. Jogou uma olhada por cima do ombro e viu que Thomas a observava fixamente com os olhos entrecerrados, as mãos nos bolsos e seu enorme e imponente corpo tenso.

— Tome cuidado — aconselhou com voz rouca.

Pela primeira vez em toda sua carreira, Madeleine não se sentiu ofendida ao escutar o leve matiz de superioridade masculina nas palavras de um colega, já que essa vez percebeu certa implicação emocional. Tinha falado a sério, não porque ele fosse um homem e ela uma mulher, mas sim porque gostava. Deleitou-se com essa ideia, mas não daria a satisfação de saber quão profunda e estranhamente a afetava.

— Acredito que deveria te dizer o mesmo. A senhora Bennington-Jones poderia te dar uma surra de morte só com palavras — O olhou de cima abaixo antes de acrescentar com voz pícara. — E me alegro muito, muitíssimo, de que não seja impotente depois de tudo.

A grave gargalhada masculina reverberou entre as árvores.



Capítulo 11

A intenção original do Madeleine tinha sido surpreender o barão em seu lar, chamar a sua porta e apresentar-se, tal e como revestem fazer os vizinhos. O problema desse plano, não obstante, era que não tinha uma desculpa válida para fazê-lo. Possivelmente o homem não estivesse em casa ou, pior ainda, talvez sua visita lhe parecesse suspeita. Como recém chegada ao povoado, o apropriado seria que ele a visitasse, mas estava claro que Rothebury nunca faria algo semelhante. Assim, sua única alternativa era fingir que se encontrava com ele durante seu passeio matutino a cavalo pelo atalho do lago e obter que o encontro parecesse acidental.

Ela colocou-se a caminho as dez em ponto. Estava vestida com seu vestido matinal, a capa de viagem e as luvas, e penteou o cabelo em uma larga trança que enrolou no alto da cabeça. Também colocou um leve toque de cor nas bochechas, os lábios e os olhos; não o suficiente para que se notasse, mas queria luzir o melhor aspecto possível. As primeiras impressões eram tudo.

Só levava passeando pelo atalho uns minutos quando divisou ao barão, que se aproximava dela das árvores. Cavalgava no lombo de seu cavalo cinza, vestido devidamente com um traje de montar marrom. Tinha o rosto tenso, Fosse por causa do esforço físico ou da concentração, e parecia examinar as curvas do caminho. Ainda não a tinha visto. Madeleine respirou fundo e alisou a capa com as mãos antes de assumir uma pose despreocupada. Veria-a em questão de segundos e queria estar preparada.

Nesse momento a divisou.

Ainda a certa distância, o barão atirou com suavidade as rédeas para diminuir o trote do cavalo. Não parecia surpreso por sua súbita presença, embora a estudou com atenção da cabeça aos pés sem preocupar-se minimamente pela possibilidade de que ela se sentisse ofendida por tão intenso escrutínio. Madeleine fingiu não dar-se conta de tão indecoroso comportamento e compôs uma expressão de surpresa antes de esboçar um sorriso radiante. Saudou-o com um gesto da cabeça enquanto seguia avançando para ele.



Também se aproximou o barão, que esboçou como ela um sorriso assim que viu o seu. Era um sorriso calculado que não chegou aos olhos.

— Bom dia, monsieur — o saudou com tom alegre ao tempo que se situava a seu lado.

— Certamente que é bom dia, senhora — se apressou a replicar ele com tom rouco enquanto estudava com descaramento cada centímetro de seu rosto. — Ou ao menos o é agora, depois de cruzar com uma mulher tão formosa. É você uma alucinação ou é real?

Umas palavras tão convencionais e calculadas teriam impressionado às mais tímidas. Ou às inocentes. Acaso acreditava tão ingênua? Era provável que não. Tinha-a chamado «senhora», o que significava que assumia que estava ou esteve casada, ou que já conhecia sua identidade. Era um tipo preparado; enfrentou sua aparição ali com adulações e uma sedução sutil, à espera de uma reação. Madeleine notou que lhe arrepiava o pêlo da nuca.

— Por que, monsieur — disse ela depois de uma risada afogada — você sabe como adular as damas. Espero que não se importe por eu ter passeado por sua propriedade; não sabia que pertencia a alguém.

Deixou que as palavras flutuassem no ar, calmo e frio, à espera das apresentações. Ele não a decepcionou, mas tampouco desembarcou do cavalo: um óbvio tento por manter uma posição de superioridade desde que era a que podia olhá-la de cima.

— Sou Richard Sharon, barão do Rothebury.

Disse quase com jactância, esperando sem dúvida que ela soubesse quem era. Ela agradou a sua vaidade.

— Ah, claro. É você o dono da mansão que se vê ao longe — replicou com doçura. — A senhora Bennington-Jones e sua filha Desdémona o mencionaram na reunião de chá da senhora Rodney a outra tarde.

O homem não piscou nem perdeu o sorriso, mas Madeleine percebeu a ligeira tensão de seus lábios. Continuou falando para que não a interrompesse.

— A senhora chegou a sugerir inclusive que seu lar era tão antigo que poderia ter servido como refúgio para aqueles que não se viram afetados pela peste negra. Encontrei-o fascinante.



—Fascinante, sim — ele concedeu com rapidez —, mas é só um rumor. Quando as damas se reúnem para o chá se embarcam em conversas de natureza muito assombrosa, não lhe parece?

Madeleine se perguntou como demônios se informou disso.

—Suponho que sim.

O barão inclinou a cabeça para mostrar sua aprovação.

—Em realidade, possuo grande parte das terras dos arredores: da borda do lago até muitos quilômetros ao sul daqui e, é obvio, até o Hope Cottage, a casinha que se encontra ao leste de povoado — Levantou uma das comissuras da boca e entrecerrou as pálpebras de densos e escuros cílios em uma expressão sugestiva. — É você a francesa vive com o intelectual ali, verdade? Vi-a entre as árvores um par de vezes e não pude evitar observá-la. É você formosa dos pés à cabeça, e resulta difícil passar por cima uma beleza semelhante.

Tratava de impressioná-la com essa voz grave e aveludada, imaginando que ela reconheceria seu intento de sedução. Era homem intrigante em certo sentido, de aparência agradável, e provavelmente gozasse de bastante êxito entre as fêmeas devido a suas maneiras elegantes e sensuais.

Seu rosto tinha traços marcados: maçãs do rosto altas e definidos; pele clara, suave e bem barbeada; uns olhos chamativos e penetrantes e uma boca larga e tentadora. Suas botas eram novas e brilhantes, e os custosos objetos feitos a medida se adaptavam à perfeição a sua musculosa figura. Seu cabelo avermelhado e as costeletas estavam recortados à última moda, embora um pouco alvoroçados devido ao passeio a cavalo.

Sim, era um homem bastante arrumado e muito sexual; possuía uma aura cativante que prometia eróticos prazeres no dormitório. Qualquer inocente cairia em suas garras se ele a escolhesse como conquista. Madeleine, entretanto, tinha certa experiência na arte da sedução e nas relações sexuais, e conhecia esse tipo de aura o suficiente para manter-se afastada dela. Ou para utilizá-la.

Com um brilhante sorriso, caminhou para aproximar-se de seus arreios, mesmo que o instinto lhe dizia que fizesse justo o contrário.



— Sim, meu nome é Madeleine DuMais. Vivo no Winter Garden temporariamente, até que termine de traduzir as memórias de guerra de monsieur Blackwood a minha língua nativa. É um anfitrião calado embora agradável, e o povoado é encantador — Enlaçou as mãos às costas. — Estou desfrutando muito de minha estadia aqui, mas estou impaciente por conhecer mais pessoas.

O homem arqueou as sobrancelhas.

— Vá, nesse caso é um prazer conhecê-la, Madeleine — disse com tom pomposo. — Talvez possamos nos conhecer melhor enquanto permaneça na Inglaterra.

Era óbvio que se sentia atraído para ela, e também que pretendia utilizar seu nome de batismo sem esperar a que lhe desse a acostumada permissão. Madeleine decidiu aproveitar-se disso.

Depois de esboçar um sorriso sedutor, elevou a mão para lhe dar uns tapinhas no pescoço do cavalo. O animal se moveu um pouco, mas o barão não reagiu nem apartou os olhos dela.

— Isso eu adoraria, monsieur barão — sugeriu com tom persuasivo. — conheci a algumas das damas do povoado, mas a nenhum cavalheiro.

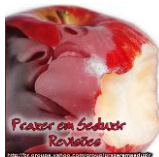
Ele jogou uma olhada à casa situada ao outro lado do lago e Madeleine desejou com todas suas forças que Thomas não estivesse à vista. Tinha-o deixado de lado a propósito quando deixou cair o comentário referente aos cavalheiros do Winter Garden e o barão parecia havê-lo captado. Não queria que Rothebury pensasse que o erudito e ela eram amantes.

A bochecha do homem se esticou de repente e seu olhar voltou a cravar-se nela. Sua expressão se suavizou, mas seus olhos pareciam duros como o cristal. Penetrantes.

— Conhece bem a seu patrão, Madeleine? — sussurrou.

Essa pergunta tão descarada a pegou completamente despreparada. Não tinha esperado que fosse tão direto. Então lhe ocorreu que talvez a estava avaliando para averiguar até onde chegava sua virtude.

Sentiu-se atravessada por uma quebra de onda de incerteza, mas depois de um segundo de hesitações, decidiu interpretar o papel de uma mulher experiente.



—Não, Richard, nós não nos conhecemos de maneira íntima — admitiu em um murmúrio. — O senhor Blackwood tende a ser bastante reservado.

— Certo.

Parecia convencido, mas Madeleine detectou um matiz de suspeita nessa singela resposta. Não sabia se acreditava ou não, e isso lhe deu o primeiro momento de vantagem.

Estava a ponto de sugerir que passeassem de volta na direção pela que tinha chegado, ele a cavalo e ela a seu lado, quando o barão passou a perna sobre o lombo do animal e baixou ao chão para situar-se a seu lado.

Não era um homem alto, mas era de complexão forte e estava em forma. Apenas a superava em estatura, mas de algum modo dava a sensação de que a olhava desde muito acima. Isso há pôs um pouco nervosa (a vantagem era do barão uma vez mais) e tentou aplacar começando a caminhar. Ele a seguiu e conduziu ao cavalo puxando as rédeas.

—Bem, Madeleine — continuou com tom alegre —, até quando pensa ficar em nossa adorável comunidade?

Ela encolheu os ombros de maneira indiferente; muito consciente de sua presença.

—Até que termine o trabalho. Suponho que estarei aqui grande parte do inverno.

—Isso parece muito tempo para uma simples tradução...

—Seriamente? Não pensei nisso, mas o certo é que nunca antes tinha traduzido memórias de guerra.

—Vá... E de que guerra são se posso perguntar?

Ela o olhou à face.

—Da guerra do Ópio. Soa-lhe de algo?

—Pois claro que sim — replicou imediatamente sem apartar os olhos dela. — a Inglaterra arriscou muito com o mercado do ópio. E ainda o faz. O senhor Blackwood ficou aleijado nas Índias Orientais, então?

Seu tom estava carregado de arrogância e isso a enfureceu, já que estava quase segura de que a falta de tato tinha sido deliberada.



— Assim acredito, durante uma das muitas escaramuças com a China, embora ainda não chegamos até esse ponto no trabalho. Ainda tenho que repassar seus últimos anos de guerra, ou ganhar toda sua confiança — Essa ideia converteu a fúria em tristeza. Em realidade não tinha nem ideia de onde tinha sofrido as lesões, por que Thomas não foi honesto com ela, embora pediu a ela que o fosse. Contudo, logo insistiria de novo nisso.

— Já vejo — replicou o barão com ar pensativo e sem acrescentar nada mais.

De repente, estirou a mão e a agarrou pelo braço para detê-la. Madeleine sentiu a pressão de seus dedos através do vestido e da capa e lutou contra o desejo de se soltar.

Ele não a soltou. Madeleine o olhou nos olhos e se obrigou a esboçar um leve sorriso antes de compor uma expressão interrogante para evitar que o barão se precavesse do mal que se sentia. Thomas havia dito que o homem era tão escorregadio como uma enguia e, essa descrição se encaixava às mil maravilhas. Nesse instante a olhou sem reservas e baixou a vista por um momento até a zona de seus peitos que o decote deixava ao descoberto. Quando a olhou aos olhos de novo, os seus estavam carregados de uma paixão que não fez nenhum esforço por ocultar.

Pela primeira vez desde que podia recordar, Madeleine se sentiu incômoda diante dos avanços de um homem. Estava a sós com um estranho em um gélido bosque, com o sol oculto entre umas nuvens cada vez mais densas e em meio de um silêncio ensurdecedor... e o barão notou sua preocupação. Devia notá-la, já que a estava utilizando. Esse tipo era uma serpente. Não, uma serpente não. Uma aranha. Arrastava-se silenciosamente dentro e fora da vida das pessoas com olhos calculistas que percebiam tudo antes de arrastar aos inocentes até sua teia, a que não poderiam escapar. Nesse momento a desejava e não fazia o menor intento por dissimulá-lo.

O cavalo voltou a mover-se com nervosismo e, sem olhá-lo, o barão puxou as rédeas para acalmá-lo. Madeleine não sabia nada sobre cavalos, mas estava segura de que Rothebury jamais era muito amável com eles, e a abrupta reação para controlar ao animal não fazia mais que corroborar suas suspeitas.



— Talvez, Madeleine — disse em um áspero sussurro —, queira assistir ao baile anual que celebro o segundo sábado depois de Natal. É um baile de máscaras, mas será um prazer para mim lhe apresentar à aristocracia local e a todos aqueles de certa importância, quem, é obvio, estarão ali — Começou a lhe acariciar o braço com o polegar muito devagar. — Isso também nos daria uma oportunidade de nos conhecer melhor.

Apesar do ambiente frio e do inquieto cavalo, Madeleine se concentrou somente nas palavras daquele homem. Não nas sugestivas insinuações, a não ser no fato de que não pensava convidá-la a sua casa até o baile que se celebraria três semanas depois. Algo muito estranho. Não a queria em seu lar, embora era óbvio que a desejava fisicamente.

O barão lhe roçou o peito com o pulso enquanto lhe acariciava o braço, e Madeleine estremeceu.

— Tem frio? — perguntou com fingida preocupação.

— Muito — Lhe dedicou um sorriso resplandecente e cruzou os braços na frente, sujeitando os cotovelos com as palmas para evitar que a agarrasse, assim que o homem não teve mais remedeio que deixar cair o braço. — Não estou acostumada a um clima tão frio. Marsella, minha terra natal, tem um clima muito mais agradável.

— Certamente.

O barão se apartou um pouco e, por um instante, Madeleine temeu que se fosse dali zangado. Por mais que o desejasse, ainda não estava pronta para deixá-lo partir.

Fazendo caso omissos de seus instintos, deu um passo para ele e entrecerrou as pálpebras para ocultar seus olhos claros antes de inclinar a cabeça e começar a brincar com os botões de sua capa.

— Seria um prazer para mim aceitar sua generosa oferta, Richard. Eu adoro as festas e seria uma desculpa perfeita para conhecê-lo melhor. Entretanto, somente seria apropriado se assistisse acompanhada pelo senhor Blackwood. Suponho que ele também está convidado.

Uma sombra de algo estranho atravessou o rosto do homem. Dúvida? Irritação? Cautela? Não obstante, representou o papel do perfeito cavalheiro e não se opôs.

— Também ele será bem-vindo como meu convidado — disse com certa reserva.



—Maravilhoso — Madeleine franziu os lábios com acanhamento. — E espero que me mostre alguns de seus cômodos de sua esplêndida mansão. Lady Claire me falou de sua magnífica coleção de livros e de seu interesse no comércio destes. A biblioteca é um lugar perfeito para... falar a sós. Não lhe parece?

Isso o surpreendeu. Embora tratou de ocultá-lo, notava-se que o comentário o tinha desconcertado. Piscou e franziu um pouco o cenho, mas Madeleine sabia que o que o tinha surpreso não era a sugestão de um interlúdio. Preocupavam-lhe ou os livros ou que lady Claire falasse dele. De novo era ela quem estava em situação de vantagem.

—Assim conheceu lady Claire — disse com uma voz que traía sua cautela.

—Tenho certeza de que foi uma mulher adorável em seu tempo — Esse foi o melhor elogio que lhe ocorreu.

O barão recuperou de súbito esse ar evasivo e encantador.

—Sim, certamente; embora a beleza dessa dama jamais poderia rivalizar com a sua Madeleine.

Detestava a maneira em que pronunciava seu nome. De uma forma sussurrante, arrastando cada letra como se estivesse lhe fazendo o amor. Repugnante.

Ao pensar nisso, lhe veio à mente a imagem do Thomas: um homem íntegro, forte, taciturno e honesto. Recordou seu enorme corpo endurecido por ela; a comovedora reação que tinha mostrado ao tocá-la de maneira íntima. Não tinham acontecido mais que duas horas da última vez que o viu e já sentia falta dele. Muitíssimo.

—Bom, suponho que devo seguir meu caminho — declarou com um suspiro.

Ele riu de uma forma enjoativa e agressiva.

—Impaciente por retornar ao trabalho?

Madeleine soltou uma gargalhada, tal e como ele esperava, e inclinou a cabeça com ar tímido.

—A verdade é que não, mas acredito que é meu dever fazê-lo. Estou segura de que meu patrão estará se perguntando onde estou.

Os traços do homem se endureceram um pouco.



— Eu também estou certo — disse com frieza.

A Madeleine custou um verdadeiro esforço para esticar a mão e segurar seu braço. Mas o fez, e ele não se apartou. Percebeu a tensão do corpo masculino mesmo através das roupas.

— Foi uma honra conhecer por fim ao homem do que tanto ouvi falar nas poucas semanas que levei no Winter Garden — admitiu em voz baixa.

— A honra foi minha, Madeleine DuMais — replicou ele também em voz branda ao tempo que lhe apertava a mão enluvada.

— Até a próxima vez, monsieur.

Apertou-lhe os dedos.

— Até a próxima.

Madeleine voltou, mas não lhe soltou a mão.

— Me esquecia de mencionar uma coisa.

Ela vacilou e, ao olhar para trás, precaveu-se de que o barão tinha a testa enrugada e seu penetrante olhar cravado no chão.

— Monsieur?

— Seu patrão, o senhor Blackwood...

Ela aguardou.

— Sim?

— De onde é exatamente?

Ele devia saber, e mesmo assim perguntou. Por quê?

— Acredito que é do Eastleigh e que só ficará aqui durante os meses de inverno. Contudo, não estou muito a par de sua vida pessoal nem de seus costumes — Fez uma pausa para lhe dar efeito e depois acrescentou. — por que o pergunta?

O barão meneou a cabeça um par de vezes com aspecto confundido, embora não levantou a vista da grama e o barro escuro que havia em seus pés enquanto seguia aferrando com força sua mão.

— Isso é muito estranho.



Não a soltaria até que deixasse claro o que queria dizer, e por alguma estranha razão, isso fez que o pulso do Madeleine se acelerasse.

— Estranho?

Seguiu com a cabeça encurvada, mas levantou as pálpebras para olhá-la com uma cruel expressão de triunfo nos olhos de cor avelã.

— Perguntei por ele no Eastleigh e ninguém ouviu falar de um erudito chamado Thomas Blackwood.

Madeleine sentiu que o frio lhe impregnava até os ossos. Rothebury mentia, é óbvio, ou isso queria que ela acreditasse. De verdade suspeitava que Thomas era algo mais do que aparentava e o tinha investigado? Isso era o que mais a preocupava de tudo.

— Estou segura de que existe alguma explicação — assinalou com tom simpático enquanto tratava de controlar o tremor de sua garganta. — Talvez faça tanto tempo que não vai ali que os residentes o esqueceram. Depois de tudo, viajou muito.

O barão esboçou um sorriso ardiloso e lhe apertou a mão até um ponto quase doloroso.

— Seguro que tem razão. Com estranho me referia a que ninguém nas vizinhanças do Eastleigh tem o sobrenome Blackwood. Isso quer dizer que sua família não é dali. Somente fiz que alguém o averiguasse porque ouvi que está interessado em comprar Hope Cottage, e por que está ao lado de meu imóvel, sentia curiosidade pelo possível proprietário. Tenho a certeza de que você o compreenderá.

Madeleine permaneceu imóvel.

— Certamente, Richard.

— Talvez possa perguntar-lhe algum dia.

Ela não respondeu, embora ele não esperava uma resposta.

Assim que terminou de falar, soltou-lhe a mão, voltou-se para seus enormes arreios e subiu na cadeira uma vez mais com um movimento ágil.

— Não poderia expressar com palavras o prazer que me deu me encontrar com você esta manhã no meio do bosque, Madeleine. Somente teria desejado que tivéssemos tido mais tempo para estar a sós e nos conhecer um ao outro — Seus insolentes olhos a percorreram de



cima abaixo uma vez mais, muito devagar. — É você uma mulher excepcionalmente bela, e espero que nos vejamos de novo — Baixou a voz. — Possivelmente inclusive de noite. Seria um autêntico prazer ver sua maravilhosa pele à luz da lua.

O comentário sentou-lhe como uma bofetada na cara, tanto no plano pessoal como profissional. Mas o mais irritante de tudo era que se sentia desconfortável de uma maneira que não podia explicar.

—Você foi muito encantador, Richard — replicou com cortesia; tinha o corpo rígido, a boca seca, e se sentia incapaz de aludir ao último comentário. — Esperarei com impaciência seu convite ao baile.

—E eu estarei impaciente por lhe mostrar minha... biblioteca. Até então, senhora — prometeu muito seguro de si mesmo. Ato seguido partiu na direção pela que tinha chegado.

Madeleine começou a tremer. Tinha o frio dentro do corpo, mas era algo mais que uma mera reação física ao clima. O barão do Rothebury a assustava por razões que ainda não compreendia. Entrou de forma deliberada no tecido, e a aranha a tinha descoberto. Tinha-a apanhado. E a espreitava.

Deu a volta e caminhou a passo lento em direção a casa até que esteve segura de que ninguém podia vê-la. Depois, levantou as saias e começou a correr.



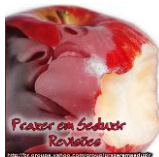
Capítulo 12

Thomas esteve fora à maior parte do dia, embora não a propósito. Também ele foi banhar-se na estalagem depois de que Madeleine partisse a conhecer o Rothebury, em parte porque tinha se acostumado a dar um banho diário e se negava a passar mais de dois dias sem banhar-se enquanto estivesse no Winter Garden, mas sobre tudo porque estava preocupado por Madeleine e sabia que a vigiaria do bosque se tivesse a possibilidade. Ela não o necessitava. Era muito competente e estava claro que o barão não era perigoso; ou ao menos, não o seria a primeira vez que se vissem.

A última hora da manhã visitou a Sarah Rodney com a esperança de lhe tirar toda a informação possível à historiadora do povoado sobre a propriedade do Rothebury, mas descobriu que ela levava uns dias no Haslemere cuidando de sua filha, que acabava de dar a luz depois de um comprido e difícil confinamento. O mais provável era que ficasse ali até depois do Natal, segundo seu mordomo. Por desgraça, não parecia haver outra forma de conseguir informação sobre a mansão que perguntar diretamente ao Rothebury ou viajar a Londres para investigar um pouco. No Winter Garden não havia um lugar específico onde se armazenassem os registros legais referentes à época em que a família do barão ainda não tinha comprado a propriedade. Poderia começar por escrever ao Ministério do Interior para começar as comprovações, mas não queria fazê-lo. No momento, esperaria.

Sua seguinte parada tinha sido o lar do Penélope Bennington-Jones. Desdémona, que vivia com sua mãe viúva enquanto seu marido estava longe servindo no exército, estava um pouco indisposta, ou lhe disseram isso. Penélope, entretanto, pareceu bastante contente de recebê-lo. Extremamente contente.

Desde que Thomas chegou ao povoado no verão anterior, só a tinha visitado em duas ocasiões. Durante esses encontros a dama se mostrou cordial embora reservada, e o tinha tratado de maneira respeitosa em sua qualidade de convidado, tanto em sua casa como em sua comunidade, tal e como era seu dever. Essa vez, não obstante, mostrou-se inusualmente



sociável, e isso lhe deixou desconfortável. Fez-lhe perguntas diretas e pessoais: seu passado, seu serviço durante a guerra e sua educação, suas razões para trazer Madeleine ao Winter Garden... É óbvio, Madeleine e ele conheciam seus papéis e como responder às perguntas depois de falá-las muitas vezes, mas o desconcertava a súbita mudança da senhora Bennington-Jones. A mulher tinha falado com outras pessoas do povoado sobre eles, e também com o Rothebury, seguramente. Nesses momentos tratava de realizar uma investigação por sua conta. Thomas não tinha nenhuma dúvida sobre isso.

No meio da tarde se encontrava no incômodo salãozinho cor framboesa de lady Claire, tomando um chá com sanduíches de salmão e escutando seu interminável bate-papo a respeito dos primeiros dias de seu matrimônio e os anos de juventude, nos que foi cortejada por cavalheiros de todas as partes do país por causa tanto de sua formosura como de suas riquezas. Thomas acreditava. Era provável que a dama tivesse sido toda uma beleza naquela época de sua vida, embora nesse momento estivesse se estragando devido à amargura da solidão e ao feito de ver-se privada de seus seres queridos. Sentia-o por ela, mas não a compadecia. A dama já sentia bastante lástima por si mesma. Se havia uma coisa que Thomas conhecia muito bem era a autocompaichão, e não pensava tolerá-la.

Contudo, e apesar de que tinham ficado toda uma comprida tarde juntos, não descobriu nada relevante com respeito à investigação sobre o ópio. Sua intenção inicial tinha sido falar sobre o Rothebury e sobre os livros, mas a conversa se afastou uma e outra vez do tema, sem importar o muito que tratasse de mantê-la nesse caminho. Ao final, chegou à conclusão de que lady Claire não sabia muito além de que o barão queria sua coleção de livros, a qual tinha um tamanho considerável, e de que lhe pagava uma boa soma por alguns livros de vez em quando. Parecia a Thomas que todo esse assunto era bastante questionável, mas partiu dali com a certeza de que não poderia surrupiar nada mais de lady Claire.

Nesse instante, muito perto das cinco, caminhava pelo povoado em direção a sua casa sem preocupar-se com a caída da noite e pelas gotas de chuva gelada que lhe golpeavam no pescoço e na cabeça. Depois de todas essas visitas sociais, sabia pouco mais que essa manhã, salvo que Madeleine e ele se converteram no alvo das fofocas durante as duas últimas semanas.



Podia ser que ainda fosse um alvo intacto, mas era um alvo ao fim e ao cabo. As pessoas estavam fazendo perguntas. Os aldeãos de bom berço estavam instigados e o acossado barão parecia perceber as grades de sua jaula. Tudo ia saindo exatamente como desejava, salvo pelo tempo transcorrido.

E por Madeleine. Madeleine, essa mulher encantadora e cheia de paixão que sempre ocupava o núcleo de seus pensamentos, que representava o maior problema de todos. Tinha alguma influência sobre ela? Necessitava-o ainda para algo? Não sabia.

Para falar a verdade, o trabalho que traziam entre as mãos o deixava muito inquieto. Ela não o tinha considerado ainda, mas Thomas sabia que a investigação não deveria levar tanto tempo, e ao final também ela se daria conta. Se perguntaria o que fazia ele a cada dia para avançar, por que se comprometeram tão intimamente em um caso para cuja resolução não eram necessárias duas pessoas. Rothebury deveria ter sido detido fazia semanas com provas sólidas que poderiam terem sido recolhidas, muito mais rápido por outros meios, mas o desejo de ter Madeleine a seu lado sobressaía sobre todo o resto, sobre qualquer desejo que jamais teve. A ideia de trazê-la ao Winter Garden foi dele, e sir Riley não tinha protestado para opor-se a suas decisões. Thomas ocupava uma fila superior e sir Riley não era mais que o subordinado; tinha sido ele quem decidiu o caminho que os levaria até o ópio ou, ao menos, até o contrabandista que o roubava.

Igualmente a ele, Madeleine tinha deduzido que Rothebury era o principal suspeito quase desde o dia de sua chegada. Entretanto, Thomas precisava passar mais algum tempo com ela. Tinha tratado de convencer a si mesmo de que sua prolongada estadia no povoado não tinha nada a ver com o que sentia por essa mulher, mas, é obvio, não era certo. De maneira egoísta, tinha eleito essa investigação para conhecê-la, para cortejá-la, para tentar o impossível, e isso levava seu tempo. Tinha uma única oportunidade, e era essa. Tomaria todo o tempo que necessitasse.

Sorriu para si mesmo na escuridão. Resultava muito alentador ver o muito que ela o desejava. O episódio da noite passada tinha sido indescritível, muito inesperado, e lhe fervia o sangue com o mero feito de recordá-lo. Quando admitiu sua falta de controle essa manhã, ela



não riu nem tentou diminuir a importância. Não a surpreendeu em sua preocupação, e o comoveu com esse tenro desejo de aceitá-lo tal e como era para evitar que se sentisse envergonhado. Jamais teria admitido diante de ninguém semelhante incompetência sexual nem a recente carência de relações, mas Madeleine contava com sua confiança e tinha sua felicidade nas mãos. Era a proprietária de seu coração.

Contava com a possibilidade de que se sentisse atraída por ele quando por fim chegou ao Winter Garden, mas jamais teria se atrevido a esperar que fosse tão generosa, que a paixão que sentia por ele se desatava de uma maneira tão rápida e evidente. Conhecendo-a como a conhecia, sabia que a confusão que sentia não demoraria para converter-se em um crescente desejo interior muito distinto a tudo o que havia sentido antes. Ela tinha o poder, mas a escolha era dela. E isso era o que mais o assustava.

Thomas observou a casinha que se encontrava ao final do caminho e desejou poder correr até ela. Tinha o corpo intumescido por causa da chuva que o empapava e Madeleine o aguardava no interior da casa.

Minutos mais tarde, abriu a porta principal e percebeu o maravilhoso aroma da comida. Com os dedos congelados, desabotoou-se o casaco e o pendurou no gancho.

Madeleine devia o ter ouvido, já que saiu a recebê-lo imediatamente, vestida com o singelo vestido de viagem desabotoado até o pescoço, um engomado avental branco e o cabelo recolhido com uma simples fita à altura da nuca.

Thomas a contemplou com o coração pesado. Nunca antes a viu tão relaxada e formosa. Sempre parecia tão polida e... elegante. Tão composta. Serena e majestosa, como uma rainha em seu trono. Entretanto, nesse momento, enquanto permanecia de pé no vestibulo dessa diminuta casa do povoado, tinha um aspecto encantador, ruborizada e adorável, com uma colher de madeira em uma mão, uma mancha de farinha no queixo e um brilho tímido e alegre nos olhos. Thomas sabia que essa imagem ficaria gravada a fogo em sua mente para sempre.

—Preparei um jantar mais cedo — disse ela com doçura, rompendo o feitiço. — Pão recém feito, porco assado com molho e cenouras e maçãs assadas. Não sou muito boa



cozinheira, em especial com os pratos ingleses, assim não há nenhuma garantia de que seja comestível.

Com um sorriso, Thomas se desfez de seus pensamentos e deu um passo para frente.

— Estou faminto, assim não me importa como saia.

Ela o avaliou rapidamente da cabeça aos pés.

— Está empapado. Quer se trocar de roupa?

Ele meneou a cabeça.

— Quero comer — E não me apartar de seu lado, acrescentou para si mesmo. Jogou uma olhada à sala dos fundos e perguntou. — por que está cozinhando? Beth não veio hoje?

Madeleine se esticou o bastante para que ele o percebesse e Thomas voltou a olhá-la à face. Estava ruborizada e evitava seus olhos.

— Enviei-a a sua casa faz umas quantas horas, Thomas — replicou com os ombros erguidos. Depois de sacudir um pouco o cabelo, voltou-se para a cozinha uma vez mais. — É muito jovem e muito adorável para revoar por esta casa. Estou segura de que terá coisas mais interessantes que fazer pelas tardes.

O que significava isso? Devia haver-se equivocado ao utilizar a palavra «revoar».

— Revoar?

Ela não respondeu. Thomas escutou o estalo continuado das caçarolas detrás da porta, assim seguiu o ruído. O ambiente da cozinha era acolhedoramente quente e cheirava a glória.

— Revoar? — repetiu.

Madeleine se deteve perto do forno e esfregou a bochecha com o dorso da mão sem dignar-se a olhá-lo.

— Estou ciumenta, Thomas.

Esteve a ponto de cair rodando ao chão ao escutá-la. A ponto. Teve que agarrar-se ao respaldo da cadeira que tinha à direita para manter o equilíbrio e se obrigou a manter a língua no interior da boca o tempo suficiente para pensar algo que dizer.

Madeleine estava ciumenta da filha do reverendo? Era uma brincadeira? Certamente que sim. Ou não?



Não. Tinha sido sincera ao expressar seus sentimentos, como sempre, e o fato de dar-se conta disso o voltou louco de alegria e satisfação. Mas... ciumenta?

— Por quê? — conseguiu murmurar em resposta, embora pareceu um grasnido gutural.

De costas a ele, Madeleine encolheu um pouco o ombro esquerdo enquanto removia algo no fogo que absorvia sua atenção.

— É jovem e inocente, e está muito afeiçoada contigo. Compreendo que queira te casar de novo, mas acredito que é muito ingênua para um homem com sua experiência. Deveria procurar a outra. E não a despedi. O que passa é que não queria tê-la aqui esta noite.

Foi uma explicação rápida e incoerente, o que significava que se sentia um pouco envergonhada por suas considerações. Thomas se deixou cair na cadeira de madeira e contemplou as suaves curvas de suas costas e seus quadris, maravilhado ante o que via. Aquele sonho se voltava mais e mais extraordinário. Madeleine estava ciumenta de uma garota do povoado. De uma garota que não significava nada para ele. Beth teria... dezessete anos? Dezoito? Ele tinha quase quarenta. A idade não importava muito para um homem de sua posição, mas por que ia desejar a uma garota inocente quando podia desfrutar manter uma conversa interessante e... jogar xadrez com uma mulher como Madeleine?

Sacudiu a cabeça com perplexidade. Madeleine estava ciumenta. Incrível.

Esclareceu a garganta e passou os dedos pelo cabelo, ainda úmido.

— Maddie, é a única mulher que me interessa.

Ela deu a volta muito devagar e esboçou um sorriso envergonhado enquanto o caldo se derramava da colher que sustentava na mão.

— Thomas, nós trabalhamos juntos, mas não sou uma jovem inocente, e está claro que não sou das que se casam.

Ele deu uma profunda baforada de ar.

— E o que é o que te faz pensar que é isso o que quero?

Ela arregalou os olhos.



—Não é isso o que querem todos os cavalheiros? Se o que desejas é te casar de novo, terá que encontrar a alguém como Beth, embora a meu parecer deveria ser uma mulher um pouco mais velha.

—Você o é — replicou ele sem perder a calma.

Ela fez caso omisso da resposta.

—O que faça uma vez que eu parta é teu assunto, mas não quero verte flertar com ela enquanto viva aqui contigo. Por razões que não tenho muito claras, isso me incomoda.

Flertar? Ele? Ela era sincera, mas irracional, embora Thomas passasse por cima enquanto tentava não sorrir como um idiota.

—Ela se mostra agradável comigo, não carinhosa — assinalou imediatamente sem apartar a vista de seus olhos. — E eu jamais a cortejaria, porque não me interessa — Se inclinou para frente e baixou a voz até convertê-la em um sussurro para revelar o desejo de seu coração. — Só desejo a ti, Maddie. Somente a ti.

Notou imediatamente sua reação. Ficou pálida e o sorriso desapareceu depois de uma expressão incrédula, ou confusa... ou talvez ambas há um tempo.

Nesse momento, algo mudou nela. Endireitou-se muito devagar e seus traços adquiriram uma expressão despreocupada, embora decidida. Desviou o olhar e voltou a deixar a colher na caçarola antes de levar as mãos às costas para desatar o laço do avental.

Thomas percebeu o rápido incremento da tensão do ambiente, tão denso como inesperado, e o calor da cozinha que os envolvia. Quando Madeleine o olhou de novo, deixou-o sem fôlego.

Aqueles olhos, azuis como a chuva, acariciaram os seus e os encheram de alegria, de prazer e de um desejo incomensurável. Podia sentir que esse desejo emanava dela. Não se moveu, não disse uma palavra por medo de romper o feitiço.

Em silêncio, Madeleine caminhou para ele e deixou cair o avental ao chão enquanto elevava a mão para desfazer-se da fita que lhe recolhia o cabelo. Uma vez feito, inclinou-se para ele, ainda sentado na cadeira, e se agarrou à mesa que havia detrás para encerrá-lo entre seus braços.



Estudou-o durante o que pareceu uma eternidade, examinando cada centímetro de seu rosto.

Thomas sentiu seu fôlego sobre a pele e lhe vieram à mente uma miríade de pensamentos eróticos que endureceram seu corpo, aceleraram-lhe o pulso e lhe formaram um nó na garganta.

Madeleine baixou as pálpebras e se inclinou ainda mais. Ele fechou os olhos com a esperança de que se apoderasse de seus lábios em um beijo abrasador, e desejando em corpo e alma que o fizesse. Mas não ocorreu. Em troca, lambeu-lhe um dos lados da cara e riscou um lento atalho com a língua que seguia a cicatriz da boca.

Thomas aspirou com força através dos dentes. Tratava-se de um ataque surpresa que o enchia de uma estranha sensação de luxúria e de triunfo. Se for um sonho, era o mais extraordinário de todos quantos tinha tido. Se estivesse morrendo, era uma morte maravilhosa.

— Thomas... — sussurrou ela.

Não pôde suportar mais. Elevou as mãos para lhe sujeitar a cabeça e introduziu por fim os dedos em seu abundante cabelo, nas gloriosas mechas que tinha desejado tocar durante anos. Os sedosos fios se deslizaram entre seus dedos e lhe acariciaram as bochechas e o pescoço.

Apanhou sua boca ao tempo que a apertava contra si e a beijou com ardor. Madeleine gemeu brandamente quando suas línguas se roçaram e seus fôlegos se misturaram. Tinha sabor de maçãs e a vinho... um sabor embriagador que o voltou louco de desejo.

Necessitava-a já.

Levantou uma mão para lhe tocar o peito, mas ela a apanhou e a colocou a um lado. Estava desesperado por acariciá-la, mas ela não ia permitir. Riscou o contorno dos lábios femininos muito devagar com a língua e ato seguido, ela se separou para olhá-lo uma vez mais. Sua pele e seus olhos resplandeciam e, sem apartar o olhar dele, cobriu com a mão a protuberância que se avultava em suas calças.

— Madeleine...

— Chist.



Desabotoou-lhe os botões com assombrosa velocidade sem deixar de olhá-lo nos olhos. Thomas deu um pequeno coice quando o roçou por cima da fina malha dos calções, mas ela não apartou a mão; em vez disso, baixou a vista até o centro de seu desejo e, sem a menor vergonha, puxou sua roupa íntima para baixo para poder contemplá-lo sem disfarces.

Thomas estalou em chamadas. Tinha uma ereção em todo comprimento e estava bem dotado, mas essa mulher esteve com muitos homens. Por mais agradável que esse sensual encontro pudesse lhe reportar, aterrorizava-lhe lhe parecer inadequado.

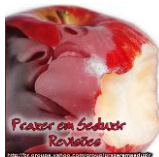
Ela o estudou de cima abaixo e de um lado ao outro durante o que pareceram horas. Contudo, sentiu-se incapaz de reagir e não conseguiu dizer palavra, embora isso carecia de importância, já que de qualquer forma não tinha nem a menor ideia do que dizer. Ao final, Madeleine elevou o olhar e esboçou um sorriso sedutor.

— É do tamanho perfeito para mim, Thomas.

Tragou saliva com força em um intento por conter o que sentia em seu interior. Era uma mulher com um corpo e um rosto fascinantes, e esse tom sedutor fazia que se sentisse desejado, tanto se ela falava a sério como se não. Thomas apertou a mandíbula; sentia um nó no estômago e na garganta. Ato seguido, quando ela colocou a cálida mão sobre seu membro, teve a certeza de que morreria.

Em primeiro lugar Madeleine o embalou sobre a palma e acariciou a delicada pele de cima abaixo com a gema dos dedos. Rodeou o extremo com o polegar e brincou com as unhas entre os crespos e escuros cachos da base antes de roçar com carícias suaves como uma pluma o saco que tinha entre as coxas. Logo se ajoelhou a seu lado e inclinou a cabeça para beijá-lo onde mais o necessitava.

Thomas não podia acreditar que aquilo lhe estivesse ocorrendo. Ele estava sentado em uma cadeira de madeira na quente cozinha, com as luzes acesas, a comida no fogo e o forte tamborilar da chuva contra as janelas, enquanto a mulher de sua vida o agradava da maneira mais íntima e desinteressada.



Depositou tenros beijos de um extremo ao outro do membro e se deteve um momento para deslizar a língua ao redor da ponta. Thomas aferrou com mais força seu cabelo, fechou os olhos para sentir mais e sussurrou seu nome.

Madeleine deixou escapar um suspiro quando começou a levá-lo para esse ponto sem retorno, e Thomas sabia que faltavam escassos segundos para perder o controle. Tratou de lhe elevar a cabeça com ternura, mas ela resistiu.

— Me deixe fazer, Thomas — murmurou com voz rouca.

E a deixou. O prazer arrastou qualquer tipo de pensamento racional e soube que não poderia detê-la. Tinha passado muito tempo. Muito...

Ela tomou na boca. Por inteiro. Sentiu que seu corpo se esticava e gemeu; aferrou-se a ela com a respiração irregular, os olhos fortemente fechados e a cabeça apoiada contra a parede.

Acariciou-o com essa língua úmida e quente. Tinha separado os lábios o necessário para lhe arrancar a semente e levá-lo cada vez mais perto do abismo. Queria tocá-la, queria estar dentro dela, queria que o amasse.

— Maddie — implorou em tom áspero. — Te necessito. Maddie...

Chegou ao orgasmo em meio de uma explosão de luz e assombro, ofegando, com os dedos enterrados em seu cabelo para sujeitá-la com firmeza enquanto ela introduzia seu membro na boca, lhe dando quão mesmo lhe tinha dado. Acariciou-o, estimulou-o e o amou com a boca até que o resplendor da satisfação se aplacou um pouco e a rigidez de seu corpo começou a atenuar-se.

O tempo passou muito devagar. Ao final, Madeleine levantou a cabeça e apoiou a bochecha em sua coxa, e Thomas soube que o estava olhando embora ainda não tinha aberto os olhos. Logo que podia respirar. Não conseguia diminuir o ritmo de seu coração. Não queria que esse momento terminasse nunca.

Madeleine o observou com atenção; estudou cada um dos matizes de seu rosto, as linhas acidentadas da rugosa cicatriz que tinha junto aos lábios, o tom bronzeado de sua pele, a áspera barba do queixo e as bochechas, as grossas e escuras mechas de cabelo, e suas largas



pestanas. Era um homem muito bonito; forte embora, a julgar pelo rubor que tingia suas bochechas por causa da paixão e que o fazia parecer mais jovem, também indefeso.

Beijou-o na coxa e o acariciou com a ponta dos dedos.

—Tenho que te fazer uma confissão, Thomas.

Acariciou-lhe o cabelo, mas não disse nada.

Ela sorriu satisfeita e admitiu em voz calma.

—Só fiz isto a um homem antes, a pedido dele, e eu não gostei. Mas esta noite o desfrutei porque o fiz contigo... para ti. Entende?

Thomas levantou as pálpebras por fim para olhá-la nos olhos.

—Entendo.

Falava com voz densa e áspera, mas tinha um sorriso sonhador.

—Não tenho muita experiência com esta forma de fazer o amor — continuou ela em um rouco sussurro —, assim também eu temia fracassar. Acredito que agora estamos empatados.

Thomas respirou fundo e enterrou os dedos em seu cabelo uma vez mais.

—Isto não é uma competição, Maddie.

—A isso refiro — replicou ela imediatamente.

Ele meditou durante um instante enquanto estudava sua expressão.

—Você jamais poderia fracassar comigo, de maneira nenhuma.

O coração de Madeleine se encolheu ao escutá-lo. Esse homem sabia muito bem o que devia lhe dizer para assegurar-se de que acreditasse nele, para fazer que desejasse. De repente sentiu um urgente impulso de aconchegar-se entre seus braços.

—Eu sinto exatamente o mesmo com respeito a ti.

Com um olhar ainda mais tenro, Thomas lhe roçou a bochecha com o polegar. Madeleine não conseguiu recordar uma ocasião em que um homem se mostrou mais doce com ela, mais... concentrado nela.

—Admitirá agora que somos amantes? — perguntou-lhe com muita cautela.

Ele se incorporou um pouco, o que a obrigou a levantar a cabeça, e a olhou com um sorriso travesso.



— Sim, terei que admitir — Fez uma pausa antes de acrescentar. — Mas não quero ir muito rápido.

Madeleine não tinha muito claro o que queria dizer com isso, embora ele o diria cedo ou tarde; provavelmente tivesse algo a ver com seu aspecto ou com suas pernas. Não o discutiria nesse momento.

Ao parecer algo incômodo com seu estado de nudez, Thomas trocou de posição na cadeira e apartou as mãos dela. Madeleine somente o deixou exposto da cintura até as coxas, mas nesse instante estava flácido e os abajures da cozinha iluminavam a perfeição essa parte dele.

— Acredito que irei lavar-me um pouco — lhe disse com tom despreocupado ao tempo que ficava de pé e o olhava nos olhos. — Depois, jantaremos — alisou as saias e recolheu o avental do chão para deixá-lo sobre o respaldo de outra cadeira. — tive um encontro muito interessante com o Rothebury no bosque. Contarei-lhe isso durante o jantar. Esse homem é uma aranha, Thomas.

Ele riu enquanto subia as calças empapadas pela chuva.

— Uma aranha? Acreditei que talvez o encontraria de seu agrado.

Ela franziu a fronte com expressão perplexa.

— Deixando a um lado os assuntos imorais e ilegais que se traz entre as mãos, suponho que é o tipo de homem que teria preferido na França, na cidade. Mas não aqui.

— Não aqui?

Nem agora, quis lhe dizer; mas não se atreveu. Sentia-se confusa de novo, já que não podia compreender as sensações que albergava com respeito às últimas semanas que tinha passado com ele. Thomas a fazia pensar de uma forma diferente, reagir de maneira distinta a como estava acostumado a fazê-lo.

— Importaria-te mexer o molho? — perguntou para trocar de tema. — Não quero que queime.

— É obvio que não.



Detectou um pingo de diversão em suas palavras, mas o deixou passar. Recolheu o cabelo com a fita que tirou momentos antes e se voltou para dirigir-se para a porta, onde se deteve de repente.

— Acredito que esse tipo te investigou — comentou depois de um instante de vacilação.

— Disse que ninguém tinha ouvido falar de ti no Eastleigh.

Posto que não desejava parecer desconfiada, não o tinha exposto como uma pergunta, embora em realidade sim, esperava uma explicação. Ele não disse nada até que ela colocou a palma da mão sobre o marco da porta e se voltou para olhá-lo. Thomas, que tinha se inclinado para diante na cadeira e tinha apoiado os cotovelos nos joelhos, tinha o olhar cravado no chão de madeira.

— As lesões me converteram em uma espécie de ermitão, Madeleine. Conheço muito pouca gente e tenho ainda menos amigos. Não é de sentir saudades que haja poucas pessoas no Eastleigh que me conheçam. Eu vivo no campo e não na cidade propriamente dita; além disso, levo anos sem me relacionar com ninguém.

Era óbvio que lhe tinha resultado muito, muito difícil dizer aquilo. Madeleine se deu conta e se alegrou de poder deixar o tema atrás.

— Preocupa-se que o barão suspeite de ti?

Thomas meneou a cabeça muito devagar.

— Não. Está ficando nervoso, mas não acredito que saiba nada; ao menos, não o suficiente para atuar.

Madeleine se deteve de novo para escutar o tamborilar da chuva sobre o telhado e para deleitar-se com o agradável aroma das maçãs e o porco, assados.

— Quando pensa me contar o que te aconteceu nas pernas, Thomas?

Ele esfregou a cara com a palma de uma mão.

— Logo.

Por algum motivo que não conseguiu averiguar, essa singela resposta a derreteu por dentro.

— Jogará xadrez comigo mais tarde? — perguntou com voz suave e esperançosa.



Thomas a olhou nos olhos por fim.

— Sempre é meu momento favorito do dia, Madeleine — replicou em um sedoso murmúrio. — Quero averiguar quantas partidas mais teremos que jogar antes que me derrote.

— Começo a suspeitar que serão muitas.

Thomas não respondeu, mas seu olhar conseguiu que sentisse um comichão no estômago e que lhe tremessem as mãos. Era um olhar carregado de... algo que não podia identificar algo profundo e maravilhoso. Acariciou-a com os olhos, mas seus lábios estavam um pouco separados, como se rogassem que ela os beijasse. Ela. Ninguém mais. Madeleine se deu conta imediatamente, e essa compreensão a deixou aturdida, alagada por uns novos e maravilhosos pensamentos que preenchiam esses ocos de sua mente que sempre tinham ocupado as dúvidas.



Capítulo 13

O Natal tinha chegado. Um ar de celebração e entusiasmo começou a alagar as ruas do Winter Garden à medida que todo mundo se preparava para a festa religiosa. Os cantores de canções de natal se situavam na praça de vez em quando para entreter a todo aquele que passava por ali, os sinos soavam da igreja, e os meninos faziam estalar os fogos de artifícios e recolhiam ramos de pinheiro e de acebo para pendurá-los nos suportes das chaminés e na entrada das portas.

Madeleine passou toda a semana preparando bombons, ricas bolas de chocolate francês envoltas em papel decorado, para entregar aos aldeãos. Aqueles que não consideravam estranho que houvesse uma francesa entre eles aceitavam o chocolate encantados e a recebiam com agrado. Outros, entre os que se incluíam, era óbvio lady Claire Childress e Penélope Bennington-Jones, recolhiam os bombons por meio de desanimados mordomos que os agradeciam com cordialidade e lhe informavam que sua senhora não estava em casa. Ao parecer, Desdémona seguia escondida, embora o fato de estar grávida era uma desculpa muito conveniente para negar-se a ver as visitas, certamente.

A investigação que levava a cabo junto com o Thomas seguia adiante, embora devagar. Tinham passado duas semanas desde seu encontro com o barão e durante esse tempo nem Thomas nem ela tinham averiguado nada novo. Tinham passeado muitas vezes junto ao lago de noite sem ver nem ouvir nada na gélida escuridão. Dava a impressão a Madeleine de que Thomas estava à espera de algo, embora não soubesse explicar por que, nem sequer diante si mesma. Parecia contentar-se vivendo na casinha com ela e descobrir por acaso as pistas relacionadas com a operação de contrabando de ópio, em lugar de investigá-las. Ele não tinha pressa alguma por concluir a investigação e, com certo receio diante de sua própria preguiça, se podia chamá-la assim, Madeleine se deu conta de que ela tampouco a tinha. Desfrutava da companhia do Thomas cada dia mais e, é óbvio, Inglaterra supunha uma mudança muito refrescante para ela. Embora as raízes de seu trabalho seguissem na França, esse era seu lar; esse



era o lugar ao que pertencia, embora fosse em sua mente e em seu coração. Utilizaria qualquer desculpa para permanecer em chão britânico tanto tempo como o fosse possível.

Thomas e ela tinham chegado a conhecer-se melhor durante as duas últimas semanas, embora somente de uma maneira superficial. Estavam acostumados há passar o dia juntos lendo ou escrevendo cartas, passeando pelo povoado ou fazendo visitas, jogando xadrez ou conversando pelas noites. Ainda se negava a falar de si mesmo, assim que ela não bisbilhotava, mas conversava com frequência sobre seu filho, a quem queria muitíssimo. Madeleine morria por lhe perguntar sobre o acidente que lhe tinha causado as lesões, embora algo em seu interior que não conseguia identificar a insistia a guardar silêncio. Sabia que ele revelaria mais de si mesmo ao seu devido tempo. Por alguma razão inexplicável, sentia que ainda passariam muito mais tempo juntos. E, certamente, ela não tinha nenhuma pressa por escapar de sua presença.

Isso, em certo modo, preocupava-a muito. Embora adorava manter uma relação sexual com o Thomas, não podia permitir que se convertesse em algo mais. Negava-se a sentir a falta dele mais do que o normal quando partisse. Não queria terminar ferida, nem tampouco feri-lo, é obvio. Não tinha claro o que Thomas sentia por ela, mas começava a suspeitar que os sentimentos daquele homem eram muito mais profundos que os seus. Algumas vezes o pegava olhando-a fixamente com uma expressão de intenso desejo em seus traços masculinos e complexos; e seus olhos revelavam pensamentos e emoções que ele se negava a pronunciar.

Ainda não se converteram em amantes, ao menos no pleno sentido da palavra, e o desejo que Thomas lhe inspirava crescia dia a dia. Por mais que tinha tentado atraí-lo, ele não havia tornado a abraçá-la desde aquela memorável noite na cozinha, quando lhe tinha entregue tudo sem receber nada. Beijaram-se apaixonadamente em duas ocasiões, mas ambas às vezes ele se deteve antes que o desejo os arrastasse. Madeleine se mostrou impaciente embora considerada, e ele não a pressionou.

A essas alturas já estava farta. Desejava-o com desespero e essa noite se asseguraria de que ambos desfrutassem do prazer físico, sem importar o que tivesse que fazer para enrolá-lo. Estavam n véspera de natal, uma noite para a entrega, para a generosidade.

— Eu gostaria de saber como chegou a te converter em uma espia do governo britânico.



Esse súbito comentário a tirou de seus pensamentos. Estavam sentados no sofá que havia frente à chaminé, tomando um brandy e desfrutando do calor do fogo depois do delicioso jantar a base de ganso assado cheio de cebola e salvia, coquetel de frutas, pudim de passas e doce de chocolate, cujas sobras terminariam no dia seguinte, depois da missa de Natal. Era quase meia-noite, e nas duas últimas horas Thomas lhe tinha falado sobre muitas das investigações anteriores que tinha realizado para a Coroa, todas elas na Inglaterra. Ela o escutou com encantamento... sempre que sua mente não se perdia em fantasias sobre esse magnífico corpo que se encontrava a escassos centímetros de suas mãos. Era um homem fascinante em que pese a sua reserva, e fez muito pela causa inglesa na última década. Supôs que nesse momento tocava a ela. Olhou-o aos olhos com um sorriso e segurou com mais força a taça que sustentava em seu peito para obrigar-se a não tocá-lo.

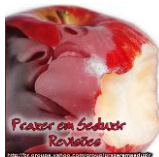
—Temo-me que em comparação com suas histórias, monsieur Blackwood, a minha é bastante aborrecida.

—Agrade-me — insistiu ele antes de dar um gole no brandy.

Madeleine o observou sem disfarces. Os grossos e largos músculos das coxas esticavam as calças negras e seu amplo peito se marcava sob a camisa de seda, o que a fazia perguntar-se como era possível que, com semelhantes lesões, esse homem fosse capaz de manter-se tão em forma. Fosse o que fosse o que fazia, funcionava, porque lhe custava um esforço enorme resistir a ele em qualquer plano (já fosse intelectual, físico ou inclusive emocional), e isso a preocupava bastante.

Os lábios masculinos se curvaram para cima em um gesto que parecia lhe suplicar que os beijasse... Madeleine esclareceu a garganta e contemplou o líquido ambarino da taça que mantinha em seu colo.

—Minha infância não foi das melhores, Thomas. Minha mãe me detestava, embora estava acostumada a lhe ser útil como faxineira. Quando tinha dezesseis anos comecei a dançar nos teatros sempre que tinha um momento livre, o que não ocorria muito frequentemente, para ganhar um pouco de dinheiro. Neguei-me a considerar a prostituição, sobre tudo porque já



tinha visto o que isso fez a minha mãe. Queria ser capaz de manter a mim mesma e carecia de outras habilidades.

— Sua mãe era prostituta? — interrompeu-a com voz branda.

Madeleine fez um gesto negativo com a cabeça.

— Não em troca de dinheiro, e não a modo de emprego. Mas intercambiava favores sexuais por ópio quando o necessitava e não podia permitir-lhe frequentemente o fazia no quarto do lado, e eu escutava tudo.

Thomas não comentou nada com respeito a isso, de modo que continuou.

— No princípio não ganhava muito como bailarina, mas por que os obscenos comentários que recebia dos tipos lascivos me importavam eu não me importava, segui fazendo-o e consegui economizar quase todo o dinheiro... embora só por que minha mãe não sabia de nada. Teria ficado com tudo se soubesse. Depois de quatro anos, consegui o suficiente para partir e, à idade de vinte anos, abandonei-a — Suspirou ante as dolorosas lembranças. — Ela me odiou por isso, Thomas. Gritou-me um montão de impropérios enquanto fechava a porta, e não porque me amasse ou se preocupasse com meu bem-estar, mas sim porque já não estaria ali para despertá-la quando se embebedasse, para lavar e remendar suas roupas ou para cozinhar e lhe limpar a casa. Faz nove anos que não a vejo, e para ser sincera devo admitir que não senti falta dela nem um só dia.

Thomas trocou de postura no sofá para sentar-se um pouco mais perto dela, assim Madeleine pôde perceber muito melhor essa limpa essência masculina que o caracterizava, e também o muito que lhe ajustavam as calças aos quadris e às coxas quando se movia. Apertou a taça com força e tomou um novo gole de brandy.

— Ninguém te amou alguma vez, verdade, Madeleine?

Ela ficou imóvel com a taça apertada contra o lábio inferior, mas quando observou aqueles olhos cor mel que a olhavam com compreensão e ternura, sentiu que lhe encolhia o coração. Thomas estendeu uma mão e tomou algumas mechas de seu cabelo entre os dedos para esfregá-las com suavidade.



— A única pessoa que me amou de verdade foi meu pai — respondeu com serenidade, enfeitiçada. Ele estudou seu rosto.

— Suponho que para uma menina deve ser muito duro perder a seu pai a uma idade tão tenra e ficar sem ninguém.

Seu empenho por discutir assuntos tão pessoais de sua vida há incomodou um pouco. O tema era muito perturbador; as lembranças, muito dolorosas.

— Vi-o somente em umas poucas e maravilhosas ocasiões, mas acredito que a possibilidade de que algum dia me tirasse da França e me levasse de volta a Inglaterra, a terra que eu considerava meu verdadeiro lar, foi o que me manteve feliz todos esses anos. Quando descobri que tinha morrido, algo em meu interior morreu com ele. Foi como se me tivessem roubado todos meus sonhos e esperanças — Tentou por todos os meios parecer indiferente, manter a ira a raia, tal e como tinha feito durante anos. — A partir desse momento — concluiu com certa frieza —, tomei o controle de minha vida. A vida que levo hoje em dia é o que eu tenho feito dela. Nego-me a ser infeliz.

Thomas assentiu com a cabeça sem apartar a vista das mechas de cabelo, que tinha elevado um pouco para poder observá-los à luz do fogo.

— Meus pais me amavam — disse com voz grave e distraída. — Mas faz já muitos anos que morreram, de modo que só lembro os momentos felizes e memoráveis. William me quer mais do que pode explicar com palavras, embora o certo é que sou seu pai e seu único parente com vida. Minha mulher me tinha muito carinho, mas o nosso foi um matrimônio arranjado. Era uma prima longínqua minha, e ambos sabíamos desde muito tenra idade que um dia nos casaríamos. Eu a amava da mesma forma que ela a mim. Sua morte me resultou muito dura porque a conhecia de toda a vida — Tinha um brilho intenso no olhar quando a cravou em seus olhos. — Suponho que recebi muito mais afeto que você enquanto crescia, embora igualmente a você, Maddie, nunca me senti amado de verdade.

Por uma mulher, queria dizer. Madeleine sentiu um nó no estômago de novo, assim deu outro gole no brandy. Thomas estava tão concentrado nela que lhe provocava uma estranha mescla de nervosismo, antecipação e entusiasmo.



Precisava compreender quem era ela. Já sabia o que era, mas não quem. As forças de seu passado lhe tinham dado forma, tinham-na moldado para convertê-la em uma mulher forte e independente; e essa independência era mais importante para ela que qualquer amor que pudesse ter perdido. Dado que não era das que bebiam muito, Madeleine deixou a taça, ainda meio cheia, sobre a mesinha de chá que tinha diante. Thomas soltou-lhe o cabelo, mas deixou o braço sobre o respaldo do sofá, com a mão perto de seu ombro.

— Quando parti da França aos vinte anos — continuou ela em um intento por voltar a retomar o tema original da conversa — vim imediatamente à Inglaterra para conhecer a família de meu pai. Aceitaram-me com o que poderia denominar uma «cálida reserva», mas jamais chegaram a me considerar uma deles. Foram educados, embora... comedidos. Fiquei ali três semanas e parti sem nenhuma pena para me dirigir ao Ministério do Interior em busca de trabalho.

A boca do Thomas se franziu um pouco, e isso a fez sorrir.

— Sei — admitiu ao tempo que esfregava a testa com a palma da mão. — O penso agora e me admiro por minha própria audácia. Os encarregados estiveram a ponto de me jogar do edifício entre gargalhadas. Mas insisti e consegui ver sir Riley três vezes em outras tantas semanas. Quando o último intento não conseguiu ganhar seu... respeito incondicional, e se negou de novo a contratar a uma mulher (e a uma francesa, nada menos), retornei a França e jurei ajudar aos ingleses por meus próprios meios. Isso faz nove anos, embora pareça que foi ontem. Em três anos abri caminho na classe alta francesa e averigui tudo que pude para ajudar à causa britânica, pequenos retalhos de informação que transmitia ao sir Riley com a saudação: "Uma afetuosa lembrança da francesa" — Entrecerrou os olhos com picardia. — Ele sabia quem era eu, e me divertia essa pequena amostra de poder. Vivia a vida de uma dama da alta sociedade parisiense, assistia às festas adequadas e me convertia na devota amante do cavalheiro apropriado quando assim o decidia. Converti-me na pessoa que desejava ser e ninguém o questionou. Ao final, cheguei a ser muito melhor atriz que minha mãe, sem lugar a dúvidas.

Madeleine olhou ao Thomas sem reservas para ver se lhe assombravam suas revelações, mas ele permanecia inexpressivo e imóvel enquanto a escutava com atenção. Parecia sentir



verdadeira curiosidade, como se lhe importasse o que dizia, e ela teve a certeza de que não a julgaria.

—Segui dançando de vez em quando em imundas salas cheias de fumaça onde homens suarentos e bêbados me lançavam moedas e me faziam gráficas sugestões sexuais à cara com a esperança de obter meus favores. Mantive ambas as identidades separadas, e por sorte para mim, as pessoas influentes com as que me relacionava durante o dia não eram as mesmas que frequentavam os clubes de baile pelas noites. Ainda necessitava esses ganhos e sabia que com o tempo receberia uma mensagem de sir Riley no qual me informaria que tinha sido aceita como um de vós.

Thomas cruzou as pernas.

—Um pouco ingênuo por sua parte, não crê?

Ela encolheu um dos ombros.

—Sim, era bastante ingênua, mas também confiava muito em mim mesma.

Devolveu-lhe o sorriso antes de dar outro gole no brandy.

—Continua.

Madeleine titubeou um instante e desfrutou do agradável silêncio enquanto escolhia com cuidado as palavras que diria a seguir. Ao final optou por ser franca.

—A princípios de julho de mil oitocentos e quarenta e três, enquanto jazia nua na cama de um diplomático francês viúvo, ele mencionou de maneira accidental (e desafortunada para ele) que Claude Denis Boudreau e Bernard Chartrand, dois importantes prisioneiros políticos, iriam ser transladados diretamente dos tribunais londrinos até o Newgate e que estavam planejando liberá-los durante o trajeto, pela força se era necessário — Se ergueu com ar satisfeito e enlaçou as mãos sobre o colo em um gesto do mais pulcro. Seu sorriso se voltou maliciosa. — Era justo o tipo de notícia que tinha estado esperando e estava claro que não podia lhe enviar uma mensagem sir Riley com uma informação tão importante. A questão de tempo estava crucial, de modo que fui a Londres em pessoa um par de dias e aguardei durante horas no gélido e sombrio edifício de escritórios antes que ele se dignasse a ver-me. Pareceu surpreso



e em certo modo divertido por minha presença, embora acredite que também impressionado por minha discrição e minhas averiguações sobre o fiasco iminente.

Quando me inteirei de que os franceses implicados na conspiração tinham sido presos e de que Chartrand e Boudreau foram transladados a prisão sem mais contratempos, soube que tinha ganho a aprovação de sir Riley. Três dias depois, em dois de agosto, um de nossos associados em Paris ficou em contato comigo de maneira não oficial perto de minha casa. Em menos de vinte e quatro horas tinha me convertido na Madeleine DuMais, viúva do legendário George DuMais, e fui enviada imediatamente a Marsella para começar minha carreira como informante no campo do comércio de contrabando — Fez um movimento rápido com o pulso. — E para qualquer outra coisa que pudesse surgir.

— É bem conhecida no ministério — assinalou Thomas, divertido —, e enormemente admirada.

Madeleine já o suspeitava, mas ouvi-lo dizer pela primeira vez, e com essa voz que teria jurado estava cheia de orgulho, provocou-lhe um nó de emoção na garganta.

— Embora seja francesa? — perguntou com expressão tímida.

— Sobre tudo porque é francesa.

Esse era o maior elogio de todos. Depois de inclinar-se para ele, apoiou-lhe a mão no ombro e o apertou com suavidade, sentindo a pele cálida sob a suavidade da seda.

— Adoro meu trabalho, Thomas — confessou em um tom apaixonado. — É o que sou, e não só o que faço. Se houver algo que aprendi em vinte e nove anos é que o amor é efêmero, mas o que é não o é. Decidi me converter em espião para o governo inglês porque isso é o que sou e o que fui sempre. Sentirei-me a confortável com isso de por toda a vida e não necessito nenhuma outra coisa para dar sentido a minha existência.

Ele se limitou a olhá-la sem dizer nada durante um bom momento; parecia meditar sobre o propósito que jazia atrás de seus comentários, em um intento possivelmente por relacionar à mulher que conhecia com o passado que ela tanto desprezava. Logo inclinou a cabeça como se houvesse algo que não entendia. Franziu um pouco o cenho e entrecerrou os



olhos como se quisesse ver através dela; a Madeleine deu a impressão de que tentava espionar o que havia nas curvas de sua alma.

Isso a pôs algo nervosa, de modo que retirou a mão de seu ombro e se apartou um pouco dele.

— Acredito Maddie — disse com voz serena — que considera o amor algo efêmero porque em realidade jamais permitiu que te chegue aqui... — Lhe acariciou a fronte com a gema dos dedos. — Nem aqui — Baixou a mão muito devagar ao longo de seu pescoço para colocá-la ao final sobre seu coração, entre ambos os peitos. — Até o dia em que o permita, será uma excelente espiã para a Coroa, uma boa amiga para aqueles que lhe importam uma respeitável cidadã francesa por fora e uma honorável inglesa por dentro, mas jamais saberá quem é até que admita que lhe valoram por algo mais que o superficial, que lhe amam.

Seu corpo ficou imóvel, à exceção dos diminutos tremores que sacudiram seu ventre e suas extremidades. Estava claro que ele não entendia seus desejos, seus sonhos nem suas ambições, mas ela tampouco o entendia. Falava com rodeios, tal e como faziam quase todos os homens que conhecia, em especial quando se conversava sobre o amor.

— Ninguém me ama, Thomas — disse em tom sério a modo de explicação —, e me sinto feliz e contente. Meu trabalho é minha vida. É gratificante e satisfatório. Não necessito nada mais.

Ele respirou fundo e depois soltou o ar muito devagar, sem apartar ainda a mão de seu peito.

— Jamais saberá se lhe amam ou não, já que não lhe expõe isso. Seu trabalho o é tudo para ti porque é algo seguro, Madeleine. Não pode te decepcionar nem abusar de ti, como sua mãe. Não pode morrer e te deixar sozinha e preocupada, como seu pai. O amor pode fazer essas coisas, mas uma profissão não.

Aproximou-se tanto a ela que Madeleine pôde perceber a extraordinária calidez que se desprendia de seu corpo e o reflexo da luz do fogo nas pupilas de seus olhos.

— Uma profissão paga as dívidas — sussurrou ele com voz rouca ao tempo que lhe esfregava o ombro com os dedos — e satisfaz suas necessidades de êxito pessoal e de fazer algo



para melhorar a sociedade. Mas o amor te enche a alma com algo extraordinariamente gratificante. Se morrer sem experimentá-lo, perderá a única alegria autêntica da vida.

Madeleine sentiu que o coração se detinha. Durante mais de um segundo. E depois se acelerou, algo que sem dúvida ele pôde notar sob sua palma.

Falava com muita seriedade, e sua expressão era calculista e desafiante. Perigosa. Uma pequena parte dela quis fugir, livrar-se de sua presença e retornar à segurança de seu dormitório, inclusive a seu lar na França. Entretanto, uma parte muito mais importante, a parte intrépida e irracional, desejou aproximar-se dele, afundar-se entre seus braços e beijá-lo com forças renovadas e o desejo de algo mais; essa parte dela desejou não afastar-se nunca dele.

Ele também o percebeu, ou talvez viu a indecisão desenhada em sua expressão, porque elevou a mão de repente e riscou o contorno de seus lábios com o polegar.

As forças de Madeleine fraquejaram, ao ver que ia perder a batalha, rendeu-se a suas carícias.

—Tenho algo para ti — murmurou ele, rompendo o feitiço. — Um presente de Natal.

Ela não apartou a vista de seus formosos olhos; estava tão afligida por seu estado de ânimo e sua preocupação, por sua óbvia masculinidade, que não tinha a menor ideia do que dizer.

A contra gosto, Thomas se separou dela e ficou em pé. Apurou o que ficava de brandy de um só gole e depois desapareceu pela escada que conduzia até seu quarto. Quando retornou, instantes mais tarde, trazia nas mãos uma enorme caixa atada com um laço de cetim azul.

Madeleine estendeu as mãos para agarrá-la, invadida por uma estranha mescla de sensações: agradecimento e estupefação. Desassossego.

Ele vacilou um pouco antes de soltá-la.

—Promete-me que lhe colocará?

O profundo tom de barítono de sua voz insistia a não desafiá-lo, de modo que ela compôs uma expressão inocente e sorriu de orelha a orelha.

—É obvio. Por que não ia fazê-lo?



Depois de deixar escapar um bufado, Thomas soltou a caixa e se sentou junto a ela de novo, embora mais perto esta vez: tinha colocado o braço no respaldo do sofá, por detrás de seus ombros, e seus joelhos se roçavam.

Madeleine desatou o laço a toda pressa e o deixou a um lado antes de levantar a tampa da caixa. O que viu a deixou sem palavras.

Dentro havia um grosso casaco, tão suave e branco como a plumagem de um cisne, rematada com um exuberante cós da Marta cebellina. Agarrou o objeto pelos ombros e o tirou da caixa com muito cuidado antes de ficar em pé para colocar-lhe sobre o peito e provar-lhe por cima. O casaco, caro e feito à medida, era um objeto ajustado com seis grandes botões negros que serviam para fechá-lo do pescoço até os joelhos, deixando que o resto da grossa malha caísse até os tornozelos. A Marta cebellina não só adornava as mangas, o pescoço e o capuz, mas também revestia o interior e cobria a comprida luva a jogo que seguia no interior da caixa.

Por um momento, Madeleine não soube o que dizer.

— Você gosta? — perguntou ele, nervoso.

— Ai, Thomas — sussurrou ela com incredulidade. — É...

— Formosa e elegante, e muito necessária — concluiu por ela.

— Sim.

— Como você — acrescentou com voz rouca.

Madeleine não podia acreditar que houvesse dito isso, nem que tivesse sido tão generoso para lhe dar de presente aquele esplêndido casaco.

— Comprou isto para mim? — perguntou com um fio de voz.

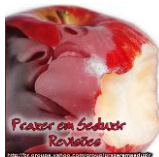
Ele estendeu a mão para acariciar a pele da Marta.

— Necessitava algo mais abrigado que uma capa de viagem. Tinha um pouco de dinheiro economizado e quis gastá-lo em ti.

Era a coisa mais comovente que alguém tinha feito por ela em muito, muito tempo.

— Thomas... — começou a dizer antes de dar uma funda baforada de ar. — Thomas, é um presente maravilhoso...

— E disse que vestiria, assim que me sinto do mais satisfeito.



Tinha-a esquecido, mas Madeleine tinha outra desculpa razoável.

—Só poderei utilizar um casaco assim na Inglaterra, este inverno. Temo que depois não me serviria muito.

Os lábios do Thomas se curvaram em um sorriso pícaro; o cabelo se frisava sobre sua fronte e seus olhos despediam fogo. De repente parecia um pirata que calculava com sagacidade sua valia.

—Pode ser que fique na Inglaterra muito mais tempo de que crê Maddie.

Essas palavras, que brotaram de sua boca como se de lava se tratasse, deixaram-na sem fôlego e desencadearam uma quebra de onda de desejo em seu interior. Ali sentado no sofá, sem separar os olhos dela, exsudava uma sexualidade intensa e primária que a abrasava até os ossos e que era impossível passar por cima.

—Eu também tenho um presente para ti — lhe disse em um delicado ronrono.

Thomas arqueou as sobrancelhas, surpreso.

—Seriamente?

Madeleine dobrou o objeto com esmero e o meteu na caixa antes de colocar esta última no tapete, sob a mesinha de chá. Logo voltou a girar-se para ele com os braços dobrados.

Thomas aguardava com paciência e sem deixar de observá-la, de maneira que ela decidiu tomar a iniciativa.

Começou a desabotoar o pescoço do vestido muito devagar, e os olhos masculinos desceram para seguir os movimentos. Thomas se removeu com desconforto em seu assento.

—Não está precipitando as coisas um pouco? — inquiriu com certa ironia.

Madeleine se deu conta imediatamente de que não se negou; não lhe disse que se detivesse nem que tinha algo mais importante que fazer. Inclinou a cabeça e deixou escapar uma risada suave e gutural.

—Prometo-te que não me aproveitarei de ti, Thomas.

Não tinha intenção de despir-se por completo, dado que não acreditava que fosse o momento oportuno. Colocou-se escarranchada sobre ele, com os joelhos apoiados a ambos os lados de seus quadris e as saias elevadas até as coxas, e começou a esfregar seu sexo contra a



enorme dureza que se apreciava sob suas calças. Isso lhe reportou uma boa dose de satisfação imediata: ele estava preparado para tomá-la e ainda não tinham feito nada.

—Alguns dias, senhor Blackwood, penso vê-lo completamente nu.

—Alguns dias, minha doce Madeleine, penso permitir que o faça.

Com um sorriso, Madeleine abriu a parte superior do vestido para deixar ao descoberto a fina regata de linho.

—Este é meu presente — disse a modo de convite.

Ato seguido inclinou-se para diante e o beijou de maneira apaixonada. Thomas a aceitou imediatamente e a rodeou com os braços para estreitá-la, ofegando por causa do desejo.

Enquanto enterrava os dedos no suave cabelo masculino, Madeleine riscou o contorno de seus lábios com a língua e depois a introduziu até o fundo em sua boca. Soltou um leve gemido quando Thomas começou a sugar-lhe e a lhe acariciar as costas e os quadris. Depois, ele subiu as mãos para cobrir seus peitos por cima da regata e lhe acariciou os mamilos com os polegares até que se converteram em dois pontos deliciosamente sensíveis.

Consumida pela luxúria, Madeleine começou a mover-se acima e abaixo sobre o membro ereto ao tempo que o beijava com desespero e lhe acariciava os maçãs do rosto com os polegares sem apartar as mãos de seu cabelo. Thomas lhe apertou e lhe massageou os peitos como se encaixassem a perfeição em suas palmas. Respirava com dificuldade e seu fino suspiro se mesclou com o dela.

Quando baixou as mãos até as coxas, ela mostrou sua obstinação com tanta força para lhe mostrar que tinha sua permissão. Thomas aceitou seu convite e deslizou as mãos para cima sob o vestido. A pele de suas palmas lhe abrasou as pernas nuas no momento do contato.

—Deus, Maddie — disse entre dentes antes de separar-se um pouco—, não leva nada de roupa...

Debaixo do vestido não, pensou ela com um sorriso, para si mesma antes de lhe beijar o pescoço, a face, o queixo e os lábios.



—Sobe as mãos e descobrirá que seu presente não tem nenhum embrulho, Thomas — sussurrou contra a cálida bochecha coberta por uma barba incipiente. — Te estive esperando durante todo o dia.

Com um grunhido de autêntico prazer, Thomas fez o que lhe tinha pedido muito devagar; tão devagar que ela acreditou que morreria de desejo... ou que teria que lhe agarrar as mãos e obrigá-lo às pôr ali onde mais as necessitava.

Quando por fim situou os dedos entre os cachos de sua virilha, Madeleine se apoderou de novo da boca masculina com um gemido e o beijou com intensidade, convidando-o com seu corpo a indagar e descobrir.

E ele aceitou o convite. De repente, o polegar do Thomas encontrou a pequena protuberância de carne, já cálida e úmida, e começou a acariciá-la.

Trocou de postura embaixo ela para poder senti-la mais intimamente e depois elevou a outra mão até seu peito para beliscar o mamilo com suavidade e deslizar a unha sobre a ponta.

Madeleine brincou com sua boca, enterrou os dedos em seu cabelo e logo baixou as mãos até seu peito a fim de sentir os avultados músculos, duros e esbeltos, e essa pele quente sob a seda.

Os jogos se acabaram. Estava preparada a fim de seguir adiante.

Com o corpo em chamas, separou-se dele e se incorporou para recuperar o fôlego. Olhou-o aos olhos a fim de observar a paixão que o embargava enquanto balançava os quadris contra a ereção e esse delicioso dedo que a acariciava.

Thomas tinha os olhos frágeis, carregados de necessidade e de súplica.

Madeleine baixou a mão até os botões de sua calça, mas nessa ocasião ele a ajudou a desabotoá-los com rapidez. Elevou-se o suficiente para permitir que os baixasse até as coxas e deixar ao descoberto seu enorme e rígido membro, e depois, por fim, colocou muito devagar seu sexo úmido em cima dele.

Esse contato tórrido, abrasador e empapado da essência e as sensações próprias do sexo esteve a ponto de levar ao Thomas mais à frente do abismo. Mas se negou a fechar os olhos e a aceitar o prazer sem prolongar o momento de diversão. Contemplou o delicioso rosto feminino,



tão sedutor e excitado, e ato seguido voltou a colocar o polegar no lugar onde devia estar nessa pequena protuberância que encerrava o núcleo de seu desejo.

Acariciou-a com suavidade, muito lentamente, enquanto ela o olhava de acima com as bochechas ruborizadas e uma expressão que o insistia a reunir-se com ela na crescente nevoa de paixão.

Mas nesse momento, Madeleine fez algo inesperado. Elevou uma mão para desfazer a trança do cabelo e a outra para cobrir um dos peitos, ainda oculto sob a fina malha de linho. Começou a rodear o mamilo com os dedos, a beliscá-lo e a esfregá-lo, sem deixar de olhá-lo nos olhos.

Thomas, que jamais tinha visto uma mulher fazer algo assim, ficou sem fôlego; tragou saliva e apertou os dentes com força em um intento por manter o controle. Essa noite tinha a intenção de chegar ao orgasmo dentro dela, de senti-la por completo; não queria terminar antes de tempo, antes de lhe proporcionar algo em troca.

Madeleine lhe agarrou a mão livre e a colocou sobre um peito enquanto seguia acariciando o outro. Estava tão úmida ali onde a estimulava com o polegar, tão formosa... Jogou a cabeça para trás com um gemido e começou a mover-se mais rápido sobre sua ereção.

—Agora, Maddie — insistiu ele com um rouco sussurro. E meu maior desejo estará a ponto de cumprir-se, acrescentou para si.

Ela sabia a que se referia. Levantou os quadris, baixou a mão para encerrá-lo entre seus dedos e colocou o extremo de seu membro no úmido orifício de entrada.

—Esperei isto durante anos — murmurou Thomas; fechou os olhos sem saber se o disse em alto ou não, mas incapaz de deter-se.

Sem dizer nada, Madeleine desceu com muito cuidado, introduzindo-o centímetro a centímetro nesse lugar do paraíso no que os sonhos se voltam realidade. Seus sonhos. Estava tensa, quente e preparada. Um pequeno suspiro escapou dos lábios femininos quando tomou por inteiro.

—Perfeito — disse ela com uma voz carregada de desejo.

Essas palavras lhe chegaram à alma.



—Perfeito — repetiu ele.

Envolveria-o por completo e os músculos internos se fechavam em torno dele de uma forma maravilhosa, como se o acariciassem. Teria ficado dentro dela para sempre se isso fosse possível. Se ela o permitisse.

Madeleine começou a mover-se com muita delicadeza. Thomas seguiu seu exemplo e voltou a acariciá-la entre as pernas ao tempo que estabelecia o ritmo. Ela se moveu para frente e lhe deu um beijo que lhe roubou o fôlego e o deixou ofegante de desejo.

Ela começou a emitir pequenos gemidos guturais ao tempo que se movia mais rápido para esfregar-se contra seu polegar e contra o osso púbico, já muito perto do clímax. Separou-se dele de repente e Thomas abriu os olhos, já que desejava vê-la nessa ocasião. Demoraria seu próprio prazer a fim de poder observá-la em toda sua beleza quando chegasse ao orgasmo.

Algo que não demoraria para acontecer.

Madeleine começou a ofegar e a gemer uma e outra vez enquanto se esfregava contra seu dedo e cobria os peitos com as mãos para brincar com os mamilos.

Thomas não tinha presenciado uma imagem mais erótica em toda sua vida. Estava a ponto de chegar ao orgasmo, e ela estava precipitando as coisas sem propor-lhe sequer.

De repente, Madeleine abriu os olhos e lhe apertou as pernas com as coxas.

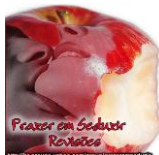
—Estou a ponto, Thomas. No ponto. Por favor, por favor, por favor...

Soltou um grito grave e gutural que transpassou as paredes da casa e o comoveu até a medula. Sentiu imediatamente como se contraíam seus músculos internos em torno dele, levando-o com ela até esse maravilhoso e prazenteiro abismo. Madeleine se sacudiu contra seu corpo, mas ele não deixou de atormentá-la com o polegar. Ela começou a mover a cabeça para os lados enquanto se beliscava os mamilos com os dedos e se acariciava os peitos com as palmas, e Thomas não pôde suportar mais.

Aferrou-lhe as coxas firmemente com ambas as mãos.

—Vou gozar, Madeleine. Vou gozar contigo...

E isso fez. Soltou um gemido que saiu do mais profundo de sua garganta e ela se separou para que derramasse a semente sobre o abdômen em palpitações quebradas de onda.



Depois se colocou de novo sobre sua ereção e começou a mover-se sobre ele e a rodar os quadris durante uns maravilhosos momentos, até que o prazer se apagou e o deixou completamente satisfeito.

Ao final, Madeleine deixou de mover-se e se inclinou para frente para beijá-lo enquanto lhe rodeava o pescoço em um doce abraço. Thomas lhe devolveu o beijo e elevou as mãos para lhe acariciar o cabelo. Pouco depois, ela se aconchegou contra ele e escondeu o rosto em seu pescoço, onde seu quente fôlego lhe roçava a pele.

Thomas cravou a vista no moribundo fogo. Tinha à mulher que amava entre os braços, e era um dos momentos mais tristes de sua vida.



Capítulo 14

Madeleine estava de pé frente ao estragado espelho de seu dormitório, tratando de examinar o melhor possível sua figura a fim de avaliar todos os detalhes e assegurar-se de que tudo estava perfeito. Colocou o vestido de noite para o baile, o único vestido que ainda não tinha utilizado no Winter Garden, e desejava causar uma boa impressão.

Embora o objeto tinha um corte típico, era uma criação espantosa. Confeccionado com resplandecente cetim de cor branca, com decote redondo e baixo e mangas largas que ajustavam aos braços, o vestido se atava muito no sutiã antes de alargar-se para cair em uma exuberante cascata de malha sobre a roupa íntima. Os únicos adornos eram uns babados de cetim azul marinho na parte final das saias e uns diminutos botões do mesmo material no decote. O estilo era singelo, mas o efeito, espetacular. O baile de máscaras seria uma festa muito importante, tanto para o povoado como para sua investigação. Essa noite, pela primeira vez desde sua chegada, Thomas e ela entrariam no lar do barão do Rothebury.

Acrescentou um pingo de cor a seus lábios, beliscou as bochechas e depois passou as mãos pelo cabelo. Em lugar de trançar-lhe como estava acostumada a fazer, fez um coque folgado na nuca, deixando que algumas mechas lhe rodeassem o rosto e o pescoço. Depois acrescentou o arremate final: uns ligeiros toques de perfume e uns brincos compridos de pérola. Desejava de coração que Thomas gostasse de seu aspecto, já que, embora era relutante a admiti-lo, compreendeu que se vestiu com tanto esmero porque desejava impressionar a ele mais que a ninguém.

Depois de respirar fundo para se animar, agarrou seu formoso casaco novo, as luvas e uma pequena bolsa, na qual guardou somente o batom e um lenço de linho. Logo apagou a luz e abandonou os limites de seu quarto para dirigir-se para a sala de estar, onde Thomas a esperava.

À exceção do resplendor do fogo agonizante e de um pequeno abajur, a sala estava às escuras. Percebeu a presença de Thomas imediatamente e o que viu a fez deter-se em seco.



O homem estava junto à chaminé, com um leve sorriso nos lábios. Tinha a vista cravada no suporte e levantava uma e outra vez a tampa da caixa de música para deixá-la cair de novo. Um ato que delatava seu nervosismo.

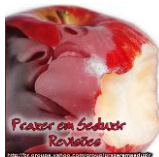
Até onde podia ver, ia vestido de negro por completo e embora era um estilo muito conservador, encaixava com seus traços morenos à perfeição. Voltou-se quando a ouviu, e Madeleine se desestabilizou por causa da quebra de onda de deleite e incerteza que a invadiu ao vê-lo.

Estava devastadoramente bonito com o cabelo penteado para trás, longe de seus formosos olhos e seu masculino rosto. Pôde ver então que o colete era de seda azul marinho e o lenço do pescoço tão branco como seu vestido. Durante um instante, Madeleine não pôde evitar perguntar-se se ele tinha planejado aquilo. As roupas que vestia eram caras e faziam jogo com as suas; entretanto, ele não podia estar a par do que ia vestir. Por que sabia, não tinha visto o vestido. Mesmo assim, eles pareceriam um casal, e gostava dessa ideia.

Percorreu-a de cima abaixo com o olhar antes de se deter um instante no decote e Madeleine notou que se ruborizava diante de semelhante escrutínio.

— Assisti a incontáveis bailes por toda a Europa e Inglaterra, Madeleine — admitiu de maneira pensativa, rompendo o silêncio com sua voz grave e rouca — mas jamais tinha visto uma dama tão formosa como você — Meneou a cabeça de forma quase imperceptível. — Não posso descrever com palavras. Simplesmente, deixaste-me sem fôlego.

Madeleine sentiu que o sol tinha aparecido entre as nuvens para banhá-la com seu quente resplendor dourado. Muitos homens de importância tinham comentado sua beleza, mas nunca tinha percebido, nem presenciado, tanta sinceridade em seus elogios. Se Thomas estava tratando de cortejá-la para que se apaixonasse por ele, devia admitir que sua estratégia estava escavando pouco a pouco a muralha de pedra que ela mesma tinha construído em torno de seu coração. E era provável que ele o tivesse notado. Também reconheceu imediatamente o tom carinhoso que destilava sua voz, e por fim chegou a entendê-lo. Viu de repente o desafio que tinha diante ela, o desafio ao que ambos se enfrentavam. Thomas estava se apaixonando por ela. Isso explicava tudo e, pela primeira vez em muitíssimos anos, estava morto de medo.



— Acredito que o que quer em realidade é me colocar em sua cama, monsieur Blackwood, mas teme me pedir isso com descaramento — replicou com um exagerado suspiro ao tempo que se aproximava dele e ocultava seus temores atrás de uma máscara de jovialidade.

— Embora com um pouco mais de persuasão, cairei rendida em seus braços.

— É necessário mais persuasão depois de te dizer que sua beleza não pode definir-se com palavras? — colocou uma mão no quadril e puxou o casaco de seu enorme peito. — Contudo, devo admitir que levo semanas fantasiando sobre o aspecto que terá sem roupa.

Ela franziu os lábios e fingiu refletir enquanto deixava o casaco e o ridículo no sofá. Ato seguido deteve-se diante dele.

— Isso é... um pouco mais persuasivo. Talvez permita que tire à roupa mais tarde.

Thomas piscou antes de esboçar um sorriso radiante.

— Estou excitado, minha senhora. Um estado do mais incômodo antes de um baile. Espero sinceramente que não seja uma brincadeira.

Madeleine sabia que estava brincando, mas de qualquer forma se sentiu encantada. Colocou-lhe uma mão sobre o colete e acariciou a suave e valiosa seda.

— Seria uma brincadeira se te dizer que você também me deixou sem fôlego, Thomas. Esta noite tem um aspecto magnífico, elegante e sofisticado. Aristocrático. De repente estou tão apaixonada por ti que não sei muito bem o que fazer — Baixou a voz para convertê-la em um suave rogo. — Alguma sugestão?

— Além de fazer amor? Depende — raciocinou em um tom misterioso. Trocou o peso do corpo de um pé ao outro e perguntou. — Disse que está apaixonada por mim? Quanto?

Madeleine esteve a ponto de começar a rir diante de tão óbvio intento por bisbilhotar. Entretanto, não lhe deu um tom sério à pergunta e ela sabia que Thomas precisava averiguá-lo. Mesmo assim, tampouco desejava lhe subtrair importância.

Estendeu a mão para lhe arrumar a gravata, que não o precisava, e admitiu com despreocupação.

— Mais do que o estive por nenhum homem em muitíssimo tempo. Pode que em toda minha vida.



Deu-se conta de que lhe tinham afetado muito essas palavras sinceras, já que cravou o olhar nela e apertou a mandíbula antes de tragar saliva com força. Thomas desejava abraçá-la, mas se conteve por razões desconhecidas, quão mesmo tinha feito durante dias. Mostrou-se um pouco distante desde o Natal e, por mais que desejasse negá-lo, Madeleine se sentia nervosa e bastante preocupada por isso. Inclinou a cabeça a um lado antes de fazer a pergunta.

— Há algum tempo tem me abandonado um pouco, Thomas. Por quê?

Sem dar-se conta, Thomas levantou a tampa da caixa de música de novo ao redor de um centímetro e depois a deixou cair.

— Eu não o diria assim exatamente.

— Ah. Trata-se somente de que estive muito ocupado, então?

— É obvio — se apressou a responder.

— Já vejo — Madeleine aguardou uns instantes antes de esclarecer o tema. — Escrevendo cartas, fazendo visitas e passeando pelo povoado?

— E pensando em ti sem cessar — sussurrou ele.

Essas palavras a racharam.

— Me beije, Thomas, e me demonstre isso antes que comece a pensar que já não te interesse como mulher.

Isso foi à gota que encheu o copo. Durante um fugaz momento, ele pareceu divertido por semelhante exigência. Ato seguido colocou-lhe a palma na nuca e a acariciou com suavidade antes de arrastá-la para ele.

Foi um beijo suave, embora impetuoso e reconfortante, como a garoa do verão. Thomas cheirava maravilhosamente bem e parecia poderoso e enorme entre seus braços. Não introduziu a língua em sua boca em um arrebatamento de paixão, mas sim se deixou levar pela sensação de afeto e ternura, e lhe fez o amor a sua boca com os lábios. Madeleine não tinha experimentado um beijo tão doce em toda sua vida.

Quando se separou dela segundos depois, não quis abrir os olhos. Aturdida, aferrou-se a ele com a cabeça arremessada para trás e as mãos apoiadas no torso coberto de seda. Thomas



Lhe acariciou a nuca com a gema dos dedos e depois plantou delicados beijos em sua fronte, em suas pálpebras e as têmporas. Madeleine desejou que esse momento não acabasse nunca.

— No que pensa agora, Maddie? — murmurou ele contra sua bochecha.

— Mmm... Em que isto é maravilhoso — Se aproximou um pouco mais antes de murmurar. — Não me senti assim em toda minha vida.

Thomas se deteve no meio de um beijo no queixo, e ela o notou.

Ele elevou a cabeça pouco a pouco e ela levantou as pálpebras para contemplar as assombrosas profundidades dos escuros olhos masculinos. Jamais tinha visto uma expressão semelhante em um homem, e nem sequer sabia como descrevê-la. Thomas a desejava tão sexual como emocionalmente; desejava-a por inteiro, e esse desejo estava ali, ao descoberto para que ela o visse. Sim, estava-se apaixonando por ela, algo que nenhum homem tinha feito jamais, e isso não só a assustava, também a maravilhava.

Estendeu o braço para desenhar muito devagar o contorno de seus lábios com os dedos.

— Isto me assusta muito, Thomas.

Ele respirou fundo ao escutar essa tensa revelação e lhe beijou as gemas dos dedos.

— Sei.

A calidez de seu fôlego lhe avivava a pele e a intensidade de seu olhar a punha nervosa, mas ao ver que não pensava dizer nada mais, recuperou a compostura imediatamente, ergueu-se e deu um passo atrás para manter uma distância segura. Ele a deixou ir sem compromisso.

— Temos que partir Madeleine — disse justo antes que ela o fizesse. Estirou-se o casaco e esfregou as mangas com as palmas. — Deveriam estar o maior tempo possível na casa do Rothebury.

Ela se limitou a assentir com a cabeça, subitamente afligida pela tensão da atmosfera, e levou a mão ao pescoço, já que não lhe ocorria nada apropriado que dizer. O trabalho era o primeiro, é obvio. Por que o tinha esquecido? Piscou algumas vezes e voltou-se.

Thomas esperou a que recolhesse suas coisas e logo a ajudou com o formoso casaco antes de colocar o casaco. Depois de colocar a bolsa no pulso, Madeleine colocou as mãos nas luvas de zibelina e ambos abandonaram a casa em silêncio para entrar na fria e nublada noite.



Capítulo 15

Uma vez no interior da mansão do Rothebury, a primeira impressão do Madeleine foi que o baile de máscaras do Winter Garden era sem dúvida o evento da temporada. Aparentemente, tudo o que era alguém na escala social se encontrava ali, vestido com o traje apropriado, bebendo os magníficos licores e mordiscando os deliciosos aprimoramentos que os numerosos criados levavam em bandejas prateadas até as três mesas de bufê situadas no extremo norte do salão de baile.

A casa era menor por dentro do que parecia do outro lado do lago, e isso a surpreendeu. Atravessaram o enorme átrio de entrada e entraram no vestibulo, decorado com piso de mármore claro e paredes de cor pêssego que imediatamente atraíam a atenção para os esplêndidos lustres pendurados no teto. Em frente a eles, uma enorme escada circular construída em madeira de carvalho conduzia aos quartos privados do segundo andar. À direita, depois de umas portas quase fechadas, parecia haver uma sala de estar e, continuando, a biblioteca ou um despacho, seguido do salão de jantar e as cozinhas ao fundo. A sua esquerda, o salão de baile ocupava a maior parte do edifício, ao menos até onde lhe chegava à vista.

Madeleine estendeu o casaco ao mordomo e depois caminhou com elegância para o salão enquanto Thomas lhe seguia os passos. Deteve-se um momento sob a assombrosa arcada de vidraças em tons pêssego e esmeralda que separava o vestibulo do salão para colocar a máscara branca de cetim que acaba de lhe entregar um meticuloso criado, quem assentiu com aprovação e lhe indicou que descesse a pequena escada para dirigir-se para a festa que se celebrava mais abaixo.

Jogou uma rápida olhada aos arredores para tomar nota do estilo do Rothebury. Tinha gostos caros e heterogêneos. Fixou-se em vários móveis de distintas cores e desenhos e nas antiguidades de todo tipo que penduravam das paredes ou adornavam as estantes de mármore e de cristal. Igualmente ao resto da mansão, a estrutura do salão de baile era antiga, embora havia redecorado recentemente com cores verde bosque e dourado. Duas das paredes estavam



ocupadas por outras tantas fileiras de janelas, enquanto que as outras duas estavam ocupadas de cima abaixo por diferentes pinturas de muito diversos artistas. Era evidente que a maioria dos convidados já estava ali, já que o salão parecia lotado e bastante carregado; ao fundo, um octeto de músicos tocava uma valsa pouco conhecida, embora encantadora, e o número de assistentes que se dirigia à pista de baile era cada vez maior.

Quando descendeu o primeiro degrau, já com o Thomas a seu lado, fez-se um pequeno e eloquente silêncio entre a plateia. Apesar de que levavam máscara, não havia dúvida alguma de sua identidade. Madeleine supôs que formavam um casal muito chamativo, embora estava claro que aos convidados estavam surpreendidos por eles estarem ali. Thomas e ela mal se falaram durante o curto trajeto desde sua casa, já que escolheram os caminhos que rodeavam o povoado em lugar do atalho que havia junto ao lago para evitar que o barro lhe sujasse o vestido, mas nesse momento ele se aproximou dela para lhe sussurrar ao ouvido.

—O barão está perto na parede, junto à janela, conversando com a Margaret Broadstreet.

Madeleine tratou de passar por cima o calor que desprendia do corpo masculino e o comichão que seu fôlego lhe produziu na nuca enquanto se concentrava no barão. O impressionante traje do Rothebury consistia em um smoking e uma calça de corte impecável em cor arroxeadado escuro, um colete de cetim cor lavanda e uma gravata negra que fazia jogo com sua máscara.

Justo nesse instante, Rothebury apanhou seu olhar e a saudou com um assentimento de cabeça quase imperceptível; esboçou um sorriso ladino e sugestivo antes de percorrê-la com o olhar de cima abaixo. Madeleine se encolheu por dentro ante um escrutínio tão indecoroso, mas lhe sorriu com calidez. De repente, notou que Thomas lhe sujeitava o cotovelo com seus dedos largos e firmes em toda uma demonstração de possessividade. Ao menos, esperava que se tratasse disso.

—Vamos para ele em primeiro lugar — propôs em voz branda, era tão prático como sempre, enquanto começava a baixar a escada. — Uma vez feitas às apresentações, talvez tomemos caminhos separados.



A sugestão lhe causou um profundo mal-estar. Contrário ao seu habitual costume, queria que Thomas permanecesse a seu lado toda a noite. Entretanto, em lugar de discutir esse ponto, limitou-se a assentir e a deixar-se levar.

— Não vai dizer nada? — perguntou ele com secura.

— Dizer o que?

— Porque não quer que te deixe sozinha para enfrentar ao ataque da aranha.

Ela se deteve a faltando três degraus para o final e girou a cabeça para lhe lançar um olhar ardiloso.

Ele sorriu com malícia, muito consciente do que ela pensava. Madeleine lutou contra o impulso de repreendê-lo... e de beijá-lo de novo.

— Sou bastante competente, Thomas, e o barão é um homem encantador — replicou com muita doçura. — Estou certa de que cuidarei disso muito bem, e de que com um pouco de persuasão Rothebury aprenderá a... apreciar minha companhia.

Apertou-lhe o cotovelo com força antes de esfregar-lhe com o polegar.

— «Apreciar sua companhia»? Acredito Madeleine, que é muito provável que aprecie os magníficos e pálidos peitos que aparecem tão encantadoramente pela parte superior de seu decote — Com um sorriso zombador, acrescentou. — Desde que saímos de casa, sinto um formigamento nos dedos cada vez que penso em te tirar o espartilho e deixar que se derramem sobre minhas mãos.

— Então você olhou para eles... — ela assinalou com fingido alívio ao tempo que retirava as mechas da face com um movimento do queixo. — Foi muito difícil conseguir que chamassem a atenção.

— Não me diga? — exagerou ele.

Madeleine apertou os lábios para conter a risada.

— Mas não deixarei que o barão toque-os, Thomas, se for isso o que te preocupa. Estou reservando essa honra.

Ele piscou.

— Reservando?



Uma mulher descomunal, envolta em hectares de seda cinza, situou-se frente a eles e seu rosto rosáceo se contraiu em uma expressão de ira sob a máscara branca; ao parecer, estava chateada porque lhe impediam de sair do salão de baile. Thomas captou a indireta e apartou Madeleine antes de sair do meio e continuar baixando os degraus. Ainda não tinha solto seu cotovelo, e a jovem não fez o menor intento por liberar-se.

Depois de voltar-se para olhá-lo à face por fim, Madeleine se aproximou dele tanto como o permitia o decoro em semelhantes circunstâncias e baixou a voz até convertê-la em um sussurro.

—Quero que os acaricie e os beije alguém que sabe como me avivar com um simples olhar, que me excita com uma simples carícia e que me faz esquecer quem sou quando está dentro de mim. Acredito que, aqui no Winter Garden, esse homem só pode ser você, Thomas.

Embora era impossível que alguém o tivesse ouvido, os olhos do Thomas se arregalaram ao escutar o escandaloso comentário em um lugar tão público. Mas somente um segundo. Depois esqueceu o que era a decência e a ponto esteve de esmagá-la contra seu musculoso peito.

—Põe-me duro quando diz coisas como essa, Madeleine, e por muito que desfrute dessa sensação quando penso em ti, eu não gostaria de chamar a atenção das damas por aqui.

Ela não notava a ereção, se de verdade existia, mas sim percebeu o tom carinhoso de sua voz, o brilho de prazer de seus olhos e os súbitos e gélidos olhares dos que estavam ao redor.

Apartou-se um pouco dele.

—Já está chamando bastante sua atenção com o mero feito de permanecer aí de pé — murmurou com ternura — e, para ser sincera, acredito que têm ciúmes porque está comigo.

—Meu lugar está contigo — acrescentou sem mais.

Madeleine teria dado algo por saber até que ponto falava a sério, mas em lugar disso falou com o coração na mão.

—Eu adoraria te beijar por isso.



O rosto do Thomas se voltou pensativo durante uns instantes e uma fome feroz ardeu em seus olhos.

— Também eu adoraria que o fizesse.

Essas palavras, apenas audíveis, estavam carregadas de significado e para Madeleine desapareceu todo o resto: o rumor das conversas e as risadas informais, a formosa melodia da valsa, o calor dos corpos que a rodeavam e o desfile de figuras mascaradas embelezadas com jaquetas elegantes e volumosas saias. De repente, não importava o barão, o ópio e Winter Garden. Quão único existia nesse abarrotado salão, em seu próprio universo privado, era Thomas.

— Se Conformará dançando comigo? — perguntou com um fio de voz, sabendo de que o baile seria um pobre substituto do beijo; entretanto, não lhe ocorria outra coisa que lhe permitisse poder tocá-lo.

Os olhos do Thomas adquiriram uma expressão borrascosa e seus ombros se afundaram quando deixou escapar o ar que continha.

— Nada me agradaria mais. Mas não posso dançar Madeleine.

Nunca poderia haver-se preparado para isso. Como se de uma bofetada em pleno rosto se tratasse, sua resposta a deixou sem ar... a envergonhou e a abrasou como o fogo. Não podia dançar. Suas lesões o impossibilitavam. E absorta no fervoroso desejo de compreendê-lo, de marcá-lo como sua essa noite, tinha-o esquecido.

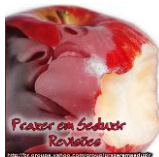
Entretanto, não deixaria que ele o descobrisse.

— Dá igual — disse com um sorriso radiante. — Façamos o trabalho que viemos a fazer.

Thomas relaxou um pouco antes de estender a mão livre para lhe acariciar o queixo com o polegar.

— Que diplomática é, minha formosa Madeleine.

Madeleine estremeceu a pesar do mormaço do salão de baile. Thomas jamais se mostrou possessivo com ela antes, nunca a tinha reclamado como dele, e o simples feito de pensá-lo fazia que se sentisse incômoda; com tudo e por alguma escura razão, esperava que ele não percebesse isso.



—Quer tomar champanha?

Ela meneou a cabeça ao tempo que desprezava suas preocupações.

—Ainda não. Eu gostaria de manter a cabeça limpa esta noite. Vamos ver o Rothebury.

Thomas se voltou a toda pressa e a conduziu de novo para esta parede, onde tinham dividido ao barão em um primeiro momento. A zona se converteu em um lugar lotado e ruidoso e a pista de baile estava abarrotada, assim Madeleine se viu obrigada a abrir caminho através de espaços que encontrava entre as pessoas. Thomas a seguia de perto.

Nesse momento não pôde evitar fixar-se em sua claudicação. Nas últimas semanas apenas lhe tinha emprestado atenção, já que ele parecia mover-se de um lado a outro sem problemas; era um homem muito forte e capaz que se encontrava cômodo em seu próprio entorno. Entretanto, depois de tirar suas lesões à luz, a claudicação parecia muito mais proeminente, algo evidente para todos, e seu coração se encheu de compaixão e afeto pelo homem que a bom seguro tinha suportado a mofa e a repugnância de seus contemporâneos, de almas ignorantes que careciam de toda distinção. Compreendia-o porquê viveu durante anos, às mãos de pessoas como lady Claire, que assumia que ela era uma fulana por causa de sua incomum beleza, ou sua ilegitimidade, ou a aparente falta de uma educação decente. Thomas lhe disse que era um ermitão, e nesse momento entendeu a que se referia. A sua maneira, embora extrovertida por causa de seu trabalho, ela tinha sido uma ermitã toda sua vida.

Por fim conseguiram aproximar-se do barão. Rothebury tinha um aspecto elegante e tranquilo; sujeitava uma taça de champanha meio vazia em uma das mãos e mantinha a outra a um flanco enquanto escutava a senhora Broadstreet, uma mulher corpulenta com o cabelo vermelho fogo que ia vestida com um vestido do espantoso tom rosa dos flamencos e que falava com certo dramatismo sobre os terríveis preços dos produtos locais. Algo dessa natureza foi quão único Madeleine pôde entender da estúpida conversa em que somente o barão parecia minimamente interessado. Viu que Rothebury assentia com a cabeça e que sua testa se enrugava ali onde se uniam as sobrancelhas, mas era óbvio que a ele não podiam lhe importar menos a senhora Broadstreet e o preço das conservas de beterraba. Mesmo assim, mostrava-lhe uma lisonjeadora atenção. Muito lisonjeadora.



Assim que viu que Thomas e ela se aproximavam, esboçou um amplo sorriso de alegria que, em opinião do Madeleine, era totalmente falso. Ao ver que se afastava da robusta figura da senhora Broadstreet, que ficou com a palavra na boca, Madeleine lhe devolveu o sorriso e estendeu a mão para ele.

—Monsieur Rothebury, é um prazer vê-lo de novo, sobre tudo em circunstâncias tão emocionantes. É uma honra para nós assistir a seu baile de máscaras invernal.

—Senhora DuMais — Pronunciou o título com voz melosa e, fazendo caso omissivo do Thomas, estendeu a mão para segurar a sua com suavidade. — O prazer é meu. Esperava impaciente o momento no que sua extraordinária beleza iluminasse com sua elegância os muros de meu humilde lar.

Um comentário ridículo, mas Madeleine soltou a gargalhada de rigor.

—Seriamente? Adula-me você, monsieur.

—E este é o senhor... Blackwood, não é assim? — acrescentou Rothebury, que elevou a vista para observar ao Thomas. — Acredito que não nos conhecemos.

Não estendeu a mão para saudar o Thomas e Madeleine suspeitou que se agarrou a ela para não ter que fazê-lo.

Thomas permaneceu imóvel ao seu lado.

—Equivoca-se, lorde Rothebury. Conhecemo-nos na recepção ao ar livre que ofereceu à senhora Bennington-Jones no mês de setembro passado. Não o recorda? Foi uma pequena festa celebrada em honra de sua filha Desdémona, para celebrar as recentes núpcias da jovem dama.

Madeleine percebeu uma ligeira contração nos lábios do barão diante a menção da Desdémona, mas ao tipo lhe dava bem dissimular os sentimentos negativos e não deixou de esboçar esse sorriso matreiro tão próprio de sua natureza.

—Ah, sim, agora o recorde — replicou o barão muito devagar. — Você permaneceu ao lado de lady Claire durante toda a festa, conforme acredito.

Se Rothebury tinha encontrado estranha essa situação ou pretendia que o comentário servisse como uma amostra de indecência, por leve que fosse, não conseguiu o que queria, já que nem Thomas nem ela se deram por aludidos. Margaret Broadstreet, entretanto, franziu o



nariz e se afastou um passo com as costas ainda mais rígidas, sem deixar de observar à alta e escura silhueta de Thomas.

— Está no certo — comentou seu acompanhante sem dar mais explicações. — E já que falamos dela, veio esta noite?

— Lady Claire? Sim, é obvio — respondeu com ar ofendido ao tempo que elevava sua taça de champanha em um gesto enfatiado. — Suponho que estará sentada. Todos nos conhecemos lady Claire, e parece bastante... fatigada.

Produziu-se um silêncio incômodo, mas Rothebury não lhe soltou o braço. Outros começaram a olhar para eles, que estavam reunidos em um pequeno círculo perto da janela, e se aproximaram para cravar a vista em Thomas e nela, dado que os consideravam convidados pouco adequados e altamente suspeitos. Madeleine divisou muitos rostos conhecidos, outros que só conhecia de vista e outros que jamais tinha visto anteriormente. Não obstante, todos mostravam uma extrema curiosidade por sua aparição no baile essa noite.

— Eu também o recorde senhor Blackwood — interveio a senhora Broadstreet, um pouco irritada por não ter sido apresentada formalmente. — Mas acredito que não conheço esta mulher. Trata-se da francesa que vive com você, verdade? Ouvimos falar muito sobre ela no povoado.

Esta mulher. Madeleine começava a faltar-se de que lhe aplicassem uma distinção tão vulgar com esse tom de voz que a fazia parecer desprezível. Entretanto, em lugar de reagir, limitou-se a suportá-lo com elegância, como sempre. Com um pouco de persuasão, foi capaz de livrar-se por fim dos dedos do Rothebury, embora não sem certa resistência por parte do barão, que lhe tinha feito um par de carícias com o polegar e não por acidente, disso estava segura.

— Sim, trabalho para o senhor Blackwood — respondeu em sua própria defesa e olhando à dama aos olhos. — Entretanto, eu não ouvi falar sobre você, senhora...

— Margaret Broadstreet — assinalou o barão com tom afável.

— Somos do norte — aduziu a dama —, mas vamos ao Winter Garden todos os invernos devido aos dores que sofre meu marido.

Madeleine estava segura de que seu marido sofria, e muito.



— Veio ele esta noite? — perguntou com cortesia.

— Encontra-se no salão para fumantes com uns conhecidos, falando do que seja que falam os homens nesses lugares — respondeu de maneira acalorada. Ato seguido, com os ombros erguidos e uma pequena careta em seus lábios rosados, anunciou. — Seu pai é segundo primo do barão do Seely, sabe? — Soltou uma risada forçada e elevou uns dedos carregados de anéis para estender-lhe sobre o peito. — Embora esteja segura de que não tem muita ideia sobre os títulos ingleses e essas coisas.

— É obvio que não a tem. É francesa.

A voz gritã procedia de algum lugar por detrás dela, mas Madeleine soube imediatamente que pertencia ao Penélope. Todos se voltaram para olhá-la.

Embora já era uma mulher robusta e corpulenta, nesse momento parecia imensa e ridícula com um vestido de cetim arroxeadado escuro cuja sussurrante saia estava coberta por inteiro com múltiplas capas de encaixe branco. O decote, embora modesto, esticava-se muito sobre seu enorme busto e o rígido espartilho que lhe rodeava a cintura parecia a ponto de estalar. Tinha o aspecto de uma uva amadurecida pronta para ser esmagada e converter-se em vinho. Também lhe pareceu cômico notar que seu traje fazia jogo com o do Rothebury quase à perfeição. Formavam um casal ideal, embora involuntariamente, e a julgar pela expressão gélida que apareceu nos olhos do barão quando a dama se uniu a eles, estava claro que não achava a menor graça. Não, era algo mais que isso. Richard Sharon odiava a Penélope Bennington-Jones.

— Os franceses são bastante sofisticados e conhecem sem dúvida tudo referente aos títulos nobiliários e suas implicações históricas e contemporâneas, senhora Bennington-Jones — afirmou Thomas em um tom evasivo quando ela situou sua corpulenta e perfumada figura a seu lado.

Penélope o olhou de soslaio de cima abaixo com as bochechas infladas em um gesto de silenciosa indignação.

— Tem bom aspecto, senhor Blackwood — replicou com aspereza antes de estender o leque diante da cara para descartar o comentário do Thomas.



— Obrigado.

— E o mesmo pode dizer-se de você, senhora Bennington-Jones — assinalou Madeleine com cortesia.

Penélope trocou de postura e começou a abanar-se.

— O que considerado por sua parte concentrar-se...

Madeleine não soube se voltava a rir ou felicitar a dama por tão esplêndida réplica. A mulher tinha evitado olhá-la com toda deliberação, mas tinha respondido com um comentário sutil que, embora pretendia resultar grosseiro, em realidade não o tinha parecido.

— Os franceses costumam concentrar-se nessas coisas — interveio Margaret, que se adiantou um pouco para dar uns tapinhas em Penélope no braço. — Estão muito a par da moda mesmo se uma pessoa tem bom aspecto ou não.

— Não me diga? — perguntou o barão, que se apoiou sobre os calcanhares, antes de dar um gole de champanha. — E como sabe Margaret?

Essa pergunta na aparência inocente teve um impacto sutil, mas Madeleine sabia que pretendia ser condescendente para conseguir que a dama se equivocasse ao responder. Todos sabiam.

— É um fato conhecido por todos, barão Rothebury — foi à tensa resposta do Penélope quando todos os olhos se cravaram nela. — Está claro que os franceses são... pouco mais que uma banda de bárbaros quando estão em grupo, mas são também meticolosos com as aparências.

Rothebury cravou um desagradável olhar na mulher. Era óbvio que tudo - sua casa, seu baile e seu título eram superiores, embora também que Penélope mantinha uma estranha conexão com ele. De outro modo, não teria feito esse descarado comentário em desacordo com o do homem.

Margaret estendeu uma mão para recolher uma taça de champanha da bandeja do garçom que passava por ali antes de acrescentar.



— Acredito que você tem razão, senhora Bennington-Jones. Não obstante, e posto que falamos nos apoiando nos fatos, terá que dizer que, embora seja certo que os franceses cuidam muito das aparências, mostram muito pouco gosto no que a elas se refere.

Penélope meneou a cabeça.

— Não, o problema com os franceses não reside em que careçam de bom gosto, nem de estilo, como nós, mas eles não têm nenhum tato.

— Algo que não se pode dizer dos ingleses, não é assim, senhora Bennington-Jones? — inquiriu Thomas quase em um sussurro. Quando todos os olhares se concentraram de novo nele, Thomas sorriu com frieza e estendeu a mão para apertar com suavidade o braço de Madeleine. — Levamos aqui cinco minutos e, deixando a um lado ao bom barão do Rothebury, nenhuma das damas lhe ofereceu uma palavra amável à senhora DuMais... a única francesa que nos acompanha. É uma convidada em nosso país e, entretanto, vocês a insultaram sem reparos, tanto a ela como à nação da que procede — Se endireitou antes de enlaçar as mãos às costas. — Durante o tempo que trabalhou como minha empregada, demonstrou ser inteligente encantadora e elegante. Levo vivendo no Winter Garden vários meses e ainda não conheci a nenhuma dama no povoado que possua seu refinamento.

Quase todos os presentes o olharam com a boca aberta, uma imagem muito ridícula por causa das máscaras, e guardaram um estupefato silêncio. Foi um momento muito cômico, um que Madeleine não esqueceria facilmente.

Sem esperar uma refutação, Thomas olhou uma vez mais ao Rothebury, quem, como o mais suspicaz de todos, havia entrecerrado os olhos em uma expressão que Madeleine só podia descrever como especulação evolutiva.

— Se me desculpar, barão — concluiu Thomas com um tom carregado de desprezo —, acredito que eu gostaria de dar um passeio entre as pessoas — Se voltou para ela. — Quer me acompanhar, senhora DuMais?

É obvio que queria. E desejava abraçá-lo também.

— Em realidade ia ter a ousadia de perguntar ao barão se gostaria de dançar.



Rothebury se adiantou imediatamente e deixou a um lado às outras damas para lhe oferecer o braço; sua expressão mostrava uma alegria radiante que nesse momento certamente parecia autêntica.

— Será um prazer.

Thomas assentiu com a cabeça.

— Como desejar — E atrás disso partiu.

Madeleine contemplou como suas enormes costas desapareciam entre a multidão.



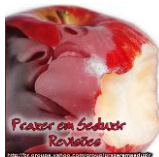
Capítulo 16

Richard estava nervoso. Apesar de que tinha dançado um minuê do Bach com a mulher mais exuberante e formosa que tinha visto em muitos anos, não se sentia tão depravado e centrado como deveria, a não ser tenso e distraído.

Como era de esperar, a festa era um êxito, igualmente a dos últimos anos. Uma vez mais tinha eleito com muito cuidado as comidas, bebidas e a música, sem reparar em gastos. Havia adornos majestosos por todos os lados, a alta sociedade falava e ria e, entretanto, ele não conseguia passar bem.

A seus quase trinta e cinco anos, fazia muitas coisas interessantes, mas nenhuma podia comparar-se com o lucrativo comércio do ópio roubado. Certo era que o fazia pelo dinheiro, mas também pela aventura. Durante meses tinha desfrutado do êxito, tinha gasto muito dinheiro em reagrupar seu estudo, a biblioteca e o dormitório com extraordinárias antiguidades que tinha comprado em distintos leilões. Não obstante, havia algo que lhe esteve cismando por dentro nas últimas semanas, como se lhe parecesse uma faca no ventre, e não conseguia identificar com exatidão o que era.

Nesse instante tinha a fascinante Madeleine DuMais entre seus braços e a olhava nos olhos através da máscara. Essa mulher possuía uma beleza sem comparação e levava um vestido que acentuava seus generosos e pálidos seios e sua silhueta curvilínea, a qual não mostrava nenhum sinal de ter dado a luz. Tinha uma pele impecável; seu cabelo castanho era sedoso e resplandecente; seus lábios, grandes e sedutores. Richard notou que seu corpo reagia da mesma maneira que o dia que a viu no bosque, três semanas atrás, quando tinha passado a maior parte do tempo imaginando-lhe nua em sua cama. Era uma mulher educada, com experiência, e sem dúvida sabia como agradar a um homem. Ao menos, isso tinha dado a entender. Tinha pensado nela frequentemente desde aquele fatídico dia e por fim a tinha ali, em sua casa, dançando e rindo com seus ácidos comentários.



Tinha-a visto imediatamente quando atravessou o arco de vidraças para entrar no salão de baile. Entretanto, quando o erudito entrou justo detrás dela e se deteve ao seu lado, Richard teve um mau pressentimento que lhe retorceu as vísceras ao vê-los juntos. E isso era o que causava seu nervosismo. Estava seguro disso. Embora havia sentido certa inquietação quando Penélope os mencionou semanas atrás, a súbita ansiedade que o tinha invadido essa noite estava provocada pelo mero feito de vê-los juntos. Por desgracia, era evidente que as estranhas casualidades que tinham reunido a uma esplêndida francesa e a um intelectual inglês aleijado no Winter Garden já não podiam ser ignoradas.

Para ser objetivo, devia reconhecer que formavam um casal impactante: o enorme e moreno, Blackwood, com esse aspecto autoritário; e a glamorosa Madeleine, a perfeição convertida em mulher. Deixando a um lado as evidentes lesões do homem, mostravam uma afinidade ilusória como casal, quase de conto de fadas, algo do que todo mundo se deu conta. Para falar a verdade, tinha-lhe parecido extremamente divertido observar o intercâmbio de sutilezas e grosserias entre essa zorra do Penélope, a presunçosa da Margaret, que em realidade era um João-ninguém entre a alta sociedade, Blackwood e Madeleine. Não obstante, para surpresa de Richard, o erudito tinha ganho a luta de maneira firme, e também as sutis mostras de admiração de seu adorável acompanhante.

Sentiam-se atraídos um pelo outro. Isso era óbvio, embora ambos faziam o possível por ocultar. Mas o escondiam entre si ou só dos outros? Richard não sabia, e tampouco tinha muito claro como se sentia a respeito. Por um lado, desejava a essa mulher, e muito. Por outro, não podia deixar que ela passasse a formar uma parte importante de sua vida. Tinha uma propriedade que dirigir, um negócio clandestino que organizar e uma casa que manter, assim nesse momento não tinha o menor interesse em engendrar um herdeiro. Casaria-se em seu devido momento, é óbvio, e teria filhos; mas o matrimônio ainda ficava longe para ele, e certamente não se casaria com uma francesa plebéia viúva, por mais formosa que fosse e por muito que ela o desejasse. Contudo, pensava descobrir muito em breve até que ponto o desejava ela.



O minué chegou a seu fim e uma Madeleine sem fôlego lhe dedicou um sorriso enquanto se abanava delicadamente com seus perfeitos dedos. Devolveu-lhe o sorriso e se obrigou a retornar ao presente.

—Gostaria de dar um passeio, senhora DuMais? Seria bom um pouco de ar fresco e eu adoraria lhe mostrar alguns dos tesouros que adquiri recentemente para meu trabalho e minha biblioteca.

As palavras tinham segundas intenções, e ela não as passou por cima.

—É obvio monsieur Rothebury...

— Richard, por favor — ele recalcou ao tempo que lhe oferecia o braço.

—Nesse caso, deve me chamar Madeleine — insistiu ela com um forte embora estimulante acento francês enquanto lhe colocava a mão sobre a manga, à altura do cotovelo.

Richard lhe deu uns tapinhas com a mão livre e notou sua pele cálida e suave. De repente, sentiu uma urgente necessidade de sentir esses dedos rodeando sua virilidade, acariciando-o de maneira íntima.

—Primeiro a biblioteca, Richard? — perguntou-lhe com um ronrono em uma faiscante e pícara insinuação.

Ele teria escolhido o quarto, mas o salão de baile estava cheio de vizinhos e convidados de certa importância, e muitos deles os veriam partir juntos. Não podiam ausentar-se muito. Assim, de momento teria que contentar-se com a biblioteca, como ela tinha sugerido durante seu primeiro encontro nos bosques; mais tarde, se houvesse sorte, poderia despi-la.

—Primeiro a biblioteca, Madeleine — concedeu antes de lhe fazer um leve sinal para a escada.

Caminharam em silêncio, embora as conversas do salão de baile tinham alcançado um volume tão alto que resultava impossível conversar com normalidade. Subiu a escada detrás dela para observar o balanço de seus quadris e a forma em que os suaves cachos de seu cabelo pulavam sobre os ombros com cada passo que dava. Fascinava-lhe a sofisticação dessa mulher e, com cada minuto que passava, sentia-se mais e mais impaciente por estar com ela a sós.



Por fim chegaram ao corredor que conduzia à parte de trás da casa e que começava seu estúdio. Se alguém tinha notado que partiram sozinhos, ninguém se atreveria a comentar abertamente. Ao menos, não essa mesma noite e nessa casa. A discrição reinaria nas conversas de quase todo mundo nesse baile. Richard os conhecia todos e o bem-estar dos aldeãos dependia dele, e também suas fofoqueiras línguas. Podiam especular quanto quisessem. De qualquer forma, não averiguariam nada.

Madeleine não disse nada quando chegaram por fim à biblioteca. Uma vez dentro, Richard fechou a porta e colocou muito devagar a fechadura.

Ao voltar-se de novo para Madeleine, espionou certo indício de incerteza em seus olhos enquanto contemplava a fechadura, mas se desvaneceu quando respirou fundo e jogou uma olhada à sala.

— É preciosa, Richard.

Ele se aproximou muito devagar a ela.

— Eu opino o mesmo.

Referia-se a ela, claro, embora sabia que a mulher falava da biblioteca. Estava recém decorada em tons torrados e verdes, e era uma sala formosa que conservava os belos tetos abovedados originais. Havia singelos e elegantes móveis de design da Rainha Ana: dois sofás estofados em seda verde escuro; duas cadeiras de veludo dourado, uma em frente à outra; e uma mesinha de chá de madeira de cerejeira situada no meio. Havia estantes em todas as paredes, embora estavam ocupadas em sua maioria por antiguidades procedentes da Itália, Egito e o Longínquo Oriente que tinha ido recolhendo ao longo dos anos. Possuía vasos da antiga Roma, jarras de marfim originárias da Índia, esculturas de jade do Japão e suntuosos tapetes tecidos na Espanha; e tinha obtido todas essas coisas com o dinheiro que lhe proporcionavam aqueles cidadãos londrinos que lhe compravam o ópio para a necessitada elite. Sim, era um negócio magnífico, sem lugar a dúvidas.

— Mas onde estão seus livros? — inquiriu ela com certa confusão.

A pergunta não o surpreendeu; de fato, esperava-a, depois de tudo era uma biblioteca, e sua coleção de livros era, muito escassa.



—Os poucos livros que têm valor estão aqui, é obvio, nas prateleiras superiores — respondeu ao tempo que desatava a máscara—, mas tenho outros, livros que somente consulto de vez em quando, em meus aposentos privados cima — Fez uma pausa quando se situou diante dela, lançou a máscara em cima de um dos sofás e depois estendeu as mãos detrás da cabeça feminina para lhe tirar a sua. — Possivelmente queira vê-los em alguma outra ocasião, Madeleine.

Tinha-o deixado cair como uma possibilidade enquanto lhe retirava a máscara de cetim da face, mas ela não replicou imediatamente. Tampouco reagiu diante de seu atrevimento, coisa que o satisfaz enormemente.

Depois de arrojear a máscara junto ao dele, Richard elevou a mão para lhe acariciar a bochecha com a palma. Sua pele estava quente e ruborizada, mas seus olhos, de uma cor um pouco mais clara que o céu do verão, pareciam tranquilos enquanto lhe devolviam o olhar.

—Onde guarda os livros que compra de lady Claire? — perguntou ela em voz baixa.

Isso o desconcertou um pouco. Tinha-o levado até ali com olhadas apaixonadas e sorrisos desavergonhados, tinha demandado seus avanços com roucos sussurros e lhe tinha formulado uma pergunta que nada tinha nada a ver com as preliminares sexuais. De fato, estava tão afastada do caminho de sedução que tinham seguido até o momento que o tinha deixado perplexo. Embora somente durante um momento.

Esboçou um sorriso irônico e lhe acariciou o maçã do rosto com o polegar antes de aproximar-se para dizer.

—Sou comerciante de livros, Madeleine, não o recorda? Compro todo àquilo que me interessa vender e depois o entrego a um distribuidor que se encarrega de oferecê-lo a alguém disposto a pagar ainda mais. Não é mais que um passatempo que me proporciona os ganhos necessários para pagar coisas tão formosas como os que vê nas estantes. Como poderá supor, prefiro os inestimáveis e exóticos objetos aos livros.

—Ah, já vejo — disse ela com certa indiferença.

Richard esboçou um sorriso zombador e se inclinou um pouco mais para diante.



—Por favor, não o mencione a ninguém — sussurrou. — Todo mundo no Winter Garden me considera um intelectual extraordinariamente rico.

Ela soltou uma gargalhada ao escutar a brincadeira.

—Guardarei-lhe o segredo, Richard. Mas tem mais de um distribuidor? E como lhe envia os livros, em caixas?

Era óbvio que se interessava de verdade e, por que as perguntas não eram de caráter pessoal, Richard decidiu as responder.

—Como já disse antes, trabalho com um distribuidor em Londres a quem o envio os livros, em caixas de embalagem, todas as poucas semanas. Ele se encarrega de recolher os nomes de certos indivíduos de todo o país que necessitam algum livro em especial ou que procuram um autor específico e depois os vende quando os envio. Ele obtém uma parte dos benefícios e me envia o resto; eu, a minha vez, entrego parte desse dinheiro ha lady Claire quando desejo comprar mais livros.

A testa feminina se enrugou enquanto ela refletia.

—Que fazia antes de começar a comprar os livros de lady Claire? Os comprava de outra pessoa ou tinha uma coleção própria para vender?

Richard meneou a cabeça e riu sarcástico.

—Ambas as coisas. É você uma dama bastante curiosa, Madeleine. Ou a põe nervosa estar comigo?

Ela piscou com perplexidade e suas adoráveis sobrancelhas se arquearam um pouco.

—Nervosa? Não, Por Deus! — protestou com muita rapidez.

Estava nervosa. E ao Richard pareceu muito excitante. Deu um novo passo para frente.

—O que ocorre é que conheci a um distribuidor de livros recentemente e me parece um negócio muito interessante. Você já o faz há muitos anos?

Richard respirou fundo a fim de manter uma expressão amável e suas boas maneiras. Colocou a palma da mão sobre o pescoço feminino e sentiu seu pulso regular sob a pele.

—Muitos muitos anos — disse em voz calma com um sorriso; negava-se a dar mais explicações, de modo que se preparou para o encontro íntimo. Não queria falar mais de livros.



Ela moveu a cabeça em um gesto maravilhado e admirou a biblioteca de novo.

— Parece-me incrível que comercialize com algo que nem sequer coleciona. Se eu me dedicasse ao comércio de livros, conseguiria-os nos milhares de...

Deteve-se a meia frase porque lhe tinha colocado a mão sobre o peito e o havia segurado com a palma. Girou a cabeça imediatamente para voltar a olhá-lo nos olhos. Era um momento decisivo, um que lhe permitiria averiguar até onde estava disposta a chegar nesse encontro a sós e que, a sua vez, daria a oportunidade à dama de entender o muito que ele desejava avançar na relação.

Madeleine não se moveu, mas seu sorriso se desvaneceu. Tinha sido substituída por uma curiosa expressão de insegurança. Possivelmente estivesse nervosa, mas não pensava fugir. Justo o que Richard tinha esperado.

Sem deixar de observar os traços de sua face, começou a acariciá-la com muita suavidade por cima do vestido e sentiu que a delicada ponta cobrava vida quase imediatamente sob os dedos. Devia ter uns mamilos grandes e grossos para que se notassem sob as capas de seda e cetim, e esse simples pensamento lhe provocou uma incômoda ereção.

— É muito formosa, Madeleine, mas acredito que isso já sabe — sussurrou com voz rouca.

Ela levantou as mãos para apoiar as palmas contra seu peito.

— Não deveríamos fazer isto aqui.

Tinha sido um comentário prático, mas o tinha pronunciado com um tom sedutor e provocador. Tinha protestado que era o que se supunha que devia fazer em semelhantes circunstâncias; entretanto, não o tinha afastado nem esbofeteado. Animado dessa maneira, Richard lhe rodeou as costas com o braço livre e a aproximou dele.

Com um olhar que indicava quais eram suas intenções, baixou a cabeça e a beijou.

O primeiro que pensou Madeleine foi que o barão ou desejava evitar as respostas, ou tentava impedir que seguisse nessa linha de interrogatório. Beijá-la era uma maneira excelente de conseguir qualquer das duas coisas, e nesse momento ficou claro que aquele homem tinha algo que ocultar. O beijo em si não teve o menor efeito nela, já que tinha beijado a numerosos



homens que, depois de assumir que se sentia atraída por eles, tinham dado o primeiro passo. Para ser sincera, sabia que Rothebury faria algo assim, sobre tudo depois de ver que tinha fechado à porta. Entretanto, a suave carícia no peito a tinha surpreendido; não pela carícia em si, mas sim pela reação que tinha experimentado seu corpo diante esse contato não desejado.

Tinha os mamilos duros, e se endureciam mais com cada apertão de sua mão; começava a sentir o típico e quente comichão entre as pernas. Sua respiração não se alterou muito quando ele se voltou um pouco mais atrevido e lhe colocou a língua na boca; entretanto, quando começou a lhe roçar uma e outra vez os mamilos com o polegar, Madeleine começou a ofegar cada vez mais excitada. Pela primeira vez em toda sua vida e por razões que não podia explicar, sentia-se completamente envergonhada.

Contudo, uma nova e estranha sensação a percorria por dentro enquanto tentava compreender a reação que estava experimentando diante as carícias desse homem. Richard Sharon não a atraía no mais mínimo; para falar a verdade, detestava-o em todos os aspectos. Mas seu corpo se comportava como devia comportar-se, como se comportaria sob as mãos e as carícias de qualquer homem. O que de verdade importava era que o único homem a quem desejava além de toda dúvida era o único ao que não tinha tido por completo, o único ao que desejava com desespero, o único homem dos que tinha conhecido que não lhe dizia quão formosa era antes de beijá-la e que, entretanto, comentava o bem que jogava xadrez. O único homem ao que lhe importavam mais as experiências de sua infância (e que, além disso, passava por cima as más e ficava com as boas) que sua experiência na cama. O único homem de quantos tinha conhecido que, antes de lhe fazer o amor, queria conhecê-la como uma pessoa com um passado que não podia mudar, com sonhos e esperanças. Em muitas ocasiões ao longo dos anos esteve com homens que não a atraíam muito, mas nunca antes havia se sentido culpado por isso. E nesse momento soube por que.

Richard abandonou seus lábios e se apartou um pouco para deixar um atalho de beijos úmidos em seu pescoço ao tempo que baixava as mãos para lhe cobrir as nádegas e apertá-la contra ele. Como se uma súbita rajada de vento a tivesse percorrido por dentro para lhe esclarecer a mente, Madeleine entendeu tudo por fim. Esse novo conhecimento lhe desenhava



um sorriso na boca que o barão acabava de beijar, mas não se atreveu a abrir os olhos ainda nem a apartar com muita rapidez ao irritante cão preso a seu pescoço por medo a despertar suas suspeitas. Sim, somente desejava ao Thomas, tanto por dentro como por fora, e o fato de excitar-se com as carícias de barão não tinha feito mais que confirmar seus sentimentos, esclarecê-los e liberá-la. Custou-lhe um enorme esforço conter uma gargalhada de autêntica alegria.

—Richard nós não podemos fazer isto aqui — repetiu em um sussurro; colocou as palmas em seus ombros ao sentir que ele deslizava os lábios até seu peito e começava a subir as saias.

—Sim que podemos, se nos apressarmos — murmurou ele antes de lhe dar um empurrão em direção ao sofá. — Nos precisamos um ao outro, Madeleine.

—Sei, mas aqui não — recalcou ao tempo que tentava pôr um pouco de distancia entre eles. — Temos que encontrar outro lugar. Em outro momento. Um lugar mais seguro.

Madeleine deu as graças a Deus quando escutou uma aguda gargalhada no corredor que havia justo detrás da porta da biblioteca; uma gargalhada que serviu para lhes recordar a delicada posição em que se encontravam. O momento não poderia ter sido mais oportuno.

Com um grunhido, Richard deixou o que estava fazendo e levantou a cabeça antes de apoiá-la sobre seu ombro para recuperar o fôlego. Segundos mais tarde, ergueu-se por completo e a olhou nos olhos enquanto a paixão se desvanecia. Tinha um olhar ardente e vidrado, seu rosto ainda estava ruborizado pelo desejo e ainda não tinha afastado a mão de seu peito.

—Terá que vir esta noite — disse com tom urgente enquanto lhe acariciava o traseiro através das anáguas —, quando ninguém te veja.

Escutaram-se mais vozes no exterior da biblioteca que depois se apagaram. Madeleine olhou em direção à porta e, tal e como se esperava dela, aproximou-se dele para apoiar as mãos sobre seu peito e lambeu os lábios como se estivesse nervosa.

—Não sei Richard. Alguém poderia me ver: um criado, um convidado... E sua reputação...

—Ninguém se inteirará — lhe assegurou ele com muita lentidão; ao ver o sorriso que esboçava, Madeleine sentiu um comichão na pele, como se uma aranha a percorresse de cima



abaixo. — Há outras formas de entrar nesta casa além da porta principal, Madeleine — disse em voz baixa uma vez recuperada a compostura.

De repente, sujeitou-lhe a mão e a obrigou a tocá-lo, a percorrer sua ereção por cima das calças. Madeleine jamais se sentiu tão enojada por um gesto agressivo. Precisava sair dali.

— Quanto tempo passou da última vez que estive com um homem, senhora DuMais? — perguntou entre dentes enquanto esfregava a mão feminina indecentemente entre as pernas.

Contra todos seus instintos, Madeleine lhe rodeou o pescoço com o braço livre e se inclinou para frente para beijá-lo de novo, embora não o tempo suficiente para excitá-lo mais.

— Muito — sussurrou contra seus lábios. O barão soltou uma risada afogada.

— Eu sei muito bem como agradar a uma mulher. Não o esqueça.

— Não pensarei em outra coisa até a próxima vez que nos vejamos — disse ela com voz trêmula ao tempo que enterrava os dedos da mão livre em seu cabelo. — Mas temos que retornar ao salão de baile antes que sintam nossa falta.

Rothebury lhe beijou a bochecha e o queixo uma vez mais antes de apartar-se com um suspiro.

— Suponho que não dirá ao aleijado o que passou entre nós — declarou com arrogância antes de recuperar seu sorriso torto.

Madeleine respirou fundo a fim de controlar o impulso de lhe dar um forte murro na cara. Uma ideia terrível, imprópria de uma dama. Não obstante, o comentário lhe fez perguntar-se se o barão temia ao Thomas. Se não o temia, decidiu para si mesma, deveria fazê-lo.

— Jamais contaria nada disto a ninguém, Richard — replicou com fingido desconcerto ao tempo que arregalava os olhos.

Rothebury lhe acariciou os peitos lenta e deliberadamente uma última vez antes de baixar o braço.

— Bem. Lamentaria muitíssimo que lhe enviassem de novo a França.

— Também eu — ela assegurou antes de passar o dorso da mão pela testa. O calor da sala a tinha afetado e começava a suar. Necessitava ar.



—Quero verte logo — ordenou em voz baixa.

—Verei o que posso fazer — Madeleine se agachou para recolher as máscaras do sofá, ofereceu a sua ao barão e depois voltou a colocar a que lhe correspondia. — Não faço nenhuma promessa, mas tratarei de me reunir contigo no atalho do bosque, se conseguir escapar.

—Entraremos na mansão de noite, Madeleine, sempre que puder sair de casa sem que ele se dê conta.

Depois de curvar os lábios em um pouco parecido a um sorriso, ela deslizou o dedo indicador de cima abaixo pelo braço masculino.

—Tentarei-o.

—Logo — repetiu ele.

Madeleine assentiu.

O barão lhe deu a mão e caminharam juntos até a porta, onde agudizaram o ouvido em busca de algum possível som ao outro lado. Dado que tudo estava em silêncio, Rothebury tirou o fecho, abriu a porta muito devagar e depois a conduziu para o fresco e escuro corredor que havia ao outro lado.

Do extremo do escuro corredor ao que tinha escapado para beber sua «*medicina*» sem a necessidade de suportar os olhares curiosos nem as palavras de recriminação procedentes daqueles que desconheciam sua enfermidade e suas necessidades, lady Claire os viu sair da biblioteca com certa pressa em direção ao vestíbulo.

O barão do Rothebury apareceu em primeiro lugar, com um sorriso satisfeito. Logo saiu a pelandusca francesa com a mão apoiada sobre o braço masculino de uma maneira que a Claire pareceu indecente. A mulher tinha um aspecto bastante desarrumado para dar a entender a todo mundo o que estiveram fazendo atrás dessa porta fechada.

Estava claro que tinha utilizado suas artimanhas para levar o barão até o tranquilo retiro da biblioteca. Era do domínio público que os franceses tinham um ponto de vista muito liberal sobre a sexualidade e os níveis de promiscuidade. E não havia dúvida de que os homens de qualquer nacionalidade eram incapazes de controlar suas necessidades mais básicas. Todos eles, sem exceção, caíam vítimas dos encantos de qualquer mulher que os abordasse.



Estava segura de que o barão do Rothebury, sem desejá-lo e para sua desgraça, converteu-se em uma mosca na teia dessa pécora². Contudo, o sorriso de satisfação que Claire tinha visto no rosto do barão indicava, em sua opinião, que o homem tinha conseguido repreendê-la como era devido, embora não antes que ela o tivesse apanhado em um abraço íntimo. As francesas sempre faziam esse tipo de coisas nas reuniões sociais, inclusive diante de outros... ou isso tinha entendido.

Claire levou o frasquinho de medicina aos lábios para lhe dar um segundo gole e depois voltou a enroscar a tampa para guardá-lo na bolsa; ato seguido puxou os cordões da bolsa com força para evitar que qualquer bisbilhoteiro o visse. Devia retornar ao salão de baile, mas não estava segura do que fazer com respeito ao que tinha presenciado. Tirar a luz os atos dessa prostituta só conseguiria sujar o bom nome do barão, mesmo que ele não tinha tido a culpa do assalto amoroso inicial. Claire não poderia enfrentar às repercussões se o barão decidia empreendê-la contra ela apesar de que suas intenções eram boas.

Então pensou no Thomas. Era óbvio que se sentia atraído pela francesa, algo que a incomodava sobremaneira, admitiu Claire para si mesma. Tinha bastante carinho a esse homem e estaria disposta a deitar-se com ele, dadas as circunstâncias apropriadas, é óbvio, se ele tivesse mostrado algum tipo de interesse. Possivelmente se conhecesse a tendência que tinha essa petulante a seduzir cavalheiros com título e riquezas sem envergonhar-se pelas consequências, Thomas procuraria o prazer em algum outro lugar; talvez inclusive entre seus braços. Merecia a pena tratar de convencê-lo, isso sem dúvida. Ao menos, reportaria-lhe uma imensa satisfação ver como a francesa caía em desgraça diante dos olhos do erudito que a tinha em tão alta estima.

Depois de endireitar seu dolorido corpo, Claire elevou o queixo, apertou a bolsa contra sua enfaixada cintura e se encaminhou uma vez mais para a festa.

² Pecora é um grupo de mamíferos com cascos que compreende a maioria dos ruminantes, incluindo o gado bovino, os carneiros, as cabras, os antílopes, os cervos, as girafas, e as antilocapras. ...



Capítulo 17

Thomas caminhou a toda pressa uma vez mais para a porta principal da mansão Rothebury, tremendo a causa do frio que lhe tinha impregnado até os ossos. Passou os últimos quinze minutos sem o casaco sob o gélido vento para examinar a casa desde diferentes ângulos e estudá-la com muito mais detalhe que nunca antes. Se o viam, a ninguém pareceria suspeito que um convidado à festa saísse em busca de um pouco de ar fresco, já que à noite estava fria e por que ia sem casaco, seria evidente que não levava muito tempo no exterior, fazendo coisas que não deveria fazer.

O curto espaço de tempo que tinha passado sob o terrível frio de janeiro bem tinha merecido os desconfortos. Tinha descoberto algo e as peças da operação de contrabando de ópio no Winter Garden começavam a encaixar pouco a pouco. Desejava falar com Madeleine, mas sabia que teria que esperar até que voltassem para casa; em parte porque não desejava que ninguém lhes ouvisse falando do caso ali, mas também porque precisava pensar bem as coisas e dar um sentido a tudo o que tinham averiguado durante as últimas semanas.

Nesse momento, não obstante, quão único desejava era vê-la.

Suspeitava que Madeleine tinha começado a apaixonar-se por ele, embora sabia que dado que isso era exatamente o que desejava desde fazia tanto tempo, a imaginação poderia lhe ter jogado uma má passada e lhe ter mostrado sinais que nem sequer existiam. Contudo, quando se beijaram essa noite antes de ir ao baile de máscaras, tinha observado um redemoinho de emoções em seu interior que ela nunca antes tinha permitido que emergissem a superfície, ao menos não diante dele. Era óbvio que a intensa atração que existia entre eles a assustava, mas não pretendia deixá-lo nem pôr fim a seus encontros sexuais... por escassos que fossem. De fato, parecia impaciente por continuá-los, algo que o divertia e o comovia há um tempo. Só podia chegar à conclusão de que, embora estava desconcertada pela embriagadora ternura da relação que mantinham, queria essa relação; de outro modo, teria controlado a paixão e teria se afastado de sua vida a essas alturas. Quase tinha chegado o momento no que poderia lhe contar



tudo. Isso o aterrava mais que nenhuma outra coisa em sua vida, mas seguir demorando-o só conseguiria que os segredos parecessem piores ao final. Conhecia bem Madeleine e lhe confiaria seu passado, as mentiras que se viu obrigado a dizer e, por cima de tudo, seu coração.

Subiu por fim os degraus que conduziam à porta principal da mansão e um esmerado criado a abriu imediatamente. O calor do interior o deixou sem fôlego durante um instante e obteve que seu corpo se estremecesse e que sentisse um formigamento na pele gelada, mas o agradeceu. Evitou ter que saudar um pequeno grupo de joviais convidados que havia a sua direita colocando imediatamente a máscara e depois se encaminhou de novo para a entrada do salão de baile.

Parou em seco quando viu lady Claire Childress de pé na arcada de vidraças, sorrindo-lhe de maneira ardilosa; ao parecer, esteve esperando-o. Grunhiu para si mesmo diante do que só podia descrever como uma intromissão em sua intimidade. Ou ao menos, assim o parecia.

Depois de lhe devolver o sorriso com cortesia, fixou-se no vestido de tafetá verde claro que adornava sua figura, cada vez mais magra, e que fazia que seu cabelo parecesse mais cinza e sua pele mais cítrica. Embora tinha o comprimento apropriado, o vestido ficava folgado, como se tivesse sido confeccionado para uma mulher com mais curva; as mangas e o decote proeminente adornados com contas que se desprendiam sobre os peitos e os ombros, o que deixava ao descoberto a regata de linho que levava debaixo. A dama não era mais que o espectro de uma mulher, e cada vez que a via parecia menos viva que o dia anterior. Estava claro que não ficava muito tempo nesse mundo. Entretanto, o mais triste de tudo era que provavelmente a essas alturas já não se pudesse evitar.

—Lady Claire, é um prazer vê-la aqui esta noite — disse com um tom encantador ao tempo que se obrigava a aproximar-se dela.

A mulher soltou uma pequena gargalhada, tal e como se esperava de uma dama, e estendeu o braço para ele.

—Thomas, é para mim um prazer, como sempre, mas acredito que faz algumas semanas disse que seria meu acompanhante no baile de máscaras de inverno.



Por sua forma de arrastar as palavras, Thomas deduziu imediatamente que estava bêbada e de mau humor, e o lábio inferior para fora expressava a desaprovação e a dor que lhe tinha causado ver-se desatendida. Detestava que as mulheres maduras utilizassem a tática das jovens. E em lady Claire o incomodava ainda mais que a embriaguez, mas o dissimulou bem.

Depois de tomar seus ossudos e enluvados dedos, levou os nódulos até a boca para roçá-los com suavidade antes de lhe soltar a mão.

—Peço-lhe mil desculpas, mas até faz uns dias nem sequer sabia que viria. Meu convite chegou tarde.

—Já... — O olhou de cima abaixo com olhos sagazes enquanto dava outro sorvo a champanha. — Suponho que terá vindo à francesa que trabalha para você.

Pronunciou o comentário com um tom suave e calculista. Ao Thomas deu a clara impressão de que já sabia e que tinha outras razões para tirá-lo a luz. Seguiu-lhe o jogo.

—Sim. Ela também recebeu um convite do barão do Rothebury — admitiu ao tempo que se tornava para trás e enlaçava as mãos às costas. — Caminhamos até aqui juntos, mas não a vi desde que começou a festa. Suponho que estará conversando por aí ou dançando no salão.

—É provável — replicou Claire antes de dar outro gole comprido. — Essa mulher parece chamar bastante a atenção, verdade? Não há dúvida de que neste momento estará rodeada por todos os cavalheiros dos arredores — Fez uma pausa para enfatizar suas palavras e umedeceu os lábios antes de perguntar. — Já dançou você com ela?

Formulou a questão com ar ingênuo e, pela primeira vez, Thomas percebeu o perverso objetivo de sua conversa.

Cravou os olhos nela.

—Esta noite me doem um pouco as pernas e não posso dançar lady Claire. Se não fosse assim, já lhe teria solicitado um baile.

—Claro claro. É possível que se deva ao frio que faz ultimamente.

Ela devia saber, ou suspeitar em qualquer caso, que suas lesões lhe impediam de dançar. Em lugar de lhe dar explicações, Thomas se limitou a assentir.

—É possível.



A dama esboçou um sorriso torcido e inclinou a cabeça um pouco.

—Vi à senhora DuMais com o barão e estava muito formosa esta noite, como sempre. Embora esteja segura de que você já o terá notado.

A música e o ruído do salão tinham adquirido tal volume que logo que escutava lady Claire. Para solucioná-lo, deu dois passos à esquerda e se situou ao lado da parede, junto a ela, o que lhe proporcionava uma melhor vista do vestíbulo e de todos os que estavam nele.

—A maioria das damas daqui vestem também formosos vestidos e estão igualmente encantadoras, Claire — replicou de uma forma que ressaltava a sagacidade implícita em suas palavras e que soava como uma reprimenda. Ela não se aludiu minimamente.

Depois de apurar o conteúdo de sua taça de dois goles, elevou a cabeça e situou o rosto tão perto do dele como lhe era possível.

—Todos nos sabemos que ela possui uma beleza excepcional, Thomas. Negá-lo seria mofar-se de mim — Soltou uma amarga gargalhada e ato seguido disse em um sussurro. — Para falar a verdade, vi-a saindo da biblioteca com o Rothebury, e pareciam ter passado muito bem. Eles tiveram um bom momento, encerrados ali, a sós, e a julgar pela aparência desarrumada que ela tinha ao sair, albergo sérias dúvidas de que dito encontro fosse de tudo decoroso, embora era evidente que não esteve dançando. Depois de tudo, é francesa. Uma viúva que necessita um homem, e o barão é todo um libertino. Todo mundo sabe. Que casal formam, você não acha?

Thomas notou que o coração começava a lhe pulsar com força no peito, mas se negou a reagir, já que era óbvio que isso era o que ela desejava que fizesse. Os instintos lhe incitavam a esmagar o punho contra a parede que tinha ao lado, mas sua educação e suas maneiras prevaleceram. Manteve-se calmo e frio, e em seus traços não se produziu nem o mais mínimo sinal que delatasse a repugnância que lhe provocava esse rosto ébrio e enrugado que se encontrava a escassos centímetros do dele, coberto por uma máscara de cetim.

Amparado pela serenidade que lhe proporcionavam tanto sua educação como seu caráter, permitiu-se assimilar as palavras e digeri-las de um modo racional antes de responder. A fúria que lhe tinha despertado imaginar Madeleine e o Rothebury fazendo amor se



desvaneceu pouco a pouco de seu corpo quando decidiu momentos depois que isso não tinha nenhum sentido. Não tinha ocorrido; não nessa festa, e não na biblioteca daquele homem. Suspeitava que Claire os tinha visto de verdade e que possivelmente o barão tinha tratado de seduzir Madeleine; mas sabia que ela não tinha instigado o devaneio com absoluta certeza como que havia um Deus no céu. Sabia que, apesar do que sentisse por ele como sua companheira e sua amante, Madeleine não precisava manter uma relação íntima com o Rothebury para conseguir informação; além disso, era muito inteligente para permitir que uma aventura passageira com um suspeito interferisse em seu trabalho.

Claire devia ter lido as conclusões em seu olhar, porque sua expressão se voltou acalorada de repente.

— Não acredita — lhe espetou em um sussurro.

Sua indignação o pegou despreparado, assim Thomas piscou um par de vezes antes de olhá-la de cima abaixo.

— Estou seguro de que os viu, mas não sei muito bem o que tem isso que ver comigo — replicou de maneira categórica. — É minha empregada, nada mais. O que faça essa mulher em privado é assunto dela.

Claire sacudiu a cabeça em um gesto de desprezo.

— Não me trate como se fosse uma bruxa cega. Está apaixonado por ela. Qualquer um pode dar-se conta disso, Thomas, porque é mais que evidente. Essa francesa é uma petulante, sem importar quão formosa seja por fora. Você é um homem educado que se apaixonou por alguém que não pode lhe proporcionar mais que angústias e padecimentos. Olha-a como se não se deitasse com uma mulher em décadas. É algo espantoso, a verdade, e você deveria envergonhar-se.

Isso o enfureceu mais que nenhuma outra coisa. Apertou as mãos aos flancos para evitar golpeá-la. Jamais tinha desejado esbofetear a uma mulher em toda sua vida.

— Está bêbada, senhora — disse com gélida indiferença —, e o melhor seria que retornasse a casa.

Ela soltou um bufo antes de esboçar um sorriso zombador.



—Teme me dizer como se sente de verdade? — perguntou em um sussurro ébrio. — Eu poderia lhe ter devotado riquezas em troca de seus cuidados, Thomas. Teria-lhe aceito em minha cama se me tivesse pedido isso. Suas lesões não me importam absolutamente. Não era necessário que se apaixonasse por uma mulher vulgar que a bom seguro esteve com dúzias de homens e o abandonará assim que chegue um pretendente que lhe ofereça algo mais, algo melhor; talvez com alguém que tenha as pernas em perfeitas condições e possa dançar uma valsa com ela quando assim o pedir — Se apartou um pouco antes de sussurrar com voz afligida. — Lhe romperá o coração sem perder sequer o sorriso.

Thomas já tinha aguentado o bastante. Sem ter em conta o fato de que as últimas palavras de lady Claire tinham pinçado nas únicas dúvidas que ficavam, se negava a escutar nada mais de uma mulher que falava por puro despeito, que o feria ao mencionar coisas que sabia que lhe doíam imensamente.

Cravou os olhos nela e se inclinou para frente para murmurar com voz rouca.

—Cheira a álcool e fala sem pensar. Como mulher de bem deveria saber que não se deve atacar a ninguém com palavras que não se podem provar; mas, dado que você está ébria, passarei por cima. O mais gracioso de tudo, Claire, é que Madeleine DuMais, mesmo sendo plebéia e de origem humilde, coisas que sem dúvida não são culpa dela, jamais teria cometido o ordinarismo de ficar a falar tão mal de você — Se ergueu de novo com o olhar cravado nos olhos inchados e atônitos da dama e sem ocultar a repugnância que lhe provocava. — Parece um desastre e espero que algum dia possa superar seus vícios. Mas para deixar as coisas claras e pôr fim a esta conversa sem sentido lhe direi que nunca, em nenhuma circunstância, tive o menor interesse em me deitar com você. O mero feito de pensá-lo me provoca calafrios. Boa noite, senhora.

Passou junto a ela para entrar no salão de baile.



Capítulo 18

Partiram do baile de máscaras antes de uma hora, depois de decidir que, devido ao tardio da hora e ao frio que fazia, seria melhor tomar a rota mais curta até a casa e retornar pelo atalho do lago. Embora tivesse muito mais lama que os caminhos do povoado, Madeleine não se importou em manchar o vestido, morreria congelada se pegasse o caminho longo. Bom, talvez isso fosse um exagero, mas inclusive com o casaco forrado de pele que a cobria da cabeça aos pés, seguia tendo frio. Por sorte, o vento acalmou-se por completo e reinava a escuridão, já que a lua cheia ocultava-se depois de uma camada de nuvens baixas.

Thomas parecia muito desconfiado e ela não queria interromper seus pensamentos até que se encontrassem a uma boa distância da mansão do barão. Para falar a verdade, tinha permanecido em silêncio do momento em que voltou a reunir-se com ela, quase duas horas atrás; não tinham conversado mais que de coisas corriqueiras: sobre o delicioso que estava o suflê de chocolate, o qual Madeleine comeu duas enormes porções, e da excelente qualidade do champanha do Rothebury. Bebeu também uma taça de champanha quase cheia, muito mais do que consumia habitualmente nas festas, e isso a acalmou até tal ponto que conseguiu se divertir bem depois de que o anfitrião a abordasse na biblioteca. Mesmo assim, além de umas quantas palavras informais, Thomas não tinha falado muito ao longo da noite e tinha permanecido ao seu lado em todo o momento, exceto quando dançava.

Estavam se aproximando do limite oriental da propriedade do barão, onde o atalho se estreitava de forma considerável; o ar calmo e a escuridão reinante os obrigavam a caminhar devagar. Madeleine devia partir antes dele, mas decidiu que eles já estavam o bastante longe para romper o silêncio e conversar sobre o que tinha descoberto na casa do Rothebury.

— Divertiu-se muito esta noite, Thomas? — perguntou brandamente como um começo.

Pareceu-lhe escutar um bufo.

— Não sei se «*Divertir-se*» seria uma forma adequada de descrevê-lo — respondeu ele de maneira brusca ao tempo que estendia o braço por cima de seu ombro para tirar de seu caminho



um grupo de folhas pertencentes a um enorme arbusto. — Mas devo dizer que foi uma noite bastante esclarecedora.

Madeleine passou por cima de seu tom e disse com voz agradável.

— Para mim também foi esclarecedora.

— Sem dúvida.

O comentário tinha sido muito prosaico, mas Madeleine detectou um leve matiz de advertência em sua voz.

— Por ser um comerciante de livros, ou como ele queira chamar — continuou ao ver que não dizia nada mais —, Richard Sharon não tem muitos.

— Não tem livros? — perguntou Thomas com incredulidade.

Madeleine abaixou a cabeça para passar sob o ramo de uma árvore.

— Têm uns quantos, mas não os que se espera de um comerciante; nem sequer os que teriam alguém com um ligeiro interesse neles. A biblioteca está cheia de estranhas antiguidades e alguns objetos realmente preciosos. Não estou certa de qual é a relação de tudo isto com o contrabando, mas está claro que a tem.

— Interessante.

Durante uns instantes, não escutou nada mais que o rangido da grama e das pedras sob os pés. Uma vez que dobraram a curva, o atalho se alargou por fim e tomou direção norte, para a casa.

— A mansão é menor por dentro que por fora — mencionou Thomas muito devagar, como se encaixasse as peças de um complicado quebra-cabeça enquanto pensava nisso. — Se deu conta?

Madeleine interrompeu seus próprios pensamentos para meditar essa ideia.

— Pensei um momento quando entramos, mas para falar a verdade não dei muitas voltas. Aonde quer ir parar, Thomas?

Ele tomou uma funda baforada do gélido ar noturno e se adiantou um pouco para caminhar a seu lado de novo.

— Não estou certo. Somente estou pensando em voz alta.



Uma gota de chuva lhe golpeou a bochecha e depois outra; Madeleine abaixou à cabeça e subiu a gola até o pescoço.

—Possivelmente os rumores sejam certos, então.

—Rumores?

—Esses rumores que dizem que a mansão foi em seu dia um refúgio para aqueles que não estavam afetados pela peste — explicou. — Talvez a estrutura seja tão antiga que a casa se dividiu de algum modo sobre os alicerces e existam espaços entre os cômodos.

Thomas riu ao escutá-la e ela agradeceu a mudança de humor.

—Geralmente, teria considerado isso como simples tolices — replicou —, mas pode que neste caso seja uma explicação válida. Entretanto, não deve esquecer que nem toda a casa pode estar construída de semelhante maneira. É evidente que o salão de baile, por exemplo, está conectado com a estrutura dos muros, e há janelas em outros lugares da casa que podem ver-se do exterior.

Madeleine diminuiu o passo e subiu o casaco até o nariz em um intento por esquentar-se. — Sim, mas onde estão essas janelas? Lembro-me de ter contemplado a mansão pela parte dos fundos de nossa casa no começo da noite sem ver nenhuma luz acesa. E isso me parece muito estranho, já que era quase dez.

Thomas encolheu os ombros.

—Possivelmente o barão retire-se cedo para dormir.

Ela soltou um bufo.

—Acaso Rothebury te parece do tipo de homem que se deita cedo, Thomas?

—Entendo aonde quer chegar.

Guardaram silêncio durante um minuto.

—Suponhamos — continuou ela com ar sério— que a mansão foi remodelada para acomodar certas... Como poderíamos chamá-los? Passagens? — Lançou-lhe um olhar de lado, embora não conseguiu ver de tudo bem sua expressão.

—Parece um termo adequado — disse ele.



A ideia de que a mansão do Rothebury tivesse passagens secretas a confundia ao mesmo tempo em que a fascinava.

— Por que faria o barão algo assim? Com que propósito?

Thomas vacilou antes de responder.

— Para o contrabando? Para passar de um cômodo a outro sem que o vejam e poder observar a seus preguiçosos criados? Para... introduzir a jovens damas em seu quarto pelas noites sem que ninguém as veja?

Madeleine deixou de caminhar pouco a pouco e tirou uma mão da calidez do casaco da Marta para lhe agarrar a manga do casaco. Thomas se deteve um pouco diante dela e se voltou para olhá-la com expressão interrogativa.

— Isso ele me disse exatamente, Thomas — sussurrou a contra gosto ao tempo que refletia sobre a ideia.

Viu-o franzir o cenho apesar da escuridão.

— O que foi o que te disse?

— Que queria me levar a sua casa de noite. Para um encontro de amantes, embora não utilizou essas palavras. E quando protestei dizendo o que ele esperava de mim como mulher experiente, que não poderia me reunir com ele porque poderia encontrar com algum servente e arruinar sua reputação, ele me disse que havia outras formas de entrar na mansão além das portas principais.

Thomas esfregou o rosto com a mão enluvada.

— Disse-lhe isso quando estavam a sós?

— Na biblioteca — ela admitiu ao tempo que lhe soltava a manga para voltar a introduzir a mão no casaco; sentia-se um pouco culpada por não lhe ter contado imediatamente a pequena escapada com o barão. Falaria-lhe disso em seu momento. — Queria contar com... toda a minha atenção e, eu desejava falar com ele a sós, de modo que sugeri esse cômodo porque assim poderia dar uma boa olhada a sua coleção de livros, a qual, como já te disse, em realidade não existe — Estalou a língua e meneou a cabeça com desagrado. — É obvio, ele nem



sequer demonstrou menor preocupação por minha reputação, mas é evidente que não é do tipo de homem que se preocuparia com algo assim.

Thomas esboçou um pequeno sorriso ao escutá-la.

— Suponho que poderia referir-se à entrada dos serventes — raciocinou Madeleine.

— E correr o risco de que te encontrasse com algum deles? Duvido-o — Passou os largos dedos pelas costeletas muito devagar. — Quer saber o que acredito?

Ela sorriu.

— Tem que perguntar?

Mais gotas de chuva golpearam o capuz do casaco e Thomas elevou a vista para o escuro céu noturno.

— Cada vez fica pior.

— E eu estou a ponto de morrer de frio.

Imediatamente, sem dizer palavra, aproximou-se dela e lhe rodeou os ombros com seus fortes e reconfortantes braços antes de apertá-la com força contra seu amplo peito e começar a caminhar de novo.

— Isto é o que acredito — revelou com ar meditativo. — Acredito que essa casa é muito antiga, possivelmente tanto como sugerem os rumores. Dada sua antiguidade, o interior terá sido remodelado ao longo dos anos, bem para renová-lo, bem para trocar o estilo por razões decorativas. Acredito que há passagens ocultas depois dos muros que conectam algumas das habitações, pode ser que muitas delas, e que existem entradas na mansão do exterior.

Tudo começava a cobrar sentido também para Madeleine.

— Túneis subterrâneos — disse em um sussurro.

— Talvez. Possivelmente só um. Começo a suspeitar como consegue introduzir as caixas de ópio em seu lar sem que ninguém o veja, nem sequer seus próprios criados.

— Os criados jamais diriam nada, Thomas — lhe recordou ela. — Necessitam seu trabalho.



— Certo — replicou ele. — Mas recorda que em uma operação ilegal como esta o barão não correrá esse possível risco se pode evitá-lo. É muito inteligente para arriscar-se a introduzir um carregamento de ópio roubado pela porta principal a plena luz do dia.

Madeleine observou os traços duros e marcados do perfil masculino enquanto ele seguia olhando para frente.

— Faria-o de noite — propôs em voz alta enquanto assimilava as assombrosas conclusões. — O faria em silêncio, à luz dos faróis, através dos túneis que conduzem as passagens da mansão.

— Isso é justamente o que penso.

— E ali poderia ocultar dos visitantes e das autoridades, se visse obrigado a fazê-lo.

— Assim é.

— E essa é a razão pela que põe tantas barreiras às visitas sociais dos vizinhos.

— E pela que oferece o baile de máscaras todos os anos.

Madeleine franziu o sobrecenho.

— Isso eu não entendo.

— Pensa-o bem, Madeleine — Esclareceu a garganta e sacudiu muito devagar a cabeça. — Quando se examina a casa com atenção, como eu tenho feito esta noite, resulta evidente que o exterior é maior que o interior, embora somente se nota de certos ângulos. Entretanto, Rothebury a enche de pessoas para que no caso de que alguém notar certa diferença associe a aparente variação de tamanho com o fato de que está lotada.

Uma hipótese incrível, embora perfeitamente possível à luz das circunstâncias.

— Assim — concluiu ela com cautela —, tem que oferecer algum tipo de reunião social de vez em quando para que os aldeãos não comecem a se perguntarem por que não recebem convites do barão do Rothebury.

— Exato. E que melhor modo de ganhar aos aldeãos que convidar todos a um baile de máscaras anual no que a comida é excelente e as magníficas bebidas não param de chegar? Todo mundo vai maravilhosamente, o barão se relaciona com a classe alta local e o resto do ano pode ocupar-se de seus negócios. Em realidade é um plano bastante inteligente.



Madeleine não passou por cima o desprezo que tinha sua voz ao pronunciar o comentário, mas dado que sabia que ao Thomas caía pior o barão com cada semana que passava, passou por cima e se concentrou em uma ideia muito mais importante que lhe acabava de ocorrer.

— Isso foi o que viu Desdémona.

Thomas há estremeceu um instante e utilizou a mão livre para apartar um ramo coberto de folhas caídas de seu caminho quando por fim se aproximaram da clareira que havia detrás da casa.

— Suponho que viu algo, mas por sorte para o bom barão do Rothebury, não deve preocupar-se com uma mulher que não pode abrir a boca a respeito sem arruinar a boa reputação de sua família.

Madeleine compreendeu de repente e se sentiu enojada.

— Ela era sua amante.

— Não me surpreenderia nada — ele assinalou com frieza.

— Isso explica as luzes noturnas que ela mencionou — conjecturou Madeleine, cuja mente começava a ferver com novas possibilidades. — Mas quanto acredita que sabe ela em realidade?

Thomas meneou a cabeça e diminuiu o passo quando o banco ficou à vista.

— É impossível saber menos do que fala; e duvido muito que queria nos ajudar mesmo que pudesse fazê-lo.

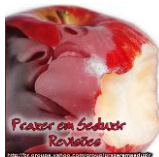
Conduziu-a para a entrada do pequeno túnel de vegetação que levava até a casa, mas Madeleine se livrou de seu abraço e seguiu caminhando para a água.

— Acreditei que tinha frio — disse ele com certa confusão.

Ela não fez caso do comentário e juntou os braços ao corpo para proteger-se do frio e das gélidas gotas de chuva; levava as mãos no interior do casaco que tinha elevado até seu queixo enquanto contemplava o lago.

— Acredito que sei como se desprende do ópio, Thomas — murmurou por fim.

Intrigado, ele a seguiu até a borda e se deteve ao seu lado.



— Como?

Madeleine girou a cabeça para olhá-lo com desconfiança. Justo nesse momento, as nuvens do céu ocidental se abriram e permitiram que a luz do luar iluminasse seu belo rosto com um resplendor azulado. A visão da escura silhueta da mansão do Rothebury ao longe dava à imagem um toque sinistro.

— Quando dançava nos palcos há doze anos — revelou tranquilamente com um sorriso torto nos lábios —, devia esconder o dinheiro em algum lugar para que minha mãe não o encontrasse, já que se visse o teria utilizado para pagar o álcool e o ópio. Ocultei o primeiro que ganhei no interior de meus sapatos, mas logo descobri que aquele não era um bom lugar, já que minha mãe os utilizava frequentemente. Assim comecei a escondê-lo nos livros, nos livros em inglês que Jacques me comprou, porque sabia que minha mãe não falava esse idioma. No entanto, não acabei com o problema. As cédulas começaram a amontoar-se e a notar-se — Seus olhos brilhavam quando converteu a voz em um sussurro intrigante. — De modo que recortei as páginas.

Isso o deixou perplexo por um instante. Ato seguido, a imagem do que insinuava lhe veio à mente e a expressão sombria deixou passo a uma de assombro.

— Acredita que Rothebury oculta o ópio dentro dos livros de lady Claire?

Madeleine assentiu de maneira sucinta e tratou de esclarecer as ideias antes de explicar o que suspeitava.

— Acredito que os compra por um preço justo, como faria qualquer bom comerciante, e depois recorta ou serra uma seção circular ou retangular em cada livro, a umas vinte ou trinta páginas do início e de umas dez ou quinze páginas de profundidade, para inserir o ópio. Continuando, guarda os livros em caixas e as envia a seu distribuidor em Londres, que espera pacientemente com uma lista de clientes para reparti-lo — Sufocou uma risada entusiasmada que não pôde conter contra o casaco de pele. — E agora que o penso, quem ia olhar no interior de um livro? Sobre tudo quando ninguém suspeita nada do barão.

— Uma boa teoria — disse Thomas segundos depois, embora não parecia convencido de todo.



— Olhe-o por onde o olhe, Thomas, o barão sai ganhando — assegurou com alvoroço. — É muito provável que não pague mais que uns tostões a uns malfeitores que jamais delatariam sua fonte de renda para conseguir que roubem o ópio nas docas e o entreguem aqui. Além disso, ninguém acreditaria em sua palavra contra a de um barão. Logo o introduz em sua casa ele mesmo através de algum tipo de entrada subterrânea para evitar ser descoberto pelos criados ou pelos convidados, em caso de que os tenha. Recorta as páginas dos livros com suas próprias mãos e se desfaz de papel restante queimando-o na chaminé; oculta o ópio no interior e o envia a Londres. Tenho que admitir que é um plano engenhoso, embora ao final o temos descoberto.

— E ele não nos descobriu — acrescentou Thomas em um rouco sussurro. A intensidade de sua voz a desconcertou. A dupla insinuação de suas palavras lhe provocou um estremecimento que a levou de novo ao momento presente.

— Acredita que é possível que o traga até aqui em frascos? — perguntou ele ao ver que ela não dizia nada.

O sorriso do Madeleine se alargou pouco a pouco enquanto contemplava os olhos masculinos, que tinham se convertido em escuros círculos negros que expressavam diversão, assombro e escuros pensamentos. A proximidade de Thomas enfraquecia seu coração e a enchia de calidez da cabeça aos pés.

— Não — murmurou. — Isso seria muito complicado e custoso. Acredito que o transporta misturado com tabaco.

— Mas o tabaco cheira — argumentou ele com certa vacilação.

Madeleine se inclinou para aproximar-se mais.

— Não muito se envolver em papel de periódico ou com algum tecido, e menos ainda no interior de um livro. Se alguém chegasse a notar o aroma, explicaria-o com somente olhar a caixa de velhos livros. É normal que os livros que levam anos em uma biblioteca privada cheirem um pouco a tabaco — Mordeu os lábios para conter um sorriso de satisfação. — Pensa também em quão conveniente seria que o ópio estivesse já preparado para fumar. Poderia pedir um preço mais alto.



Assombrado por sua inteligência, Thomas se limitou a olhá-la e a desfrutar com a incomparável beleza de seu rosto, rodeado pela formosa pele da marta e iluminado pela luz da lua. Desejava acariciá-la, mas se conteve no momento.

Embora parecesse uma loucura, essa teoria tinha sentido. Tinha muito sentido. Tanto o de colocar o ópio em sua casa através de um túnel exterior, como o de mesclá-lo com tabaco e escondê-lo no interior de livros de distintas procedências para enviar-lhe ao distribuidor de Londres. A quem lhe ia ocorrer algo assim? A ninguém salvo ao barão, e essa era a razão de que o tipo fosse tão arrogante. O procedimento era muito engenhoso, trapaceiro e lucrativo, algo inconcebível para o cidadão médio. Thomas não sabia como iriam demonstrar, nem sequer se poderiam fazê-lo, embora isso deixaria ao sir Riley e às autoridades competentes. Nesse momento, o tempo só era crucial para Madeleine e para ele, mas o que mais satisfação lhe produzia era saber que ambos tinham desentranhado toda a manobra juntos.

Esboçou um sorriso falso muito similar ao dela, permaneceram ali de pé, o um junto ao outro, à beira do precioso lago iluminado pela lua. Desejava voltar a rir, igual a ela. Entretanto, segurou-lhe a cabeça com as mãos e aproximou sua boca para beijá-la.

Tinha o nariz e os lábios frios, mas isso não eclipsava a calidez e a suavidade dos dela. Sem que precisasse de nenhum tipo de persuasão por sua parte, Madeleine se apertou contra ele e tirou uma mão do casaco para poder lhe rodear o pescoço com os braços e lhe devolver o beijo com paixão. Introduziu a ponta da língua em sua boca antes de percorrer com ela o contorno do lábio superior. Thomas não mais sentia a chuva sobre a pele, abrigado pelo calor que geravam os rápidos batimentos do coração de seu pulso.

Ao final, ela se apartou um pouco e Thomas depositou pequenos e tenros beijos sobre suas bochechas, seu nariz, suas pálpebras e sua fronte.

—O barão me beijou esta noite — declarou Madeleine com um suspiro entrecortado.

—E como não o ia fazer? — murmurou em resposta, lhe acariciando a orelha com seu quente fôlego. — Supus que o tentaria.

Madeleine se retorceu entre seus braços e jogou a cabeça para trás a fim de lhe permitir um melhor acesso a seu pescoço.



— Está ciumento?

— Terrivelmente — Passou pela língua a zona onde se notava o pulso e sentiu o movimento ascendente e descendente de sua garganta quando ela tragou saliva.

— Também me tocou os seios.

— Nesse caso terei que matá-lo — sussurrou junto à raiz do cabelo, justo por cima da orelha. Ela o empurrou com força no peito. Thomas levantou a cabeça, embora só o suficiente para lhe ver a face; negava-se a apartar as mãos de onde as tinha lhe sujeitando as têmporas por cima do capuz. Madeleine fechou os olhos por um instante antes de abri-los a contra gosto.

— Falo a sério, Thomas. Tocou-me os seios sem permissão e só por cima do vestido, mas... — Tomou uma profunda baforada de ar. — Meu corpo respondeu, e ele o notou.

Seu coração começou a pulsar a toda pressa ao tempo que a paixão se desvanecia. Ele guardou silêncio uns instantes antes de dizer.

— O que é o que notou?

Ela gemeu, fechou os olhos de novo e mordeu os lábios.

— Que meus mamilos se endureceram.

— Por suas carícias?

— Sim.

— Entendo — Se aborrecia pelo barão, é obvio, mas estava desfrutando do lindo daquela cômica conversa. — E agora também estão duros? — perguntou com um sensual sussurro enquanto lhe acariciava a bochecha com o polegar, quase nariz com nariz.

— Acredito... que sim — murmurou ela, fascinada de repente. — Mas faz frio, Thomas.

— Está nevando, Madeleine.

Muito, muito devagar, ela levantou as pálpebras de novo, incapaz de compreender suas palavras. Depois elevou a vista para o brilhante céu noturno e em seu rosto apareceu uma expressão maravilhada.

— Está nevando, Thomas — repetiu com um fio de voz.

Thomas recebeu a alegria que brilhava em seu olhar enquanto os gélidos e cristalinos flocos lhe caíam sobre a fronte e as bochechas e se depositavam na pele de marta que debruava



o capuz. Madeleine se separou dele com as mãos em alto, uma delas ainda dentro do casaco, e começou a dar voltas com os olhos fechados.

Não pôde conter o sorriso ao olhá-la, fascinado.

— Alguma vez tinha visto nevar?

Ela soltou uma gargalhada de alegria e deixou de girar para olhá-lo com regozijo.

— Sim, mas faz já muitos anos. E nunca desta maneira... tanta neve caindo sobre um lago de cristal à luz da lua — Tomou sua mão, apertou-lhe os dedos e se voltou para olhar a água. Elevou a face e os braços para o céu e murmurou. — É formoso.

E o era, disse-se Thomas para si mesmo enquanto observava os arredores. A neve caía cada vez mais rápida em meio de uma fria e silenciosa noite; as nuvens se elevavam justo por cima deles e a lua cheia que brilhava no céu ocidental fazia resplandecer o lago e iluminava os flocos que sulcavam o ar como moitinhas de algodão branco. Não, não como algodão. Como diamantes.

Madeleine girou a cabeça e o olhou nos olhos com um sorriso.

— Incomoda-o que tenha beijado ao Rothebury, Thomas?

Ele levou seus nódulos aos lábios e os acariciou com a boca.

— Só se você gostou mais que beijar a mim.

Quando baixou os braços, o capuz se desprende de sua cabeça e as escuras e brilhantes mechas de cabelo pegaram às bochechas. Entretanto, não lhe soltou a mão nem deixou de olhá-lo aos olhos. Depois de tomar uma comprida e profunda baforada de ar, admitiu.

— Não desfrutei muito do beijo, mas com o manuseio dos seios descobri algo sobre mim mesma.

Incômodo, Thomas trocou de postura e se aproximou um pouco mais a ela. Aterrava-lhe perguntar.

— O que descobriu?

— Que desfruto com seus beijos mais que com os de ninguém que tenha conhecido nunca — confessou com tom apaixonado. — Que prefiro passar uma noite na cama contigo que



passar à eternidade nos braços de outra pessoa. Que desejaria que a França não estivesse tão longe.

A lua lhe outorgava um resplendor azulado à neblina que se elevava por cima da água da borda e a neve descia em silêncio dos céus. Entretanto, o maior prodígio de seu solitário e doloroso mundo era essa mulher generosa e doce que se encontrava a seu lado.

—Zangou-se comigo por permitir que me tocasse? — perguntou de novo com tom abatido.

—Ai, Maddie... — Thomas meneou a cabeça e levou a palma de sua mão até os lábios para beijar a pele cálida e delicada de seus dedos, um por um. — Me deixa sobressaltado.

Ela deixou escapar um gemido gutural e, depois de um ligeiro cambaleio, piscou com rapidez e entreceerrou os olhos antes de dirigir o olhar para o lago. Manteve-se assim durante uns instantes, e o coração do Thomas começou a pulsar com força enquanto aguardava.

—Quero te fazer um presente especial, Thomas — disse com decisão em um intento por ocultar o fluxo de emoções que alagava sua voz.

—Madeleine...

—Chist... — Sem mais palavras, passou a seu lado sem lhe soltar a mão e puxou-o para o grupo de arbustos que conduzia a casa.



Capítulo 19

O interior da casa ficou fria e Thomas se dirigiu às escuras até a chaminé para acrescentar carvão às brasas moribundas do fogo que tinham aceso no começo da noite. Madeleine desabotoou o casaco e o pendurou com o punho no gancho que havia junto à porta antes de entrar na sala de estar para aproximar-se dele.

Olhou-o nos olhos durante um bom momento com expressão pensativa e depois endireitou os ombros e caminhou a seu redor, deixando que as saias lhe roçassem as pernas, para situar-se a sua direita, diante do suporte da chaminé. Cravou o olhar em sua caixa de música.

Thomas permaneceu em silêncio, lutando contra a incerteza com cada respiração. Era um momento muito comovedor, um momento que despertava inumeráveis emoções em seu interior, mas não conseguiu mover um músculo.

Muito devagar e com aparente facilidade, Madeleine agarrou a caixa de música e a girou de um lado a outro a fim de examinar seu tamanho e sua estrutura. Ato seguido levantou a tampa e contemplou o mecanismo de bronze e o interior vazio.

Thomas a observou com atenção, sem apartar a vista nem um segundo dela. Sabia que veria a inscrição que havia na face interna da tampa: *«Meu amor. Sua beleza é meu sol; sua força, a luz que me guia; seu amor, minha alegria. Sempre teu. “C.T.”*, e não havia nada que ele pudesse fazer para evitar.

— A quem pertence isto?

Essa tranquila pergunta foi como uma carícia suave e lhe enfeitiçou seus ouvidos.

— Agora é minha — respondeu com tom prático enquanto tirava as luvas e começava a desabotoar o casaco —, mas pertenceu a minha mãe. Suponho que poderia considerá-la uma relíquia familiar.

— Quem é «C.T.»?



— Meu pai, Christian Thomas. Minha mãe e ele morreram pouco depois de que eu me casasse com Bernadette.

— Ele a deu de presente? — perguntou com serenidade ao tempo que há elevava um pouco mais para examinar a parte inferior.

— Foi um presente de casamento — foi à ambígua resposta.

— Um presente perfeito. Muito romântico — Detrás encontrava a pequena chave de porca, girou-a várias vezes e a música começou a soar. — É muito formosa — disse com um leve suspiro ao tempo que o olhava nos olhos com um sorriso doce.

— A Sonata em Dou menor do Beethoven, também conhecida como A Patética — explicou. — A minha família sempre interessou bastante a música; para falar a verdade, todos estavam obcecados com ela — acrescentou com um sorriso tímido. — Eu toco a viola e o violino.

Madeleine compôs uma expressão de surpresa e deleite ao escutá-lo.

— Sêrio?

Ele assentiu.

— E agora seu filho estuda em Viena.

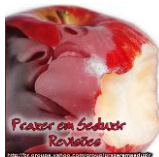
— Mas ele tem talento, coisa que não pode dizer-se de mim.

Ela vacilou como se estivesse a ponto de dizer algo. Entretanto, decidiu calar-se e girou-se para voltar a deixar a caixa de música sobre o suporte a fim de que o som, agora com mais volume e em um tom mais grave, estendesse-se pela casa. Depois, deu um passo para frente e se situou frente a ele.

— Dança comigo, Thomas? — perguntou com uma voz doce e embriagadora que pretendia lhe animar.

Ele não se moveu. A atmosfera se voltou densa a seu redor e durante um interminável momento, sentiu que se esticavam todas e cada uma das fibras nervosas de seu corpo.

— Madeleine... — começou a dizer apanhado em uma quebra de onda de turbulentas emoções que se misturavam com as coisas que não disse.



—Dança comigo — voltou a lhe pedir com mais determinação ao tempo que estendia as mãos para ele com as palmas para cima.

Thomas sabia que aquelas seria uma das lembranças mais intensas de sua vida, e seguramente o único momento de sua existência no que esteve tão perto começar a chorar diante de uma mulher.

E embora não podia expressar verbalmente seus pensamentos, ela pareceu entendê-los. Sem mais vacilações, tirou-lhe o casaco e as luvas da mão e os jogou para sua cadeira. A seguir lhe rodeou o pescoço com os braços e, olhando-o com um sorriso perspicaz nos olhos, estreitou-o com força e escondeu a cabeça em seu pescoço.

Como balançada por uma onda suave e invisível, Madeleine começou a balançar-se com a música, e seu corpo parecia palpitar com cada compasso da envolvente melodia. Thomas a abraçou com cuidado e colocou uma mão sobre suas costas e a outra sobre a sedosa frescura de sua nuca. Ela o segurava com firmeza enquanto lhe acariciava com dedos suaves como plumas os cachos do pescoço. Quando apoiou a bochecha sobre sua cabeça e inalou o perfume floral de seu cabelo, sentiu seus seios apertados contra o coração e suas femininas curvas amoldadas a seu corpo.

—É magnífica — disse, e as palavras se mesclaram com o feitiço da música.

Ela se aproximou ainda mais e se estreitou contra ele tudo o que o vestido o permitia.

—Eu ia dizer o mesmo de ti.

—Não quero que parta Madeleine.

Thomas não sabia de onde tinham saído essas palavras; unicamente sabia era que as tinha pronunciado em voz alta. Mas a incerteza lhe acelerou o pulso quando passaram os segundos sem que lhe desse uma resposta, e sentiu umas agulhadas de medo no coração ao pensar que nunca chegaria.

—Me ame, Thomas — sussurrou com a vista cravada no fogo e sem deixar de balançar-se ao som dos suaves e melódicos tons da caixa de música.



Tinha chegado o momento, e ele sabia. Não podia esperar mais para lhe revelar tudo. Negar-lhe isso não só geraria um montão de problemas, mas também poderia lhe provocar alguns receios.

Ergueu-se um pouco e respirou fundo.

— Há algumas coisas que devo te dizer...

— Chist... — o interrompeu ela, quando elevou a cabeça para olhá-lo aos olhos.

Os seus se converteram em brilhantes lagos de gelo fundido que insinuavam de maneira insolente todos os pensamentos que Thomas por fim se decidiu a expressar. A paixão que lhe comunicava sem palavras fez que o sangue começasse a lhe ferver nas veias e lhe provocou um formigamento de euforia e antecipação acima de tudo quão desconhecido estava a ponto de explorar com uma fome insaciável.

Madeleine se afastou um pouco e levou as mãos às costas para desabotoar o vestido. Sem esperar que lhe desse permissão, Thomas a ajudou com dedos trêmulos e os tirou um a um, até que a parte superior do vestido se desprende de seus ombros.

Ela deixou que o sutiã caísse para frente, expondo a regata de seda transparente que se amoldava a seus peitos. Instantes depois, o formoso vestido branco caiu sobre o tapete marrom em um monte a seus pés e Madeleine se ergueu diante dele vestida com as meias de seda, os sapatos, as anáguas e o espartilho branco que lhe rodeava a cintura.

— Deus... — ouviu sussurrar a si mesmo. Colocou-lhe as mãos sobre os ombros e deslizou os polegares por seu pescoço com um súbito e gigantesco nó na garganta.

— Passou muito tempo, verdade, Thomas? — perguntou ela com um assombroso sorriso de alegria. — Está tremendo.

— É... — Tragou com força e tentou de novo. — É algo mais que isso. Não imagina o que sinto ao verte assim, o que significa para mim fazer amor contigo.

— Sei o que significa para mim — Levantou as mãos para tirar as presilhas do cabelo e as deixou sobre o suporte da chaminé. — Quero que desfrute desta noite muito devagar, Thomas; que recorde cada instante de paixão. Darei-te tudo aquilo que deseje.

Ficou imóvel e a olhou nos olhos com uma expressão ardente.



— Você é tudo o que desejo — sussurrou. — Quão único desejei sempre.

Percebeu a mudança sutil que se produziu na expressão feminina quando pronunciou as palavras, a confusa mescla de emoções que apareceu em seu olhar; umas emoções que o comoveram, que penetraram em sua alma e a deixaram exposta para que ela visse quanto a desejava.

Amo-te, Madeleine. Ainda não percebeu? Não o sente? Quis lhe dizer.

Sujeitou-lhe as mãos e levou seus dedos à boca para beijá-los um por um, lhe arrancando outro estremecimento com seu quente fôlego e a umidade de seus lábios. Ato seguido as colocou sobre os peitos cobertos de seda e esfregou as palmas contra seus grandes e marcados mamilos, que cobraram vida com as carícias e lhe abrasaram a pele.

— Tire-me o espartilho, Thomas — lhe rogou em um rouco sussurro. Sacudiu a cabeça para que o cabelo caísse sobre a pele pálida de suas costas enquanto começava a lhe desatar a gravata.

Thomas se viu alagado pela necessidade sexual, que arrastou as emoções mais tenras, e a fascinante ideia de vê-la nua pela primeira vez acabou com todas suas dúvidas.

Em silêncio, fez o que lhe pediu e puxou os broches, um a um, em um esforço por liberar a beleza que seus olhos desejavam ver e suas mãos morriam por tocar. Ela fez o mesmo e baixou as mãos para lhe desabotoar os botões da camisa a fim de deixar seu torso exposto às carícias. Tinham passado muitos anos da última vez que acariciou a roupa íntima de uma mulher e lhe tremeram os dedos em várias ocasiões, embora ela não pareceu notar sua estupidez.

O ambiente que os rodeava se voltou denso de repente. O silêncio invadiu sua intimidade quando a música cessou de soar finalmente. A neve caía sem fazer ruído no mundo exterior, isolando-os em uma atmosfera de calor e sonhos formosos e insistindo-os a uma união que apagaria a larga e angustiosa espera de seu mundo, isolado e solitário. Queria entregar-lhe tudo, dar-lhe tudo, mas sabia que tinha chegado o momento de entregar a ele mesmo.

O espartilho caiu ao chão, a seus pés. Madeleine tirou os sapatos enquanto lhe apoiava as mãos nos ombros uma vez mais e começava a riscar pequenos círculos nos omoplatas com o



polegar. Ato seguido introduziu-os sob os finos suspensórios de seda da regata e os baixou para poder admirar seus peitos pela primeira vez.

Tinha uns mamilos grandes e perfeitos da cor das cerejas amadurecidas que pareciam lhe suplicar que os devorasse e que se erguiam sobre a pele mais suave e translúcida que jamais viu.

—São preciosos — disse com voz ofegante e fascinada ao tempo que esticava a mão para tocá-los. Acariciou-os com o polegar uma vez, e logo outra; depois, soltou um gemido e lhe cobriu os peitos com as palmas antes de começar a massageá-los e acariciá-los em círculos, a roçar os mamilos, que se endureceram sob a pele sensível de suas mãos.

—Beija-os — sussurrou Madeleine, que se jogou para frente para oferecer-lhe ao tempo que fechava os olhos e deixava cair os braços aos flancos.

Ela aspirou o ar com dificuldade quando os lábios do Thomas roçaram um deles e depois o outro. Quando meteu um na boca e o rodeou com a língua, notou que ela dobrava os joelhos.

Rodeou-lhe a cintura com o braço para sustentá-la enquanto fazia amor a seus seios e os sugava, beijava-os e os saboreava ali de pé no tapete, frente ao fogo.

Gemeu quando ao mesmo tempo dedicou o mesmo tempo ao outro mamilo.

—Você gosta disto, verdade? — conseguiu sussurrar.

Rodeou-lhe o pescoço com os braços.

—É o paraíso, Thomas.

Sua camisa caiu ao chão e Madeleine se esfregou contra seu corpo, roçando sua ereção com o abdômen de forma intencional. Esse movimento avivou o fogo, e o autocontrole de Thomas veio abaixo ao tempo que o desejo remontava o vôo.

De repente, Madeleine se separou dele e entrecerrou os olhos antes de começar a tirar as meias e o resto dos objetos com deliberada lentidão, obrigando-o a contemplar o lento e angustiante processo. Momentos depois, se ergueu nua diante dele, e Thomas cravou o olhar na elegância e o extraordinário encanto da mulher que durante tanto tempo tinha desejado.



De beleza sem igual, sua pele pálida e suave tinha o tênue resplendor dourado do fogo; seus peitos, grandes e ligeiramente curvados para cima, suplicavam toda sua atenção. Muito devagar, percorreu-a de cima abaixo com o olhar: a estreita cintura e a diminuta protuberância do umbigo; as pernas largas e curvilíneas; e os quadris, que se estendiam a partir dos suaves cachos negros que guardavam seu...

Ficou de joelhos, torpemente e com esforço, para colocar a cara frente a esse glorioso lugar que a convertia em mulher.

—Thomas? — murmurou ela ofegante, sem ter muito claras suas intenções.

Tampouco ele as tinha muito claras. Embora somente durante um instante. Um segundo depois, a essência feminina avivou seus sentidos e Thomas levantou um dedo para introduzi-lo através das dobras que havia sob os cachos.

Ela gemeu de novo e lhe agarrou a cabeça com ambas as mãos.

—Está empapada, Maddie — disse com um estremecimento provocado pela impaciência, o desejo e o assombro.

Novamente acariciou-a uns momentos antes de indagar a um nível mais profundo, em busca da entrada oculta de seu corpo.

—Deus...! — exclamou com voz faminta quando sentiu que o dedo se deslizava no interior do Madeleine. Logo esmagou a cara contra a suavidade do pêlo feminino e inalou com força antes de introduzir a língua entre as dobras e começar a lambar a sensível protuberância que a levaria à cúspide³ do prazer.

Depois de separar um pouco os joelhos, Madeleine empurrou os quadris contra seu rosto e começou a ofegar quando ele aumentou a velocidade dos movimentos. Thomas manteve a cabeça firme e seguiu o ritmo das investidas da língua ao tempo que lhe segurava o traseiro com a mão livre para sujeitá-la. Seguiu estimulando-a e excitando-a sem cessar até que ela começou a respirar com rapidez e a balançar brandamente os quadris para esfregar-se contra ele.

³ ponto



—Chegarei ao orgasmo muito rápido, Thomas — disse com uma voz entrecortada e cheia de preocupação.

Thomas a sujeitou com mais força, sem retroceder em seu empenho de lhe proporcionar prazer.

—Não... — sussurrou ela em um intento por impedir o clímax, mas já era muito tarde. — Ai, Thomas... — sussurrou instantes depois ao tempo que lhe aferrava a cabeça. — Thomas, Thomas...

E um segundo mais tarde, ele sentiu seu orgasmo com o dedo e com a língua; escutou-o de seus lábios enquanto ela se balançava contra ele gritando, quando fechou os dedos para aferrar-se a seu cabelo.

A umidade que emanava dela em trêmulas ondas tinha um sabor mais embriagador que o melhor champanha francês e ele devorou-o como se fosse um faminto em um banquete, como se da ambrósia de sua alma se tratasse. Ao final, quando Madeleine se acalmou, beijou-lhe as coxas rápida e apaixonadamente antes de voltar a enterrar a cara em seus cachos.

—O que me fez Maddie... — grunhiu.

Madeleine respirava de maneira violenta e, depois de um fugaz instante, atirou com doçura de sua cabeça para apartá-lo um pouco. Ajoelhou-se frente a ele e, sem olhá-lo, colocou as mãos sobre o lugar onde o pulso pulsava em seu pescoço e o beijou com frenesi, saboreando sem dúvida sua própria essência em seus lábios.

—Thomas... — murmurou contra sua boca. — Thomas, Thomas, Thomas, Thomas...

Rodeou-lhe a cintura com os braços e lhe acariciou as costas com a gema dos dedos sem deixar de sentir seus peitos nus contra o torso.

—Sei Maddie... — resmungou com determinação enquanto deslizava os lábios por sua bochecha, seu queixo e seu pescoço. — Sei.

Madeleine se deu conta de que jamais havia sentido algo assim em toda sua vida, de que ninguém salvo esse homem a tinha levado até as mais altas cúpulas do prazer. Esse homem maravilhoso que a fazia suspirar com um olhar de seus olhos escuros e perigosos, que a fazia tremer com o mero timbre de sua voz e que a levava a orgasmo com semelhante mestria e



abandono. Nunca havia sentido algo assim com outro, e estava quase segura de que nunca o faria. Thomas obtinha que se sentisse formosa sem dizer-lhe que se sentisse desejada com somente estar ao seu lado.

Preso de um súbito nervosismo que não podia explicar, Madeleine estendeu as mãos e procurou abrir os botões de suas calças até que sentiu que uns dedos lhe seguravam os pulsos.

—Primeiro devemos falar, Madeleine — murmurou ele com voz rouca antes de beijá-la de novo. Falar? Como que falar?

—Maddie — provou de novo antes de separar-se um pouco e elevar as mãos para enredar os dedos em seu cabelo. — Há algo que quero te ensinar, algumas coisas que eu gostaria de te dizer.

O desejo ainda ardia em seu interior como uma gigantesca fogueira, mas Madeleine se obrigou a esperar tal e como lhe pedia.

Thomas a olhou com calidez e com um pinga de inquietação que ela não só viu, mas também percebeu em seu interior. Cada vez mais intrigada, levantou a mão e deslizou o polegar por seu queixo.

— Pois me diga.

Ele respirou fundo. Girou a um lado, arrojou o vestido e a roupa íntima sob a mesinha de chá e se sentou sobre o suave tapete com as largas e musculosas pernas a ambos os lados dela. Com todo o decoro possível tendo em conta que estava entre suas coxas, também ela tomou assento. Agasalhada pelo calor do fogo que tinham ao lado, Madeleine contemplou os pronunciados músculos de seu torso nu e se deleitou com a reconfortante proximidade do único homem que sempre se entregou a ela de maneira incondicional.

Indeciso, Thomas esfregou o rosto com uma mão antes de começar.

—Já te disse um dia que me feriram na guerra — disse em voz baixa.

—Sim — replicou ela, olhando-o nos olhos.

Ele apertou a mandíbula e cravou seu olhar no dela.

—Feriram-me gravemente, Madeleine.



Ela não soube muito bem como receber nem que reação ele esperava, assim que se limitou a dizer.

— Muito grave?

Thomas baixou o olhar desde seus peitos até o abdômen e a zona púbica antes de concentrar sua atenção no fogo. Preso.

O desassossego que o invadia, somado a algo que ela somente podia definir como incerteza, a derreteram por dentro. Estendeu o braço para lhe cobrir a bochecha com a mão.

— Diga-me isso Thomas — insistiu com tanta severidade como a situação permitia.

Ele entrecerrou os olhos e Madeleine não conseguiu discernir se era a causa da tortura física ou do psíquico. Concluiu que era pelo segundo, mas decidiu não falar e esperar a que ele o fizesse.

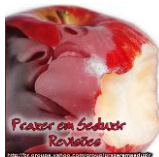
— Caiu em cima de mim um pilar de madeira em chamas em um estaleiro de Hong Kong que me deixou preso e me partiu ambas as pernas por debaixo dos joelhos. As feridas não curaram como deviam.

De repente, veio a Madeleine um monte de perguntas à cabeça. Como? Por quê?

— Mostre-me — exigiu com voz suave.

Decidido, ele estendeu os braços para sua perna esquerda e arregaçou a perna das calças até a parte superior das botas negras de couro. Continuando, tirou a bota muito devagar e estirou o pé até que o calçado cedeu por fim. Baixou as meias três - quartos e deixou a perna nua diante de seus olhos.

Madeleine a observou com curiosidade e dissimulou com esmero suas reações, já que não lhe tirava os olhos de cima enquanto ela contemplava a carne abrasada e destroçada que unia os joelhos com os dedos dos pés, dois dos quais, os mais externos, tinham desaparecido. Era difícil distinguir a cor da zona lesada a tênue luz do fogo, mas decidiu que era uma estranha mescla de vermelho escuro e arroxeadado, o tom de um antigo cardeal. Os músculos da panturrilha se rasgaram e tinham cicatrizado de maneira incorreta e tinha cicatrizes tão superficiais como profundas de um a outro lado, o que sem dúvida explicava a dor que sofria ao caminhar.



— Ai, Thomas — sussurrou ao tempo que estirava a mão para tocá-lo. Ele o permitiu e ficou imóvel como uma estátua. Sabia que a observava à espera de que o rechaçasse, embora somente sentia seu olhar a um lado da face. A pele era áspera e nodosa, mas Madeleine acariciou a zona de cima abaixo com a palma da mão, muito brandamente. Sem dizer palavra, Thomas subiu a prega da perna direita do mesmo modo que tinha feito com a esquerda. Nesta ocasião, não obstante, ela notou certa diferença na bota. Na parte superior, perto do joelho, havia duas correias com fivela, uma debaixo da outra e separadas um par de centímetros, que ele desabotoou com muita lentidão. Uma vez que terminou, atirou com uma mão do salto da bota enquanto sujeitava a panturrilha com a outra; o calçado cedeu e deixou ao descoberto o foco principal de seus medos.

Madeleine contemplou a perna com o corpo paralisado e um nó de compaixão e tristeza no coração. A perna direita tinha sido habilmente amputada a uns cinco centímetros por debaixo do joelho, deformada e cheia de cicatrizes.

— Amará-me agora, Madeleine? — escutou-lhe dizer com uma voz tenra e rouca.

Essas palavras tocaram uma fibra sensível em seu interior e sentiu que lhe secava a boca enquanto olhava com evidente estupor essa parte perdida de uma alma torturada que pertencia a um homem bonito. Olhou-o à face com os olhos cheios de lágrimas, incapaz de falar; desejava abraçá-lo, lhe demonstrar que não lhe importava nada, convencê-lo de que seu afeto ia muito além do superficial. Sabia muito bem que, por desgraça, o mundo tinha muito em conta a beleza física e, muito pouco o caráter e a bondade. Senhor, como o necessitava nesses momentos... precisava demonstrar-lhe estar com ele.

Thomas não apartou o olhar dela e a estudou com descaramento e com uma expressão a caminho entre o medo e a esperança. Depois de tragar saliva com força em um intento por controlar a gigantesca maré de emoções confusas e maravilhosas que a embargavam, Madeleine se inclinou para frente e depositou um beijo sobre o joelho lesado.

Escutou que o ar escapava do peito masculino e logo sentiu as mãos em seu cabelo, os dedos lhe massageando o couro cabeludo enquanto ela deixava um atalho de beijos diminutos



ao redor do extremo de sua perna, na cicatriz que se fechou sobre o que em seu dia foram músculos e malhas saudáveis, pele e ossos são.

Madeleine colocou as mãos sobre suas coxas por cima dos calções e as deslizou para cima até chegar à parte superior. Tornou-se para diante e enganchou os dedos na cintura das calças antes de puxar para baixo; nessa ocasião, ele levantou os quadris para lhe permitir que fizesse o que desejava. Ela atirou da malha de lã até que conseguiu tirar-lhe e ato seguido repetiu a operação com a roupa íntima. Ao final, Thomas ficou sentado ao seu lado tão nu como ela.

Sabia que a estava observando, embora ainda não o tinha olhado nos olhos. Queria contemplar seu corpo magnífico, tão grande, forte e excitado. Isso era o que mais a assombrava de tudo. Seguia excitado a pesar do momento que acabavam de compartilhar, apesar de que acabava de lhe revelar o maior de seus medos, apavorado pelo possível rechaço.

Desejava-a, e estava preparado para demonstrar de todas as maneiras possíveis.

Madeleine estudou sua ereção, larga, dura e grossa; a base estava rodeada por uma massa de cachos negros que se estreitava para cima para converter-se em uma diminuta linha que terminava no umbigo. Colocou-lhe as mãos nas coxas nuas e se inclinou para frente para percorrer seu membro com os lábios de cima abaixo antes de beijá-lo com paixão uma e outra vez, estimulando-o, dando tanto prazer como recebia.

Thomas gemeu e se esticou com suas carícias, o que lhe deu o ânimo que necessitava para continuar a exploração. Percorreu seu corpo muito devagar: beijou-lhe o umbigo antes de acariciá-lo com a língua e depois passou ao peito e ao pescoço; finalmente, deitou-se por completo em cima dele para lhe revelar suas intenções sem palavras e ele se deitou sobre o tapete.

Tombada em cima de seu corpo quente e duro, contemplou os olhos masculinos, que se tinham convertido em dois lagos negros alagados de desejo.

—Jamais desejei a um homem como te desejo neste momento, Thomas — disse com lentidão enquanto observava as mudanças que se produziam em seu rosto com cada uma das sinceras palavras. Continuando, antes que ele pudesse dizer algo, apoderou-se por fim de sua



boca e o beijou profunda e apaixonadamente, muito consciente das chamas desse algo indefinido embora evidente que ardia entre eles; desse algo que não se atrevia a definir.

O desejo se avivou de novo e Thomas lhe devolveu um beijo cheio de ardor e introduziu a língua em sua boca como se a necessidade o consumisse. Enterrou as mãos em seu cabelo e se concentrou nos peitos que se esmagavam contra seu torso e no sexo que descansava sobre o seu como se tivesse sido criado para ele, do tamanho perfeito em todos os sentidos.

Madeleine se esfregou contra ele uma vez, e depois outra. Thomas gemeu de prazer e lhe cobriu o traseiro com as mãos ao tempo que lhe acariciava a parte baixa das costas e a cintura com os dedos. Madeleine entendeu sua necessidade e se sentou sobre ele para embalar sua ereção entre as dobras úmidas e quentes de seu sexo.

Logo entrecerrou os olhos com uma expressão sensual e esboçou um sorriso travesso antes de começar a mover-se adiante e atrás em pequenos círculos. Não deixou de observá-lo, já que queria comprovar como o desejo que alagava seus olhos se convertia por fim em uma intensa luxúria.

Thomas não esteve tão excitado em toda sua vida. Seus eróticos movimentos o enfeitiçavam; seus gemidos e seus ofegos o mantinham sob um feitiço de agonizante prazer. E quando ela elevou os braços para soltar o cabelo e depois começou a acariciar os peitos e os mamilos, viu-se obrigado a fechar os olhos durante um momento para manter o controle.

Era o mais sensual que tinha visto fazer uma mulher. Já tinha observado como se acariciava na Véspera de natal, mas aquele episódio não podia comparar-se com o que via nesse momento: a luz suave das chamas bailava sobre sua pele suave e dourada... uma pele que ela mesma acariciava enquanto movia seu púbis contra ele lenta e uniformemente. De uma maneira perfeita.

Thomas colocou as mãos sobre suas coxas, mas não as moveu dali. Não queria trocar nada do que ocorria. Sentia a respiração acelerada, uma tensão no peito e seu desejo a ponto de explorar. Os gemidos do Madeleine se voltaram mais ruidosos e sua respiração mais superficial enquanto se massageava os peitos e beliscava os mamilos endurecidos.



— Isto é maravilhoso — sussurrou ela com os olhos fechados enquanto seguia girando os quadris sobre ele, contra ele.

Thomas se elevou um pouco para seguir seus movimentos. Instantes depois, ela baixou uma mão e colocou os dedos no centro de seu desejo para acariciar-se e proporcionar-se prazer enquanto ele a observava com absoluta fascinação, ao bordo do orgasmo.

— Está-me voltando louco — disse com aspereza.

Ela não respondeu; seguiu gemendo e ofegando, perdida em seu mundo de sensações enquanto esfregava suas quentes e úmidas dobras contra a grossa ereção, acariciava-se a pele acetinada dos peitos e os mamilos, e movia os dedos ritmicamente entre suas pernas, cada vez mais depressa.

Quando jogou a cabeça para trás, Thomas sentiu seu cabelo, comprido e exuberante, sobre os joelhos, sobre essas pernas feridas e mutiladas que ela tinha aceito sem reservas e que nenhuma mulher tinha visto antes.

— Quero te observar quando chegar ao clímax, Madeleine — sussurrou ele. — Para mim, não existe nada mais formoso.

Não estava seguro de que o tivesse ouvido, já que estava muito perto do abismo. Ela se arqueou com um gemido ao aproximar-se da culminação, e Thomas lhe acariciou as coxas, os quadris e a cintura com as mãos, permitindo que continuasse a seu ritmo.

De repente, Madeleine elevou a cabeça, levantou as pálpebras e o olhou nos olhos com uma expressão perdida, embora penetrante.

— Thomas... — sussurrou de novo.

— Não deixo de te olhar, meu amor — replicou ele com um fio de voz.

Ela abriu os olhos mais ainda.

— Thomas... meu Deus, Thomas...!

Alcançou o topo com um pequeno grito de prazer e banhou seu membro com a umidade que emanava de seu interior enquanto se acariciava com ambas as mãos. Thomas não pôde suportar mais.



Logo que notou que a tensão a abandonava, agarrou-a pela cintura e a levantou com facilidade antes de girar-se a toda pressa para poder afundar-se nela de cima.

Madeleine não protestou e abriu as pernas para lhe dar as boas-vindas quando deslizou em seu interior pouco a pouco, muito devagar, até o fundo. Acolheu-o na calidez de seu interior e se adaptou a seu tamanho como se tivesse sido criada para ele. Com os braços apoiados sobre o tapete a ambos os lados de sua cabeça enterrou-se até o fundo nela, Thomas permaneceu imóvel e baixou a vista para contemplar seu adorável, ruborizado e satisfeito rosto. Tinha-a levado a orgasmo sem fazer nada. Tinha-lhe proporcionado prazer duas vezes essa noite e voltaria a fazê-lo, conduziria-a de novo até esse maravilhoso abismo de abandono. Mas primeiro precisava aplacar seu próprio desejo.

Com o olhar vidrado, Madeleine esboçou um sorriso de alegria.

— Esta vez serei eu quem te observe — murmurou com voz densa enquanto lhe acariciava o torso com as mãos e lhe passava às unhas pelo pescoço e os braços.

Thomas se retirou muito devagar antes de afundar-se de novo nela.

— Este é meu paraíso. E você é meu sonho.

Ela elevou as mãos para lhe cobrir a cara; o sorriso tinha desaparecido e sua expressão se tornou muito séria.

— Jamais tinha feito amor desta maneira. Acredita em mim, verdade?

Havia certo tom de acanhamento na pergunta, embora ela tinha tratado de ocultar. Thomas se agachou um pouco para lhe beijar o queixo, a bochecha, os lábios e a testa com muita ternura.

— Acredito-te — murmurou com voz tensa e o coração em um punho —, porque me passa o mesmo.

Madeleine deu um suspiro entrecortado e ele se elevou para olhá-la nos olhos uma vez mais. Uns brilhantes olhos azuis que resplandeciam de amor. O amor que sentia por ele. Dar-se conta disso foi como um murro no estômago. Descobri-lo nesse momento, dessa maneira, enquanto jazia nu sobre ela, enterrado em seu interior durante a mais gratificante das relações íntimas, converteu esse instante no mais extraordinário de toda sua vida.



Tinha a fronte coberta de gotas de suor, mas se negava a mover-se ainda; queria conter-se, dar-se tempo para adaptar-se tanto física como emocionalmente.

Entretanto, Madeleine não queria esperar mais. Riscou o contorno de seus lábios com o polegar e apertou os músculos internos que o rodeavam para levá-lo a orgasmo... e não precisou de nada mais. Thomas se retirou uma vez mais, aguardando, contendo-se, com o extremo do membro apenas dentro dela, preparado para sair por completo e derramar-se sobre sua perna com uma última investida. Mas então aconteceu algo imprevisível.

Madeleine lhe sujeitou os quadris com as mãos e lhe rodeou as coxas com as pernas.

—Sim... — sussurrou em tom possessivo. Uma palavra sincera que tinha brotado de seu coração para cravar-se no de Thomas.

Ele apertou a mandíbula, arqueou o corpo e se afundou até o fundo, tal e como ela desejava, a ponto já de chegar ao orgasmo.

—Maddie...

Derramou-se dentro dela em uma quebra de onda atrás de outra do prazer mais intenso que jamais experimentou. Abriu os olhos para contemplar os dela e se entregou em corpo e mente, lhe mostrando a sua alma ferida o amor que sentia por ela, a formosa mulher que se abriu a ele.

Pela primeira vez em sua vida, Thomas não sentiu dor nas pernas nem pensou nas injustiças da vida. Escutou o gorjeio dos pássaros, as risadas dos meninos, o crescendo da música e o fragor das cascatas, e sentiu a extraordinária calidez da satisfação plena.

Sua felicidade era inenarrável.



Capítulo 20

«Não quero que parta Madeleine.»

Essas palavras não deixavam de ressonar em seus ouvidos como uma incansável campainha, umas vezes formosa e outras molesta. Como as que soavam nesse momento ao longe, enquanto passeava às pressas sobre a fina capa de neve e elevava com cuidado o vestido e o casaco para ir à missa matinal dos domingos.

Despertou na cama do Thomas apenas uma hora antes, aconchegada entre seus braços como se esse fosse o lugar ao qual pertencia, como se não fosse partir nunca. Foi então, uma vez que os prazeres da noite se dissiparam por completo, quando compreendeu que essa ideia era perigosa.

Estava claro que devia partir. Com o tempo. Devia fazê-lo, já que não podia permanecer na Inglaterra só para que? Para casar-se com ele? Era uma ideia absurda, embora não precisamente desagradável. Mesmo assim, resultava-lhe surpreendente que lhe tivesse ocorrido uma ideia assim, dado que jamais se considerou do tipo de mulheres que se casam. Conformaria-se se estabelecendo como seu amante no Eastleigh enquanto ambos trabalhavam como espões? Isso era ridículo. Jamais a aceitariam nesse país, nem como sua esposa nem como sua amante, e, além disso, tinha seu trabalho na França. Ali era onde mais necessitavam seu talento e sua experiência, não na Inglaterra. Ao menos, não de maneira permanente. Thomas devia sabê-lo; devia saber de um princípio que qualquer relação entre eles teria uma vida muito curta. Quão único desejava Madeleine era que esse conhecimento não a rasgasse por dentro, como ocorria cada vez que lhe vinha à cabeça... algo que de um tempo a essa parte ocorria com bastante frequência.

A noite anterior tinha sido incrível, disse-se com um sorriso que não pôde dissimular e que esperava que não vissem as damas do Winter Garden com quem se encontraria em uns minutos. Thomas a tinha desejado tanto, mostrou-se tão atento, tão tenro, tão... enérgico. Tinha feito amor com ela quatro vezes em outras tantas horas e, para alguém com quase quarenta

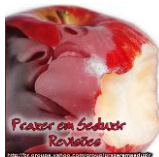


anos, isso era uma espécie de recorde, certamente. Depois de passar mais de meia década sem estar com uma mulher estava impaciente por recuperar o tempo perdido. Ela rendeu-se a sua necessidade e ficou satisfeita mais vezes das que podia contar... ou das que queria contar, dava no mesmo. Ao final, saciados e felizes, dormiram em sua cama aconchegados um junto ao outro, absorvendo a calidez e a absoluta devoção do outro, até uma hora antes, quando Madeleine despertou com uma estranha ideia, uma teoria que a angustiava e que queria resolver quanto antes. Por isso se dirigia nada menos que à igreja nessa fria e nublada manhã de inverno.

Essa ideia lhe tinha ocorrido depois de considerar sua própria e egoísta estupidez. O primeiro que pensou ao despertar, depois das quatro horas de sonho que tinham seguido às muitas horas de sexo maravilhoso, foi que nunca deveria lhe ter permitido que alcançasse o clímax dentro dela. Ele esteve a ponto de retirar-se, e o teria feito cada uma das vezes, mas ela o tinha impedido por alguma razão (ou razões) que desconhecia. Tinha desejado lhe proporcionar uma aventura maravilhosa que compensasse a dor que tinha sofrido que compensasse o inadequado que se havia sentido todos esses anos devido à estúpida ideia de que às mulheres repugnariam suas lesões. Contudo, se era sincera consigo mesma, tinha que admitir que suas próprias razões também incluíam sentimentos de natureza muito mais complexa que nesse momento não era capaz de explicar, e que certamente nunca conseguiria explicar totalmente.

Ele teria desfrutado também embora esteve fora dela ao chegar ao orgasmo. Foi seu próprio egoísmo o que desejou que a penetrasse nesse momento. Tinha experimentado uma súbita e inaudita necessidade de observá-lo enquanto alcançava o êxtase em seu interior, e tinha desfrutado muito quando o fez. Madeleine jamais permitiu que nenhum outro homem fizesse algo semelhante por medo de ficar grávida de um menino que nunca desejou, mas a noite passada, com o Thomas, isso não lhe importou absolutamente.

Nesses instantes, enquanto o frio da manhã lhe caía sobre os ombros e uma vez recuperado o sentido comum, devia enfrentar ao feito de que podia levar em seu seio ao filho do Thomas. No interior de seu ventre. Estremeceu-se diante a mera ideia, mas não de repulsão, por surpreendente que parecesse. Tremia por causa de uma estranha calidez, já que os



sentimentos que ele albergava por ela foram muito além do superficial e chegava até esse recôndito lugar no que ela o necessitava, esse lugar que desejava algo com o que encerrá-lo ali, e Thomas sabia que esse lugar existia. Sabia. Se estivesse grávida de seu filho, ele o amaria de maneira incondicional, sem ter em conta o fato de que não estavam casados, sua condição de filha ilegítima nem seu passado. Isso também sabia sem a menor sombra de dúvidas. Se desse a luz ao seu filho, Thomas sempre formaria parte dela, sempre amaria essa parte dela. Isso era o que tinha percebido no ardor que brilhava em seus olhos quando chegou ao orgasmo, quando derramou sua semente no mais profundo de seu interior. Era a única razão pela que lhe tinha permitido fazê-lo em mais de uma ocasião a noite anterior.

É obvio, cabia a possibilidade de que não ficou grávida, mas de qualquer forma, o tema a preocupava. Em teoria, a gravidez era romântica e esplêndida. Na realidade, o que tinha feito era permitir que uma extraordinária noite de paixão lhe arruinasse a vida, e sabia muito bem. Estúpida, estúpida, estúpida!

Deu um chute à neve que tinha diante com a ponta do pé e formou uma pequena nuvem de pó branco que ficou pega à pele da Marta que debruava a gola do casaco. Depois de dobrar a última esquina da rua, relativamente deserta, observou ao longe a vicária e a pequena igreja que havia detrás (que nesse momento estava cheia de aldeãos vestidos com o traje dos domingos) e elevou o queixo antes de seguir caminhando com elegância enquanto tratava de pensar em outra coisa. Não serviu de nada.

O filho do Thomas. Se verdadeiramente estava grávida, poderia ficar e ao final chegaria a amá-lo. O que outra coisa poderia fazer? Seria um filho nascido à consequência de seus próprios enganos, e isso o convertia em sua responsabilidade. E essa era a ideia que a tinha insistido a procurar a Desdémona essa manhã gélida e cinza para manter uma conversa bastante pessoal com ela em um lugar ao que a dama não faltaria e no qual ignorar Madeleine teria se considerado uma grosseria.

Não sabia por que não lhe tinha ocorrido antes abordar à dama depois de missa, já que levava semanas desejando falar com ela. Possivelmente porque lhe parecia mais prático manter uma conversa com Desdémona em sua casa, e também mais íntimo; além disso, Madeleine ia



poucas vezes à pequena igreja inglesa. Entretanto, depois do brilho de lucidez que a tinha fulminado essa manhã, sabia que não podia esbanjar o tempo acudindo uma vez mais a casa dessa mulher para que lhe dissessem, como sempre, que tinha saído, que se sentia indisposta ou que estava descansando. Falar na metade da rua não era a situação ideal, mas a essas alturas já não ficava escolha. Sua única esperança era que Desdémona estivesse ali e que conseguisse escapar de sua mãe durante uns minutos. A missa estava surpreendentemente cheia se tinha em conta que o baile da temporada tinha sido a noite anterior. Não obstante, muitos dos membros da classe alta estavam ausentes, como descobriu ao sentar-se ao fundo da congregação. Escutou sem o menor interesse o sermão que repartia o afetado Barkley, o reverendo que já em seu primeiro encontro lhe tinha deixado bem claro que ela seria uma fascinante incorporação à comunidade do Winter Garden, mas que desaprovava o fato de que vivesse sozinha com um erudito solteiro. Resultava curioso que permitisse a sua filha trabalhar para eles, mas a isso pareceu era irrelevante. E, além disso, Madeleine era católica de nascimento, o que não lhe granjeava a simpatia das pessoas.

Contudo, tomou seu tempo para observar aos assistentes e examinou todas as cabeças até que deu com a mulher que procurava no segundo banco do lado direito, perto do torpe embora diligente coro. Levava um enorme chapéu de palha de cor azul marinho adornada com três largas plumas da mesma cor e amarrado ao queixo com um largo laço de cetim, de maneira que o chapéu se inclinava a um lado o necessário para que seu singelo rosto parecesse atrativo. Penélope não estava por ali, embora Desdémona falava em sussurros com uma garota mais velha com a mesma cor de cabelo que estava sentada a sua direita e que, na opinião de Madeleine, devia ser uma das duas irmãs da jovem.

Esperou a que o coro terminasse de cantar pela última vez e depois ficou em pé, uma vez que Desdémona. Observou que a mulher girava-se em sua direção enquanto abria passo para a saída, que se encontrava na parte posterior da igreja.

Pela primeira vez, Madeleine tomou um especial interesse na aparência da dama e a examinou com atenção. Desdémona era uma moça, jovem e bem vestida, mas muito pouco atraente devido sobre tudo a sua expressão austera e a que seus olhos azuis tinham perdido o



entusiasmo e inclusive a esperança. Já lhe notava a gravidez, embora somente para os mais observadores, posto que o casaco de lã cinza debruada de pele de raposa o dissimulava muito bem. Levava um vestido da mesma cor que seu chapéu, mas Madeleine só pôde ver o encaixe dos punhos, pois estes apareciam sob as mangas.

Tristeza. Esse era o sentimento que exsudava por cada um dos poros de seu corpo. Seus grandes olhos pareciam vazios enquanto olhavam à frente; sua pele, embora clara, parecia mais pálida do que deveria se tinha em conta sua juventude e o rubor natural que acompanhava a gravidez. Madeleine abriu caminho entre a multidão e se situou junto à Desdémona como se tivesse sido um encontro accidental.

A dama piscou quando girou a cabeça e viu quem caminhava a seu lado; diminuiu o passo, embora não se deteve a saudar.

— Bom dia, senhora Winsett — disse Madeleine com tom agradável ao tempo que esfregava as mãos no interior do casaco.

Durante um par de segundos, Desdémona pareceu desconcertada ao vê-la ali. Depois esboçou um leve sorriso.

— Bom dia, senhora DuMais. Conhece minha irmã Hermione?

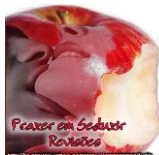
Madeleine transladou o olhar para a moça que caminhava à esquerda e um pouco por detrás da Desdémona e inclinou a cabeça a modo de saudação.

— É um prazer conhecê-la, senhorita Bennington-Jones.

— O mesmo digo senhora — foi à vacilante resposta.

De constituição forte e mais gorducha ainda que sua irmã, Hermione possuía um rosto arredondado e uns olhos castanhos proeminentes que lhe davam o aspecto de uma menina mimada, apesar de que era evidente que quase alcançava a idade casar.

— Onde se encontra sua mãe hoje? — perguntou Madeleine a fim de esclarecer as coisas antes de ir ao ponto. Olhou às escondidas por cima do ombro com o temor de ver a Penélope caminhando a toda pressa em sua direção e assinalando-a com um dedo acusador diante da audácia de falar com suas duas filhas.



Desdémona soprou e olhou de novo para a frente, com seus magros ombros erguidos e uma careta nos lábios.

—Minha mãe se sente algo indisposta depois da festa de ontem à noite e, é obvio, está um pouco cansada por causa dos preparativos para a apresentação em sociedade de minha irmã.

—Ah, entendo. Espero que melhore logo — replicou Madeleine, como era de rigor.

—Obrigado. Seguro que o fará.

Caminharam em silêncio uns instantes, mas Desdémona não parecia impaciente por escapar de sua presença. A Madeleine deu a impressão de que a moça desejava sua companhia, embora fosse só por um momento.

—Teve notícias de seu marido? — perguntou-lhe com tom alegre.

Desdémona titubeou antes de responder, embora tratou de dissimulá-lo.

—Escreveu-me duas vezes o mês passado. Neste momento se encontra na Polônia, com o vigésimo segundo regimento de infantaria, no cargo de inspetor chefe de armamento — Olhou de esguelha a Madeleine. — Pode que a você não pareça importante, mas o é para a causa inglesa. Estou muito orgulhosa.

Madeleine rodeou uma amoreira que havia na margem do jardim da vicária e se dirigiu para o atalho, que já estava deserto, dado que todos os que tinham ido à missa retornavam a toda pressa a seu lar para evitar as gélidas temperaturas.

—Estou segura de que deve ser muito reconfortante para ele saber que você está a salvo na Inglaterra com sua família enquanto espera o nascimento de seu filho — Foi um comentário muito sutil, mas Desdémona ficou rígida ao escutá-lo. Madeleine olhou a Hermione antes de sugerir. — Lhe importaria que falasse um momento a sós com sua irmã?

Desdémona se deteve o ver que a moça mais jovem franzia o cenho.

—Mamãe está nos esperando — respondeu Hermione à contra gosto enquanto passeava o olhar entre uma e outra.

—E eu não deveria passar muito tempo à intempérie em meu estado — acrescentou Desdémona com muito mais aprumo.



— Tolices — replicou Madeleine. — O ar fresco lhes virá muito bem tanto a você como ao bebê, e preciso discutir algo com você em privado. É muito importante.

Desdémona não protestou, mas intercambiaram um olhar com sua irmã que sugeria certa preocupação por ambas as partes: Desdémona pela Madeleine e Hermione pela Penélope.

— Direi à mãe que chegará em seguida, Desi — murmurou Hermione, um pouco sobressaltada. — Que tenha um bom dia, senhora DuMais — Ato seguido recolheu as saias e percorreu o caminho tão às pressas como o permitiam a neve e o gelo.

Desdémona a observou durante uns instantes e logo seguiu caminhando pelo atalho, seguindo Saderbark Road em direção à praça do povoado.

Madeleine esperou até que Hermione estivesse o bastante longe para não poder as escutar e decidiu abordar imediatamente o assunto que a tinha levado até essa premente conversa essa manhã em particular.

— Não deixei de me perguntar uma coisa — começou com um tom de voz que denotava tanto preocupação como perplexidade. — Você mencionou na reunião de chá da senhora Rodney faz já várias semanas que tinha escutado rumores sobre luzes noturnas e fantasmas na propriedade do barão do Rothebury — Estalou a língua. — Resulta que o outro dia fazia um passeio de noite e vi essas luzes. Pode acreditar?

Desdémona se deteve de repente e cravou o olhar nela com uma expressão de desassossego em seus olhos azuis e ingênuos.

— O que é o que senhora DuMais quer? — inquiriu com secura.

Depois de detectar o alarme na voz da moça, Madeleine franziu os lábios e inclinou a cabeça a um lado em um gesto pensativo.

— O filho que espera é do barão, não é assim, Desdémona? — perguntou tranquilamente sem falsas pretensões e sem obter nenhum prazer por tirar isso à luz.

Desdémona, pálida, encolheu-se como se a tivesse golpeado. Ela arregalou os olhos por causa do medo, a repulsa para os de sua própria classe e algo mais. Um pouco parecido ao ódio.



Um solitário cavaleiro passou a seu lado e lhes aconselhou com brutalidade não conversassem no meio da rua, mas nem Desdémona nem ela lhe deram atenção, e tampouco se moveram enquanto se olhavam nos olhos.

— Isso é uma calúnia, senhora DuMais — respondeu a dama com voz gélida. — Lhe recomendo que leve seus abomináveis comentários de volta a França.

Madeleine não se sentiu no minimamente intimidada nem desconcertada pela ameaçadora réplica de Desdémona. De fato, esperava algo assim. Baixou o olhar ao chão com um leve sorriso e começou a revolver a neve com a ponta do pé, que já tinha congelada.

— Mas é certo, verdade? Reuniu-se com o barão em numerosas ocasiões para suas entrevistas noturnas, nas quais ele a introduzia em seu lar como sua amante através de um túnel que conduz até seu quarto — Levantou as pálpebras o necessário para observar a mescla de ansiedade e indignação que brilhava no rosto cinzento da jovem.

De repente, Desdémona se ergueu o quanto pôde, apertou os lábios e elevou as saias em um arrebatamento de dignidade antes de passar a seu lado.

Madeleine permaneceu empertigada.

— Tenho uma proposição que lhe fazer Desdémona — disse enquanto observava como se afastava.

A moça não se deteve.

— Guardarei seu segredo se você guardar o meu.

Com isso conseguiu o que queria. Desdémona diminuiu o passo até deter-se, embora não se voltou.

Madeleine caminhou muito devagar para ela sem deixar de contemplar os perfeitos cachos que apareciam sob o chapéu, os ombros tensos e as costas erguidas da jovem.

Desdémona se negou a dizer palavra e a olhá-la, e cravou os olhos em algo que tinha diante.

Madeleine baixou a voz, embora fosse desnecessário, já que a rua estava deserta.

— É muito provável que o barão do Rothebury seja detido por contrabando de ópio roubado, e pode ser que isso ocorra em poucos dias.



A compostura da dama veio ligeiramente abaixo. Olhou de esguelha a Madeleine durante um segundo e depois voltou a concentrar-se na praça do povoado.

Ao ver que não dizia nada, Madeleine lhe perguntou com ironia.

— Se alegraria que acontecesse isso?

Desdémona tragou com força e levou uma mão enluvada ao ventre para cobri-lo com acanhamento.

— Como sabe? — sussurrou, ainda sem olhá-la.

Ela encolheu os ombros.

— Me diga a verdade sobre sua gravidez e eu lhe contarei a verdade sobre o Rothebury.

Uma rajada de vento gelado revolveu a neve solta do chão frente a elas e Madeleine protegeu a face com o casaco, embora se precaveu imediatamente de que Desdémona não o tinha feito.

— Nunca estive apaixonada, verdade, senhora DuMais? — sussurrou.

Madeleine jamais se sentiu tão desconcertada diante uma pergunta e temeu que isso se revelasse imediatamente em sua expressão, embora era possível que a jovem não o notasse, já que se negava a olhá-la.

— Você sim, Desdémona? — perguntou em resposta, contente por poder deixar seus confusos e irrelevantes sentimentos a um lado. — Está apaixonada pelo Rothebury?

Desdémona sorriu e se voltou para olhá-la por fim, com as bochechas ruborizadas.

— Isso acreditava, ao menos durante um tempo — admitiu com sinceridade. — Mas não fui mais que uma ingênua; deixei-me seduzir por uma serpente que se aproveitou de minha inocência e me deixou grávida de um filho que jamais reconhecerá como dele.

Não era exatamente uma confissão, mas lhe disse a verdade, tal e como Madeleine esperava. E posto que ela mesma tinha experimentado as encantadoras artimanhas sedutoras do barão, acreditava de pé juntos. Entretanto, a única coisa importante nesse momento era que essa informação lhes daria vantagem, sempre que conseguissem encontrar uma forma de utilizá-la.

— Quer que ateste diante das autoridades sobre a operação ilegal que presenciei?



Madeleine piscou com incredulidade; não estava segura de ter escutado bem, nem de se essa mulher sabia a que se expunha. Nunca o teria esperado dela e para falar a verdade, não tinha muito claro o que responder.

Desdémona adivinhou seu desconcerto e esboçou um sorriso zombador.

— Essa é a razão pela que queria falar comigo, não é assim?

Madeleine se recuperou o bastante para pronunciar.

— Estaria disposta a fazê-lo?

As finas sobrancelhas loiras da inglesa se arquearam ao tempo que sua fronte se enrugava.

— E me arriscar à ruína social e à desonra familiar?

A alma de Madeleine lhe caiu aos pés. Ficou com muitas esperanças, mas estava claro que uma dama de bom berço como ela jamais mancharia sua reputação a propósito de uma maneira tão visível. Se Desdémona proporcionava essa informação às autoridades, até na mais estrita confidencialidade, os rumores a respeito de sua conduta chegariam com o tempo ao povoado e arruinariam sua reputação e a de sua família para sempre. De forma irreversível.

A jovem soltou uma gargalhada amarga e sacudiu a cabeça com tanta força que os cachos que lhe emolduravam o rosto lhe roçaram as bochechas. Nesse instante pareceu doze anos mais velha e Madeleine não só se compadeceu dela, mas também sentiu um agulhamento de ressentimento em seu nome.

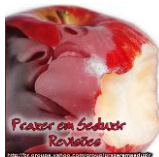
— Alegraria-me poder ajudá-la, senhora DuMais. Com uma condição.

Essa última frase a deixou estupefata.

— Que condição?

— Me diga quem é você.

Pela primeira vez, Madeleine titubeou antes de responder e jogou uma olhada a seu redor. Estavam sozinhas a efeitos práticos e ninguém ouviria o que diziam. Em realidade, o que a preocupava não era contar a Desdémona uma versão resumida de sua missão na Inglaterra. O que a inquietava de verdade era a possibilidade de pôr em perigo a cobertura de Thomas, já que



ele vivia ali, ao menos no momento. Entretanto, podia correr esse risco para encerrar a uma asquerosa serpente na prisão durante muito tempo. Merecia a pena tentar.

Respirou fundo e voltou a olhar nos olhos a Desdémona.

— Não o revelará a ninguém — Foi uma declaração, não uma pergunta.

— Acredito — Ihe recordou Desdémona com eloquência — que foi você a que disse que nos guardaríamos mutuamente os segredos.

— É certo — conveio antes de acrescentar. — Nasci na França e vim ao Winter Garden a pedido de seu governo para averiguar quanto me fosse possível sobre uma operação ilegal de contrabando de ópio nos arredores. Logo suspeitei do barão, e acredito que tenho descoberto como e por que o faz — Fez uma pequena pausa. — Me contará o que sabe agora?

Os traços da Desdémona se esticaram em uma expressão pensativa enquanto a moça assimilava a informação.

— Por que você? — perguntou perplexa.

Essa era a pergunta que temia Madeleine.

— Trabalho para o governo britânico no estrangeiro — respondeu com a esperança de que fosse suficiente.

— Quão mesmo faz o senhor Blackwood na Inglaterra — assinalou Desdémona, que começava a entender tudo.

— Assim é.

A jovem mordeu os lábios e abaixou um pouco a cabeça com um leve sorriso antes de endireitar-se e contemplar a neve que havia junto a seus pés.

— Só vi o ópio em uma ocasião, oculto em duas caixas que o barão levava através do túnel uma noite que não me esperava — murmurou. — Ao princípio não tinha nem ideia do que era, mas ele me disse isso com sua habitual arrogância quando o perguntei. Estou segura de que se acreditou a salvo ao me confessar isso dado que eu não poderia desmascarar sua operação sem revelar que me encontrava em sua propriedade de noite, ou ao menos que o conhecia muito intimamente — Pôs-se a rir de novo, nervosa. — Quando o surpreendi, ficou furioso pelo fato de que tivesse entrado sem permissão no túnel com a intenção de seduzi-lo. É



obvio, aproveitou-se de mim apesar de tudo, sabendo de que seria a última vez que nos estaríamos juntos. Eu já sabia que estava grávida de seu filho, mas não queria dizer-lhe até que estivesse segura de que me amava e de que queria casar-se comigo. Depois de tudo, provenho de uma boa família e devia me converter em uma esposa respeitável. Ele se deitava comigo sabendo que podia me deixar grávida, assim, ingênua de mim, supus que me queria — Levantou as pálpebras e deixou ao descoberto uns olhos limpos e carregados de lágrimas. — riu de mim quando lhe confessei meu amor, senhora DuMais. Disse-lhe que o amava e que queria me casar com ele, mas em lugar de mostrar-se adorado diante a perspectiva ou aparentar ao menos certa preocupação por meus sentimentos, riu de mim e me chamou «*prostituta*» enquanto vestia as calças.

A moça se rodeou com os braços e apertou a mandíbula com força para controlar a ira.

—Jamais lhe disse do bebê, e jamais o farei — declarou cheia de coragem. — Só conseguiria que ele negasse que é dele, e não penso suportar que me humilhe de novo. O barão do Rothebury não é um cavalheiro. É uma víbora, e farei tudo o que seja possível para conseguir que apodreça na prisão, já que não poderei ver como arde no inferno.

Madeleine lutou contra o impulso de rodear com os braços os abatidos ombros da dama para reconfortá-la. O decoro exigia que se contivesse. Ao menos no momento.

—O que fará? — acrescentou com doçura.

Desdémona sabia que se referia ao momento em que se desatassem os rumores, quando sua família sofresse uma desonra pública depois de que ela revelasse diante das autoridades competentes a relação íntima que tinha mantido com um respeitável barão em seu lar. Nesse instante, Madeleine se compadeceu da mulher.

—Deixe que lhe diga uma coisa a respeito de meu marido, senhora DuMais — começou Desdémona em um tom claro e decidido. — É um velho conhecido da família, alguém que foi um excelente amigo para mim durante anos. Minha mãe nunca gostou dele porque é um pouco afeminado, e de menino sempre preferiu a companhia das meninas a dos meninos. Nunca me importou, porque é uma alma tenra que sempre escutou minhas queixas sem me julgar e me secou as lágrimas quando chorava sobre seu ombro. Ele e eu fomos muito parecidos de



meninos: as típicas ovelhas negras da família, desencaminhados, os que, embora por diferentes raciocínios, jamais conseguimos agradar a nossos pais nem cumprir as expectativas que tinham para nós — Respirou fundo e levou as mãos à face como se estivesse rezando antes de dizer. — Estou segura de que entenderá que lhe peça que não diga uma palavra a respeito disto.

— É obvio — replicou imediatamente Madeleine.

— Meu marido é... — Fechou os olhos com força durante um segundo antes de abri-los de novo. — Meu marido prefere a companhia dos homens. Compreende?

Madeleine se perguntou se Desdémona esperava que isso a impressionasse, ou possivelmente que ficasse atônita ao escutá-lo. Em lugar de questioná-lo, limitou-se a assentir.

— Entendo.

Isso pareceu satisfazer à mulher, já que não teria que explicar-se. Começou a dar-se golpezinhos com os dedos nos lábios.

— A última noite que passei com o Richard — continuou —, depois de que zombou de meu amor com semelhante desfaçatez, corri em busca do Randolph imediatamente. Todos os dias eu agradeço a Deus que ainda estivesse no Winter Garden para me consolar. Estava desolada e... — Se estremeceu. — Pensei em tirar minha a vida. Ele, o melhor amigo que tive, sugeriu que nos casássemos para proteger o bom nome de nossas famílias. A ele deixariam de ridicularizá-lo aqueles que suspeitavam de suas tendências pecaminosas e eu teria um pai para meu filho. Não demorei mais que um par de horas em aceitar sua proposição.

Madeleine sentiu admiração por esses dois jovens, mas não lhe ocorreu como expressá-lo. Não obstante, Desdémona continuou sem aguardar sua resposta.

— Partirei do Winter Garden em menos de uma semana, senhora DuMais. Meu marido me convidou a viver com sua família no norte do país, dado que recentemente foram transladados ao Belford, perto da costa do Northumberland. São bastante ricos, já que o pai de meu marido acaba de retirar-se da indústria têxtil, e parecem interessados em que vivamos com eles. Pode que Randolph passe anos fora servindo no exército, assim é melhor que fique com sua família, que me acolherá de bom grado e me ajudará a cuidar de meu filho. Minha mãe, como bem sabe não me tem muito carinho, e chegará a me desprezar quando se inteirar do que



tenho feito. É provável, e isso espero que a família do Randolph jamais chegue a descobrir, dado que vivem muito longe deste povoado. Essa é a única razão pela que aceitarei falar com o magistrado.

Madeleine não comentou o fato de que a detenção de um barão era um tema muito sério nem que as notícias do escândalo se estenderiam como a pólvora. Com um pouco de sorte, Desdémona permaneceria no anonimato quando se desentupisse o assunto, e possivelmente somente uns poucos conhecessem sua implicação.

Estendeu os braços por fim para tomar as mãos da Desdémona, embora supunha que a dama desdenharia imediatamente o abraço de consolo. Não o fez. O mero contato pareceu tranquilizá-la e se afundou ainda mais sob o casaco com o indício de um autêntico sorriso de gratidão em seus pálidos lábios.

—O que dirá sua mãe a respeito de sua partida, Desdémona?

A jovem meneou a cabeça e fechou os olhos durante um par de segundos, como se desejasse proteger-se das discrepâncias que estavam por chegar.

—Ainda não sabe, mas não demorarei muito em dizer-lhe. Não obstante, já não tem muita importância. Minha irmã jamais encontrará marido, o nome de meu pai se verá manchado e a venerável Penélope Bennington-Jones se arruinará junto à perda de sua filha, que desonrou a todos eles deitando-se com o Richard Sharon, o grande barão do Rothebury...

—O homem que seduziu a uma moça inocente enquanto roubava ópio e o passava de contrabando ilegalmente por todo o país — a interrompeu Madeleine com a intenção de suavizar um pouco a tormenta que se descarregaria sobre os habitantes do Winter Garden. — Não é nenhum santo, Desdémona, não o esqueça. Sua família sobreviverá, e você estará bem. É uma mulher forte e contará com seu marido, quem está disposto a mantê-la e a cuidar de sua segurança e de seu bem-estar. Poucas damas são tão afortunadas.

Como se evocasse uma doce lembrança, Desdémona sorriu e lhe apertou a mão.

—Jamais voltarei a conhecer a intimidade física, jamais sentirei a paixão...

—Isso não sabe — interveio Madeleine.



Desdémona realizou um triste movimento negativo com a cabeça e apartou a mão antes de voltar-se de novo para a praça do povoado.

—Sim que sei, mas terei um filho a quem lhe entregar meu amor e um marido que será meu amigo. Com isso bastará.

Madeleine deixou escapar um suspiro, incapaz de rebater isso, e começou a caminhar de novo rua abaixo sorteando os regueros de barro e neve derretida. Desdémona seguiu a seu lado.

—Quando retornará a França? — perguntou-lhe em voz baixa para trocar de tema.

Madeleine não queria pensar nisso.

—Não estou segura, embora será logo.

Desdémona a observou com atenção.

—O que pensa fazer com o senhor Blackwood?

Sentiu que lhe acelerava o pulso, mas tentou ignorá-lo.

—Não sei muito bem o que quer dizer.

Pela primeira vez desde que se encontraram na igreja, a jovem dama deu amostras de ser a mais sábia e amadurecida das duas, e sorriu com perspicácia ao tempo que meneava a cabeça.

—Está apaixonado por você, sabe?

Madeleine se deteve um instante e sentiu que lhe secava a boca.

—Como diz?

—Apaixonado — repetiu Desdémona — e muito, a meu parecer.

Estava claro que a mulher se equivocava.

—Não acredito.

—Não? — Desdémona se pôs a rir ao escutá-la. — Todo mundo no povoado sabe, senhora DuMais. É tão evidente que estava segura de que você saberia, ou que ao menos o suspeitaria. Mas suponho que todos somos um pouco cegos no que ao amor se refere, em especial quando não queremos ver o que temos diante dos olhos.



Madeleine ficou imóvel da cabeça aos pés, paralisada, e de repente se sentiu apanhada. Como um cervo correndo diretamente para seu caçador.

— Posso lhe fazer uma sugestão, senhora DuMais?

As palavras soaram brucas e agudas em seus ouvidos, e ressonaram com força. O frio a envolvia e uma rajada de vento levantou cristais de neve e os arrastou até a pele nua de seu rosto.

Contudo, era uma profissional e se negava a notar essas coisas, negava-se a aceitar uma afirmação que carecia por completo de fundamentos.

— Certamente — replicou em um intento por manter a compostura.

Desdémona a examinou-a de cima abaixo.

— Eu nunca desperdiçaria a oportunidade de estar com alguém que me ama apaixonadamente — a repreendeu. — Está claro que já não me acontecerá, porque não penso abandonar ao meu marido. Pronunciei os votos matrimoniais muito a sério e temos um filho em caminho cuja segurança terá que ter em conta — Deu um passo para aproximar-se e baixou a voz até convertê-la em um sussurro. — Mas em uma ocasião vi como a olhava o senhor Blackwood enquanto ambos passeavam pelo povoado, e li o que sentia por você em seu rosto como se de um livro aberto se tratasse. A ama com desespero, senhora DuMais. O rumor se estende muito depressa por todo Winter Garden, e a verdade é que a invejo. Bem é certo que está descapacitado, mas eu o seguiria, ou a qualquer outro homem, até os limites do mundo, se me olhasse assim. Embora só fora uma vez.

Madeleine não se sentiu tão afligida em toda sua vida. Ficou ali de pé, atônita, com a boca aberta e a mente feita uma confusão. De repente, as palavras que levava escutando em sua cabeça durante toda a manhã deixaram de ser melodiosas e se converteram em um penetrante guincho.

«Não quero que parta Madeleine.»

«Você é tudo o que desejo, Madeleine. “Quão único desejei sempre.”

«Amará-me agora, Maddie?»



Tinha-lhe perguntado isso com os olhos carregados de medo, mas naquele momento ela tinha assumido que se referia a se faria amor com ele. Nesse instante, os detalhes concretos das frases cobraram um novo e importante significado que não podia seguir ignorando. Para falar a verdade, já tinha considerado o que Desdémona lhe tinha sugerido, mas não com tanto detalhe. Possivelmente não tinha desejado vê-lo. Podia dirigir uma relação sexual, um romance circunstancial com um final definitivo que ambos conheciam. Entretanto, não acreditava ser capaz de aceitar esse amor. Não um amor real, ardente e desesperado. Não saberia como dirigir nem como devolver algo assim. Notou que começava a tremer. Apertou as mãos com força no interior da manga do casaco para tentar manter o controle.

Desdémona se endireitou uma vez mais e alisou o casaco com as mãos em um gesto despreocupado, sem olhá-la.

— Estou segura de que é consciente de que minha mãe a detesta — confessou com franqueza.

Madeleine não soube se tornar-se a rir, ficar a gritar ou lhe agradecer à dama tão sutil mudança de tema.

— Suponho que sim — conseguiu responder, embora tinha a boca tão seca como a lixa de um carpinteiro.

Desdémona apartou um cacho da bochecha, ruborizada pelo frio.

— Sabe por quê?

Observou o arredondado e inocente rosto da jovem durante um instante, sem saber muito bem o que devia responder.

— Imagino que é porque sou francesa.

Desdémona esboçou um sorriso satisfeito e a olhou nos olhos.

— Engana-se, senhora DuMais. Minha mãe a despreza porque você é muito inglesa.

Madeleine sentiu que o sangue abandonava seu rosto e Desdémona riu ao vê-la antes de rodear-se com os braços e começar a balançar-se sobre os calcanhares.

— Não esperava algo assim, né?

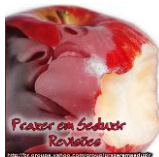
Madeleine não podia mover-se, nem muito menos falar.



Ao parecer, Desdémona se deu conta disso e encolheu os ombros em um gesto alegre.

—Deixando de lado seu marcado acento francês, você é o epítome de tudo o que se respeita em uma mulher inglesa, senhora DuMais. Mostra-se cordial quando outros a insultam grosseiramente, educada com os de sua classe, reservada quando deveria ser, elegante e sofisticada tanto no estilo como nas maneiras, e com um manejo soberbo do idioma. Minha mãe se aborrece ao ver todas essas qualidades em uma «*desprezível francesa*» — O olhar da jovem se voltou intenso. — É possível que haja muitas francesas como você, embora não acredito. A questão é que, apesar de que nós damos muita importância à linhagem e à posição social, é óbvio que o lugar ou a posição que alguém ocupa no momento do nascimento são irrelevantes na hora de avaliar à pessoa que alguém chega a ser. Poderia ser inglesa se assim o decidisse, e outros aprenderiam a respeitá-la como tal. Possivelmente seja isso o que o senhor Blackwood admira em você, e o que quer que ocorra enquanto está aqui — Desdémona voltou à vista para a praça do povoado, deserta e branca antes de adicionar. — Sabe? Vivi no Winter Garden toda minha vida e jamais tinha visto nevar. Tudo troca, e suponho que isto é um sinal de que chegou o momento de seguir adiante — Olhou pela última vez a Madeleine e inclinou a cabeça em uma saudação formal. — Farei quanto esteja em minha mão para ajudá-la, mas partirei na sábado. O magistrado deverá me citar antes desse dia. Adeus, senhora DuMais. Desejo-lhe tudo de bom.

Logo, depois de recolher as volumosas saias, Desdémona passou junto a Madeleine e caminhou pela silenciosa rua em direção ao lar que logo abandonaria enquanto seus pés faziam ranger a fina capa de gelo que cobria o chão.



Capítulo 21

Madeleine retornou à casa presa do estupor e caminhou muito devagar, alheia ao fato de que lhe estavam congelando as extremidades e de que tinha o nariz, as bochechas e os lábios intumescidos pelo frio.

Não conseguia decidir se Desdémona estava completamente louca ou se era incrivelmente perspicaz para sua idade. O certo era que tinha razão, as coisas mudavam e os tempos também. Sua vida já não era a mesma da noite anterior, antes que Thomas e ela fizessem amor. Nem tampouco era a mesma essa manhã, quando se aproximou de Desdémona com as ideias claras, as emoções controladas e um objetivo profissional em mente. Nesse momento retornava estupefata, inquieta e com medo do desconhecido.

Precisava ver o Thomas, decidiu ao tempo que acelerava o passo e rogava não escorregar pelo gelo. Precisava sentir seus lábios sobre ela, sua pele contra a sua, o ter dentro dela. Necessitava desesperadamente estar com ele, fugir dele, e de repente desejou não havê-lo conhecido nunca. Mas o que mais desejava era olhá-lo nos olhos e ver por si mesma tudo o que Desdémona havia dito.

Poderia vê-lo de verdade? Se fosse certo que ele a amava, não deveria ter se dado conta antes que outros? Negou-se a dar-se conta? Ou acaso essa ideia de que lhe professava uma espécie de amor eterno não era mais que uma tolice que tinha imaginado uma jovem com sonhos românticos?

A vida se voltava muito complicada quando os sentimentos estavam envolvidos. Alguma vez se apaixonou por alguém, do modo que estava, ou seja, o que se sentia? Jacques a amou, e ela a ele, ou ao menos assim acreditava, mas aquilo foi diferente do que sentia pelo Thomas. Os sentimentos que albergava pelo Jacques eram reconfortantes, tranquilos, agradáveis e singelos, e as relações sexuais, prazenteiras e satisfatórias em geral. De fato, o sexo que praticou com os poucos homens de sua vida sempre estiveram entre o agradável e o



rotineiro; a satisfação da mútua luxúria e uma ocasião para desfrutar de um pouco de intimidade, nada mais. E frequentemente, pouco memorável.

Entretanto, do momento em que conheceu Thomas, as reações que experimentou com ele foram muito incomuns (surpreendentes, em realidade) e totalmente inesperadas. Cada vez que Thomas a tocava, a atmosfera se voltava densa; cada vez que a beijava, sentia mariposas no estômago; cada vez que entrava na sala e a olhava de cima abaixo com esses olhos escuros e diretos, seu coração pulsava de maneira errática e se sentia arrastada para sua irresistível boca. Sua maneira de fazer amor não se parecia com nada que tivesse experimentado anteriormente, embora não saberia dizer por que. Era... enfeitiçador.

O que sentia por ele com exatidão? Para falar a verdade, não o conhecia muito bem. Conhecia muitas das coisas que gostava e que detestava seus pontos de vista sociais e políticos, e também suas aspirações e seus interesses pela simples razão de que eles ficaram muito tempo falando disso. Não obstante, havia muitas outras coisas que ele mantinha em segredo. Era possível que estivesse apaixonada pela parte dele que conhecia que o amasse tal como era?

O mais importante, entretanto, era essa ideia de que ele estivesse apaixonado por ela. Em realidade, parecia-lhe impossível. Nenhum homem a tinha amado anteriormente, e supunha que parte da culpa era dela. Jamais permitiu que ninguém se aproximasse o bastante no plano emocional. Respeitava a si mesma, admirava a mulher em quem se converteu, mas o tempo não apagava o fato de que era a filha ilegítima de uma atriz viciada no ópio, que dançou em distintos teatros de variedades e que perdeu a virgindade aos quinze anos com o primeiro de muitos amantes, e Thomas tinha conhecimento de todas essas coisas. Estava a ponto de fazer trinta anos. Muitos homens a desejavam como amante, mas nenhum cavalheiro respeitável a tinha querido jamais como esposa. Não quando eles ficavam sabendo qual era a razão pela qual Madeleine colocou o trabalho por cima de todo o resto. Era a única coisa no mundo que de verdade era dela, a única coisa que tinha conseguido graças a sua inteligência, sua sagacidade, sua dedicação e sua determinação. Era a única coisa que lhe proporcionaria certo orgulho e felicidade no fim de sua vida, além da satisfação de ter feito algo bem. Jamais renunciaria a isso por amor ou por um matrimônio. Jamais. E Thomas sabia por que ela mesma lhe disse.



Amava-a de todas as formas? Depois de uns minutos de reflexão, chegou à conclusão de que não era provável que a amasse. O mais seguro era que estivesse enamorado, já que lhe deu toda sua atenção, fez amor com ele, quando ele tinha descartado a possibilidade de que ocorresse e se converteu em sua amiga e em sua colega de trabalho. Além disso, somente se conheciam a poucas semanas. Estava claro que o amor necessitava mais tempo para florescer. Contudo, meditar sobre isso lhe tinha reportado muito poucas respostas e muitas perguntas desconcertantes.

O vento agitava a neve solta, de modo que o alpendre estava coberto por uma fina camada de gelo quando por fim entrou nele poucos minutos depois. Quando abriu a porta e entrou na casa, o calor do fogo e o aroma dos móveis encerados e do pão torrado lhe provocaram uma idílica sensação de lar. Entretanto, aquele não era seu lar, e faria bem em recordá-lo. Partiria dali em breve e retornaria à vida que levava na França, à luz e o calor do sol e a sua residência privada na rue da Fleur, na Marsella; voltaria a ver sua donzela, Enjoe Camille, e a desfrutar do extenso guarda-roupa e da comida que tanto sentia falta. Recuperaria seu trabalho na França. Isso era o que necessitava. Sem ter em conta a sombria tristeza que lhe provocava a ideia de deixar ao Thomas, devia recordar onde a necessitavam.

Uma vez tomada essa determinação, utilizou os dedos rígidos e gelados para desabotoar o casaco antes de pendurá-lo no gancho junto com a luva. Depois de um estremecimento, esfregou os braços com as mãos para se aquecer e depois passou os dedos pela trança da nuca para assegurar-se de que seguia em seu lugar. Ato seguido endireitou as costas e se dirigiu à sala de estar e depois à cozinha, onde encontrou ao Thomas examinando uns papéis que tinha estendido sobre a mesa com a cabeça abaixada e uma pluma na mão. Deteve-se na porta para contemplá-lo e se comoveu profundamente ao ver seus traços fortes, atraentes e viris. Sua resolução veio abaixo de imediato.

Dado que o dia estava nublado, era necessária a luz do abajur, e o resplendor desta criava uma fina e ondulada faixa prateada que começava em seu escuro cabelo e caía, sem que ele percebesse, até sua fronte. Usava uma singela calça negra, uma camisa branca de linho aberta até o pescoço com as mangas dobradas e, é obvio as custosas botas de couro negro com



fivelas douradas e o pé direito de madeira que essa madrugada lhe tinha mostrado detalhadamente. A barba de seu rosto, sem barbear desde o dia anterior, dava-lhe uma aparência tão desalinhada que Madeleine desejou colocar as palmas das mãos por cima para sentir sua aspereza contra a pele, o que a sua vez recordou como lhe raspou essa barba a face interna das coxas a noite anterior.

O mero feito de olhá-lo, de pensar nessa experiência, debilitou-a por dentro. Fez-lhe um nó nas vísceras e sua respiração se acelerou. Depois de considerar uns instantes, deu-se conta de que jamais lhe tinha passado isso com nenhum outro homem. Somente com o Thomas.

De repente, ele olhou em sua direção e se endireitou imediatamente, surpreso ao vê-la. Estava tão absorto na papelada que nem sequer a tinha ouvido entrar.

Seus olhares se encontraram e Madeleine se apoiou contra o marco da porta, com os braços cruzados à altura do peito e um mínimo sorriso de satisfação nos lábios.

Ele a viu e sorriu com ar tímido, mostrando seus brancos dentes e o rubor de sua pele.

Rubor. Thomas tinha se ruborizado. Ao pensar na noite anterior? De vergonha pela ardente e incontrolável paixão que tinham compartilhado apenas umas horas antes? Madeleine morria por saber, mas não pensava perguntar-lhe. Sua reação tinha sido encantadora, tão doce e simpática que o fazia parecer muitos anos, mais jovem e completamente feliz.

— Enviei-lhe uma mensagem urgente ao sir Riley — disse ele depois de esclarecer a garganta. — Lhe expliquei a situação com todo detalhe e espero receber uma resposta amanhã mesmo.

Ela não disse nada. Limitou-se a olhá-lo com atenção: a plenitude de sua boca; a diminuta e quase imperceptível fenda de seu queixo; a forma em que suas largas e abundantes pestanas se curvavam para cima; seu nariz elegante e aristocrático; a eterna mecha de cabelo que lhe caía entre as sobrancelhas e que nunca parecia incomodá-lo.

— Averiguou algo? — perguntou com um tom um pouco mais sério ao ver que ela não abria a boca. Depois, deixou a pluma no tinteiro que havia sobre a mesa.

— Sim — murmurou ela sem apartar a vista de seus resplandecentes olhos castanhos. — Acredito que sim.



E logo, sem mais comentários, caminhou até ele, sentou-se com elegância sobre suas coxas e, depois de ignorar a expressão de assombro de seu rosto, recolheu as pernas sob o vestido e se aconchegou contra ele. Apoiou a cabeça sobre seu amplo peito, rodeou-lhe o pescoço com os braços e se aferrou enquanto lhe beijava o queixo e as bochechas, inalando esse aroma, o aroma do Thomas, que tão bem tinha chegado a conhecer.

Sua resposta foi previsível e rápida. Abraçou-a sem dizer palavra e começou a lhe devolver os beijos com carícias tão suaves como uma pluma; pequenas bicadas afetuosas nas bochechas, no queixo e na testa.

Madeleine se cansou das preliminares imediatamente. Com o aumento da paixão, apoderou-se de sua boca e o beijou de maneira intensa, possessiva e faminta, e ele se deu conta de tudo. Thomas levantou as mãos por detrás dela, desfez-lhe a trança para deixar que o cabelo caísse solto sobre suas costas e depois enterrou os dedos nele para desenredá-lo. Ato seguido cobriu-lhe um peito com uma mão e o massageou por cima do vestido antes de acariciar o mamilo para convertê-lo em uma ponta deliciosamente sensível. Madeleine deixou escapar um suave gemido.

Sentia sua ereção através das distintas camadas de malha e trocou de postura sobre seu colo a fim de aproximar-se o máximo possível. Separou as pernas para lhe permitir o acesso a uma das indagadoras mãos masculinas. Ele obedeceu à silenciosa exigência, aproveitou a posição para introduzir a mão sob o vestido e começou a lhe acariciar a panturrilha por cima das meias. Madeleine enredou os dedos em seu cabelo e empurrou os quadris para cima, suplicando sem palavras suas carícias.

Presa de uma necessidade abrasadora, Thomas soltou um grunhido e de repente o fogo estalou entre eles. Madeleine puxou sua camisa até que saltaram os dois primeiros botões e depois colocou a boca sobre seu peito para umedecer o contorno de seus mamilos com a língua. Ele procurou provas às anáguas e puxou-as até que foi capaz de colocar a mão; depois, explorou a abertura com os dedos e começou a indagar.

Acariciou-a muito devagar em um princípio, mas quando ela começou a lhe umedecer a mão, os movimentos se voltaram mais rápidos e íntimos.



Madeleine deixou escapar um gemido gutural entre os ofegos e lhe beijou o musculoso peito antes de subir de novo até o pescoço e o rosto para lhe percorrer a cicatriz e depois a boca com a ponta da língua.

A respiração do Thomas era cada vez mais irregular, mas ele não retrocedeu em seu implacável empenho por lhe proporcionar esse prazer que cada vez estava mais perto.

Foi tão rápido, tão ardente, tão puxador, tão...

Enfeitiçador.

Madeleine chegou à borda do abismo em questão de segundos. Enquanto a explorava e a acariciava com os dedos, Thomas se apoderou de seus lábios e lhe introduziu a língua na boca.

Sim, gritou a mente de Madeleine enquanto lhe devolia os beijos com ardor e se retorcia contra sua mão. Sim, Thomas, sim!

Ame-me!

E por fim chegou essa gloriosa explosão interior. Jogou a cabeça para trás e fechou os olhos para fugir do intenso olhar de Thomas; gritou de prazer e saboreou esse maravilhoso e doce momento como nunca antes o tinha feito.

Deixou-se levar pelo êxtase durante uns segundos antes de incorporar-se, aferrar-se com força a seu pescoço e aconchegar-se contra seu peito.

—Quero ficar aqui para sempre — ouviu-se dizer ao longe, apenas consciente de que as palavras procediam de seus lábios.

Não lhe pediu nenhum tipo de elucidação. Retirou a mão que tinha metido sob o vestido, agarrou-a nos braços e a apertou com força enquanto suas doloridas, cansadas e deterioradas pernas a levavam lentamente da cozinha até o quarto do andar superior.



Capítulo 22

Ainda sonolenta Madeleine despertou nessa escura e lúgubre manhã com o tamborilar constante da chuva sobre o telhado. Não tinha deixado de chover em dois dias e a neve se derreteu, de modo que os caminhos eram uma massa de barro que se cobriam de gelo durante a noite e que tingia o povoado de um espantoso tom marrom. Aborrecia esse incomum período de frio quando o tinha que enfrentar, mas adorava permanecer na acolhedora calidez da casa; tanto, de fato, que não tinha nenhuma vontade de assistir à reunião com sir Riley que marcaria o princípio do inevitável fim de sua estadia no Winter Garden.

Embora não o tinha ouvido sair, Thomas já partiu de seu lado e o mais provável era que estivesse na cozinha, preparando o chá. Aproveitou o momento para aconchegar-se ainda mais sob as mantas a fim de evitar o frio do ambiente até que se visse obrigada a fazê-lo.

Tinha dormido nua nas duas últimas e maravilhosas noites na enorme cama de Thomas; nos braços do Thomas; com o travesseiro do Thomas, que cheirava a ele; no quarto do Thomas, que tão bem encaixava com sua personalidade. Para falar a verdade, a casa estava bastante voltada à função que desempenhava, mas mostrava traços visíveis de sua elegância pessoal: o armário, com quatro excelentes trajes de lã e as camisas de seda que os complementavam; o joalheiro lavrado de marfim, que estava em cima de uma cômoda alta de mogno esculpida com puxadores dourados que fazia jogo com a cabeceira da cama; e o baú decorativo que havia aos pés da cama... uma cama muito maior que a sua. O mais surpreendente, o mais fascinante de tudo, era o magnífico quadro (muito antigo e com um custoso marco dourado) de uma casa rural de cor pêssego que se encontrava ao pé de uma colina. Os pastos de cor verde esmeralda e os carvalhos exuberantes enchiam o terreno que rodeava o edifício de dois andares. Peônias⁴, crisântemos e rosas de distintas cores flanqueavam o atalho de cascalho que rodeava a escada de mármore branco que se elevava entre as duas

⁴ Chama-se peônia essa flor repolhudinha, gordinha, delicada e romântica.





elegantes colunas da fachada. Thomas tinha levado consigo essa pintura desde seu lar no Eastleigh, e era o único objeto que ressaltava nas escuras paredes.

Depois de aceitar o inevitável com um suspiro, Madeleine se incorporou por fim e estremeceu quando o frio entrou em contato com sua pele. Nesse mesmo instante, Thomas entrou no quarto com uma bandeja, devastadoramente bonito com uma gasta camisa de linho bege aberta até o pescoço e uma calça azul marinho.

Olhou-a com um sorriso malicioso.

—Trago-te o café da manhã, mas se está tentando me seduzir, asseguro-te que funciona.

Ela seguiu seu olhar e se deu conta de que seus mamilos se endureceram com o frio.

—Sim, eu gosto de manter o quarto frio no caso de existir uma oportunidade de seduzir ao próximo cavalheiro que entrar.

Thomas fechou a porta com o pé esquerdo depois de entrar.

—Seduziria a outro cavalheiro que não fosse eu?

Embora o houvesse dito em brincadeira, parecia ferido, e isso a fez sorrir. Ela empilhou os almofadões as suas costas e apoiou a cabeça neles.

—Só se tivesse mais dinheiro.

—Ah, já vejo... — Caminhou para ela com a bandeja na mão e, sem olhá-la, deixou o café da manhã no colchão junto a suas pernas, ainda cobertas pelas mantas. — É curioso, porque eu somente esperaria um comentário como esse de uma virgem. Ou possivelmente de uma viúva. E você não é nenhuma das duas coisas — antes que ela pudesse responder, colocou as mãos a ambos os lados de seus quadris por cima da colcha, abaixou a cabeça e meteu um de seus mamilos na boca para sugá-lo com suavidade e maestria.

Isso teve um efeito mais que evidente em seu corpo, mas Madeleine resistiu com uma pequena gargalhada e enredou os dedos em seu cabelo.

—Deixou muito claro o que pretende senhor. Agora seja amável e me permita que tome o café da manhã antes que congele.

Thomas se separou com um grunhido e depositou um forte e rápido beijo sobre seus lábios fechados.



— Trouxe bastante para os dois.

Ficou em pé de novo e segurou as alças da bandeja enquanto Madeleine se acomodava contra a cabeceira, deixando os peitos à vista para que ele não esquecesse o muito que gostava. Era o mínimo que podia fazer, pensou com um sorriso egoísta.

Madeleine se concentrou na comida. Tinha-lhe preparado ovos mexidos, presunto frito, fatias de pão torrado lambuzadas com o que parecia geléia de amora e, de sobremesa, uma generosa porção de peras em conserva. Thomas repartiu os alimentos em dois pratos de porcelana e acrescentou duas xícaras de chá com nata e açúcar. Era evidente que tudo estava delicioso, e o estômago do Madeleine começou a rugir.

— Isto cheira a glória — declarou com toda sinceridade.

— Obrigado — Se sentou a seu lado e estendeu o guardanapo sobre as coxas. — Senhora... — disse ao tempo que lhe oferecia algo sobre a palma de sua mão.

Madeleine sorriu e agarrou o garfo.

— É o único homem que conheço que sabe cozinhar, Thomas.

— Bom, mas é que você é a única mulher para a qual cozinhei Madeleine — replicou com um tom alegre.

— Sério? Por que cozinhas para mim? — perguntou depois de tragar o primeiro bocado dos fumegantes ovos.

Ele encolheu um de seus ombros e cravou a vista no presunto enquanto o cortava.

— Alguém tem que fazê-lo. Não pode Beth estar aqui para nos preparar todas as refeições, e é óbvio que você está muito mal acostumada para cozinhar para mim, ao menos no café da manhã, já que prefere vadiar na cama.

— Já! — Soltou uma gargalhada antes de tornar-se para frente para lhe dar um beijo na comissura dos lábios. — Sei distinguir muito bem as desculpas, senhor Blackwood e essa, é muito boa. Ainda não vadiiei nenhuma só vez em sua presença.

Ele sorriu, mas não acrescentou nada mais enquanto ambos se concentravam nos alimentos.



—Sir Riley chegará por volta das quatro — anunciou Thomas com tom indiferente depois de uns minutos de silêncio. — Suponho que será pontual.

Madeleine tratou de ignorar a sensação de abatimento que tinha conseguido abrir caminho sob sua pele ao tempo que admitia que essa era a oportunidade que necessitava para discutir o tema mais importante ao que ambos deviam enfrentar.

Depois de tragar uma colherada de peras e de tomar um sorvo de chá, limpou as comissuras da boca com o guardanapo e abordou com valentia o assunto que mais os preocupava.

—Sabe que terei que partir da Inglaterra muito em breve, Thomas — lhe recordou em voz baixa, embora sabia que ele já devia ter chegado à mesma conclusão.

Ele não a olhou, mas tomou um bom gole de chá.

—Não sei por que temos que falar disso agora. Ainda não terminamos nosso trabalho.

Era certo; entretanto, não havia dito exatamente que desejava que ficasse e o fato de ter evitado a questão tinha deixado todo o peso das explicações sobre os ombros de Madeleine. Devia ser forte para pôr um ponto final adequado a sua relação, e aquele momento era tão bom como qualquer outro. Não queria que se separassem como inimigos, porque para falar a verdade nem sequer desejava separar-se dele. O que lhe disse depois de falar com a Desdémona era certo. Queria ficar ali para sempre, longe do mundo exterior e, encerrada no consolo de seus braços. Entretanto, tinha-lhe feito essa confissão no calor da paixão e Thomas devia saber que esses desejos, embora desejáveis, não eram factíveis. Devia partir por mais desagradável que fosse para ambos, e dadas às circunstâncias, não ficava outro remédio.

Com um comprido suspiro, deixou os ovos sem terminar e a torrada a um lado.

—Thomas, tivemos uma relação maravilhosa...

—Eu também acredito — ele assinalou com tom despreocupado ao tempo que levava o garfo carregado de ovo até os lábios. — E muito intensa para lhe dar fim tão logo. Temos muito que aprender um do outro, Madeleine.

Ela observou como enchia a boca de comida e como mastigava sem apartar o olhar dos alimentos; ao parecer não tomava a sério o que lhe disse.



—Foram semanas estupendas, Thomas — lhe disse com um tom mais sério a fim de deixar tudo bem claro —, mas as relações como a nossa sempre chegam a seu fim. Isso não me faz muito feliz, mas devemos permitir que termine da maneira adequada, não crê? Seremos companheiros e amigos? Não o torne mais difícil do que é.

Uma vez que tragou o bocado e limpou os lábios com o guardanapo, Thomas a olhou nos olhos e a avaliou durante uns instantes, embora sua expressão se tornou mais tensa. Já não parecia tão alegre.

—Classificar o que compartilhamos como uma simples relação é o mais conveniente para ti, verdade? — replicou com secura ao tempo que descartava o que ficava do café da manhã e colocava o prato na bandeja. — Isso te permite retornar a casa e empacotar sua passagem na Inglaterra em uma pequena caixa de deliciosas lembranças que poderá enterrar em um recôndito lugar de sua mente antes de voltar para sua singela e reservada vida.

Isso a incomodou, possivelmente porque se aproximou muito à verdade, embora nunca o admitiria diante dele. Tampouco queria discutir. Devia ser prática, e isso implicava não ter em conta os sentimentos de nenhum deles.

Enlaçou as mãos decorosamente sobre seu colo e tentou deixar as coisas claras uma vez mais.

—Não queria dar a entender que o que houve entre nós foi um capricho insignificante, mas não... — Sua testa se enrugou enquanto tratava de encontrar as palavras adequadas. — Thomas, não é viável em termos práticos. Ambos sabíamos que isto acabaria em algum momento.

—Seriamente? — Cravou nela um olhar vazio. — De modo que esta relação te parece pouco prática porque a considerava algo passageiro, não é assim?

Quanto mais andavam pelos ramos, mais zangada e desconcertada se sentia.

—A relação em si foi prática no sentido de que ambos encontramos consolo e companhia nos braços do outro durante um tempo. O que seria pouco prático é continuá-la.

—Entendo.

Ao ver que não dizia nada mais, Madeleine decidiu acrescentar uma explicação.



—Acredito que seria mais adequado descrever nossa relação como uma breve e agradável... aventura que nos deixou lembranças que ambos entesouraremos nos anos vindouros.

Thomas guardou silêncio uns instantes mais, mas não deixava de olhá-la nos olhos com uma expressão quase suspicaz. E isso fazia que se sentisse incômoda.

—Me diga uma coisa, Maddie — murmurou com uma voz grave que ressonou na pequena habitação—, o que sente ao pensar na França?

Isso a chateou muitíssimo, embora não estava muito segura de por que. Fazia todo o possível por dissimulá-lo com evasivas.

—Não sei muito bem o que quer que diga...

—Se limite a responder à pergunta — insistiu ele.

—Desfruto do calor que faz ali, é obvio. Senti sua falta, e também de minha casa na Marsella, meus objetos pessoais, meu trabalho...

—Essa é uma resposta muito superficial — a interrompeu com aspereza —, e não é o que te perguntei.

Incômoda, Madeleine trocou de postura e baixou as pálpebras para evitar seu olhar; examinou a malha dos lençóis de cor azul escura e se negou a responder essa questão que abrangia sentimentos muito complexos e arraigados de angústia, desejo e ressentimento... contra sua mãe, por ignorá-la por completo; contra seu pai, por partir de seu lado uma e outra vez até que ao final o fez para sempre; contra uma infância que lhe tinham roubado; e contra seu passado em um país que não lhe tinha devotado nada.

—Desdémona acredita que está apaixonado por mim — sussurrou em lugar de responder.

A atmosfera trocou de repente, como uma feroz e turbulenta tormenta. Percebeu a súbita mudança na carga estática do ambiente enquanto o sangue se movia a toda pressa em suas veias, e suas palavras, e seus medos, alcançavam seu objetivo.

—É isso certo? — pressionou-o com um fio de esperança; a vacilação de sua voz tinha deixado claro o muito que lhe preocupava a resposta.



—Ficaria na Inglaterra se te dissesse que o é? — murmurou ele com voz rouca segundos depois.

Madeleine cravou a vista nele e ficou paralisada sob seu ardente olhar.

Notou que não podia respirar que se ruborizava e que seu coração começava a pulsar com força. Ato seguido, a desagradável realidade saiu à luz e todas suas efêmeras esperanças morreram com ela. Sabia muito bem o que era que pretendia.

—Mentiria para que ficasse aqui? Sou um brinquedo estupendo, verdade, Thomas?

Ele meneou a cabeça muito devagar e esboçou um sorriso desagradável ao tempo que se apoiava sobre as palmas das mãos sem deixar de olhá-la.

—É isso o que acredita que quero? Insulta-me ao menosprezar o que opino e o que sinto por ti, mas vou deixar passar — Sua expressão seguia sendo sombria e seus olhos, escuros e abrasadores, pareciam desafiá-la sem disfarces. — Me jugo muito mais respondendo essa pergunta sobre o amor que você escutando a resposta, Madeleine. De modo que lhe perguntarei isso uma vez mais: Se estivesse loucamente apaixonado por ti, ficaria na Inglaterra?

Essa constante ambiguidade acabou por deixá-la frustrada e furiosa até tal ponto que não pôde seguir calada.

—Ficar na Inglaterra para que? Para me converter em sua diligente amante? Para me casar contigo? Para me converter na devota esposa de um... um... espião erudito de meia idade e percorrer o país resolvendo crimes juntos quando não estivermos tomando o chá com nossos vizinhos? Onde viveríamos? Em uma pequena casinha de um diminuto povoado do Eastleigh? Como passaríamos os dias? E as noites? — Sua voz se voltou gélida. — Não sei fazer ponto, nem cuidar do jardim, nem criar meninos, Thomas. Deixando a um lado o amor, tem que haver coisas mais importantes em uma relação a longo prazo que desfrutar da companhia um do outro durante uma partida de xadrez.

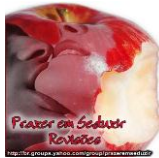
Ele entreceitou os olhos, e seu olhar se voltou cáustica e tormentosa.

—Suponho que não há mais que dizer, já que a ideia de um futuro comigo te parece tão aborrecível...



— Isso não é certo — lhe espetou ela com serena veemência. Inclinou-se para frente sem dar-se conta de que as mantas lhe caíam até a cintura e a deixavam exposta. — Não te atreva a retorcer minhas palavras para escolher a solução mais fácil e me fazer ficar como a vilã. O que estou dizendo é que acredito que tudo isto... — Fez um amplo gesto com a mão e acrescentou. — Tudo isto não é mais que um conto de fadas; e os contos de fadas podem ser maravilhosos, mas são para os meninos, Thomas. Dentro de uns quantos anos também eu terei chegado à meia idade e perderei minha beleza. Que cavalheiro me quererá então? Queria-me você? Sejam sinceros. Sou uma mulher do mundo, uma mulher que viveu sozinha e se manteve a si mesma fazendo o necessário para sustentar suas necessidades enquanto tratava ao mesmo tempo de conservar intacta a pouca dignidade que ficava. Quando tinha pouco mais de vinte anos, ofereceram-me a oportunidade de trabalhar para seu governo e a aproveitei. Não renunciarei a ela por amor, nem por ti, nem por nada nem ninguém, mas não porque não queira fazê-lo, mas sim porque não posso. A única forma de proteger meu futuro é economizar todo o possível dos ganhos que obtenho trabalhando em uma profissão em que me valorizam em que tenho um posto assegurado. Pelo que faça agora dependerá a vida que leve nos próximos anos, minha sobrevivência, meu compromisso com a pátria de meu pai e, o mais importante, meu amor próprio. O trabalho é quão único tenho, e me necessitam na França... necessitam-me — Embora sabia que lhe tinha magoado, endireitou os ombros em uma pose desafiante e acrescentou com suavidade. — Acredito que está encantado comigo, Thomas, não apaixonado. A muitos homens aconteceu o mesmo antes que a ti, e provavelmente acontecerá com muitos outros depois, antes que fique velha e indesejável para todos eles. Não é mais que uma fantasia, e é fácil deixar as fantasias a um lado quando se confrontam cara a cara. E isso é o que fará quando eu partir.

Durante um interminável momento o único que se escutou foi o tamborilar da chuva sobre o telhado e a respiração lenta e regular de Thomas, que estava sentado à escassa distância dela e a olhava com olhos duros como o cristal, a mandíbula apertada e o corpo rígido como uma pedra. Quando Madeleine acreditou que o coração lhe estalaria no peito, ele apartou o olhar e ficou em pé para caminhar com ar tenso. Deteve-se com a mão no trinco e, sem sequer girar-se para olhá-la, disse com rudeza.



—Não vejo que transcendência pode ter o fato de que te expresse meus sentimentos se já decidiste que carecem de importância.

Saiu do quarto e fechou com força a porta.



Madeleine se banhara na estalagem pela última vez e amarrou o cabelo limpo e úmido antes de enrolá-lo em dois coques ao redor das orelhas. Depois vestiu o vestido de seda cor ameixa sob o casaco e a luva, subiu o capuz para se proteger do frio e retornou a toda pressa à cabana.

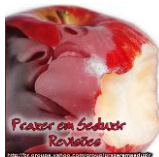
Tinha o coração quebrado, mas sua mente já tinha tomado uma firme decisão. Não se renderia aos sentimentos irracionais, nem aos rogos, nem a esse olhar do Thomas que lhe dava a entender que estava perdendo a seu melhor amigo. Não havia tornado a vê-lo da discussão daquela manhã, e provavelmente fosse o melhor. Ele partiu da casa e Madeleine se encarregou de lavar os pratos do café da manhã, de arrumar tudo e de guardar algumas coisas nos baús a fim de ir preparando-se para a viagem de volta, que seria em um ou dois dias no máximo. Fazia uma última visita à senhora Mossley e lady Isadora para lhes explicar que seu trabalho com o Thomas estava quase acabado e que, portanto deviam despedir-se, embora prometeu que lhes escreveria.

Não tinha chorado em anos, e não pensava fazê-lo ao partir do Winter Garden. Sua marcha era necessária, de modo que faria o possível por enterrar sua tristeza. A neve que caiu três noites antes tinha sido mágica, igualmente aos sentimentos que os tinham embargado tanto ao Thomas como a ela enquanto faziam o amor frente ao fogo. Desde então, um clima cinzento e triste tomou conta do povoado, e o mesmo se fez realidade com eles.

Superaria a dor da partida, e não choraria.

Não choraria.

Caminhou com rapidez até o alpendre e abriu a porta da casa com o coração apertado, porque sabia que Thomas já teria retornado há essas horas. Não queria discutir, mas não estava certa, de poder resistir a ele se tentava fazer amor com ela, e estava bastante claro que o tentaria. Render-se a ele seria desastroso, já que só serviria para mascarar os sentimentos que albergava em seu interior e para deixar ao descoberto as mentiras que com tanta veemência tinha pronunciado horas antes.



Além disso, sir Riley chegaria as quatro e já eram mais das três e meia. Com um pouco de sorte, a escassez de tempo impediria que revelasse o que guardava em seu coração.

Não obstante, quando entrou no vestibulo escutou vozes graves e masculinas procedentes da sala de estar, e compreendeu que o londrino tinha chegado antes do esperado. Seu nervosismo aumentava com cada passo que dava para a sala. Deveria ter estado ali para lhe dar as boas-vindas a sua chegada, posto que sir Riley era seu chefe e tudo o que fazia em sua corporação se submetia a um rigoroso escrutínio. Inclusive nesse momento devia mostrar seu melhor aspecto e suas melhores maneiras, e parecer muito segura de si mesma, algo que lhe resultaria tremendamente difícil com o Thomas tão perto, olhando-a e pensando na conversa íntima que mantiveram antes de separar-se de maneira tão apressada e em términos tão incertos.

Foi ao Thomas a quem viu primeiro, vestido com um traje formal de cor cinza escura, um colete de listras diagonais cinzas e negras, uma camisa de seda branca e uma gravata negra. Penteou o cabelo para trás e se barbeou. Madeleine sentiu um nó no estômago só vendo-o, já que como de costume estava impressionante, e seu aspecto atraente e autoritário alagava a residência. Sir Riley, que era dois ou três anos mais jovem que ele, era um homem tão impressionante como Thomas, e com uma estatura e uma compleição similares. Tinha o cabelo negro, e seus olhos de cor avelã assimilavam todos e cada um dos detalhes do que viam com uma inteligência que rivalizava com a do outro. Também possuía uma espécie de sexto sentido para detectar a verdade que lhe outorgava a capacidade natural de distinguir uma mentira descarada da mais mínima distorção, tanto nos indivíduos de classe baixa como nos de classe alta. Isso o convertia no homem perfeito para o posto que ocupava na segurança nacional, e Madeleine admirava muito seu talento. Tinha uma expressão ardilosa, embora suas maneiras eram do todo encantadoras. Também era extremamente bonito, algo no que ela poderia ter prestado atenção em outro lugar e em outras circunstâncias. Nesse instante, semelhantes pensamentos lhe resultavam irrelevantes; inclusive, e por mais ridículo que fosse, próprios de uma adúltera.



Thomas a percorreu de cima abaixo com um olhar indiferente, e nesse momento ela teria entregue as economias de toda sua vida para averiguar o que pensava o que opinava dela, como se sentia. Ficou tão estupefata ao dar-se conta disso que a ponto esteve de começar a chorar ali mesmo. Negou-se a trocar a vida na Inglaterra pela que forjou na França e, entretanto, nesse instante compreendeu que seu futuro não importava se Thomas não era feliz. Ela poderia fazê-lo feliz, e não havia nenhum homem no mundo que o merecesse mais...

—Minha querida Madeleine! — exclamou sir Riley, interrompendo suas inquietantes reflexões. — É um prazer vê-la de novo, sobre tudo em tão interessantes circunstâncias — Avançou para ela com passos formais e um sorriso de autêntico prazer no rosto.

Madeleine piscou com rapidez a fim de recuperar-se e concentrou sua mente no momento presente antes de esboçar um sorriso radiante e estender a mão.

—Sempre é um prazer, sir Riley, e tem você muito bom aspecto. Foi tudo bem durante a viagem até o Winter Garden?

—Bastante bem, obrigado — replicou ele, que levou seus nódulos até os lábios antes de soltá-los rapidamente. — Passei bastante frio no trem, já que esqueci a garrafa de água quente e não havia nenhuma disponível. Mas ao menos a neve se derreteu e os caminhos já haviam tornado a ser transitáveis quando agarrei a carruagem até o povoado — Sacudiu a cabeça e franziu o sobrecenho ao pensá-lo. — É bastante incomum ver uma nevada assim nesta parte da Inglaterra.

—Me disseram isso — replicou ela com cortesia.

Sir Riley se afastou de novo e enlaçou as mãos às costas.

—Aluguei um quarto na estalagem quando cheguei. Parece bastante cálido e cômodo para minhas necessidades. Penso passar uma boa noite de descanso antes dos acontecimentos que terão lugar amanhã.

Madeleine olhou ao Thomas, que permanecia impassível frente ao fogo com a cabeça inclinada, o olhar encurvado e os braços aos flancos, embora o modo em que movia os dedos contra os polegares delatava certo nervosismo.



—Possivelmente fosse mais apropriado que nos sentássemos para que você pudesse nos explicar o que é que vai ocorrer — propôs com tom afável. — Ou já falaram sobre isso vocês dois?

O homem arregalou os olhos, como se essa ideia nunca lhe tivesse passado pela cabeça.

—Não, certamente que não — insistiu. — Nossa conversa se centrou no insólito do clima e na saúde de outros, como era de esperar. Nesse tipo de coisas. Alegrou-me muito descobrir que ambos conseguiram escapar ilesos dessa detestável gripe que apareceu recentemente. Mas, não, estávamos esperando que chegasse para começar a falar de temas sérios, Madeleine.

Madeleine conteve uma gargalhada de puro deleite. Esse homem era tão adorável e encantador que recordava a um desses bonecos de trapo aos que os meninos estavam acostumados a levar de um lado ao outro, agarrados pelo pescoço e contra os que se aconchegavam pelas noites.

Não, não era um boneco de trapo, a não ser um enorme urso de pelúcia.

—Gostaria de um chá? — perguntou-lhe com voz doce, surpreendida de que Thomas não o tivesse oferecido.

—Não, não, muito obrigado — rechaçou com um gesto de mão. — reservo o apetite para o guisado e a cerveja que tomarei muito em breve na estalagem. Não ficarei aqui muito tempo, e estou seguro de que você... — Jogou uma rápida olhada ao Thomas. — Você e o senhor Blackwood terão muitas coisas que discutir.

Esse comentário a deixou desconcertada, embora não tinha muito claro por que.

O que é que sabe este homem? Perguntou-se.

—Certamente, sir Riley — Era a resposta que cabia falar, e se negou redondamente a revelar sua confusão enquanto o acompanhava até o sofá. — Tome assento, por favor.

Thomas ainda não havia dito uma palavra desde que ela chegou. Madeleine tentou impedir que isso a incomodasse enquanto rodeava a mesinha de chá, mas, embora tratou de evitar, as saias do vestido roçaram as botas masculinas antes que tomasse assento no outro extremo do sofá, o mais possível afastada da cadeira que ele ocuparia.



Ele nem sequer pareceu dar-se conta, já que permaneceu com o olhar fixo no tapete, as mãos enlaçadas às costas e um leve cenho franzido em seu complexo rosto.

Sir Riley se sentou a seu lado com as pernas cruzadas e manteve uma expressão relaxada quando esclareceu a garganta antes de falar.

— Bem — começou em um intento por romper o gelo —, nos centremos nos assuntos que nos concernem. Eu... bom... acredito que tenho um plano em mente que serviria para apanhar ao barão e deixar ao descoberto suas atividades ilegais enquanto leva a cabo um novo roubo.

Madeleine arregalou os olhos por causa da surpresa, e do orgulho. O orgulho inglês. Que inteligente era aquele homem...

— Pensa lhe fazer uma armadilha para pega-lo com as mãos na massa — sussurrou, pensando em voz alta. — Uma ideia maravilhosa. Estou impaciente por ver a cara de assombro que põe quando o prenderem. É um homem muito arrogante.

Thomas a olhou pela primeira vez, mas sem revelar nada.

— É a única forma de nos assegurar de que acaba na prisão — assinalou com calma. Um pequeno sorriso surgiu da comissura esquerda de sua boca e ocultou durante um instante a cicatriz, embora Madeleine não estava segura se foi um sorriso autêntico ou uma careta sarcástica. — Desdémona, embora seria uma magnífica testemunha presencial, pode retratar-se no último minuto e decidir que não quer atestar — Converteu sua voz em um murmúrio eloquente. — Necessitamos provas e ela, depois de tudo, não é mais que uma jovem caprichosa.

O significado oculto do comentário não passou despercebido para Madeleine, que se revolveu incômoda no sofá e concentrou sua atenção em sir Riley.

— Nesse caso, eu gostaria de participar. O barão deseja me introduzir em sua casa através dos túneis e estou segura de que se o envio uma nota, resultará-me muito fácil acessar. Possivelmente possa descobrir algo «*acidentalmente*», apanhá-lo em uma mentira. Talvez baste pondo-o um pouco nervoso — encolheu os ombros. — Além disso, é possível que possa descobrir o ópio e presenciar o resto de sua operação.



Sir Riley pareceu incômodo imediatamente, e passou o olhar entre o Thomas e ela. Cruzou as pernas na posição contrária a que as tinha e esfregou as palmas contra as coxas. Isso foi suficiente para que Madeleine notasse de que as coisas não eram o que pareciam.

— Há algo que não tenham me contado? — perguntou em um tom cordial, embora com o pulso acelerado sob sua aparência serena e profissional.

Sir Riley voltou a trocar de postura e examinou a mesinha de chá. Thomas, tal e como tinha ocorrido desde sua chegada, parecia muito tranquilo, ao mando da situação.

— Acredito Madeleine — admitiu por fim sir Riley —, que nós elaboramos um plano com o qual poderemos capturar ao barão do Rothebury sem necessidade de empregar a força.

«Nós»? A quem se referia?

— Acredita nisso? — repetiu com o respeito exigido pela situação.

Sir Riley começou a tamborilar com os dedos sobre seu colo.

— Faz três noites, nossos operários permitiram o roubo de duas caixas de ópio de um navio atracado no Portsmouth. Na semana anterior ao dito roubo tínhamos a vários homens trabalhando no cais para estender o rumor de que havia um carregamento de ópio a ponto de chegar — Esboçou um enorme sorriso e baixou a voz. — Esta noite, ou amanhã de noite, se sua estratégia não mudou, o barão recolherá as caixas e as introduzirá em sua casa através do túnel. Nosso plano é colocar a vários homens dentro do túnel e esperar a que chegue.

Ela piscou com incredulidade.

— Dentro do túnel?

— Sim — respondeu sir Riley. — Tão dentro como fora, e vários homens mais escondidos entre as árvores, para que não tenha forma de escapar. Se o apanharmos com as mãos na massa, e contando com o testemunho da senhora Winsett, conseguiremos uma condenação bem firme.

Madeleine fez um gesto negativo com a cabeça, perplexa.

— Não entendo. Como poderá posicionar aos seus homens se não sabe onde se encontra o túnel com exatidão? Nem Thomas nem eu fomos capazes de encontrar a entrada no bosque.

— Falei com a Desdémona — admitiu Thomas sem rastro de ostentação.



Isso a desconcertou, e se voltou imediatamente para cravar o olhar nele.

— Quando?

— Esta tarde. Mantivemos um bate-papo bastante longo, e me proporcionou informação muito específica a respeito de sua localização, parte da qual eu já transmiti ao sir Riley. É uma dama muito expressiva e instada quando participa de forma ativa na conversa — finalizou com um sorriso irônico e um olhar desafiante.

Madeleine se negou a morder o anzol de semelhante insinuação e se obrigou a passar por cima antes de olhar de novo ao sir Riley.

— Por que utilizar recursos adicionais quando eu poderia entrar no túnel sem problemas? O próprio barão me deu permissão para fazê-lo.

— Porque não quero que entre nesse túnel, Madeleine — declarou Thomas categórico.

A confusão que sentia se converteu em ofensa, e depois em ira, embora o dissimulou muito bem.

— Não acredito que isso deva decidir você — assinalou do mesmo modo.

Sir Riley esclareceu a garganta de novo.

— Acredito Madeleine, que o que o senhor Blackwood quer dizer é que não é necessário que entre sozinha no túnel e ponha sua vida em perigo.

— Porque sou uma mulher — alegou sem inflexões no tom.

— Precisamente — confessou sir Riley com um sorriso satisfeito. — Contamos com outros homens que podem entrar sem problemas agora que sabemos onde está, e acreditam que elaboramos um plano excelente que não porá a ninguém em perigo, e muito menos a você.

Esse foi um dos momentos mais decepcionantes de sua vida, quando Madeleine se deu conta de que sir Riley, o homem ao qual mais admirava no mundo, estava-lhe mentindo. A ela, sua agente mais disciplinada e fidedigna no continente. E soube por que o fato de ser mulher jamais tinha sido um inconveniente em suas missões anteriores. Jamais. Tanto ela como todas as demais pessoas envolvidas conheciam os riscos desse tipo de trabalho e os aceitavam sem condições se queriam continuar nesse campo. Já lhe tinham atribuído antes missões que punham sua vida em perigo, e as tinha aceito sem pigarrear. De fato, até onde sabia era a única



mulher que trabalhava nesse posto, e durante os últimos seis anos se comportou tal e como o faria um homem, com aprumo e valentia, já que todas suas atividades tinham sido submetidas a um meticuloso escrutínio, à espera de que fracassasse pelo simples feito de ser mulher. Não o tinha feito, e por isso a admiravam tanto. Ninguém tinha duvidado dela anteriormente, e muito menos sir Riley.

Não, os argumentos que tinha exposto a favor de sua entrada no túnel eram acertados e havia muito menos risco de que o barão descobrisse suas intenções. Tanto Thomas como sir Riley sabiam, o que significava que ali ocorria algo muito, muito estranho.

Ficou em pé com rigidez e com toda a elegância que pôde reunir, embora não se moveu de sua posição.

— Está bem — disse enquanto alisava a saia. — Vejo que já não precisam nem meus serviços nem meu talento. Suponho que não há razão para que não possa retornar a França imediatamente.

Thomas não disse nada, mas foi evidente que para sir Riley o inquietaram suas palavras, já que ficou em pé ao mesmo tempo em que ela e olhou ao outro homem como se lhe suplicasse ajuda em um momento tão embaraçoso.

Thomas permaneceu onde estava com o rosto tenso e uma postura rígida. Madeleine pressentiu que estava a ponto de acontecer algo transcendental.

— Acredito que chegou o momento de que fale com Madeleine a sós, sir Riley.

Seu chefe deixou escapar um comprido suspiro, claramente aliviado, e se despediu dela com um gesto da cabeça sem discutir.

— É obvio. Além disso, estou faminto e impaciente por tomar um par de cervejas. Sempre é um prazer voltar a vê-la, Madeleine, e estou seguro de que logo estaremos em contato — Depois se dirigiu ao Thomas. — boa noite, senhor.

A casa ficou em silêncio quando ele se dirigiu ao saguão, agarrou o casaco do gancho que havia junto à porta, o pôs e saiu a toda pressa.

Madeleine não sabia muito bem o que fazer ou o que dizer. Limitou-se a ficar de pé, à espera de que ocorresse algo que acabasse com o incômodo silêncio. Olhou ao Thomas, que



ainda não se moveu da posição que ocupava quando ela chegou minutos antes, embora nesse instante parecia nervoso, como se não soubesse como começar essa longa e importante conversa.

— Por que te chamou «*senhor*» e não «*senhor Blackwood*»? — lhe perguntou de repente para começar por ele.

— Não estava muito confortável aqui — replicou sem olhá-la sequer ao tempo que elevava uma mão para arranhar o queixo com os dedos.

Madeleine cruzou os braços à altura do peito, sem deixar-se desanimar.

— Sim, sei. Isso também me parece bastante estranho — Ao ver que ele não dizia nada, insistiu. — Acredito que chegou o momento de que me explique às coisas, Thomas. O que está ocorrendo aqui?

O ambiente quase se podia cortar. Madeleine percebeu a intranquilidade do Thomas como se de um murro no estômago se tratasse, ao que teria que somar suas próprias e inconfundíveis agulhadas de medo.

Ele se voltou para ficar frente à chaminé e examinou as chamas durante um momento. Com o coração lhe troando os ouvidos e um rastro de transpiração entre os peitos, Madeleine esperou, já que embora não sabia muito bem o que fazer, sim tinha claro que não queria dar o primeiro passo.

— Você me ama, Maddie?

Essa pergunta, formulada com voz suave e tenra, era o último que esperava ouvir de seus lábios, e conseguiu que lhe tremessem os joelhos e fraquejassem suas pernas. Abatida, sentou-se de novo e se aferrou ao braço do sofá que tinha a sua esquerda para dar-se forças.

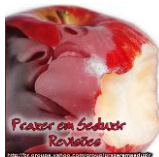
— Eu... não sei que importância pode ter isso nesta conversa.

— Seriamente?

Deu-se conta de que não conseguiria evitar o tema. Ele não pensava permitir-lhe — Acredito que nos aproximamos muito um ao outro durante estas últimas semanas, sim.

Ele negou com a cabeça.

— Não é isso o que te perguntei.



Madeleine trocou a posição dos pés sob a mesinha de chá e secou as palmas das mãos sobre a seda do vestido que cobria suas coxas.

— Não tenho muito claro o que é o que esperas ouvir — replicou com serenidade. — Retornarei a Marsella amanhã ou passado, e...

Thomas a interrompeu com uma violenta gargalhada. Foi uma gargalhada amarga carregada de ressentimento, raiva e uma óbvia exasperação. Depois, apoiou as mãos no suporte da chaminé e se apartou dali em um arranque de energia antes de voltar-se para olhá-la. Cortou a distância que os separava com um par de pernadas, agarrou-a pelos braços e a pôs em pé a seu lado.

Antes que pudesse pronunciar qualquer tipo de protesto, Madeleine leu em seu olhar o que pretendia fazer. Seus olhos pareciam tão escuros como uma noite sem lua, e duros como o aço, e desesperados.

— Thomas...

Apoderou-se de sua boca sem olhares, de uma maneira brutal, dolorosa, suplicante. Madeleine inalou sua essência, saboreou-o, absorveu tudo o que lhe dava. Ao princípio lutou contra ele, embora somente por um segundo, ou talvez fossem horas... não sabia. Logo, quando o beijo se fez mais intenso e mais tenro, aferrou-se a ele enquanto Thomas acariciava suas costas e a estreitava contra seu duro corpo. Deus, quanto desejava estar com ele, quanto o necessitava...

Um suave som escapou de sua garganta e ele se apartou imediatamente ao escutá-lo. Madeleine ficou desfalecida, presa dos tremores, com os lábios inchados e desejando mais. Thomas voltou a olhá-la nos olhos com uma expressão de suprema e total satisfação.

Isso a deixou furiosa e sentiu vontade de lhe dar uma bofetada na boca por aproveitar-se da debilidade que sentia por ele. Mas não conseguiria nada o esbofetando, já que isso não era mais que um ato de desespero. Jamais perderia o controle para golpeá-lo, e Thomas sabia muito bem. Em vez disso, Madeleine relaxou sua expressão e aguardou a que a soltasse, com a esperança de que não notasse o batimento de seu coração contra o peito.

Ele não se moveu nem deixou de olhá-la nos olhos.



De repente, cobriu-lhe as bochechas com as mãos e lhe levantou um pouco a face.

— Me diga que não me ama.

Madeleine compôs a expressão mais indiferente que pôde conseguir e lhe deu um empurrão no peito, embora não conseguiu nada, já que a força masculina superava a sua com acréscimo. Um grito cresceu em seu interior, mas o conteve e o sufocou junto com as lágrimas que ameaçavam brotando de seus olhos; negava-se a chorar diante dele.

— Por que faz isto, Thomas? — sussurrou com calma.

Ele moveu a cabeça muito devagar enquanto lhe acariciava a bochecha com o polegar.

— Porque quero que admita que sente algo por mim, Madeleine, por nós. O que seja.

Ela o olhou diretamente nos olhos.

— É obvio que sinto algo.

Ele a segurou com mais força.

— Quero que admita que sente paixão, e não uma paixão física, a não ser emocional.

Que se sente emocionalmente unida a mim e ao que compartilhamos.

Madeleine tratou de liberar-se, mas ele não o permitiu.

— Nossa relação foi muito apaixonada. Não sei que mais posso te dar.

Ela não o compreendia, ou não queria fazê-lo, e Thomas decidiu nesse mesmo momento que teria que contar-lhe tudo para obter que o entendesse. Desejava que ela admitisse que o amava primeiro; isso faria que a dor posterior lhe resultasse muito mais fácil de suportar. Mas estava claro que não entendia o que ele precisava ouvir e era muito possível que nem sequer se deu conta dos profundos sentimentos que albergava por ele.

Soltou-a de maneira brusca antes de erguer-se em toda sua estatura. Ela se separou dele imediatamente e se afastou uns quantos passos, até o outro extremo do sofá.

Thomas lhe deu as costas e caminhou até o outro extremo da sala para cravar um olhar perdido ao outro lado da janela, na crescente escuridão do entardecer, nos telhados e na fumaça de um par de chaminés, sem ver nada em realidade. Fez-se o silêncio enquanto ela aguardava a que dissesse algo, aturdida e provavelmente furiosa, embora o dissimulava muito bem. Thomas sabia que teria se sentido da mesma maneira de se estivesse em seu lugar. Escutava sua



respiração irregular, mas nenhuma outra coisa, e isso o impressionava sobremaneira. Estava concentrado nela, só nela. Apesar de suas constantes negativas, estava quase seguro de que Madeleine estava apaixonada por ele. Possivelmente se chegava a essa conclusão por si só tivessem alguma oportunidade.

—Não fui totalmente sincero contigo com respeito a mim, Madeleine — declarou em voz baixa.

Depois de uns segundos que pareceram horas, ela murmurou.

—Uma vez mais me deixa desconcertada, Thomas. Não sei o que quer dizer.

Thomas respirou fundo, apertou as mãos até as converter em punhos e fechou os olhos durante um instante.

—Meu nome completo não é Thomas Blackwood — revelou com crescente impaciência —, a não ser Christian Thomas Blackwood St. James, conde do Eastleigh.

Ela deixou de respirar. O silêncio se voltou ensurdecedor, ou talvez somente fosse o sangue que palpitava em suas veias. Não sabia com certeza.

—Um conde? — repetiu ela com voz baixa e tremula, carregada de incredulidade. — Um conde...

Quando por fim escutou o sussurro de suas saias, voltou-se muito devagar para descobrir que se sentou de novo no sofá e que se aferrava ao braço da poltrona como se disso dependesse sua vida. Enfrentar seu olhar nesse momento foi uma das coisas mais difíceis que tinha feito em sua vida, já que ela estava furiosa e atônita, e o observava com uma expressão desolada em seus formosos olhos azuis, lhe rogando em silêncio que lhe dissesse que isso não era certo, que nunca lhe tinha mentido.

Depois de decidir que o melhor era abordar o cerne da questão antes que o mero feito de contemplá-la o destroçasse por completo, dispôs-se a continuar.

—E não trabalho para sir Riley; é ele quem trabalha para mim.

—O que...? O que?

Madeleine começou a tremer e seu rosto empalideceu imediatamente. Seu aprumo veio abaixo ao tempo que parecia afundar-se no espaldar e seus formosos olhos brilharam a



confusão, o assombro e uma mescla de complexas emoções que nesse momento era incapaz de dirigir.

Já não havia mais volta.

Thomas tirou a jaqueta e o colete com um tremor nas mãos que rogou a Deus que ela não percebesse. Depois desenredou a gravata, e a retirou do pescoço e a levou junto com as demais coisas até sua cadeira, onde as deixou dobradas sobre o braço antes de situar-se detrás e apoiar ambas as mãos no respaldo em busca de estabilidade.

—Quero te contar uma história, Madeleine — começou em tom conciliador. Cravou os dedos no acolchoado em um intento por controlar o impulso de aproximar-se dela e obrigar-se a permanecer onde estava enquanto revelava o passado que tinha mantido em segredo.

Ela não se moveu, mas seus olhos se cravaram nos seus, claros como o cristal.

—Depois da morte de minha esposa e antes que sofresse o acidente, era um homem bastante sociável, e totalmente libertino. Vivia na cidade a maior parte do tempo, sempre e quando não estivesse no continente imerso em alguma investigação. Joguei com as mulheres em muitas ocasiões porque tinha o poder e o dinheiro necessários para fazê-lo. Depois de tudo, era um conde viúvo com um título e uma enorme propriedade que o demonstravam. As mulheres também me encontravam atraente fisicamente, de modo que podia as agarrar e as deixar quando me dava vontade. Era um jogo, e o desfrutava sobremaneira.

Ela não reagiu ao escutar isso, nem nenhuma outra coisa, assim Thomas voltou a fixar o olhar nas resplandecentes brasas da chaminé e se concentrou no que ia dizer em umas palavras às que nunca tinha dado tanta importância.

—Disse-te que tinha me lesionado as pernas na guerra, e em essência é certo. Mas não me feriram na luta, por mais que desejasse que assim tivesse sido — Era possível que não o tivesse entendido, embora também o era que não fizesse nenhum comentário a respeito, de maneira que seguiu adiante. — O Ministério do Interior me enviou à baía de Hong Kong a princípios de outubro de quarenta e dois, justo depois da assinatura do Tratado do Nankín⁵.

⁵ O **Tratado de Nanking** foi um [tratado de paz](#) entre o [Império Britânico](#) e a [Dinastia Qing](#) que marcou o final da [Primeira Guerra do Ópio](#), rubricado o [29 de agosto](#) de [1842](#). Depois da derrota da China na guerra, os representantes do Império Britânico e da China de Qing negociaram os termos do tratado a bordo do navio de guerra britânico HMS Cornwallis, em



Minha missão não tinha nada que ver com a guerra em si, mas sim consistia em investigar a dois altos cargos navais, Charlie Dunbar e Peter Goodfellow, ambos atribuídos a um navio de guerra situado perto da península do Kowloon com o objetivo de manter a paz durante as complicadas semanas posteriores à assinatura inicial. Tinha-se rumor que esses homens comercializavam com especiarias, ópio, sedas e outros artigos por conta própria com altos dignatários do governo chinês, e que depois falseavam os informes alegando que os chineses lhes tinham fraudado que as mercadorias se perderam em alto mar durante uma batalha ou simplesmente que as tinham roubado, depois do qual ficavam com todo o dinheiro.

»Comecei a trabalhar para o capitão Dunbar a bordo do Royale, um navio a vapor recém lançado, em dois de novembro, me fazendo passar por um construtor naval contratado pelo governo para vigiar a criação de um estaleiro perto do porto de Hong Kong. Minha identidade falsa permaneceu intacta e tudo transcorreu de maneira mais ou menos rotineira durante uns seis meses, embora durante esse período não averigui nada sobre os objetivos de minha missão. Não consegui encontrar nenhuma evidência sólida que sugerisse que Dunbar ou Goodfellow estavam implicados em alguma atividade ilegal, embora de vez em quando aparecia um relatório sobre um carregamento extraviado no navio ou na frota. Era um caso desconcertante; um caso que chegou a me angustiar em excesso com o passo dos meses.

Fez uma pausa e jogou uma olhada rápida em direção a Madeleine. Ela contemplava as peças de xadrez sem pestanejar, com as mãos enlaçadas no colo e obstinadas à malha de seda cor ameixa do vestido.

—A pior parte desta história, Madeleine — continuou com voz cansada —, é que descobrir como funcionam as operações disfarçadas como esta e me infiltrar nelas para pôr fim às atividades ilegais são as duas coisas que melhor me dão neste mundo. É meu trabalho. Entretanto, em Hong Kong não consegui cumprir meu objetivo nem realizar as tarefas que me tinham encomendado. No momento em que cheguei à China, levava trabalhando para a Coroa no mesmo posto mais de quatro anos e jamais levei tanto tempo dar com as provas necessárias



para incriminar aos culpados como nessa missão. Deveria ter encontrado evidências para fazer que os prendessem, mas ninguém queria falar, não tinha nenhuma pista e não consegui descobrir nenhuma só prova sólida que pudesse utilizar contra eles. Pela primeira vez em minha carreira, estava fracassando.

Apertou o respaldo da cadeira ainda mais quando as lembranças do desgraçado dia do acidente emergiram a superfície.

— Em dez de maio de mil oitocentos e quarenta e quatro cometi o engano mais grave de toda minha vida — confessou em voz rouca e grave. — Saí a passear a sós uma noite pelos subúrbios da cidade para analisar atentamente minhas opções e não tomei as devidas precauções para minha segurança devido a minha acostumada arrogância e ao ressentimento e o desespero que começava a me provocar o trabalho. Lembrava ter ouvido passos detrás de mim na rua deserta quando me dirigia para as docas, e ao me voltar para averiguar sua procedência, deram-me um golpe na parte posterior da cabeça. Quando recuperei a consciência, estava no interior de um estaleiro abandonado, apanhado sob um pilar de madeira vermelho vivo enquanto o edifício se queimava até os alicerces.

Titubeou um pouco na narração. Não se atrevia a lhe mencionar a fumaça que lhe tinha abrasado os pulmões com cada respiração e que tinha feito que lhe ardesse à garganta durante semanas, nem tampouco os vômitos nem a insuportável dor. Nem a tortura e o terror que havia sentido quando tratou de utilizar as pernas e se deu conta de que estavam esmagadas.

— Consegui me pôr a salvo, embora não sei muito bem como — balbuciou com um fio de voz. — Passei três semanas em um hospital da China antes de poder retornar a Inglaterra. Quando cheguei a casa por fim, passei dois meses me recuperando e me adaptando ao mundo como um homem cuja vida, desde meu ponto de vista, tinha sido destruída.

Não pôde suportar mais e, com os punhos apertados aos flancos, Thomas começou a passear da janela até a chaminé sem escutar nem um só comentário por parte de Madeleine e sem atrever-se a olhá-la.

— Deve compreender o que supôs esse acidente para mim — assinalou com ardor. — E não só fisicamente. Antes de partir para Hong Kong era um homem muito cobiçado pelas



mulheres, admirado pelas damas, mimado, rico e consagrado entre os amigos e colegas. E de repente me converti em nada. Nada. Parti para realizar uma singela tarefa e retornei aleijado, Madeleine, e estou seguro de que sabe muito bem como nos trata a sociedade — Soltou uma gargalhada sarcástica, deteve-se sobre o tapete frente à mesinha de chá e fechou os olhos com força. — Em dez de maio de mil oitocentos e quarenta e quatro me converti em um aleijado e para que? Para que? Não fiz nada importante. Não salvei nenhuma vida, nem me encontrava em um lugar perigoso para desmascarar aos ladrões a quem tinha ordenado vigiar e prender pelo bem de meu país. Nem sequer perdi as pernas na maldita guerra — Com os dentes apertados e a mandíbula tensa acrescentou. — Perdi as pernas por causa de minha enorme arrogância e minha estupidez, porque alguém a quem provavelmente tinham contratado para me matar fracassou em seu intento. Por isso. Nunca pôde provar-se nada e a investigação jamais chegou a se resolver. Saiu-me o tiro pela culatra.

Abriu os olhos de novo e cravou a vista no tapete. A casa já estava quente. Sentia arder à parte direita de seu corpo a causa do calor do fogo, mas não lhe importava. O único que lhe importava nesse momento era Madeleine, e seguia sem atrever-se a olhá-la. Ainda não, embora sabia que ela não tinha movido nem um músculo.

—Quando retornei da China tudo mudou para mim — continuou, tratando de distanciar-se do desprezo e o horror que seguiam lhe angustiado a alma. — Tinha queimaduras muito graves nas pernas e um pouco menos importantes no peito, as costas e o rosto, embora a maioria delas curou-se rapidamente e apenas deixaram cicatriz. Mas não podia caminhar. A princípios de julho, quando pude por fim sair da cama pela primeira vez em muitas semanas, me vi obrigado há passar as horas que permanecia acordado em uma cadeira de rodas. Imagina o que foi isso para mim? Eu, o orgulhoso e extrovertido aristocrata confinado em uma cadeira de rodas e possivelmente, se a sorte me sorria depois de muitos meses de esforço físico e esgotamento, em um mundo no que somente poderia caminhar com a ajuda de uma muleta. Uma muleta. Nunca voltaria para a vida de excessos sensuais nem a desfrutar das reuniões sociais; jamais voltaria a manter relações sexuais a menos que as pagasse, e ambos sabemos que isso satisfaz a luxúria, mas te deixa vazio. E tive a certeza de que jamais voltaria a



ser desejado e amado por uma mulher. Como muito bem expressou esta manhã, Madeleine, quem ia querer-me?

Esfregou o rosto com a palma da mão. Então, incapaz de permanecer quieto por mais tempo, passeou uma vez mais até a janela, com as pernas doloridas e pesadas como o chumbo.

— Meus temores estavam bem fundados — prosseguiu, com o quadril apoiado contra o batente e os braços cruzados à altura do peito enquanto contemplava as apagadas sombras do exterior na crescente escuridão. — Durante as primeiras semanas depois de minha volta à Londres, me converti no alvo de atentos falatórios e olhares compassivos, e geralmente nem sequer existia para ninguém quando não era necessário socialmente me fazer uma visita. Muitos homens voltaram mutilados da guerra, mas em muito estranhas ocasiões um de minha posição social. Converti-me em uma espécie de monstro de feira, um ser infrahumano ao que se podia observar sem reservas e de quem aqueles que em seu dia se chamavam meus amigos podiam fofocar entre eles. A refinada lady Alicia Douglas, uma beleza bastante obtusa e vaidosa a que tinha cortejado e com quem tinha considerado me casar, fez-me uma visita a princípios de julho. Não me dirigiu nenhuma só palavra amável que não fosse um dos típicos comentários, nem me beijou na boca... e te asseguro que antes tínhamos compartilhado um bom número de beijos apaixonados. Em vez disso, sentou-se frente a mim em uma das cadeiras de vime de meu formoso jardim, claramente enojada por meu desfiguramento, e me anunciou sem nenhum pudor que sentia muito, mas que, apesar de minha fortuna e de meu título, não ia casar-se com um homem que não poderia dançar a valsa com ela em um salão de baile.

Madeleine se encolheu ao escutá-lo. Thomas o viu com a extremidade do olho e se voltou para olhá-la cara a cara, preparado ao fim para revelar-lhe tudo. Ela havia entrecerrado as pálpebras e movia muito devagar a cabeça em um gesto de negação.

— Quis morrer, Madeleine — sussurrou em um tom grave, esmigalhado e vacilante ao tempo que estendia a mão para o batente da janela para poder sustentar-se em caso de que lhe falhassem as pernas. — A vida que conhecia se acabou, e já não desejava seguir existindo. Não ficava nada no plano pessoal: nem auto-estima, nem esposa, nem amigos. Tudo o que conhecia e, o que me importava antes de partir para Hong Kong estava fora de meu alcance, e tudo por



causa de minha própria estupidez. Como poderia trabalhar? Como ia levar a vida de um cavalheiro educado? Como ia montar a cavalo ou a dançar? Ninguém quer perder o tempo com um aleijado em uma cadeira de rodas, nem passear a seu lado enquanto ele coxeia com a ajuda de uma muleta. Só restava meu filho, que naquele momento tinha nove anos e transbordava de vida, e senti que de algum jeito o tinha envergonhado. O melhor para ele seria herdar a propriedade a minha morte e criar-se com o irmão de minha esposa, seu próspero e muito capacitado tio, em lugar de cuidar de seu solitário e inválido pai durante os anos vindouros. Converti-me de repente em uma responsabilidade, em alguém que com o tempo dependeria cada vez mais de sua companhia, e não queria isso para ele. Não o queria para ninguém. Não desejava seguir vivendo, e em meados de verão me convenci mesmo de que tinha a coragem necessária para abandonar esta vida.

»Em vinte e nove de julho, enquanto eu tratava de fazer caso omisso dos grosseiros olhares e dos cruéis comentários daqueles que permaneciam ao meu lado, minha enfermeira empurrou minha cadeira de rodas até o escritório de sir Riley na cidade a fim de que eu pudesse renunciar a meu posto por escrito, assinar qualquer documento atrasado e visitar o cavalheiro pela última vez. Fazia um dia espantoso, úmido e de muito frio, e decidi que seria o dia perfeito para uma última excursão, para minhas últimas horas neste mundo.

O interior da casa estava virtualmente às escuras, uma vez que o fogo da chaminé quase se apagou e os abajures ainda não se acenderam, já fosse por apatia ou por descuido. Thomas estava com a boca seca e seu coração começou a pulsar com rapidez por causa da ansiedade. Pela primeira vez em muitos anos, necessitava com desespero um gole de uísque. Mas se negava a mover-se, negava-se a deixar a narração nesse ponto, a guardar o segredo durante mais tempo e a apartar os olhos da elegante e formosa silhueta feminina.

—O que ocorreu essa tarde inesquecível não foi à morte covarde que desejava, a não ser o maior milagre de minha vida. Quando aguardava sentado em minha cadeira frente ao despacho de sir Riley com umas dores horrorosas e com a cabeça e a cara enfaixadas para que minhas feridas terminassem de sanar; quando meu coração e minha mente começavam a aceitar seu amargo destino, a porta se abriu e essa dama, essa... aparição arrebatadora flutuou para a



sala de espera em meio de um redemoinho de seda amarela, tão resplandecente como o arco íris depois de uma chuva primaveril.

Fez-lhe um nó na garganta quando a lembrança desse momento decisivo chegou até ele em feitas ondas e o obrigou a atrasar-se nos detalhes, como se a cena que tinha lugar em sua cabeça lhe tivesse ocorrido no dia anterior. Contudo, apesar do difícil que lhe resultava, não tirou a vista de Madeleine.

— Fiquei sobressaltado por sua beleza — continuou com um trêmulo sussurro que já não pôde controlar. — Não pude pensar de maneira coerente quando ela voltou seus deliciosos olhos azuis em minha direção e se fixou em mim, embora lembro com toda clareza que me encolhi por dentro ao pensar no que tinha me convertido, sabendo de que embora em outra época de minha vida poderia ter impressionado a essa extraordinária mulher, para então já era muito tarde. Estava a ponto de abaixar a cabeça pela vergonha quando essa alma cândida olhou-me nos olhos com um sorriso radiante e caminhou para mim. E não só me sorriu, mas também se sentou a meu lado. Eu não era mais que um homem horrorosamente feio e mutilado, mas mesmo que havia outros assentos livres na sala, aquela criatura angélica decidiu, escolheu sentar-se a meu lado.

»E me falou — sussurrou com voz rouca, como se estivesse sonhando. — Passou por cima tanto do profundo corte cheio de pontos que havia junto a minha boca como das múltiplas cicatrizes e queimaduras, e não se voltou para atrás ao ver o grotesco coto da perna que me faltava. Contou-me sua viagem até Londres com toda doçura e me falou de seu lar na França, e todo isso sem deixar de sorrir, de me tocar o braço e de dirigir-se a mim com uma voz suave e preocupada.

»Essa extravagante francesa me deixou fascinado — declarou em um tom apaixonado. — assim, quando partiu duas horas depois e dispus de tempo para falar sobre ela com sir Riley, fiquei atônito ao descobrir para que tinha viajado até a Inglaterra. De verdade era possível? Podia uma francesa ser uma espiã britânica? Ele me informou de tudo o que ela tinha feito até esse momento, sem dinheiro nem instruções, e embora ao Riley resultava gracioso e tomava sua ambição um pouco à ligeira, eu estava boquiaberto. Ele seguia albergando suas dúvidas diante



a possibilidade de aceitar a uma mulher, a uma francesa, a seu serviço, mas me pareceu uma ideia tão intrigante como a própria mulher.

Thomas sabia que aquele era o momento crítico, mas devia chegar até o final. Apesar de que escutava o batimento do coração errático de seu coração nos ouvidos, de que tinha um nó no estômago e de que suas pernas tremiam, se obrigou a baixar os braços aos flancos e a ficar imóvel como uma estátua.

—Insisti em que sir Riley a contratasse, e assim o fez. Quatro dias mais tarde. Seu trabalho ganhou os elogios de todo o mundo imediatamente, mas o mais curioso de tudo é que me sentia tão cativado por essa mulher e sua súbita aparição em minha vida que me esqueci da autocompaixão. Tinha um objetivo, embora só fosse ver como ela alcançava o êxito.

«Enviei dois homens à França para descobrir todo o possível sobre ela, tanto de seu passado como de seu presente, o que gostava e o que não, suas angústias e suas alegrias. Dessa maneira me inteirei de sua solitária infância às mãos de uma mãe formosa e egoísta, da desolação que sofreu depois da perda de seu pai, de sua decisão de aprender inglês e seu êxito ao fazê-lo. Inteirei-me de quem foi seu primeiro amante, de quem tinha sido o seguinte, e dos quais tinham sido todos outros; de que tinha trabalhado como bailarina nos palcos a fim de assegurar seu futuro.

Thomas viu as lágrimas que deslizavam por suas bochechas em dois finos filetes que refletiam a luz do fogo moribundo. Isso o rasgou por dentro e lhe provocou um terrível nó no peito; desejou com desespero tocá-la, abraçá-la e lhe dizer que tudo sairia bem. Que tinha que sair bem. E só esse pensamento lhe deu a coragem que necessitava para finalizar.

—O mais duro de tudo, Madeleine — sussurrou incapaz de controlar o sofrimento que revelava sua voz trêmula —, foi quando me dava conta, seis ou sete meses depois de conhecer essa formosa e extraordinária mulher, de que estava me apaixonando por ela... Mas não da imagem culta e fisicamente deliciosa que representava para todos os outros, a única parte dela que outros homens de sua vida tinham amado e desejado, mas sim de seu espírito de luta, de seus talentos ocultos, da bondade, a valentia e o entusiasmo que tinha demonstrado ao tirar o máximo proveito possível da difícil vida que tinha levado sem ter nenhuma culpa. Menos de



um ano depois de nosso encontro já sabia tudo sobre ela, admirava tremendamente à mulher que era em seu interior e entendia que tinha utilizado seu encanto e sua beleza para ganhar uma posição no mundo porque essa era a única parte dela que as pessoas valorizavam.

Inclinou-se para ela e deu uns golpes no peito com o punho.

—Sei muito bem o que se sente quando as pessoas te valorizam somente por sua beleza. Sei muito bem que sua ignorância pode ferir e deixar cicatrizes internas que são muito piores que as externas. Essa valente mulher enfrentou os mesmos prejuízos com os que eu começava a enfrentar, e sabia o que era. Se houver algo que cheguei a compreender em minha vida, Madeleine é a dor que essa formosa mulher tinha albergado em seu interior porque não podia evitar ser como era.

Madeleine abaixou à cabeça e cobriu o rosto com a palma da mão enquanto seu corpo se sacudia com violência, embora ainda não tinha emitido nem um ruído. Nenhum tipo de som. Se chorava, o fazia em silêncio.

Thomas se sentiu morrer ao ver seu sofrimento, e esteve a ponto de desabar. Estava apenas a dois metros dela e, entretanto não podia ir a seu lado. Nunca em toda sua vida havia sentido tanto medo como nesse momento, enquanto se perguntava se ela arremeteria contra ele se seguia adiante, se o desprezaria para sempre. Mas não podia deter-se nessas alturas.

—Esperei durante anos, lhe dando trabalho quando o necessitava, amando-a na distância, orgulhoso a mais não poder de seus lucros, resignado embora ferido cada vez que tinha um amante que não era eu. Morria por dentro cada vez que estava sozinha e desejava consolá-la, me converter em um amigo no que pudesse confiar e com quem pudesse falar quando não tivesse a ninguém mais. Não podia esperar nada em troca de meus esforços, mas durante anos me bastou com isso, já que não me ocorria nenhuma forma de voltar a vê-la, de chegar a conhecê-la sem que houvesse outros ao redor, de cercar uma conversa íntima com ela... nenhuma forma de lhe dar a oportunidade de chegar a me conhecer. Mas de repente o verão passado me ocorreu uma ideia. Se a trouxesse para a Inglaterra a trabalhar comigo, teria uma oportunidade, uma única oportunidade, de ver se se sentia atraída por mim, um



intelectual comum; de ver se me desejava como homem embora estivesse descapacitado; de ver se podia chegar a me amar.

Ficou rígido, com os punhos aos flancos, e tragou saliva com força.

— Amo-te, Madeleine — disse com a voz entrecortada sem deixar de contemplar sua silenciosa e soluçante silhueta. — Não estou enamorado com sua beleza, nem com seu encanto, nem com os maravilhosos prazeres que me proporcionaste na cama. Amo a essa pequena que descobriu o que eram o vício ao ópio e as perversões sexuais, que não tinha a uma mãe que a amasse e cuidasse dela. Amo à menina que perdeu a seu pai, a única pessoa a que tinha amado, quando era tão jovem, e que aos quinze anos encontrou consolo nos braços de um homem que lhe dobrava a idade. Amo sua forma de sair adiante sem recorrer à prostituição quando essa era a opção mais fácil. Amo sua risada, sua honradez e sua inteligência. Amo sua elegância, seu estilo e sua despreocupação pela fealdade física que te rodeia, porque sempre vê algo belo e inocente em todas as coisas — Baixou a voz para acrescentar com absoluta certeza. — Te amarei quando for velha, Maddie, quando a idade te arrebate por fim o encanto da juventude. Amarei-te quando seu rosto esteja cheio de rugas, quando seu cabelo se volte cinza, quando seus peitos deixem de ser firmes e sua cintura aumente. Amo-te mais do que jamais amei a ninguém, mas o mais importante, eu te agradeço porque é uma pessoa louvável. Você me devolveu a vida, e eu viverei para te fazer feliz.

Fez-se um silêncio ensurdecador quando ele terminou de falar. Durante um comprido e agonizante momento, Thomas não foi consciente mais que da mulher que tinha diante dele, de seu brilhante cabelo recolhido em tranças perfeitas, do suave vestido de seda que lhe cobria as pernas, dos tremores que sacudiam suas costas, das mãos que lhe cobriam o rosto enquanto chorava. A noite se aproximava e o frio se intensificava à medida que o fogo se apagava na chaminé, mas ele seguia concentrado tão somente nela. Só nela. Esperando.

— Madeleine...

— Por quê? — perguntou ela com um ofego de angústia. Thomas já não pôde conter as lágrimas que alagavam seus olhos.

— Por favor...



—Perguntei-te por que!

Esse grito o desconcertou e o comoveu até o mais fundo. Ela o olhou nos olhos por fim, e foi então quando se deu conta de que sua confissão a tinha destruído.

Deu um passo para ela e nesse mesmo instante, Madeleine estendeu o braço com todas suas forças para pulverizar as peças de xadrez pela sala, fazendo que todas elas caíssem ao chão com um forte estrondo que para ele foi como uma navalhada no peito.

—Isto é uma mentira! Tudo é mentira! Tudo! — ficou em pé, presa de um arrebatamento de fúria, e apertou os punhos aos lados enquanto enfrentava-o. — E você é a mentira maior de todas, Thomas, e também o maior dos embusteiros! Sabe o que tem feito? Faz à menor ideia? Manipulou ao seu desejo. Sou uma mentira de sua invenção, uma identidade criada com tanta facilidade como essas que cria para ti... o construtor naval, o singelo erudito... Agora sou a pessoa que você queria não a mulher em que quis me converter. Acreditei durante anos que me admiravam pelo que fazia que me queriam que me necessitavam por algo mais que por meu aspecto. E agora descubro que por essa... essa... estranha artimanha tua, riram de mim e sem dúvida me ridicularizaram constantemente, porque em realidade não sou mais que uma audaz francesa que tenta em vão converter-se em uma cidadã inglesa. Devia parecer ridícula cada vez que contatava com o Ministério do Interior. Que bem devem ter passado todos os homens burlando-se de minhas qualidades femininas enquanto eu passeava por toda a França em nome da segurança nacional britânica.

—Isso não é certo — replicou Thomas com aspereza enquanto tentava controlar com todas suas forças o pânico que o atendia, os muros que se fechavam a seu redor. — Nada disso é certo. Ninguém riu que ti nunca nem menosprezou suas habilidades enquanto trabalhava para a Coroa.

Madeleine se rodeou com os braços e soltou um gemido de pura agonia.

—Por Deus! É que não o entende? Humilhaste-me, e não só agora, mas também frente a outros, frente a meus superiores e meus colegas! Não entende quão difícil foi para eu chegar até aqui? Quão exaustivo foi manter este posto todos estes anos? Quão difícil resulta ainda que me aceitem? Acreditei que o que fazia valia a pena e que se tinha em alta estima, mas agora me diz



que tudo foi uma mentira. Converteste-me em uma idiota e tem feito que meu trabalho careça de significado! Jogou com minha vida, Thomas, e não sou nada! Nada!

Comocionado e sobressaltado, Thomas cravou o olhar nela, cegado por sua dor.

—Eu te dava uma vida, Madeleine. Não poderia se manter se não fosse por mim.

—Bastardo arrogante!

Depois disso, cortou a distância que os separava em um instante e lhe deu uma bofetada na cara antes de começar a lhe golpear no peito com as palmas e os punhos sem deixar de chorar. Era a primeira vez que a via fora de controle. Depois de deixar que o arranhasse e o golpeasse durante uns momentos, agarrou-lhe os braços e os sujeitou aos flancos enquanto ela fazia todo o possível por liberar-se.

Thomas se negou a soltá-la. Merecia seu rancor, sua hostilidade e esses soluços incontroláveis que faziam migalhas todos seus sonhos.

Madeleine se acalmou por fim, e ele a rodeou com os braços e a estreitou com força enquanto escutava sua respiração entrecortada, inalava seu aroma limpo e percebia o batimento de seu coração contra o peito.

—A vida que levei estes seis últimos anos foi uma mentira, Thomas — sussurrou contra sua camisa, rígida entre seus braços— e nunca te perdorei o que tem feito. Agora não tenho nada, entende-o? Meu trabalho não é meu, a não ser teu. Não o consegui graças a minha inteligência, a não ser a ti. Não sinto outra coisa por ti que desprezo.

Thomas notou um nó na garganta ao tempo que as lágrimas retornavam a seus olhos, de modo que baixou as pálpebras para contê-las.

—Amei-te durante seis anos, Madeleine... seis anos! — sussurrou com veemência contra sua fronte. — Tinha uma oportunidade de lhe demonstrar isso abertamente, sem coações nem interrupções. Por favor... Deus, por favor, me acredite se te disser que todos os sentimentos que te expressei são certos. Jamais quis te fazer dano. Somente queria verte feliz.

Ela ficou imóvel durante uns instantes, sem falar. Depois, separou-se dele pouco a pouco, e Thomas o permitiu.



—Parto para sempre da Inglaterra esta mesma noite, Thomas, e espero não voltar a verte — declarou com frieza. Tinha as costas retas e tensas e olhava para a janela com os traços contraídos a causa do sofrimento, mas tinha recuperado sua pose elegante e impertérrita. — Dado que tanto interesse tem em meu futuro, deixe que lhe assegure senhor, que sairei adiante. Não faz falta que volte a preocupar-se com isso — Não o olhou quando passou junto a ele para rodear o sofá. — Se me desculpar acredito que me retirarei ao meu quarto para fazer a bagagem. Desejo-lhe o melhor, lorde Eastleigh. Obrigado por ocupar-se de meu bem-estar.

Thomas observou suas costas enquanto dobrava a esquina, escutou o suave estalo continuado de seus saltos sobre o chão de madeira, que soava como o lento tictac de um relógio. O estrondo que fez a porta do dormitório ao fechar-se foi como a estocada de uma espada em seu coração.

Não podia ir em sua busca, já não havia nada que discutir. Somente conversaria com ele em tom formal e superficial. O mais irônico do assunto era que ele a conhecia melhor que nenhuma outra pessoa.

Thomas cobriu o rosto com as mãos e pôs-se a chorar.

Capítulo 24

Madeleine estava sentada só em um banco de ferro forjado em frente do arredondado lago para os patos que havia no centro de Lhe Pare Du Papillon, perto do passeio marítimo. A primavera tinha chegado por fim. As oliveiras dos arredores ocultavam o sol dos narcisos, as rosas e as flores silvestres tinham florescido. Os meninos jogavam alegremente nos gramados afastados dos transitados caminhos e os pássaros gorjeavam e cantavam em torno dela. Era uma época tranquila, uma época de transformação e efervescência que pressagiava a chegada da estação cálida. Mas como paradoxo, como se resistisse à mudança, sua alma seguia afligida.



Tirou os sapatos com ar despreocupado e encolheu as pernas para apoiar os pés sobre o banco, ocultos sob o vestido. Depois apoiou os braços adiante nos joelhos e o queixo sobre os braços para contemplar as águas cristalinas e os patos que nadavam diante dela.

Apesar de que geralmente preferia o clima temperado da Marsella, sentia falta da Inglaterra. Sentia falta de ver a geada nas janelas de todas as antigas casas inglesas e a fumaça das chaminés; sentia falta da serenidade do lago e aos aldeãos; inclusive sentia falta dessa pequena casa em que, depois de vinte e nove anos, tinha perdido realmente a inocência. Mas mais que nenhuma dessas coisas, mais que a soma de todas elas, mais do que jamais teria acreditado possível, sentia falta do Thomas.

A vida era sem dúvida totalmente irônica, absurda em um sentido cômico. Deveria odiar a esse homem pelo que tinha feito, e uma parte dela o fazia... uma parte muito pequena que se reduzia ainda mais com o passar do tempo. Mas sobre tudo se sentia furiosa com ele por ter permanecido calado durante tantos anos e esperar, quando por fim se decidia a contar-lhe que aprovasse o que tinha feito tanto tempo atrás. O que tinha acreditado que lhe diria? «Obrigado por sua assombrosa dedicação e sua generosidade?» «Obrigado por me dar algo que não ganhei sozinha embora acreditava que sim»? «Eu também te amo?» Sua ingenuidade resultava bastante preocupante, embora em certo modo também encantadora. Tinha tido dois meses para pensar, da horrível noite que partiu da Inglaterra, e tinha chegado a aceitar a situação, inclusive a entender em certa medida seu ponto de vista.

Em realidade já não sentia nenhum rancor contra ele, e isso era devido a que, depois de refleti-lo com atenção essas semanas, tinha chegado à conclusão de que Thomas havia dito a sério cada palavra que pronunciou aquela desgraçada noite de janeiro. Tudo o que tinha feito seis anos antes o fez para lhe dar uma vida melhor, para que fosse feliz. E isso já significava muito para ela, porque ninguém, nem sequer seus pais, preocupou-se jamais por sua felicidade.

Também se deu conta de que embora a sensação inicial de que seu trabalho tinha perdido todo seu significado estivesse bem justificada, era provavelmente desacertada. Thomas lhe tinha proporcionado o trabalho como agente de seu governo quando nenhum outro tinha querido fazê-lo, mas se ela não o tivesse completado e ultrapassado todas as expectativas, lhe



teriam atribuído tarefas singelas durante os anos seguintes. E não o tinham feito. Seu trabalho tinha sido muito difícil e arriscado e suas missões, próprias de um profissional do mais alto nível. De fato, agora que o pensava, a missão mais fácil que lhe tinham atribuído em todos os anos que levava trabalhando para o Ministério do Interior tinha sido a mesma em que tinha trabalhado com o Thomas.

Madeleine sorriu para si mesma enquanto considerava o caso. Sua mente devia haver-se concentrado por completo nos sensuais prazeres que esse homem arrogante, encantador, inteligente e maravilhoso lhe tinha proporcionado do momento de sua chegada para não dar-se conta de que poderiam ter feito uma armadilha ao Rothebury e prendê-lo imediatamente. Ou ao menos, durante as primeiras semanas. Para falar a verdade, não precisavam dela absolutamente para essa tarefa. Thomas poderia ter resolvido a investigação sem ajuda e sem pôr em perigo essa identidade que todos os habitantes do Winter Garden aceitavam. Poderia ter resolvido o caso muito antes que ela chegasse.

O fato de entender essas coisas lhe provocava uma alegria que não sabia explicar muito bem. Nenhuma pessoa em toda sua vida tinha investido tanto tempo, tanto dinheiro nem tanto esforço em seu bem-estar. Até no caso de que não lhe tivesse provocado outros sentimentos, sempre o teria recordado como a pessoa que lhe deu a medida de sua própria valia. So desejava dias preciosos e momentos melancólicos como esses, para poder lhe dizer.

De repente, recordou como lhe tinha confessado quem era. Recordava muito vagamente a conversa que tinham mantido seis anos antes, e supunha que em sua maior parte tinha consistido em frivolidades. Mas jamais esqueceria seu aspecto, a desesperança que tinha visto nos olhos inchados desse homem derrotado que lhe faltava uma perna. Estava sentado em uma cadeira de rodas no escritório de sir Riley, e se apresentou como Christian St. James. Naqueles momentos lhe pareceu um nome formoso e refinado. Recordava que ele tinha tentado lhe sorrir e a terrível dor que isso lhe tinha causado devido ao corte brutal que tinha na boca; recordava lhe ter acariciado a mão uma vez e ter sentido-se incômoda por ser tão atrevida, embora só desejava consolá-lo. Para ela não era mais que um estranho, mas se tinha afeiçoado com ele por seu aspecto (não pelo aspecto arrumado e poderoso que tinha no momento presente, a não ser o



de um homem deformado e débil), já que ela sabia muito bem o muito que importava a beleza para as pessoas. Sabia à perfeição que quando a alguém lhe julga por algo que não pode remediar, isso troca tudo o que é em seu interior.

Jamais voltaria a vê-lo. Cada vez que essa ideia lhe vinha à cabeça, lhe formava um doloroso nó na garganta, começava a lhe irritar o nariz e os olhos lhe enchiam de lágrimas. Não teve notícias suas em todas essas semanas, e negou-se a lhe escrever. O que poderia lhe dizer? Estava furiosa ao partir, mas não se arrependia disso. Essa fúria estava justificada. Não obstante, tinha-lhe feito muitíssimo dano. Ele a tinha amado mais que ninguém e ela o tinha ferido no mais íntimo essa noite. E isso era algo que levava no coração durante o resto de sua vida.

Mas essa mesma vida, por difícil que fosse, seguia adiante. Não sabia muito bem o que queria fazer com ela. Marsella não significava muito para ela. Gostava porque era seu lar, mas ali só tinha a uns quantos conhecidos. Não tinha verdadeiros amigos. Thomas tinha razão nisso. Jamais tinha permitido que ninguém se aproximasse muito por medo de que a abandonasse. Enjoe Camille estava ali, e era provável que queria acompanhá-la a qualquer outro lugar da França, mas a mulher era sua donzela e como tal permanecia em uma posição inferior a dela, algo que não trocava nunca. Supôs que podia seguir trabalhando para o governo, mas inclusive isso tinha perdido parte de seu atrativo e estava claro que já não voltaria a trabalhar pela emoção de fazê-lo, mas sim porque era um emprego. Isso há entristecia um pouco. Tudo tinha trocado quando partiu ao Winter Garden, e nada voltaria a ser o mesmo.

Fechou os olhos para escutar o canto dos pássaros, o grasnido dos patos que chapinhavam no lago, o bulício do tráfico nas ruas dos arredores, as risadas dos meninos. De repente, uma ansiedade entristecedora que não tinha sentido em muitas semanas reapareceu, e seu coração começou a pulsar com força no interior de seu peito. Baixou as pernas muito devagar e apartou os braços dos joelhos para rodear a cintura com eles. A incredulidade fluía através de cada um dos poros de seu corpo, mas se desvaneceu assim que as lágrimas fizeram sua aparição, primeiro lhe enchendo os olhos e depois se deslizando livremente por suas bochechas. Abaixou a cabeça e fechou os olhos, cheia de assombro e de alegria, porque, por



cima de outros ruídos do parque, por cima de todos os sons dessa praça da cidade, tinha reconhecido o tamborilar de suas botas e seus passos lentos e irregulares sobre a calçada que tinha ao lado.

Thomas tinha ido a Marsella. Tinha ido procurá-la. De repente, os passados desenganos de suas batalhas individuais deixaram de ter importância. Quão único importava eram eles dois, juntos. Thomas tinha ido a Marsella a procurá-la, e o mundo lhe parecia formoso de novo.

Segundos mais tarde percebeu sua presença detrás dela.

— Levava muito tempo te esperando, Thomas — disse com voz trêmula e um nó de saudade na garganta.

Por mais medo que lhe provocasse esse momento, por mais sofrimento que tivesse padecido nas semanas transcorridas desde que ela o abandonasse, o fato de escutar essas palavras tinha conseguido que cada segundo de tortura tivesse merecido a pena; de fato, eram as mesmas palavras que disse há ela meses atrás, quando a tinha encontrado no pátio dos fundos da casa do Winter Garden. Ela as recordava e as compreendia, e as tinha utilizado para lhe dar a entender que o tinha perdoado. Nunca chegaria a saber o muito que isso tinha significado para ele.

Sentia as pernas débeis e doloridas, a boca seca e os olhos irritados e cansados devido aos dias que tinha passado de viagem, mas permaneceu de pé atrás dela, sem saber muito bem o que fazer.

— Faz um dia precioso — ela comentou, dando um ligeiro pigarro para recuperar o controle.

— Precioso — repetiu ele com voz algo rouca.

Madeleine respirou fundo e levantou a face para o sol.

Nesse instante, o desejo de tocá-la resultou insuportável, assim estendeu o braço com muito tato e colocou a mão sobre a pele cálida e nua de seu ombro.

— Madeleine...

— Vêm te sentar comigo, Thomas — lhe pediu ela em voz baixa ao tempo que se colocava a um lado no banco; já tinha recuperado a compostura por completo. — Eu perdi você.



Eram as palavras mais doces que tinha escutado em toda sua vida, e esperava de todo coração que ela não percebesse de que o tinha comendo na palma de sua mão.

Thomas rodeou aquele banco para duas pessoas e depois, sem olhá-la, sentou-se a seu lado sobre o ferro forjado e contemplou os patos do lago.

Durante uns minutos, se limitaram a estar um ao lado do outro sem dizer uma palavra. Thomas notava a calidez de seu corpo, a maneira em que o vestido de seda amarela se ajustava a suas pernas e quão bem ficava com a cor azul marinho das calças que ele levava vestido essa manhã. Mas sobre tudo sentiu que podia alcançar a paz pela primeira vez desde que teve o acidente, seis anos atrás.

—Sigo estando muito zangada contigo — começou ela com plena confiança, interrompendo seus pensamentos.

Thomas aspirou com força.

—Sei.

—O que vamos fazer? — perguntou Madeleine depois de outro momento de silêncio.

—O que você gostaria de fazer? — replicou ele imediatamente.

Sentiu por fim o calor de seu olhar sobre a pele e se voltou com ousadia para enfrentá-la. Seus olhos pareciam chorosos e preocupados, desejosos de que tudo saísse bem, enquanto se afundavam nas profundidades dos dele. Thomas conteve o impulso de cortar o par de centímetros que os separavam para desterrar seus temores com um beijo. Era muito cedo.

—Está claro que não posso me casar contigo — disse ela com um fio de voz.

O coração do Thomas deixou de pulsar.

—Por quê?

Ela meneou a cabeça e baixou o olhar para lhe tirar um fio solto da jaqueta.

—É um conde, Thomas. Um conde! Se me casasse contigo seria uma condessa. E não posso ser uma condessa.

—Por que não? — inquiriu ele com um pouco mais de severidade da que pretendia. — Nenhuma das mulheres que conheço é mais apropriada para o título, Madeleine.



Essa possibilidade, ou talvez fossem somente suas maneiras, fez que se sentisse incômoda, e colocou a mão sobre sua saia para brincar sem dar-se conta com um volante amarelo enquanto seus olhos se cravavam na grama, longe dele.

— Ririam de mim, e não me respeitariam absolutamente. Sou francesa, e levar um título inglês seria...

Suas preocupações estavam bem fundadas, mas não lhe importavam minimamente.

Depois de soltar o ar através dos dentes apertados, Thomas voltou a contemplar o lago.

— Madeleine, se te casar comigo não só será uma condessa; será minha condessa, e não dou a mínima para o que pensa as pessoas. Para falar a verdade, desfrutaria vendo as mulheres da índole do Penélope Bennington-Jones te fazendo uma reverência. Essa imagem me inspiraria a sensação de que há justiça no universo. Só quero que seja feliz. Quero que sejamos felizes juntos. Nunca em minha vida desejei algo com tanto desespero.

Ao notar que ela se voltava para ele, fez o mesmo, e descobriu que de novo tinha os olhos alagados em lágrimas.

— Amo-te — lhe assegurou em um murmúrio apaixonado ao tempo que lhe cobria a bochecha suave e úmida com a palma da mão. — Te amei durante tanto tempo que já não recordo o que é não te amar; e não acredito que isso vá mudar. E porque te amo tão profundamente, estou disposto a fazer o que for preciso para estar contigo. Se não quiser te converter em uma condessa inglesa, renunciarei ao título para entregar-lhe a meu filho junto com minhas mais afetuosas lembranças e viverei o que fica de vida contigo na França. Ou na América. Ou na Turquia, dá-me igual. Tenho muito dinheiro, Madeleine. Quão único quero é estar contigo, falar contigo, jogar xadrez e te amar durante o resto de minha vida. O resto carece de importância.

— Estou grávida de seu filho, Thomas.

Custou-lhe um momento assimilar isso e, quando o fez, Thomas não teve claro se conseguiria ou não manter a compostura. Por um instante, teve a certeza de que ia voltar a chorar diante dela. Olhou-a fixamente, afligido, com o coração acelerado e um nó na garganta, esperançoso.



—Desejas o ter? — sussurrou sabendo de que o destroçaria que dissesse que não. Mesmo assim, tinha que perguntar-lhe. Poderia ser o obstáculo definitivo.

Ela esboçou um sorriso tenro e trêmulo enquanto as lágrimas resplandeciam em seus cílios. Beijou-lhe a palma da mão sem deixar de olhá-lo.

—Como poderia não desejar o mais maravilhoso dos presentes que me tem feito? Senti que me amava quando concebi este filho. Embora não tivesse vindo hoje, sempre o teria amado.

Thomas ficou sem fala e soube que estava a ponto de perder o controle. Ela também deveu notá-lo, já que lhe agarrou a mão com a que cobria sua bochecha e a estreitou com força para lhe animar.

—Amo-te — sussurrou Madeleine. — Sabia já antes de partir do Winter Garden, embora não estou segura de por que. Foi preciso todas estas semanas de solidão, sem sua autoritária presença, me dar conta de que te amava não só por sua generosidade, sua inteligência e seu encanto, mas sim pela singela razão de que você me ama — Seu olhar se tornou feroz. — Ninguém me amou nunca de uma maneira tão incondicional, Thomas, me aceitando tal como sou. Você sim, e posso perceber esse amor sempre que estou contigo. Não quero voltar a me separar de ti jamais.

Isso era tudo o que sempre tinha desejado o que sempre tinha sonhado. Resultava-lhe impossível dizer nada depois de semelhante declaração. Em lugar disso, estendeu as mãos para aproximá-la até seu peito, para estreitá-la com força, e ela o permitiu de boa vontade. Seu cabelo refletia a luz do sol e seu aroma lhe trouxe maravilhosas lembranças e a certeza de que muito em breve se forjariam outros novos.

—Comprei a casinha do Winter Garden, Madeleine — sussurrou contra sua têmpora.

Ela respirou pelo nariz.

—Me alegro muito.

Ele se explicou um instante depois.

—A verdadeira razão pela que não queria que entrasse no túnel do barão do Rothbury e te implicasse na operação não era que te acreditasse incompetente por ser mulher, mas sim não desejava que nenhum de nós dois se visse comprometido na detenção. Não desejava que os



aldeãos descobrissem que trabalhávamos para o governo, já que queria que seguíssemos trabalhando como uma espécie de equipe e que, com o passar dos anos, pudéssemos retornar ao Winter Garden. Eu gostaria de viver uns meses de vez em quando nesse pequeno povoado no que te apaixonou por mim, jogar xadrez e te fazer amor uma e outra vez sobre o tapete marrom que há diante da chaminé; me sentar a seu lado junto ao lago durante o pôr-do-sol.

—Mal posso esperar — sussurrou ela sem discutir seus motivos para guardá-lo em segredo. — Não obstante, mentiu sobre sua identidade — adicionou. — E isso provocará umas quantas expressões de assombro.

Thomas sorriu e observou ao trio de moços, dois meninos e uma menina, que jogavam com uma bola.

—Sou um ermitão, Madeleine, e o fui durante anos. A ninguém no Winter Garden lhe surpreenderá descobrir que ocultei meu título de conde à classe alta local para poder estar tranquilo no povoado. Com o tempo, o direi. Você pode seguir sendo quem é. Ninguém averiguará nunca que em realidade não traduziu minhas memórias de guerra.

—A menos que as queiram ver — disse ela com secura.

—Guardaremos-as no Eastleigh.

—Ah, intendo. Que conveniente.

—Pode ser que devamos estender o rumor de que se queimaram em um incêndio. Eu adoro mentir.

Ela soltou uma encantadora gargalhada ao escutá-lo e Thomas a estreitou com mais força contra seu peito.

De repente, Madeleine inclinou a cabeça para olhá-lo.

—Como se supõe que devo te chamar? Christian?

Nessa ocasião foi ele quem se pôs a rir.

—Não me importaria muito que me chamasse «*bastardo arrogante*», mas Christian soa muito formal. Minha família sempre me chamou Thomas. Por isso utilizei esse nome contigo.

—Tinha-o tudo muito bem planejado, né? — comentou com certa aspereza ao tempo que tentava reprimir um sorriso.



Thomas levou a boca até a sua para lhe dar um beijo suave e breve e ficou maravilhado diante da calidez e o sabor de seus lábios. Sabia que entesouraria esse momento para sempre e que haveria como esse, muitos mais.

—Tinha esperanças, Maddie — sussurrou junto a sua boca. — Muitas esperanças.

Madeleine Dumais, a filha ilegítima de uma atriz viciada no ópio e um capitão de navio britânico, casou-se com Christian Thomas Blackwood St. James, o distinto conde do Eastleigh, em 14 de abril de 1850.

Tiveram um casamento breve e formal preparado a última hora, mas foi a celebração posterior o que com mais carinho recordava Madeleine.

Thomas a tinha levado ao Hope Cottage para passar a lua de mel no Winter Garden, entre os aldeãos, que se mostraram mais que dispostos a aceitá-la como Madeleine St. James, condessa do Eastleigh. Inclusive a senhora Bennington-Jones, quem é obvio lhe fez uma reverência, embora Madeleine deu por feito que se devia a que ela era uma das poucas pessoas que se incomodava em visitar a mulher depois da queda em desgraça de sua filha Desdémona.

Richard Sharon, barão do Rothebury, tinha sido detido por contrabando de ópio roubado, e seu destino final não se estabeleceu ainda. O que estava claro era que não voltaria para o Winter Garden em muitos anos; provavelmente nunca mais. Madeleine não sentia nenhuma lástima por ele, e notou que os habitantes do povoado estavam muito mais alegres e relaxados depois de sua partida. O que mais desfrutou de tudo foram às apostas que fizeram entre eles a respeito do que seria da propriedade do barão, essa casa que estava cheia de passagens secretas e mistérios do passado.

As pessoas acabavam de descobrir sua gravidez, que transcorria sem nenhum problema. Seu filho nasceria com algo mais de dois meses de adiantamento com relação à data do casamento, e ela teria que aceitar os falatórios quando chegassem. Entretanto, a grande maioria de seus conhecidos não sabia que Thomas e ela se casaram fazia muito pouco tempo, e davam por feito que o casamento se celebrou a mesma semana de janeiro que partiu dali. Além



disso, ela era a pessoa de mais alta posição social no Winter Garden, sem ter em conta a seu marido, e também no Eastleigh, assim que ninguém se atreveria a lhe dizer nada remotamente parecido a uma grosseria. Podiam pensar o que lhes viesse em vontade. Igualmente a Thomas, Madeleine tinha aprendido muito rápido a não dar importância às desprezíveis especulações e as fofocas de outros.

A primeira noite da lua de mel, Thomas lhe tinha entregue a caixa de música como presente de casamento uma vez acrescentado seu nome à inscrição, o qual, conforme declarou tinha sido sua intenção desde o princípio. Tinham jantado com os únicos amigos de verdade que Madeleine tinha na Inglaterra até esse momento, Jonathan e Natalie Drake, que já tinham trabalhado com ela em uma missão anteriormente na França. Natalie, esperava a chegada de seu primeiro filho um mês depois que Madeleine, tinha surpreendido ao Jonathan com a notícia de que ia ser pai enquanto tomava uma sobremesa de maçã. Pobre homem. A expressão que adquiriu seu rosto ao escutar a confissão de sua mulher foi impagável.

A vida era sem dúvida totalmente irônica. Tudo passou muito rápido, tanto a viagem como as experiências vividas no Winter Garden, e, entretanto lhe parecia que conhecia Thomas sempre. Custava-lhe muito recordar como era sua vida antes de conhecê-lo.

Madeleine o amava muitíssimo, por tudo o que tinha feito por ela, por tudo o que era. Ele sabia, e isso o convertia no sentimento mais maravilhoso de todos. Thomas lhe tinha concedido o sonho de toda uma vida, e a oportunidade de converter-se em inglesa... tudo o que tinha desejado no mundo.

Nesse momento, depois de duas semanas de casados, seu marido e ela estavam um nos braços do outro junto ao duro banco de madeira que havia frente ao lago. Contemplavam o pôr-do-sol sobre as águas enquanto dançavam ao suave e melodioso ritmo da Sonata em Dou menor do Beethoven.